Coletâneas de Aconselhamento Bíblico

Volume 5

Neste volume:

A PALAVRA DO EDITOR
Algumas Reflexões sobre os Relacionamentos

BASES DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO
A Suficiência das Escrituras para Diagnosticar e Curar as Almas
Como Cristo nos Transforma pela Sua Graça
Um Coração Cheio de Orgulho
Por Que Perguntar "Por quê"?

PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO
"Não Aguento Mais Você!"
Como Compreender a Ira
Três Mentiras sobre a Ira e a Verdade Transformadora
Como Alcançar o Coração do Conflito
Buscar e Conceder Perdão
Uma Alternativa Bíblica para Responder à Crítica
Sabedoria nos Relacionamentos

PERGUNTAS E RESPOSTAS
Como Lidar com o Fracasso no Aconselhamento?

RESENHA
Limites nos Relacionamentos - considerações sobre a Série Limites

Christian Counseling & Educational Foundation
RESTORING CHRIST to COUNSELING & COUNSELING to the CHURCH

Coletâneas de

Volume 5

Aconselhamento Bíblico

A palavra do editor

Algumas Reflexões sobre os Relacionamentos - David W. Smith 03

Bases do aconselhamento bíblico

A Suficiência das Escrituras para Diagnosticar e Curar as Almas - David A. Powlison . . . 06
Como Cristo nos Transforma pela Sua Graça - Timothy S. Lane e Paul D. Tripp 24
Um Coração Cheio de Orgulho - Max Benfer 34
Por Que Perguntar "Por quê"? - Edward T. Welch 39

Prática do aconselhamento bíblico

"Não Agüento Mais Você!" - William P. Smith 47
Como Compreender a Ira - David A. Powlison 60
Três Mentiras sobre a Ira e a Verdade Transformadora - David A. Powlison 84
Como Alcançar o Coração do Conflito - David A. Powlison 100
Buscar e Conceder Perdão - Timothy S. Lane 118
Uma Alternativa Bíblica para Responder à Crítica - Louis P. Priolo 129
Sabedoria nos Relacionamentos - Winston T. Smith 139

Perguntas e Respostas

Como lidar com o fracasso no aconselhamento? - Jay E. Adams 154

Resenha

Limites nos Relacionamentos - considerações sobre a Série Limites por Edward T. Welch 157

Algumas reflexões sobre os relacionamentos



David W. Smith[1]

Relacionamentos! É o tema geral dos artigos que destacam a prática do aconselhamento bíblico neste volume das Coletâneas de Aconselhamento Bíblico. É também o "tema geral" do aconselhamento, sendo fonte das bênçãos e das maldições mais profundas.

O relacionamento com Deus

A própria vida eterna resume-se em um relacionamento ativo e crescente com uma Pessoa: "E a vida eterna é esta: que te conheçam[2] a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3). A maior glória que devemos buscar é um conhecimento profundo e acurado da Pessoa de Deus:

> Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte na sua força, nem o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em Me conhecer e saber que Eu sou o Senhor, e faço misericór-dia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor. (Jr 9.23,24)

Por isso, Oséias nos incentiva, "Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor..." (6.3). Tal intimidade com Deus estende-se aos mínimos detalhes do nosso andar com Ele: "Reconhece-O [literalmente, 'conhece-O']3 em todos os teus caminhos..." (Pv 3.6).

Cultivar um relacionamento íntimo com Deus, tanto para o aconselhado como para o próprio conselheiro, é de extrema

[1] David W. Smith é editor de Coletâneas de Aconselhamento Bíblico em português. Durante 29 anos serviu como missionário no Brasil, onde foi professor no Seminário Bíblico Palavra da Vida. Atualmente é professor em The Master´s College, em Santa Clarita, Califórnia.

[2] O verbo no texto original está no tempo presente e voz ativa, indicando, portanto, um conhecimento ativo e crescente.

[3] O termo hebraico descreve um conhecer íntimo e, às vezes, o conhecer de um relacionamento sexual. Charles Ryrie comenta: "conhecer a Deus pessoalmente e estar em comunhão com Ele" (*A Bíblia Anotada*, São Paulo: Mundo Cristão, 1991, p. 795).

importância diante da ordem do próprio Senhor Jesus: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento" (Mt 22.37, 38). Mesmo que o aconselhado esteja à procura de ajuda para lidar com um relacionamento humano quebrado, o relacionamento prioritário com Deus está envolvido.

> Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão. (1 Jo 4.20,21)

Fica evidente que o aconselhamento antropocêntrico - quer reivindique ser "cristão" ou não - perde toda essa dimensão. Por isso, o conselheiro bíblico sempre investiga, logo de início, o relacionamento do aconselhado com Deus, e se preocupa com quaisquer "ídolos do coração"[4] que porventura estejam roubando de Deus o senhorio e a honra que pertencem somente a Ele.

Os relacionamentos interpessoais

Os relacionamentos "horizontais" são os que levam a maioria das pessoas a buscar conselho. Ressentimento, ira, julgamento, amargura, medo, inveja, ciúmes e contendas - é assunto comum. As cartas de Paulo, de modo acentuado, destacam a enorme importância dos relacionamentos entre irmãos em Cristo, pois tudo indica que "a unidade do Espírito" (Ef 4.3) é delicada e frágil. Ela precisa de um cuidado todo especial: "esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Ef 4.3). Por isso Paulo equipara um andar "...digno da vocação a que fostes chamados" (Ef 4.1) a atitudes somente possíveis a alguém cheio do Espírito de Deus e do "fruto" que só Ele produz, andando "com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor" (Ef 4.2, cf. Gl 5.22,23). Por isso também, ao dirigir-se a uma desarmonia ameaçadora entre os filipenses, o apóstolo mais uma vez lança mão do mesmo apelo:

> Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo, para que, ou indo ver-vos ou estando ausente, ouça, no tocante a vós outros, que estais firmes em um só espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica. (Fp 1.27)

Aumentando a "pressão amigável", Paulo refere-se ao relacionamento dele com os filipenses como motivo para que eles também se esforcem em manter uma harmonia profunda: "completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento" (Fp 2.2). De igual modo, ele incentiva o "fiel companheiro" a intervir em uma desavença entre duas irmãs, Evódia e Síntique, após um apelo pessoal que novamente demonstra sua preocupação séria com a harmonia nos relacionamentos:

> Rogo a Evódia e rogo a Síntique que pensem concordemente, no Senhor. A ti, fiel companheiro de jugo, também peço que as auxilies, pois juntas se esforça-ram comigo no evangelho. (Fp 4.2,3)

Em um dos trechos mais sublimes da

[4]Frase incisiva extraída de Ezequiel 14.1-11.

Palavra, ao chamá-los para uma vida de humildade e altruísmo - qualidades essenciais para os relacionamentos dignos do Senhor -, o apóstolo volta ao seu tema predileto: o exemplo do Senhor Jesus Cristo.

> Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. (Fp 2.3-8)

Limites nos relacionamentos

Paulo fazia tudo para preservar a unidade do Espírito entre os irmãos. Ou melhor, ele fazia "quase" tudo, pois não condescendia com o erro. E sábio é o conselheiro bíblico que observa o mesmo cuidado, quando percebe que o aconselhado endurece o coração, rejeita a Palavra de Deus e até se opõe a ela. Em sua última carta, talvez um ano antes de sua partida para a presença do Senhor por meio de uma espada romana, Paulo demonstra que a harmonia com todos limita-se a uma doutrina fiel e à obediência à Palavra de Deus. Após um forte incentivo à fidelidade no manejo da palavra da verdade, Paulo identifica por nome dois homens, Himeneu e Fileto, cuja linguagem "corrói como câncer" e que "se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns" (2 Tm 2.17,18). A mesma preocupação com a sã doutrina o levou a identificar como inimigo, dele e do Senhor, Alexandre: "Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras. Tu, guarda-te também dele, porque resistiu fortemente às nossas palavras" (2 Tm 4.14,15).

Também fica evidente que relacionamentos exigem um esforço mútuo. O ditado diz que, quando um não quer, dois não brigam. Mas se um quer brigar, fica difícil o relacionamento de mútuo encorajamento e edificação. Mesmo assim, Paulo novamente nos exorta a uma forte tentativa de alcançar ao menos a paz: "se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens" (Rm 12:18). "Se possível", e nem sempre é, e "quanto depender de vós", pois nem tudo depende de mim!

Mesmo que haja estes limites aos relacionamentos, a preciosidade deles se destaca em toda a Bíblia. A eficácia do nosso aconselhamento depende do nosso próprio andar com Deus e do amor que flui do nosso ser pelo Espírito - um amor, entretanto, criterioso, com um discernimento gerado de um íntimo conhecimento da Palavra de Deus.

Caro leitor, prepare-se agora para algumas horas bem proveitosas na leitura de artigos de profundo interesse para quem preza os relacionamentos cultivados de acordo com a Palavra de Deus.

A suficiência das Escrituras para diagnosticar e curar as almas

David A. Powlison[1]

Como as pessoas destrutivas tornam-se construtivas? Como as descontroladas adquirem domínio-próprio? Como as rígidas tornam-se flexíveis? Como as pessoas dispersivas aprendem a estabelecer um foco? Como aquelas que não têm esperança adquirem esperança? Como os iracundos aprendem a ser pacificadores? E antes mesmo de podermos perguntar "Como?", precisamos perguntar "Por que as pessoas atribuladas estão atribuladas?". O que há de errado conosco?

Na sociedade atual, o caminho bíblico para explicar e persuadir as pessoas tem sido amplamente relegado. O que precisa ser feito para que se recupere a centralidade das Escrituras para ajudar as pessoas a crescerem à imagem de Cristo? Como os relacionamentos de ajuda podem ser reconfigurados para servirem como instrumentos da única sabedoria duradoura e bondade verdadeira?

Recuperar a centralidade das Escrituras para a cura de almas exige duas coisas: *convicção* alicerçada em *conteúdo*. A convicção? As Escrituras tratam de como compreender e ajudar as pessoas. O escopo da suficiência das Escrituras inclui os relacionamentos que nossa cultura chama de "aconselhamento" ou "psicoterapia". O conteúdo? Os problemas, as necessidades e as lutas das pessoas ao nosso redor – até em seus mínimos detalhes – precisam ser explicados de forma racional por meio das categorias com as quais a Bíblia nos ensina a compreender a vida humana.

A convicção, por si só, levanta apenas uma bandeira e, finalmente, degenera em um simples slogan. Porém, as convicções demonstradas em ações, as convicções que se revelam profundas, extensivas e perspicazes edificam o homem ensinável

[1] Traduzido e adaptado de *The Sufficiency of Scripture to Diagnose and Cure Souls.*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling, v.23, n. 2, Spring 2005, p. 2-13.*
David Powlison é editor de The Journal of Biblical Counseling, conselheiro e professor na Christian Counseling and Educational Foundation, e professor de Teologia Prática no Westminster Theological Seminary em Glenside, Pensilvania.

e até mesmo persuadem o cético. A igreja precisa ser persuadida de que a convicção é verdadeira. Um ingrediente chave para a persuasão é exibir as riquezas das Escrituras para a cura da alma.

Neste artigo, olhamos primeiro para a *convicção* de que as Escrituras tratam dos "problemas da vida". Em seguida, exploramos um pouco de *conteúdo*: o termo "concupiscência da carne". Trata-se de uma frase vital para entendermos como Deus explica o ser humano. Ela vai à raiz dos problemas da vida, mas tem perdido sua força e chegado quase à inutilidade.

Convicção: o aconselhamento bíblico sistemático

O que seria uma perspectiva genuinamente bíblica dos problemas da alma humana e dos procedimentos para ministrar a graça? Essa perspectiva precisa considerar vários aspectos. Em primeiro lugar, precisamos nos perguntar se as Escrituras nos fornecem o material necessário e nos chamam a construir algo que possa ser chamado distintamente de "aconselhamento bíblico sistemático". Na realidade, possuímos os recursos para uma teologia prática coerente e abrangente do ministério pessoal. As Escrituras estão carregadas de explicações, instruções e implicações. Temos muito a fazer para compreender e articular o "modelo" bíblico. Mas não precisamos inventar nem tomar emprestado de modelos que outros criaram para explicar o ser humano.

Em vários lugares, o Espírito Santo recai na suficiência do tesouro que Ele criou por meio de Seus profetas e apóstolos. Por exemplo, em uma passagem clássica, as Escrituras declaram ser o instrumento para nos tornar "sábios para a salvação". Essa é uma descrição abrangente da transformação pela qual passamos (2 Tm 3.15-17). Essa mesma passagem fala também das palavras do Espírito como tendo o propósito de *nos ensinar*. A absoluta simplicidade e a complexidade insondável das Escrituras nos iluminam acerca de Deus, de nós mesmo, do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, da graça e do juízo, do mundo que nos cerca com suas inúmeras formas de sofrimento e engano, e das oportunidades para derramar luz sobre as trevas. Por meio desse ensinamento, atrelado a pessoas específicas, em situações específicas, Deus *expõe* em detalhes específicos o que há de errado com a vida humana. Nenhuma análise mais profunda, mais verdadeira ou superior acerca da condição humana pode ser concebida.

As Escrituras reconstroem e transformam o que elas definem como imperfeito. Deus fala à medida que age para *endireitar* aquilo que está errado mediante o poder corretivo da graça. Promover uma solução que não a divina é o mesmo que oferecer ópio às massas, dar um entorpecente em lugar de respostas reais para problemas reais. E Deus *continua* a personalizar o que é verdadeiro, efetuando Sua obra de renovação da sabedoria em um processo contínuo. O resultado efetivo? Começa-mos a viver como o próprio Jesus Cristo.

As Escrituras realizam nossa renovação à imagem dAquele que é a sabedoria encarnada, de forma que nos tornamos habilitados para toda boa obra. Os ensinamentos bíblicos falam acerca de uma gama de tópicos. Um assunto crucial é área da motivação humana – a interpretação e a avaliação dos nossos desejos. A perspectiva bíblica do que está transtornado na motivação humana

desafia contundentemente todas as simulações seculares no que diz respeito a explicar com sabedoria por que fazemos o que fazemos.

Conteúdo: "concupiscência da carne", um estudo de caso em teologia prática

A forma mais simples para descobrir o motivo de uma pessoa fazer, dizer, pensar ou sentir de determinada maneira é perguntar: O que você *quer*? ou Que *desejos* fizeram com que ele agisse assim? ou Que *desejos ardentes* a levaram a dizer aquelas palavras? Que *anseios* me animam quando sigo aquela linha de pensamentos e fantasias? O que eles *temeram* quando ficaram tão ansiosos?[2] Perguntas como essas são senso comum. Abraham Maslow descreveu com sensatez a questão: "O critério de origem da motivação e aquele que ainda é utilizado por todos os seres humanos… é o subjetivo. Sou motivado quando sinto desejo, quero, anseio, sonho ou sinto falta de alguma coisa".[3]

Proponha a si mesmo e aos outros a pergunta "O que você quer?". Em seguida, preste atenção às respostas. Se você ouvir as pessoas com cuidado, muitas vezes elas lhe dirão exatamente o que elas querem. "Fiquei bravo porque ela me humilhou, e exijo respeito". "Ela gaguejou ao falar porque deseja aceitação". "Ele está ansioso porque o dinheiro está escasso e ele teme que a pobreza prove o seu fracasso". "Essas fantasias de heroísmo e sucesso ocupam a minha mente porque desejo ser importante". Mesmo quando uma pessoa não é capaz de se expressar bem, ou não percebe o problema, é possível deduzir a resposta com um alto grau de precisão se você observar e ouvir com cuidado e se você tiver um conhecimento perceptivo de si mesmo. Parte do processo de conhecer bem uma pessoa diz respeito a aprender qual é sua motivação de viver – seus desejos habituais.

O significado dos nossos desejos

Identificar aquilo que desejamos é a parte fácil. A parte mais difícil é a seguinte: como devo *interpretar* o que identifiquei? Determinar a identidade dos seus desejos não é o mesmo que compreender o seu significado e saber como avaliá-los. O significado dos nossos desejos não tem nada a ver com senso comum. Pelo contrário, trata-se de um campo de batalha para as várias teorias competitivas sobre a natureza humana, as interpretações competitivas das dinâmicas fundamentais da psicologia humana. Abraham Maslow, por exemplo, explica nossos desejos da seguinte forma: "São essas necessidades que são essencialmente déficits do organismo, buracos vazios, por assim dizer, que precisam ser preenchidos para o bem da saúde e, ademais, precisam ser preenchidos de fora para dentro por seres humanos *que não* o sujeito, que eu chamo de déficit ou necessidades por déficit."[4]

Será que é verdade que temos essas "necessidades" de respeito, aceitação, dinheiro ou significado que precisam ser satisfeitas por algo externo? Muitos outros grandes psicólogos – B. F. Skinner, Alfred

[2] O temor é apenas um desejo virado do avesso: "*Não* quero".

[3] Abraham Maslow, *Toward a Psychology of Being*, 2ª Edição. (Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold, 1968), 22. (Tradução livre)

[4] Ibid., 22-23.

Adler, Sigmund Freud, Victor Frankl, Aaron Beck, Carl Jung e Virginia Satir, apenas para mencionar alguns – não concordam com isso. Eles também discordam ferozmente entre si! O Deus que revela Sua forma de pensar na Bíblia também não concorda com Maslow nem com qualquer outro deles. Na realidade, ninguém é capaz de compreender e pesar os desejos corretamente sem a revelação de Deus nas Escrituras. Nem o senso comum do inculto nem a mais erudita teoria da personalidade é capaz de entendê-los corretamente. Deus precisa nos mostrar como interpretar acertadamente os nossos desejos, pois somos maus intérpretes compulsivos: não *queremos* a verdadeira interpretação. É uma ameaça muito forte à busca da autonomia com relação a Deus, que é a nossa paixão mais profunda, mais obscura, mais persistente e mais inadmissível.

A interpretação e a intervenção de Deus

"O que você anseia, quer, procura, aspira, espera alcançar, sente necessidade de ter ou deseja pessoalmente?" Deus tem uma interpretação acerca disso que vai direto ao âmago de quem você é e para que está vivendo. Ele enxerga nosso coração como um reino em combate regido por um tipo de desejo ou outro. Por um lado, que *concupiscências da carne* seqüestram seu coração do controle de Deus? Por outro lado, que *paixões santas* expressam seu amor por Deus? Nossos desejos não representam uma simples escolha, mas uma escolha fundamental. Os desejos são, na maioria das vezes, afeições incontidas, incontroláveis e desordenadas por x, y ou z: algo bom, de que preciso loucamente. Por vezes, são afeições naturais por x, y ou z, que se tornam razoáveis e ordenadas pela subordinação ao amor sincero para com Deus que se apossa de todo meu coração, minha alma e meu entendimento. Muitas vezes, nossos desejos são paixões idólatras por boas dádivas (suplantando ou ignorando o Doador). Por vezes, são desejos intensos pelo próprio Doador, extremamente mais importantes do que quaisquer boas dádivas que possamos obter ou perder pela Sua mão. Essa é a singularidade principal que Deus nos mostra acerca da psicologia humana. Trata-se de um campo de batalha cósmico que nenhum dos psicólogos seculares foi ou é capaz de enxergar, porque são incapazes de ver em profundidade por que fazemos o que fazemos. Suas próprias motivações lhes dão razões para não querer ver profunda e honestamente pois significaria ter de admitir o pecado.

Examinar os desejos é uma das formas mais produtivas de tratar biblicamente o assunto da motivação humana. Os autores neotestamentários, quando resumem as dinâmicas mais íntimas da alma humana, falam repetidas vezes sobre os desejos que controlam nossas vidas. Qual das duas triunfará: a loucura natural da concupiscência da carne ou a razão restaurada dos desejos do Espírito? Os apóstolos crêem veementemente que apenas os recursos do evangelho da graça e da verdade possuem profundidade e poder suficientes para nos transformar. As misericórdias de Deus operam para *perdoar* e então para *mudar* o que é profundamente mal, mas perfeitamente curável pela mão e pela voz de Deus. O poder da graça que opera dentro de nós muda, de forma qualitativa, exatamente os desejos que os psicólogos dizem ser natos, imutáveis e moralmente neutros. A graça de Cristo destrói e substitui (em uma

batalha que dura pela vida inteira) os mesmos desejos que as teorias explicam, de forma variada, como "necessidades", "impulsos", "instintos" ou "alvos". Essa é a segunda singularidade que Deus nos mostra acerca da psicologia humana. Podemos ser reconfigurados em nossa essência pela presença misericordiosa do Messias. Nenhum dos psicólogos seculares diz ou é capaz de dizer isso. Eles não têm capacidade para se dirigirem a nós com tanta profundidade nem querem chegar a tratar do âmago daquilo para que nós (e eles) vivemos. Isso significaria ter de confessar a Cristo.

A seguir, propomos quinze perguntas para investigar o mundo dos nossos desejos.

1. Qual a forma mais comum usada no Novo Testamento para falar acerca do que está errado com as pessoas?

Concupiscência da carne (paixão ou prazeres) é um termo que resume o que está errado conosco aos olhos de Deus. Em pecado, as pessoas *dão as costas* para Deus e servem aos seus desejos. Pela graça, as pessoas *se voltam* para Deus, deixando suas paixões. De acordo com a avaliação divina, todos vivíamos nas paixões da nossa carne, cedendo à vontade da carne e da mente (Ef 2.3). Aqueles que não estão em Cristo são completamente controlados pelos seus desejos. ("É claro que vivo por dinheiro, reputação, sucesso, aparência e amor. Que outro motivo eu teria para viver?") E o conflito interior mais significativo para os cristãos ocorre entre aquilo que o Espírito deseja e o que nós desejamos.

O termo "concupiscência", porém, tornou-se praticamente supérfluo para os leitores atuais da Bíblia. Seu significado foi reduzido ao de um desejo sexual. Faça uma pesquisa na sua igreja, perguntando o significado de "concupiscência da carne". Sexo será o primeiro item em todas as listas! Avareza, orgulho, glutonaria ou culto ao dinheiro podem ser acrescentadas às respostas de alguns dos crentes mais informados. Mas as sutilezas e os detalhes estão apagados, e um termo bíblico crucial para explicar a vida humana desvanece. Em contraste, os escritores do Novo Testamento utilizaram esse termo como uma categoria extensiva para definir o dilema humano! Seria de muita valia olharmos atentamente para os seus múltiplos significados. Precisamos conhecer melhor um termo que foi truncado e esvaído de seu significado. Precisamos também aprender a enxergar a vida através dessas lentes e usar essa categoria bíblica de forma adequada.

O Novo Testamento foca repetidas vezes a "concupiscência da carne" como um resumo do que há de errado com o coração humano, subjacente ao comportamento inadequado. Por exemplo,

[5] Veja também Rm 13.14; Gl 5.16-17; Ef 2.2 e 4.22; Tg 1.14-15; 4.1-3; 1 Pe 1.14; 2 Pe 1.4. O Antigo Testamento enfatiza tipicamente a idolatria como forma de desvio do povo. Isso não significa que o Antigo Testamento seja externalista. A idolatria visível atesta, na realidade, o fracasso em amar ao Senhor Deus de todo o coração, alma e entendimento; ela atesta uma rebeldia interna. Em alguns trechos, o problema da idolatria torna-se uma metáfora para o pecado internalizado mais básico (p.ex. Ez 14) e a idolatria visível expressa uma rebeldia do coração para com Deus. Há textos nos quais o coração humano é descrito como desvairado (Ec 9.3), perverso (Gn 6.5), cheio de anseios profundos e mentiras (Nm 11-25), incircunciso, duro, cego, e assim por diante. O Novo Testamento também equipara de forma metafórica os desejos pecaminosos à idolatria em várias situações (p.ex. Cl 3.5; Ef 5.5). A idolatria pode resumir qualquer falso mestre que controla a vida (1 Jo 5.21).

1 João 2.16 contrasta o amor do Pai com "tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida"[5]. Isso não significa que o Novo Testamento seja internalista[6]. Em cada uma dessas passagens, o comportamento está intimamente ligado à motivação e a motivação, ao comportamento. Os conselheiros sábios seguem o modelo das Escrituras e se movem entre a concupiscência da carne e as obras tangíveis da carne, entre a fé e o fruto tangível do Espírito.

2. Por que as pessoas cometem determinados atos pecaminosos?

O termo *concupiscência da carne* res-ponde ao POR QUÊ que opera no âmago de qualquer sistema que tenta explicar o comportamento humano. Os desejos dominadores específicos – cobiça, anseios ou prazeres – dão mau fruto. Os desejos exagerados explicam e reúnem diversos comportamentos e processos mentais iníquos: palavras, ações, emoções, pensamentos, planos, atitudes, memórias recorrentes, fantasias. Tiago 1.13-16 estabelece essa conexão íntima e penetrante entre a motivação e o fruto:

> Ninguém, sendo tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele a ninguém tenta. Cada um, porém, é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência; então a concupiscência, havendo concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte. Não vos enganeis, meus amados irmãos[7].

Na linguagem atual, esses anseios pecaminosos encontram-se freqüentemente mascarados como expectativas, alvos, necessidades sentidas, desejos, exigências, anseios profundos, impulsos e assim por diante. As pessoas falam sobre suas motivações de modo a anestesiarem a si mesmas e a outrem quanto ao significado verdadeiro daquilo que estão descrevendo.

3. Mas o que há de errado em se desejar coisas que parecem ser boas?

O que faz com que os nossos desejos sejam errados? Essa pergunta torna-se particularmente perturbadora para as pessoas quando o objeto de seus desejos é algo bom. Observe alguns dos adjetivos que são anexados aos nossos anseios profundos: desejos *malignos,* paixões *imundas*[8]. O que palavras fortes como essas descrevem? Por vezes, o próprio objeto de desejo é mal: assassinar, roubar, controlar um tráfico de cocaína. Freqüentemente, porém, o objeto do nosso desejo é bom, e o mal está no senhorio desse desejo. Nossa vontade substitui a vontade de Deus enquanto determinante da nossa maneira de viver. João Calvino disse o seguinte: "ensinamos serem maus todos os desejos [naturais] dos homens e [os] pronunciamos culposos de pecado, não pelo fato de que são naturais, mas

[6] Costumamos ouvir advertências contra a religião externalista. Mas a religião internalista cria problemas igualmente sérios. Freqüentemente, os cristãos buscam alguma experiência ou sentimento, um senso de quebrantamento total, uma transformação interna profunda, e não percebem que a mudança bíblica é prática e progressiva, dentro e fora.

[7] Veja também Gl 5.16-6.10; Tg 1.13-16; Tg 3.14-4.12.

[8] Cl 3.5; 2 Pe 2.10.

[9] João Calvino, *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã,* tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana), vol. III, p. 66.

porque desregrados"[9]. Em outras palavras, o mal em nossos desejos nem sempre se encontra no que queremos, mas, sim, no fato de que desejamos demais aquilo. Os afetos naturais (por qualquer coisa boa) tornam-se anseios exagerados e controladores. Fomos criados para sermos controlados por paixões e desejos piedosos (veja a pergunta 15 a seguir). Os desejos naturais por coisas boas foram criados para existirem em subordinação ao nosso desejo de agradar Aquele que concede as dádivas. Entender que o mal está no senhorio dos nossos desejos, e não nos desejos em si, é freqüentemente o ponto fundamental para a autocompreensão e para enxergar o quanto necessitamos das misericórdias de Cristo e de mudança.

Considere o seguinte exemplo. Uma mulher comete adultério e, em seguida, arrepende-se. Ela e seu marido reconstroem o casamento com cuidado e paciência. Oito meses mais tarde, o marido descobre que anda atormentado por suspeitas e uma irritabilidade sutil. A esposa percebe a situação e sente como se estivesse sob vigilância a todo o momento. O marido se aborrece com sua atitude de suspeita porque ele não possui razões objetivas para ela. "Já a perdoei; reconstruímos nosso casamento; nunca nos comunicamos tão bem quanto agora; por que guardo essa desconfiança?" O que vem à tona é que ele está disposto a perdoar o passado, mas tenta controlar o futuro. Seus anseios podem ser exprimidos dessa forma: "Quero garantir que a traição nunca volte a acontecer". O objeto do desejo é bom; seu senhorio envenena a capacidade de amar. A cobiça pela certeza da fidelidade da esposa o coloca em uma posição de avaliação e julgamento contínuos para com ela, em vez de amá-la. O que ele deseja não pode ser garantido nesse mundo. Ele percebe a questão, identifica seu desejo desenfreado de assegurar o futuro matrimonial, mas exclama: "O que há de errado em querer que minha esposa me ame? O que há de errado em querer que ela permaneça fiel ao nosso casamento?" Aqui está o ponto chave. Não há nada de errado com o objeto do desejo, mas tudo está errado quando ele controla a vida. O processo de restauração daquele casamento deu um grande passo quando o marido levou a sério essa verdade.

Podemos dizer que as preferências, os desejos, os anseios, as esperanças e as expectativas são sempre pecaminosos? É claro que não. O que os teólogos costumam chamar de "desejos naturais" fazem parte da nossa humanidade, daquilo quer permite aos seres humanos serem diferentes das pedras e capazes de diferenciar entre bênção e maldição, prazer e dor. É *verdade* que não queremos as dores da rejeição, da morte, da pobreza, das enfermidades, e queremos, sim, as alegrias da amizade, da vida, do dinheiro e da saúde. Jesus não era um masoquista; Ele certamente clamou: "Passa de mim este cálice!". O eixo da questão moral é identificar se o desejo assume uma condição controladora. Se sim, produzirá pecados visíveis: raiva, murmuração, imoralidade, desespero, algo que Tiago denominou, de forma clara, "confusão e toda espécie de coisas ruins" (Tg 3.16). Jesus não era um idólatra; Ele entregou Sua vida ao Pai e obedeceu. "Todavia, não seja como eu quero, mas como Tu queres." Jesus também não era nenhum estóico nem budista que visava uma vida isenta de desejos humanos. Seus desejos eram fortes, mas controlados pelo amor ao Pai.

Quando os desejos naturais permanecem submissos a Deus, a fé produz um amor visível. Por exemplo, se você deseja que seu filho cresça na vida cristã, mas ele se desvia, isso pode partir seu coração, mas não fazer com que você peque contra Deus ou contra seu filho. A raiva, a ansiedade obsessiva, a desconfiança ou manipulação dão evidência de que o desejo por algo bom tornou-se gigantesco. A sabedoria na criação dos filhos demonstra que o desejo, um amor apaixonado e que parte o coração, está biblicamente alinhado.

4. Por que é que as pessoas não vêem isso como o problema?

Precisamos considerar um segundo adjetivo utilizado nas Escrituras para a expressão "concupiscência da carne": concupiscências *enganosas*[10]. Nossos desejos nos enganam porque se apresentam como muito plausíveis. Quando nossos desejos naturais tornam-se distorcidos e monstruosos, eles nos cegam. Quem de nós não gostaria de desfrutar de boa saúde, conforto financeiro, um cônjuge amoroso, filhos bonzinhos, sucesso no emprego, pais carinhosos, comidas saborosas, uma vida sem congestionamentos no trânsito, controle sobre as circunstâncias? Ainda assim, ansiar por essas coisas pode levar a toda sorte de mal. As coisas que as pessoas desejam são boas como bênçãos recebidas de Deus, mas são terríveis quando nos controlam. São ótimas dádivas, mas péssimos deuses. Elas seduzem, prometendo bênçãos, mas resultam em pecado e morte.

Alguns pecados são calculados, cometidos com completa ciência de escolha (Sl 19.13). Outros refletem a loucura cega, sombria, habitual, compulsiva, endurecida, ignorante, confusa e instintiva do pecado.[11] Uma das alegrias do ministério bíblico é ser capaz de ajudar uma pessoa a acender a luz de seu quarto escuro. As pessoas normalmente não enxergam seus desejos como concupiscências. Nossos corações acordam à medida que a luz do olhar analítico de Deus interrompe nossa ignorância e autoengano. Os corações são confortados e curados pelo amor que derramou sangue expiatório para comprar essa dádiva inefável.

Ainda estou para encontrar um casal preso à hostilidade (e ao medo, autocomiseração, dor e justiça-própria que a acompanham) que, de fato, compreenda e leve em consideração suas motivações. Tiago 4.1-3 ensina que os desejos estão por detrás dos conflitos. Por que você está lutando? Não é "porque meu cônjuge...". A luta tem a ver com *você*. Casais que percebem o que os governa – os anseios por afeição, atenção, poder, vingança, controle, conforto e uma vida tranqüila – são capazes de chegar ao arrependimento e à descoberta de que a graça de Deus é real em suas vidas para, então, aprenderem a viver pacificamente.

5. A expressão "concupiscência da carne" é útil na vida diária e no aconselhamento?

Aplique o termo à experiência de nossos dias, redimindo a linguagem evasiva que as pessoas usam para substituí-lo. As pessoas falam freqüentemente daquilo que querem, esperam, desejam, exigem, necessitam,

[10] Ef 4.22.

[11] Gn 6.5; Sl 19.12; Ec 9.3; Jr 17.9; Ef 4.17-22; 1 Tm 1.13; 2 Pe 2.10-22.

anseiam. A psicologia popular costuma validar essas necessidades e anseios como sendo elementos neutros. As pessoas pouco percebem que, na maioria das vezes, elas estão, na verdade, descrevendo usurpadores pecaminosos do domínio de Deus sobre suas vidas: desejos descontrolados, concupiscências da carne, anseios. Elas são honestas com relação ao que querem, mas não interpretam sua experiência da forma correta. Por exemplo, ouça as crianças falando quando estão bravas, desapontadas, exigentes e contrariadas: "Mas eu quero.... Mas eu não quero...". Em nossa família, começamos a ensinar nossos filhos sobre o "eu quero" antes de completarem dois anos de idade. Queríamos que entendessem que o pecado vai além do comportamento. Analise qualquer discussão ou explosão de raiva e você descobrirá as expectativas que governam e os desejos que estão sendo frustrados (Tg 4.1-2).

A linguagem do dia-a-dia permite conhecer os detalhes da vida da pessoa, mas ela costuma vir acompanhada de uma interpretação distorcida. O aconselhamento sábio precisa reinterpretar a experiência com base nas categorias bíblicas, descrevendo as "necessidades sentidas", que estão por trás de muito do pecado e da miséria humana, de acordo com a realidade explícita de "cobiças, anseios e prazeres". A própria falta de familiaridade com os termos bíblicos pode ser uma vantagem, desde que você os explique cuidadosamente e mostre sua relevância e aplicabilidade. Os pecados comportamentais exigem uma solução horizontal bem como um arrependimento vertical. Mas os pecados da motivação dizem respeito essencialmente a Deus. O arrependimento desperta a consciência do relacionamento com o Deus da graça.

6. Cada pessoa possui um "pecado básico"?

Com razão, a Bíblia costuma se referir às *concupiscências* (plural) da carne. O coração humano é capaz de gerar uma cobiça sob medida para cada situação. Mais uma vez, João Calvino descreve de forma magnífica como os desejos "fervilham" dentro de nós, como a mente do homem é uma "fábrica de ídolos".[12] Estamos infestados de cobiças. Ouça atentamente qualquer pessoa inclinada à murmuração e você observará a criatividade dos anseios. É possível que um desejo ardente em particular manifeste-se com tanta freqüência que pareça ser um "pecado básico": amor à riqueza, temor ao homem e o desejo de aprovação, amor à proeminência ou ao controle, desejo de prazer, entre outras coisas, podem ditar muito das nossas vidas! Mas todos nós possuímos todos os desejos ardentes característicos do ser humano.

Perceber a diversidade na cobiça humana confere ao aconselhamento uma grande flexibilidade e recursos de abordagem. Por exemplo, determinada expressão de cobiça é capaz de gerar diversos pecados conforme 1 Timóteo 6.10 afirma: "Pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males". Cada um dos Dez Mandamentos pode ser quebrado por alguém que ama e serve ao dinheiro. O anseio profundo por dinheiro e bens materiais é um tema ao redor do qual encontramos pecados sintomáticos tão

[12] João Calvino, *As Institutas da Religião Cristã*, v. III, p. 65, 108.

diversos como ansiedade, roubo, consumismo, assassinato, inveja, discórdias matrimoniais, um senso de inferioridade ou de superioridade com relação aos outros, imoralidade sexual na troca do sexo por vantagem material, e assim por diante.

Por outro lado, um único comportamento pecaminoso pode se gerado por diferentes tipos de cobiça. Por exemplo, a imoralidade sexual pode acontecer por inúmeros motivos diferentes: prazer erótico, vantagem financeira, vingança contra um cônjuge ou contra os pais, medo de dizer não a uma autoridade, busca de aprovação, prazer no controle da reação sexual de outra pessoa, busca por status social ou promoção na carreira profissional, dó de alguém e desejo de assumir o papel de salvador, medo de perder um namorado, escape da solidão, pressão do grupo, e assim por diante! Os conselheiros bíblicos sábios sondam em busca de coisas específicas. Eles não presumem que todas as pessoas possuem as mesmas características da carne nem que determinada pessoa sempre faz a mesma coisa pelos mesmos motivos. A carne é criativa em sua iniqüidade.

7. Como saber se um desejo é descontrolado ou natural?

Você pode conhecer um desejo pelos seus *frutos*. A motivação humana não é um mistério teórico; não há necessidade de nos aprofundarmos de forma demorada, introspectiva e arqueológica. Os desejos pecaminosos produzem maus frutos que podem ser vistos, ouvidos e sentidos (Tg 1.15; 3.16). Por exemplo, um pai que deseja que seu filho venha a ser um jovem cristão revela a condição de seu desejo mostrando se ele é um bom pai ou um pai manipulador, temeroso, raivoso e cheio de suspeitas. Um bom pai tem seu desejo subordinado à vontade de Deus e ama seu filho. Um pai dado à prática do pecado permite que o desejo domine e produza o caos moral e emocional. Semelhantemente, uma esposa que quer ser amada revela a condição de seu desejo pelo quanto ama e respeita seu marido. Os frutos visíveis revelam quem está no controle – Deus ou a cobiça.

É um erro grave engajar-se em uma "caça aos ídolos" introspectiva, tentando desvendar e analisar cada recanto da alma humana. A Bíblia nos chama a uma forma mais direta de auto-exame: uma explosão de raiva nos convida a uma reflexão acerca do anseio que dominou o coração para que possamos nos arrepender inteligentemente. O alvo bíblico não é dirigido para dentro de nós, mas para fora: conduzir-nos em direção a Deus pela fé e arrependimento (Tg 4.6-10) e, em seguida, à pessoa com quem erramos ficando irados, reconciliando-nos mediante arrependimento, humildade e amor.

8. É correto falar acerca do coração, já que a Bíblia ensina que somente Deus conhece o coração? (1 Sm 16.7; Jr 17.9)

Ninguém além de Deus é capaz de *enxergar, explicar, controlar* ou *mudar* o coração de outra pessoa e suas escolhas. Não existe nenhuma razão fundamental pela qual uma pessoa serve a uma determinada cobiça ao invés de servir a Deus; o pecado é algo irracional e louco. E não existe técnica de aconselhamento que possa mudar, de forma fundamental, os corações. Mas a Bíblia nos ensina que podemos *descrever* o que governa o coração e falar a verdade que Deus usa para convencer e libertar. O ministério bíblico eficaz investiga e trata o motivo

pelo qual as pessoas fazem as coisas, bem como o que elas fazem. Em Seu ministério, Cristo expôs e desafiou continuamente o verdadeiro motivo de viver das pessoas, oferecendo-Se como único soberano válido para o coração.

Por exemplo, 1 Samuel 16.7 diz que o homem julga o exterior ao passo que o Senhor julga o coração. Ainda assim, alguns versículos antes, lemos que Saul desobedeceu a Deus visivelmente por um motivo: ele temeu a homens e ouviu seus conselhos, ao invés de temer e ouvir a Deus (1 Sm 15.24). Suas motivações são descritíveis, mesmo que inexplicáveis. Não existe uma causa maior para um pecado do que o próprio pecado. Jeremias 17.9 diz que o coração do homem é enganoso e incompreensível a todos menos a Deus, mas a mesma passagem descreve como o comportamento revela que as pessoas confiam em ídolos, em si mesmas e nos outros, ao invés de confiar em Deus (Jr 17.1-8). As Escrituras são francas em nos falar acerca das causas do comportamento: os conflitos interpessoais, por exemplo, surgem das cobiças (Tg 4.1-2). Se a ira e o conflito vêm da cobiça, a próxima pergunta óbvia é: "O que você deseja, o que está governando agora sua vida?".

Sondar as motivações não requer nenhuma técnica psicoterápica refinada. Em geral, as pessoas são capazes de lhe dizer o que querem. Os israelitas murmuraram – um crime capital – quando tiveram que se sustentar com uma comida entediante. Por quê? Eles ansiavam por sabores: peixe, pepino, melão, alho e cebola (Nm 11.5). Mais tarde, murmuraram quando sentiram sede e não havia um oásis por perto. Por quê? Eles ansiavam por alimentos suculentos ou alimentos que necessitavam de irrigação: grãos, figos, parreiras, romãs e água (Nm 20.5). Em ambos os casos, o anseio refletiu sua rebeldia para com Deus e se expressou na forma de pecados visíveis e audíveis. Quando vemos os substitutos de Deus clamarem por nossa afeição, então enxergamos quão boa e necessária a graça de Jesus é em reprimir esses seqüestradores e reassumir o controle.

9. A palavra *concupiscências* não se aplica propriamente apenas a apetites do corpo, ou seja, os prazeres e confortos do sexo, comida, bebida, descanso, exercício físico e saúde?

As pessoas seguem os *desejos do corpo* e dos *pensamentos* (Ef 2.3). Os apetites do corpo – o instinto hedonista do corpo de se sentir bem – certamente exercem um domínio poderoso em direção ao pecado. Mas os desejos dos pensamentos – desejos de poder, aprovação humana, sucesso, proeminência, riqueza, justiça-própria, e assim por diante – também podem dominar com igual poder. Os desejos dos pensamentos, via de regra, apresentam-se como as concupiscências mais sutis e enganosas porque seus resultados nem sempre são óbvios. Eles não residem no corpo, mas a Bíblia ainda os enxerga como "concupiscências".

10. Os desejos podem ser habituais?

Paulo descreve o *trato passado*, um estilo de vida anterior caracterizado por cobiças enganosas. Pedro orienta seus leitores para não se moldarem às "paixões que tinham anteriormente".[13] À semelhança de todos os demais aspectos do pecado — crenças, atitudes, palavras,

[13] Efésios 4.22 (cf. 4.17-19, que reforça a idéia de um estilo de vida característico); 1 Pedro 1.14.

ações, emoções, pensamentos e fantasias — os desejos podem ser habituais. Você encontrará pessoas que procuram repetidamente controlar as outras, satisfazer os prazeres da preguiça, ser vistas como superiores ou agradar aos outros. O chamado de Jesus a morrer para si mesmo diariamente reconhece a inércia do pecado. Deus está no processo de criar novos desejos habituais como, por exemplo, uma preocupação ativa pelo bem-estar dos outros.

Muitos sistemas de aconselhamento estão obcecados com rastrear no passado distante as causas para os problemas atuais. A cosmovisão bíblica é muito mais direta. O pecado nasce no interior da pessoa. O fato de que um estilo de desejos habituais tenha sido estabelecido há muitos anos – mesmo que tenha sido moldado em um contexto particular, quem sabe influenciado por modelos ruins ou por experiências nas quais foi vítima do pecado de outros – apenas descreve o que aconteceu e quando. O passado não explica o porquê. Por exemplo, as rejeições do passado não geram o desejo de ser aceito pelos outros mais do que as rejeições do presente o fazem. Alguém que foi sempre aceito por pessoas importantes em sua vida pode ser igualmente controlado pela cobiça por aceitação. As situações jamais são a causa da cobiça. As tentações e os sofrimentos de fato apertam o botão, mas não criam os botões. Isso nos traz muita esperança por mudança no presente, pela graça de Deus.

11. E o que dizer dos medos? Eles parecem tão importantes na motivação humana quanto os anseios profundos.

Medo e desejo são dois lados de uma mesma moeda. Um medo pecaminoso é um desejo ardente de que algo *não* aconteça. Se eu quero dinheiro, tenho medo da pobreza. Se anseio por aceitação, a possibilidade de uma rejeição me atemoriza. Se temo a dor e o sofrimento, desejo ardentemente o conforto ou o prazer. Se desejo ardentemente a proeminência, temo me sentir inferior aos outros. Para algumas pessoas, o temor pode ser algo mais forte e evidente do que o desejo correspondente. O aconselhamento sábio trabalha com aquilo que está em evidência. Por exemplo, uma pessoa que cresceu em uma época de dificuldade financeira pode manifestar uma adoração ao dinheiro por meio de um temor da pobreza que se expressa em ansiedade, acúmulo de dinheiro, cálculos repetidos de valores financeiros, e assim por diante. Um bem-sucedido empreendedor de trinta e poucos anos manifesta sua adoração ao dinheiro por meio de um consumismo desenfreado. No primeiro caso, tratamos o medo; no segundo, a cobiça. São expressões complementares do forte anseio por tesouros na terra.

12. As pessoas sempre possuem motivações conflitantes?

Certamente. O conflito entre as paixões pecaminosas e os desejos do Espírito Santo é um fato na vida cristã (Gl 5.16-17). Todos nós costumamos reunir um misto de motivações, algumas boas e outras ruins. Muitos pregadores e conselheiros reconhecem que o amor genuíno a Cristo e ao próximo luta contra o amor perverso pelo sucesso pessoal e a aprovação humana.

Em outras situações, dois desejos pecaminosos podem entrar em conflito. Por exemplo, um empresário pode querer roubar algo de uma loja de conveniência, mas ele não o faz temendo por sua reputação se for pego no ato do furto.

Nesse exemplo, o amor ao dinheiro e a aprovação social apresentam-se como opções para a carne; o coração inclina-se para a última. É comum as pessoas priorizarem seus desejos e organizarem as prioridades de forma diferente em situações diferentes. Por exemplo, o homem que jamais furtaria por causa das conseqüências sociais pode muito bem forjar sua declaração de renda, pois as chances de ser pego são menores e ninguém "importante" ficaria sabendo se ele o fizesse. Nesse caso, a vontade própria e a adoração ao dinheiro assumem o volante e a aprovação social vai para o banco de trás. O "caminho mais largo" possui milhares de variantes criativas!

13. De que forma a idéia de "concupis-cências" está relacionada a outras maneiras de falar sobre o pecado, tais como "natureza pecaminosa", "eu", "orgulho", "autonomia", "increduli-dade" e "egocentrismo"?

Essas palavras são termos genéricos que resumem o problema do pecado. Uma das maravilhas de se identificar os desejos controladores é que eles são muito específicos. O discernimento pode, portanto, capacitar-nos a um arrependimento e uma mudança mais específicos. Por exemplo, uma pessoa que fica irada no meio de um engarrafamento do trânsito pode dizer mais tarde: "Sei que a ira é pecado e ela vem de dentro de mim". De fato, isso é verdade. Mas isso nos ajuda a levar o autoconhecimento a um passo mais adiante: "Eu fiquei irado e falei um nome feio porque desejava ardentemente chegar ao meu compromisso no horário, temia ser criticado pela pessoa que me esperava e temia perder os lucros daquela venda". O arrependimento e a mudança podem se tornar mais específicos quando a pessoa identifica esses três aspectos de cobiça que expressam o senhorio do "eu" naquele determinado incidente.

A Bíblia discute o pecado em uma variedade enorme de formas. Por vezes, as Escrituras falam do pecado de modo geral: por exemplo, Lucas 9.23-26 fala acerca do "eu" e Provérbios, do "estulto". Em outros momentos, as Escrituras aumentam a potência das lentes do microscópio e tratam de um tema específico de pecado: por exemplo, Filipenses 3 fala acerca da busca de justiça-própria, 1 Timóteo 6.5-19 fala do amor ao dinheiro e 2 Timóteo 3.4, do amor ao prazer. E ainda em outros lugares, a Bíblia fala de "desejos" que conduzem ao pecado sem especificar qual pecado. Isso nos convida a fazermos a aplicação específica a nós mesmos.[14] Podemos esquematizar da seguinte maneira: (1) termos gerais; (2) um nível intermediário de temas e pecados habituais típicos da idolatria, e (3) um nível de detalhes específico (veja Figura 1).

14. No aconselhamento, devemos apenas confrontar a pessoa que tem fortes desejos pecaminosos?

Os conselheiros sábios não "apenas confrontam". Eles fazem inúmeras coisas diferentes para que a confrontação seja oportuna e eficiente. Os conselheiros não enxergam o coração. Eles vêem apenas as evidências, de modo que existe um certo grau apropriado de tentativa quando se fala em motivações. Talvez seja mais apropriado dizer que o aconselhamento procura iluminar o coração. Queremos ajudar as pessoas para que vejam a si

[14] Veja Tg 1.15-17 e 4.1-2; Gl 5.16-21; Rm 13.12-14.

mesmas como Deus as vê e, desta forma, tornar o amor de Deus algo extremamente desejável. Uma vez que nós conselheiros possuímos o mesmo pacote de cobiças típicas, necessitamos igualmente da graça por causa de orgulho, temor a homens, incredulidade e amor por conforto e controle.

Podemos e devemos atacar tais questões. Conforme vimos, 2 Timóteo 3.16 começa com "ensinar". O bom ensino (por exemplo, mostrando como Gálatas 5 e Tiago 1 estabelecem uma ligação entre os pecados externos e os desejos internos) ajuda as pessoas a examinarem e enxergarem a si mesmas. O bom ensino convida ao autoconhecimento e à autoconfrontação. A experiência no lidar com pessoas confere sabedoria para estabelecer associações comuns (por exemplo, os diferentes motivos para a imoralidade mencionados na pergunta 6). Perguntas profundas ("O que você quer/espera/teme quando explode com sua esposa?") ajudam a pessoa a revelar para si mesma e diante do conselheiro a cobiça que a controla.

À luz do autoconhecimento perante a face de Deus (Hb 4.12-13), o evangelho oferece muitas promessas: misericórdia, ajuda, o cuidado do Pastor na santificação progressiva (Hb 4.14-16). "A revelação das Tuas palavras esclarece" (Sl. 119:130). Arrependimento, fé e obediência ganham vigor baseados em compreensão quando enxergamos à luz das misericórdias de Deus tanto os desejos do coração como os pecados manifestos. Trabalhe árdua e cuidadosamente nas questões de motivação (Romanos 13.14: os desejos da carne *versus* revestir-se de Jesus Cristo) e nas questões comporta-mentais (Romanos 13.12-13: as diferentes obras das trevas *versus* o comportamento adequado da luz).

Os padrões, temas ou tendências do coração não costumam se render ao arrependimento de uma vez por todas. Tente dar um tiro mortal no orgulho, temor ao homem, amor aos prazeres ou desejo de controlar o seu mundo, e você entenderá o que Jesus disse em Lucas 9:23! Mas um progresso genuíno acontece onde o Espírito Santo está operando. Entender seus pecados no que diz respeito à motivação dá sentido para "temas" que se repetem em sua história e mostram como o Pai está atuando em você durante essa longa jornada.

15. É possível mudar o que queremos?

Sim, e amém! Isso é crucial para a obra do Espírito Santo. Nunca deixaremos de desejar, amar, confiar em, acreditar em, temer, obedecer a, ansiar por, apreciar, buscar, esperar, e servir...*algo*. Somos motivados por desejos. Deus não nos anestesia; Ele reorienta nossos desejos. O Espírito Santo trabalha para mudar a configuração e a condição dos nossos desejos à medida que Ele nos conduz pessoalmente[15]. Os desejos do coração não são imutáveis. Deus jamais promete lhe dar o que você deseja, satisfazer as necessidades que você sente e seus anseios. Ele diz que você deve ser governado por outros desejos, diferentes dos atuais. Isso é radical. Deus promete mudar o que você realmente quer! Deus insiste em ocupar o primeiro lugar, e todos os outros amores devem estar radicalmente subordinados ao amor a Ele.

[15] Gl 5.16-25; Rm 6.16-18; 8.12-16; Sl 23.3.

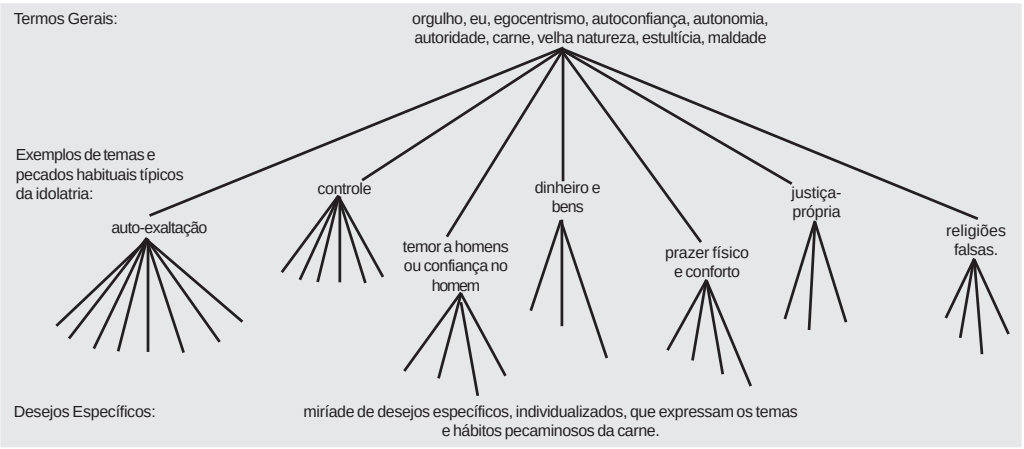


Figura 1: Desejos da Carne

A melhor forma de compreender essa questão é pensar acerca da oração. Orar significa pedir. Você pede porque você *quer* alguma coisa. Você pede a Deus, pois crê que Ele possui poder para conceder o que você quer. Por exemplo, quando Salomão orou por um coração sábio e capaz, cheio de discernimento, Deus concedeu o que ele pediu (1 Reis 3). Deus Se deleitou no fato de que Salomão não pediu longevidade, riquezas nem sucesso. Estas são as necessidades sentidas por muitos dos que estão no poder atualmente. Salomão não tratou a Deus como um gênio da lâmpada que existe para conceder a ele três desejos. O que desejamos por natureza – ou seja, os fortes anseios da carne – expressa nossa natureza pecaminosa. Salomão, porém, havia aprendido a identificar sua necessidade verdadeira. Ele havia aprendido a orar de acordo com a vontade de Deus, e Deus Se agradou em responder. O Senhor muda o que queremos, e aprendemos a orar de acordo com o que agrada a Deus, a querer o que Ele quer.

Deus contesta as coisas que todos, em todo lugar, buscam com avidez (Mt 6.32). Quais os desejos da carne e dos pensamentos (Ef. 2:3) que as pessoas *naturalmente* seguem? Considere nossas paixões características: os desejos do corpo incluem a própria vida, ar, saúde, água, alimento, vestimenta, abrigo, prazer sexual, descanso e exercício. Os desejos da mente incluem felicidade, ser amado, significado, dinheiro e posses, respeito, status, realizações, auto-estima, sucesso, controle, poder, justiça-própria, prazer estético, conhecimento, casamento e família. Eles devem governar nossas vidas? Eles não governaram a vida de Cristo. Esses desejos ardentes podem, de fato, ser mudados? A Bíblia diz que sim, e nos aponta as promessas de Deus: habitar em nós com poder, escrever a verdade em nossos corações, derramar Seu amor em nossos corações, capacitar-nos para dizer "Aba, Pai".

Conforme vimos, muitas dessas coisas não são ruins em si mesmas. O mal nem sempre está no que desejamos, mas no fato de desejarmos demais. Nossos desejos por algo bom apoderam-se do trono e se tornam ídolos que substituem o Rei. Deus Se recusa a servir aos nossos

anseios instintivos. Ele nos ordena que sejamos governados por outros anseios. E o que Deus ordena, Ele nos capacita a realizar: Ele opera em nós tanto o querer como o realizar aquilo que Lhe agrada (Fp 2.12-13).

É possível mudar aquilo que você mais deseja? Sim. A resposta a esta pergunta o surpreende? Ela contraria os pontos de vista de maior influência na visão contemporânea da motivação humana. A maioria dos livros de aconselhamento cristão segue os passos dos psicólogos seculares e considera nossos desejos, as "necessidades sentidas", como fixos. Muitos psicólogos cristãos de renome fazem da imutabilidade daquilo que desejamos o fundamento de seus sistemas. Por exemplo, muitos ensinam que temos um "tanque de amor vazio" dentro de nós. Nosso anseio por amor precisa ser satisfeito ou estamos fadados a uma vida de tristeza e pecado. O desejo de nos sentirmos bem acerca de nós mesmos (a "auto-estima") ou o desejo de realizar algo de significado recebem o mesmo rótulo. Essa psicologia equivale à teologia da prosperidade, que seleciona, semelhantemente, certos desejos comuns e dá por certo que Deus possui a obrigação de satisfazê-los. As versões psicológicas da teologia da prosperidade não percebem que a obra de Deus consiste em mudar os anseios das pessoas. Se as necessidades sentidas são imutáveis, é impossível aprendermos a orar como Salomão. Isso reforça a tendência de orarmos por nossos desejos ardentes. Reforça um senso de vitimização naqueles que são maltratados e também a tendência de pressionarmos a Deus rumo à satisfação de nossas cobiças. Em nenhum lugar da Bíblia alguém orou: "Senhor, satisfaça minha necessidade de me sentir importante e minha necessidade de ser amado". O senso de significado na vida e de segurança do amor de Deus por você vêm de um canal diferente do que o "anseio por significado e segurança".

Os anseios mais profundos do coração humano podem e precisam ser mudados à medida que somos recriados de acordo com aquilo que Deus planejou que sejamos. Nossos anseios depravados são senhores ilegítimos, pois mesmo quando o objeto de desejo é bom, o status do desejo usurpa o lugar de Deus. Eles devem ser identificados para que possamos conhecer a Deus de maneira mais rica como Salvador, Deus amoroso, e Aquele que converte a alma humana. Deus quer que ansiemos por Ele mais do que ansiamos por Suas dádivas. Para nos tornar verdadeiramente humanos, Deus precisa mudar aquilo que queremos; precisamos aprender a querer as coisas que Cristo queria. Não é surpresa que os psicólogos não consigam encontrar nenhuma prova em textos bíblicos para sua visão da motivação humana. A Bíblia ensina uma visão diferente.

A vida cristã é um grande paradoxo. Aqueles que morrem para o eu, encontram o verdadeiro eu. Aqueles que morrem para seus fortes anseios "recebem, no presente, muitas vezes mais e, no mundo por vir, a vida eterna" (Lc 18.30). Eles encontram novas paixões pelas quais vale a pena viver e morrer. Se eu anseio fortemente por felicidade, receberei tristeza. Se anseio por amor, receberei rejeição. Se anseio por significado, receberei futilidade. Se anseio por controle, receberei caos. Se anseio por reputação, receberei humilhação. Mas se anseio por Deus e Sua sabedoria e misericórdia, receberei a Deus e Sua sabedoria e misericórdia. Ao longo do caminho, mais cedo ou mais tarde, também

receberei felicidade, amor, significado, ordem e glória.

Todo cristão vigoroso é testemunha de que as paixões instintivas e os desejos da carne podem ser substituídos por novas prioridades do Espírito. Essa reorientação não acontece em um piscar de olhos nem é completa, mas é genuína e progressiva. Dois dos maiores livros de teologia cristã prática — as *Confissões de Agostinho* e *Treatise Concerning Religious Affections* (Tratado sobre os Afetos Religiosos) de Jonathan Edwards — meditam exatamente nessa transformação. A oração de Francisco de Assis diz: "Ó Senhor, permita que não busque ser consolado, mas consolar; ser entendido, mas entender; ser amado, mas amar". O forte desejo de aprender a amar e compreender os outros substitui o de receber amor e compreensão.

Aqueles que têm sede e fome desse tipo de justiça serão satisfeitos — Jesus nos deu Sua palavra. Não temos promessa, entretanto, de que Deus satisfará nossos fortes desejos instintivos. A Bíblia nos ensina a orar pedindo aquilo de que temos necessidade real. Podemos fazer os pedidos da oração do Pai Nosso e realmente desejar o que pedimos? Sim. Podemos ansiar pela glória de Deus, que Sua vontade seja obedecida, pela provisão material diária para todo o povo de Deus, por pecados perdoados e auxílio na luta contra o mal? Sim.

Um sábio pastor puritano, Stephen Charnock, escreveu sobre "o poder expulsivo de um novo afeto". Novos desejos dominadores expulsam do trono os desejos que estavam no poder. Quais são as novas motivações que controlam os corações renovados? Que objetos de desejo transformados caracterizam os desejos que governam o novo coração, agora sensível a Deus? Como Deus muda os desejos? A Bíblia trata dessa questão em toda a sua extensão.[16] Os desejos idólatras seqüestram o coração humano. Tanto a vida cristã quanto o ministério cristão dizem respeito a uma transformação do que as pessoas querem. Essa transformação é central à obra do Espírito Santo de trabalhar Sua Palavra em nossas vidas. A concupiscência da carne conduz a algo muito ruim: as obras mortas. A concupiscência da carne possui uma solução específica: o evangelho de Jesus Cristo, que a substitui. "Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou." (2 Co 5.15) Os desejos do Senhor nos conduzem a algo muito bom: as boas obras. Um ingrediente chave na reivindicação da cura da alma é fazer dessa transformação algo central.

Conclusão

Falamos apenas de um dos muitos termos que a Bíblia usa para explicar as obras do coração humano de forma detalhada. Trata-se de um tema cujas riquezas são inesgotáveis. O coração humano é um verbo ativo. Não "temos necessidades"; nós "criamos desejos", da mesma forma que amamos, tememos, esperamos, confiamos, e assim por diante. Examinamos aqui os verbos do desejo. Poderíamos ter examinado uma série de verbos complementares que captam a

[16] As passagens a seguir dão início a esta pergunta. Em cada passagem pergunte: "O que a pessoa quer, anela por, busca, se deleita *de fato*?" Sl 42.1-2; Sl 63.1-8; Sl 73.25-28; Sl 80; Sl 90.8-17; Pv 2.1-6; Pv 3.13-18; Pv 8.11; Is 26.8-9; Mt 5.6; Mt 6.9-13; Mt 6.19-33; Mt 13.45-46; Lc 11.9-13; Rm 5.1-11; Rm 8.18-25; Rm 9.1-3; 2 Co 5.8-9; Fp 1.18-25; Fp 3.8-11; Fp 3.20-21; 2 Tm 2.22; 2 Tm 3.12; 1 Pe 1.13; 1 Pe 2.2; Ap 22.20.

idéia do ativismo fundamental do coração humano. Mas faríamos isso confiantes de que o evangelho de Jesus Cristo é tão vasto quanto a diversidade humana e tão profundo quanto a complexidade humana. As Escrituras que testemunham de Cristo no poder de Seu Espírito são suficientes para curar as almas.

Como Cristo nos Transforma pela Sua Graça

Timothy S. Lane e Paul D.Tripp[1]

A Bíblia nos chama a viver à semelhança de Cristo. Mas como fazer isso em meio aos desafios diários aparentemente impossíveis de superar? Todos os dias encontramos obstáculos que nos retêm e preocupam. Talvez você esteja lutando para chegar ao final de cada dia. Preocupações, emoções, conflitos nos relacionamentos, problemas financeiros, quem sabe até mesmo vícios sejam capazes de mantê-lo em constante estado de ansiedade. É muito fácil estar cansado, frenético ou preguiçoso demais até para considerar um relacionamento mais próximo com Cristo, quanto mais para viver à semelhança dEle.

Como é possível mudar? Como qualquer um de nós poderia até mesmo tentar viver uma vida semelhante à de Cristo? A resposta é que ninguém é capaz de fazê-lo por conta própria. Como também é impossível fazê-lo de forma rápida. Pelo contrário, você é chamado a um compromisso pessoal com um processo de transformação à imagem de Cristo que dura sua vida inteira. A mudança pessoal não é fácil. Ela ocorre ao longo dos anos, à medida que você aprende a caminhar fielmente com o Senhor e muda seu foco, deixando de encarar apenas as frustrações de cada dia e levantando os olhos para o futuro, ou melhor, para a eternidade.

Uma das obras maravilhosas que Cristo está fazendo agora é transformar cada um dos que pertencem ao Seu povo, pelo poder do Espírito Santo, em pessoas dignas de honra em Seu reino. Um dia

[1] Tradução e adaptação de *How Christ Change Us by His Grace.*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.23, n. 2, Spring 2005, p. 15-21.
Timothy Lane é diretor do Ministério *Changing Lives*, conselheiro e parte do corpo docente da Christian Counseling and Educational Foundation, e professor de Teologia Prática no Seminário Teológico Westminster em Glenside, Pensilvania.
Paul Tripp é do Ministério *Changing Live Inernationals*, conselheiro e parte do corpo docente da Christian Counseling and Educational Foundation, e professor de Teologia Prática no Seminário Teológico Westminster em Glenside, Pensilvania.

receberemos uma coroa de justiça, de vida e de glória de Suas mãos poderosas e cheias de graça. Quando o Supremo Pastor aparecer, você receberá a imperecível coroa da glória (1 Pe 5.4). Quando Cristo, que é a nossa vida, for revelado, seremos também revelados com Ele em glória (Cl 3.4).

Como as pessoas mudam[2]

Crescer à imagem de Cristo e discipular outros para que façam o mesmo é mais do que um sistema de mudança ou um conjunto de técnicas. O processo de mudança repousa sobre a presença e o poder de um Redentor vivo e ativo. A individualidade desse processo o encoraja a olhar para si mesmo através do espelho da Palavra de Deus. Conhecer e depender da graça de Cristo não é uma fórmula ou estratégia. A presença do seu Pastor o capacita a caminhar na vida com fé e coragem renovadas.

Deus dispôs inúmeras verdades maravilhosas no fundamento da mudança bíblica. Consideramos, a seguir, três delas: a eternidade, a união com Cristo e a vida em comunidade.

1. Temos esperança na eterni-dade

A eternidade é o nosso destino final. Viver com os olhos postos em Deus nos dá esperança e perspectiva nas situações e relacionamentos do dia-a-dia. Procuramos significado e propósito para os acontecimentos e as atividades do cotidiano: a tragédia chocante dos atos terroristas, um diagnóstico de câncer, as expressões de racismo, as horas de trabalho excessivas e assim por diante. À medida que sofremos, lutamos, realizamos algo com êxito ou descansamos, perguntamos a nós mesmos, consciente ou subconscientemente: "Qual é o alvo? Qual é o propósito? Qual é o significado de tudo isso? Por que estamos aqui?" As respostas que damos a nós mesmos -- os significados que encontramos para os nossos pensamentos e ações -- podem nos manter no mesmo caminho ou nos conduzir a direções radicalmente diferentes. Podemos continuar a fazer o que sempre fizemos, e sofrer as conseqüências, ou decidir por uma mudança. Podemos nos concentrar no que está acontecendo agora ou olhar para a eternidade.

Quer em pequenos hábitos diários ou em momentos de extrema importância, procuramos encontrar o sentido da vida. Expressamos insatisfação com o atual estado das nossas vidas. Sabemos instintivamente que as coisas não estão como deveriam estar. Seja nas brigas entre nossos filhos, nos relacionamentos tensos com o cônjuge ou com um membro da família, nos relacionamentos profissionais difíceis ou nas memórias assombrosas de um terrível abuso sofrido na infância, todos sentimos e experimentamos o sofrimento em nosso mundo.

Pensamos: *Como a vida seria maravilhosa se meu chefe fosse um pouco mais paciente. Ou apenas se... meu marido se preocupasse um pouco mais comigo.. meu pai não bebesse tanto... meu filho parasse de discutir e me ouvisse... nossos vizinhos fossem um pouco mais tratáveis... eu tivesse como comprar aquela casa... eu conseguisse vencer meu desânimo... a igreja compreendesse minhas dificuldades*

[2] Esse artigo está baseado no currículo *Como As Pessoas Mudam: Como Cristo Nos Transforma pela Sua Graça*, por Timothy S. Lane e Paul David Tripp (Glenside, Pa: CCEF, 2003).

como pai solteiro... eu pudesse contar com uma boa saúde, uma estabilidade financeira ou o respeito dos meus amigos. Se apenas... Se apenas... Se apenas...

Todos os dias pensamos em como nossas vidas seriam se as coisas fossem diferentes. Avaliamos a nós mesmos e até procuramos fazer mudanças. Planejamos mudanças. Tentamos inúmeras estratégias para mudar, às vezes com algum sucesso. Mas nossas melhores intenções para a mudança acabam em fracasso. Nossos desejos de alcançar mudança não são errados; eles apenas não são profundos o suficiente. A Bíblia nos confronta com uma realidade difícil de aceitar: a mudança mais necessária em nossas vidas não é uma mudança em nossas situações, circunstâncias ou relacionamentos, mas em nós mesmos – em nossos corações.

Existe, porém, esperança. Apesar dos nossos fracassos, Deus ainda tenciona nos resgatar de nós mesmos. Sua visão de mudança é amplamente diferente da nossa. Nós queremos lidar melhor com as situações, queremos nos divertir mais, ter relacionamentos melhores, mais dinheiro, uma casa maior. Ele quer que nos transformemos de pessoas que "vivem para si" (2 Co 5.15) em pessoas que são *como Ele*. Essa é verdadeira mudança! Deus substitui nossa natureza egoísta e pecaminosa pela Sua natureza divina! Deus nos molda conforme a Sua imagem. Em meio às nossas lutas, Ele transforma nossos corações radicalmente por meio da Sua graça, para que sejamos capazes de pensar, desejar, agir e falar de uma forma consistente com quem Ele é e com o que Ele está operando na terra. Nosso desejo por mudança começa, pois, a se alinhar com os propósitos de Deus para mudança. Ao deixarmos para trás os alvos de conforto e satisfação pessoal, vamos em busca de Cristo. Desejamos ser mais como Ele a cada dia. E, à medida que agimos dessa forma, ficamos mais e mais preparados para o nosso destino final: a eternidade com Ele.

Em meio às nossas lutas, entretanto, não estabelecemos naturalmente uma ligação entre a nossa forma de pensar, sentir e agir, e o nosso destino final de vida no céu com Cristo. Necessitamos da obra do Espírito Santo para nos ajudar a vencer essa lacuna e relacionar nossas lutas ao nosso futuro na eternidade. Mas Deus vem ao nosso encontro e transforma nossos corações em meio às nossas maiores alegrias, nossos relacionamentos mais difíceis, nossos problemas e nossa mais profunda tristeza. A mudança pessoal positiva acontece quando nosso sonho de mudança alinha-se com os propósitos de Deus para a mudança. Paulo expressa isso em sua carta aos filipenses:

> E isto peço em oração: que o vosso amor aumente mais e mais no pleno conhecimento e em todo o discernimento, para que aproveis as coisas excelentes, a fim de que sejais sinceros, e sem ofensa até o dia de Cristo; cheios do fruto de injustiça, que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus. (Fp 1.9-11)

Manter a eternidade em mente enquanto vivemos nossas vidas diárias fornece-nos uma perspectiva muito mais extensa e nos dá esperança de mudança em meio às nossas situações e relacionamentos difíceis.

2. Estamos unidos com Cristo

Em sua carta à igreja em Corinto, Paulo descreve o relacionamento dos crentes com Cristo com um termo de profunda intimidade -- casamento.

> Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; pois vos desposei com um só Esposo, Cristo, para vos apresentar a ele como virgem pura. Mas temo que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos entendimentos e se apartem da simplicidade e da pureza que há em Cristo (2 Co 11.2-3).

Paulo fala de Cristo como um "marido" e dos cristãos como noivas virgens, puras. Deus reconcilia os pecadores consigo mesmo por meio de Cristo e os convida a um relacionamento pessoal intenso. Ele não nos tolera simplesmente. Ele nos traz para junto de Si, entregando-Se a nós. Cristo é o marido e somos Sua noiva. Estamos em Cristo, com Cristo e somos um com Cristo. Observe três profundas implicações da nossa união com Cristo.

- Quando você está espiritualmente unido a Cristo, o cerne de sua vida presente não é a felicidade pessoal, mas a pureza espiritual. Como em qualquer outro casamento, a questão principal é o seu compromisso com a fidelidade. A pergunta é: "Você permanecerá fiel somente a Cristo e não buscará satisfação em outras coisas?".
- Seu noivado com Cristo dá a esta passagem a estrutura do "agora e depois". Sua vida "agora" é a preparação para o casamento com Cristo "depois", na eternidade. Agora – a vida aqui na terra – é um momento de preparação para aquele dia. A consumação total desse relacionamento com Cristo acontecerá no céu, embora a experimentemos parcialmente aqui na terra. Visto que Cristo é a recompensa final, tudo o que me distancia dEle não mais se faz essencial.
- Para Paulo, o cerne do cristianismo é permanecer fiel a Cristo em um mundo onde muitos "amantes" querem ter sua fidelidade e afeto. O cristianismo paulino é intensamente relacional. Cristo está no centro da sua vida. Isso vai muito além de práticas religiosas como fazer devocionais diárias, dar o dízimo e participar de um ministério. Com certeza, tais práticas não são erradas. Porém, elas não são o foco principal do nosso relacionamento com Cristo; elas são frutos desse relacionamento.

Nossas vidas mudam quando estamos unidos com Cristo. Essa mudança é muito maior do que uma mudança em nossas circunstâncias, relacionamentos ou status. Tornamo-nos diferentes no aspecto espiritual mais profundo. A natureza espiritual é transformada pelo poder da graça de Cristo. Nossos corações, que estavam totalmente escravizados ao pecado, foram agora libertados. As mudanças que resultam da nossa união com Cristo são tão fundamentais que a Bíblia diz que em Cristo somos "novas criaturas" (2 Co 5.17). Pelo fato de estarmos unidos com Cristo, o poder do pecado foi quebrado. O pecado está sendo progressivamente erradicado de nossas vidas!

Esse é o retrato da verdadeira vida cristã. Com alegria, afirmamos que somos novas criaturas em Cristo. Com humildade, confessamos que ainda existe pecado em nossos corações. Necessitamos da graça de Deus hoje tanto quanto precisávamos

quando primeiramente cremos nEle. O mesmo Salvador que nos renovou chama-nos ao compromisso com Sua obra diária de renovação. E essa renovação pessoal acontece em meio às nossas circunstâncias e relacionamentos.

3. Fazemos parte de uma comunidade cristã

Quando o apóstolo Paulo discipulou novos cristãos, ele os relembrou repetidas vezes de que havia auxílio em Cristo e no povo de Cristo, a Igreja.

> Assim, pois, não sois mais estrangeiros, nem forasteiros, antes sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício bem ajustado cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito (Ef 2.19-22).

Nosso relacionamento pessoal com Cristo une-nos a outros crentes e nossa transformação acontece dentro da família de Deus. Não é, necessariamente, a forma mais simples: estar envolvido com outras pessoas pode ser ineficiente, complicado, algo que consome muito tempo. Muitas coisas podem dar errado nos relacionamentos. Mas é justamente por esse motivo que a vida em comunidade é parte tão importante do plano de Deus para nos transformar à imagem de Cristo. Quanto mais compreendemos nossos corações, mais enxergamos que precisamos da obra da graça de Deus para nos transformar de indivíduos egocêntricos em uma comunidade de amor.

Você faz idéia do tamanho do amor de Deus? O amor de Cristo é tão alto, tão largo, tão profundo que não somos capazes de enxergar esse amor nem experimentá-lo em sua totalidade por causa de nossa finitude. Precisamos compreendê-lo com "todos os santos" (Ef 3.18). Como indivíduos isolados, não somos capazes de alcançar o grau de maturidade que Deus planejou para nós. Essa plenitude acontece quando vivemos uns com os outros em uma comunidade amorosa e redentora e à medida que lutamos e crescemos juntos.

Estes três pontos principais formam o fundamento para a mudança bíblica: (1) saber em que direção Deus está nos conduzindo; (2) saber que, como cristãos, estamos unidos com Cristo, e (3) saber que a mudança acontece com o apoio da comunidade.

Como Deus vê a vida e efetua a mudança

Você já se sentiu perdido no meio de seu próprio mundo? Talvez você saiba muito acerca de si mesmo, de Deus e dos outros, mas não sabe como juntar tudo isso. Você luta, mas não sabe por quê. Você está deprimido, mas desconhece a razão. Seu filho adolescente parece um adversário e você não compreende o que ele quer. Seu retrato da vida parece estar desfocado. Você está perdido em meio a muita confusão.

Olhe, porém, por outro prisma. Quando você está perdido em uma cidade grande, você precisa de uma vista panorâmica – um quadro maior, sobrevoando a cidade de helicóptero – que lhe permita orienta-se melhor. Com o quadro maior em mente, você possui uma idéia mais clara de onde você está e aonde precisa ir. A Bíblia nem sempre parece lhe dar essa visão panorâmica da vida. Por vezes, as Escrituras parecem uma coleção

aleatória de histórias, poemas, ensinos e mandamentos não relacionados com nossas preocupações diárias. Entretanto, quando examinada cuidadosamente, a Bíblia fornece os elementos essenciais que nos dão uma visão panorâmica da vida como Deus a vê e da mudança que Ele efetua. Quando você começa a enxergar esse quadro panorâmico, é possível começar a perceber o que Deus está fazendo nos detalhes da sua vida. Compreender como Deus costuma usar a vida diária para mudar nossos corações é parte essencial desse processo de crescimento e mudança.

Normalmente, a Bíblia utiliza imagens concretas para ilustrar verdades espirituais. Jeremias dá um ótimo exemplo.

> Assim diz o Senhor: Maldito o varão que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor! Pois é como o junípero no deserto, e não verá vir bem algum; antes morará nos lugares secos do deserto, em terra salgada e inabitada. Bendito o varão que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Porque é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro, e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e no ano de sequidão não se afadiga, nem deixa de dar fruto. Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o poderá conhecer? Eu, o Senhor, esquadrinho a mente, eu provo o coração; e isso para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações (Jr 17.5-10).

As metáforas dessa passagem compõem um modelo: o calor do deserto, um espinheiro no ermo, os ribeiros de vida em Cristo e uma árvore frutífera. Podemos organizar nossos pensamentos usando a figura que chamamos de "As Três Árvores" (veja Figura 1).

- O calor descreve a vida e tudo o que nos sobrevém no mundo caído. Ele representa a situação atual de uma pessoa com todas as suas dificuldades, tentações e bênçãos. Deus conhece os detalhes de nossas vidas e vê como reagimos nessas situações.
- A primeira árvore, o espinheiro no deserto, representa as reações pecaminosas diante das dificuldades, tentações e bênçãos. Deus não olha apenas para o nosso comportamento e nossas reações diante das provações. Ele vê as intenções, as crenças e os desejos que controlam nossos corações.
- A segunda árvore, a Cruz de Cristo, é a fonte de água viva. Ela representa a obra redentora de Deus em nosso favor. Ela traz conforto, purificação e poder para mudar em meio aos desafios da vida.
- A terceira árvore, a árvore frutífera, representa a pessoa que confia no Senhor e aprende a reagir de maneira piedosa aos seus problemas. O poder redentor de Deus, atuante no coração renovado pela Sua graça, capacita a pessoa a reagir de forma piedosa em todas as circunstâncias. Deus produz uma colheita de frutos bons em nossas vidas.

Agora olhe com mais atenção para os seguintes elementos apresentados por Jeremias:

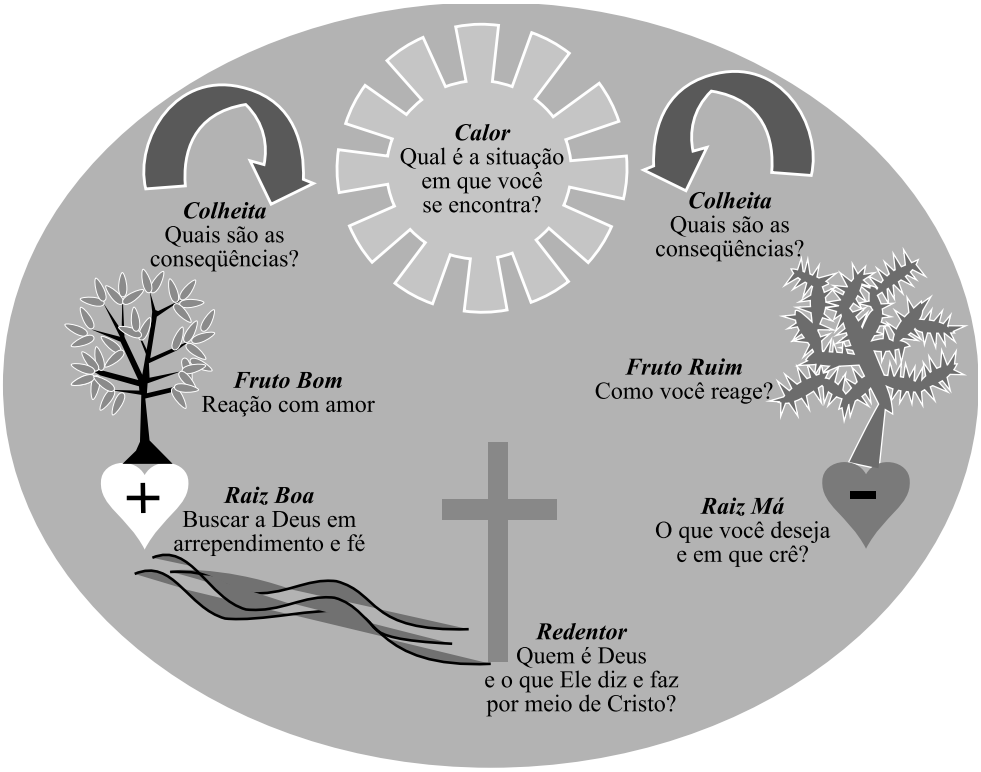


Figura 1: As Três Árvores (Jr 17.5-10)

1. Calor: Qual é a sua dificuldade?

As Escrituras sempre enquadram as pessoas em uma situação de vida. A carta de Tiago é bastante interessante a esse respeito. Ele começa dizendo: "Considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por *diversas provações*". Embora não especifique o tipo de provação, Tiago deixa os espaços em branco para preenchermos.

Para Tiago, uma provação é uma situação externa (*calor*) que revela a intenção do coração. Uma provação pode conduzir a um crescimento significativo no coração ou pode conduzir à tentação e ao pecado. Em outras palavras, uma provação pode produzir um *fruto bom* ou pode produzir *espinhos*. Tudo depende do que acontece no interior da pessoa. E tanto as dificuldades quanto as bênçãos apresentam oportunidades para tentação e pecado ou para provação e crescimento. Quando uma provação conduz à tentação e ao pecado, isso se deve ao fato de que o coração da pessoa foi "atraído e seduzido" pela "própria cobiça". Nenhum aspecto da situação – nenhum calor – é capaz de fazê-lo pecar ou de torná-lo mais amável ou sábio. Você escolhe entre o pecado ou Deus em cada situação.

2. Espinhos: Que pecado o enreda?

Todos os comportamentos pecaminosos brotam de um coração que foi cativado por algo que não Cristo. Somos árvores frutíferas pela graça de Deus, mas ainda reagimos às situações da vida como espinheiros. Todos nós temos a tendência

de reagir pecaminosamente às circunstâncias da vida. Distorcemos a verdade, guardamos raiva e amargura, transferimos nossa culpa para outros, manipulamos os outros para conseguir o que desejamos, comunicamo-nos de forma dura e crítica, anestesiamo-nos com negócios, substâncias ou bens materiais, tentamos estabelecer nossa identidade com base em outras pessoas ou nosso desempenho, cedemos à cobiça, damos espaço à vingança, tornamo-nos defensivos e autoprotetores, reagimos de forma egoísta e impensada. E a lista continua. Todas essas reações são espinhos no espinheiro. Reconhecermos como nos assemelhamos a espinheiros é uma dos primeiros passos para Deus nos transformar em árvores frutíferas.

Deus nos chama de volta da visão panorâmica e aproxima o foco para olharmos de perto e humildemente para nós mesmos. Ele nos convoca a reconhecermos nossas responsabilidades por reações espinhosas e a crer e agir com base nas promessas de perdão, restauração, sabedoria, força, livramento e poder do Evangelho. O processo de desenvolvimento à semelhança de uma árvore frutífera sempre começa com o ato de reconhecer e remover os espinhos pecaminosos de nossas vidas.

3. A Cruz: Cristo nos dá nova identi-dade e capacidade

> Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim. Não faço nula a graça de Deus; porque, se a justiça vem mediante a lei, logo Cristo morreu em vão (Gl 2.20-21).

A ênfase de Paulo é que a cruz define nossa identidade e capacidade aqui e agora. Desde o nascimento, cada um de nós estava sob o controle e o domínio do pecado. Porém, em Sua morte, Cristo quebrou o domínio espiritual do pecado sobre nós. Sua morte na cruz altera de forma permanente quem somos hoje e quem continuaremos a ser. Fomos mudados para sempre. Não vivemos mais sob o peso da lei ou sob o domínio do pecado. A morte de Cristo cumpriu todos os requisitos da lei e quebrou o poder do pecado. Não precisamos ceder ao pecado. Podemos viver de maneira nova em meio às situações antigas.

Em seguida, Paulo diz algo ainda mais surpreendente. Nossos corações, antes sob o domínio do pecado, são agora habitados por Cristo, a fonte final de justiça, sabedoria, graça, poder e amor. Nossos corações são capazes de reagir à vida de formas completamente novas porque não somos mais dominados pelo pecado, mas estamos livres pela autoridade graciosa de Cristo. Baseamos nossas vidas no fato de que, por Cristo viver em nós, podemos fazer o que é correto com relação aos desejos, pensamentos, palavras e ações, independentemente de quão difícil a provação possa ser. Nossa capacidade está em Cristo!

4. Frutos bons provêm de um coração verdadeiramente transformado

Com que se parecerá minha vida caso eu meça minha capacidade com base em minha união com Cristo, que agora habita em mim? Ao dizermos "sim" ao Espírito Santo, que habita em nós, Sua água viva produz frutos novos em nossos corações: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, o domínio próprio. Essas

qualidades de caráter não são padrões irreais que Deus impõe a nós, mas dons que o Espírito produz em nós. A mudança dentro de nós transforma a maneira de reagirmos às coisas e às pessoas à nossa volta.

A vida cristã deveria ser um estado de descontentamento grato ou de insatisfação alegre! Vivemos todos os dias gratos pela graça maravilhosa que transforma fundamentalmente nossas vidas, mas não deveríamos estar satisfeitos. Por que não? Porque quando olhamos para dentro de nós de forma honesta, temos que admitir que ainda precisamos de crescimento e mudança pessoal. Ainda não somos tudo que podemos ser em Cristo. Somos gratos pelas inúmeras coisas em nossas vidas que não existiriam não fosse a Sua graça, mas não podemos nos contentar com metade da herança. Não deveríamos querer menos do que tudo quanto temos em Cristo! Nesse sentido, Deus não quer que nos contentemos com menos do que aquilo que Ele tem para nós. Ele nos convoca para que continuemos a lutar, meditar, observar, considerar, examinar, correr, perseverar, confessar, resistir, submetermo-nos, seguir e orar até que tenhamos sido completamente transformados à Sua semelhança.

A vida de auto-exame e descontentamento alegre não deve ser confundida com uma vida de autocondenação paralisante. Deus não nos convoca a abominarmos a nós mesmos, mas a uma disposição para examinarmos nossas reações à vida enquanto nos apegamos à esperança que temos como novas criaturas em Cristo. Essa esperança não se baseia apenas na promessa de perdão, mas também em Sua promessa de livramento e restauração pessoal. O mesmo Deus que nos perdoou está agora no processo de nos transformar radicalmente. Não podemos nos satisfazer enquanto essa obra não estiver completa.

Deus nos transforma em meio aos desafios mais difíceis

A figura do Calor-Espinheiro-Cruz-Árvore frutífera representa como Deus nos transforma em meio aos maiores desafios da vida.

Calor: Provações, pressões, tentações e dificuldades que cercam nossas vidas.

Espinhos: Reagimos de forma pecaminosa às situações da vida. Temos razões internas para o nosso pecado.

Cruz: Deus vai ao encontro do nosso pecado com Sua graça transforma-dora.

Fruto: Reagimos de maneiras novas às dificuldades antigas à medida que nossos corações são transformados.

Um estudo de caso em forma de projeto pessoal, "Aconselhando a Mim Mesmo", segue esse artigo e dá um exemplo prático de como uma pessoa pode analisar suas lutas específicas usando esse modelo. Escolha você também uma luta pessoal, presente em sua vida, e trabalhe usando esse modelo. Você fica irado com outros motoristas na estrada? Você grita com seus filhos? Você gasta mais do que deve e sustenta um padrão de vida acima dos seus recursos financeiros? Você é viciado no trabalho? Você procrastina quando há trabalho importante a ser feito? Você recorre à murmuração e à reclamação quando as coisas não acontecem do jeito que você quer? Você fofoca sobre seus colegas de trabalho? Você inveja as posses materiais dos outros? Você usa palavras duras com os outros quando eles não atendem às suas

expectativas? Você culpa Deus por seus problemas? Você come demais? Assiste demais à TV? Trabalha demais?

Primeiro, leia essa história sobre o orgulho. Depois insira a sua própria história. Deus o chama a chegar a esse ponto. Ele quer que você afaste sua atenção da ampla visão panorâmica e aproxime o foco para olhar de perto e humildemente para si mesmo. Ele o chama a crer e agir com base nas promessas de perdão, restauração, sabedoria, força, livramento e poder do Evangelho, reconhecendo a sua responsabilidade por suas reações pecaminosas diante das situações difíceis da vida. Chegar a ser uma árvore frutífera sempre começa com o ato de reconhecer e remover os espinhos.

Seja qual for o calor da sua atual situação, nós o desafiamos a trabalhá-la usando esse modelo. Que Deus o abençoe à medida que você cresce e se transforma sob a Sua orientação e pelo Seu poder.

Um Coração Cheio de Orgulho

Max Benfer[1]

Eu sempre recebia atenção. Não importava onde eu estivesse ou com quem, as pessoas sempre notavam minha presença. Eu era o tipo de rapaz que sempre saía de uma noitada com mais de um número de telefone — todos dados pelas moças mais bonitas. Nos restaurantes, as garçonetes me davam os números de seus telefones. Três vezes, caça-talentos de agências de modelo pediram — até imploraram — que eu posasse para eles. Uma mulher me disse que eu era o homem mais bonito que ela já vira.

Além da minha aparência física, eu tirava ótimas notas na escola. Um representante da Academia Naval chegou a prometer uma recomendação formal à Academia com base na continuidade da minha excelência no ensino médio.

Atleticamente, eu estava entre os melhores da classe. Conseguia jogar quase todos os esportes, e jogar bem. Comecei a levantar pesos aos dezesseis anos e, quando cheguei aos vinte e um, já era um treinador profissional na academia World Gym.

Entretanto, toda essa atenção teve um custo. Embora eu gostasse da atenção que recebia de tantas pessoas, ela me escravizou. Eu exigia perfeição de mim mesmo. Tantas pessoas haviam me colocado em um pedestal, e eu queria estar naquele pedestal. Eu achava que precisava alcançar as suas expectativas em todos os aspectos e em todas as áreas. Mas a perfeição é impossível de se obter, e eu simplesmente parei de dar o meu melhor. Desse jeito, eu teria uma desculpa para o fracasso! Eu me retraí mais e mais em um estado de medo. Quanto mais atenção e sucesso eu conseguia, mais medo eu sentia.

Aquele medo manteve-me preso durante boa parte da minha vida. Eu simplesmente parei de buscar boas notas,

[1] Tradução e adaptação de *A Heart Full of Pride*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.23, n. 2, Spring 2005, p. 26-29.
Max Benfer é aluno do Seminário Teológico Westminster em Glenside, Pensilvania.

e a oferta da Academia Naval desapareceu. Parei de jogar esportes organizados. Os treinadores e jogadores só podiam sonhar com ter-me em seus times! E eu podia continuar a ser o "perfeito" herói dos esportes — aquele que nunca cometera nenhum erro que levasse o time à derrota.

Durante aqueles anos, eu estava obcecado com minha aparência física. Se eu não tivesse tempo suficiente para tomar banho e arrumar meu cabelo com perfeição, eu simplesmente não iria à festa. Não queria desapontar minhas admiradoras! Tornei-me um prisioneiro das minhas fantasias. Não foi surpresa quando deixei de ser um membro ativo da minha igreja.

Eu não falava com as pessoas sobre esses sentimentos. É difícil colocá-los em palavras. E parece incrivelmente arrogante, tanto quanto vergonhoso; mas é tudo verdade. Estou dizendo isso agora porque quero ser o mais honesto possível. Estou cansado de nunca dar o meu melhor e sempre procurar uma desculpa para o fracasso.

Agora sou casado, tenho mais tecido adiposo e cabelos grisalhos, e certamente menos musculatura do que costumava ter. Não sou mais observado constantemente pelas mulheres (um alívio para a minha esposa, tenho certeza) e minha aparência física não chama mais atenção sempre que adentro um recinto. Embora muito já tenha mudado, às vezes ainda me escondo atrás dos muros do medo de não estar à altura das expectativas de alguém. No entanto, estou em processo de transformação. Dois incidentes específicos fazem parte de minha história.

Incidente nº 1

1. O calor e o espinheiro: orgulho e perfeccionismo

O acontecimento mais significativo no meu crescimento pessoal rumo à semelhança de Cristo (santificação progressiva) ocorreu nesse último ano. Estava sentado sozinho na biblioteca "estudando" para a prova bimestral de grego (dali a umas duas horas). Mas eu não estava me esforçando para me preparar para a prova. Antes, as preocupações com o fracasso me consumiam. Eu estava acostumado com isso; acontecia sempre que me sentia desafiado. Eu não costumava me preocupar com meu sucesso no dia-a-dia, mas apenas quando enfrentava um desafio em que o sucesso ou o fracasso em alcançar um determinado "padrão" seria público (como as notas afixadas no mural). Pensava comigo mesmo: *Talvez não consiga a nota máxima na prova bimestral; talvez tire uma nota tão baixa que o professor decidirá que não sou tão bom quanto ele pensa*. Eu não estava preocupado com dar meu melhor para o Senhor, mas, sim, com o fato de não ser visto com respeito pelo professor. Minha atitude estava centrada em mim mesmo, não em Deus.

Enquanto estava lá sentado, olhando as páginas do meu texto de grego, o Senhor me trouxe alívio. Lucas, um colega de classe, chegou, assentou-se à minha frente e perguntou: "Estudando grego?" "É. Estou tentando, pelo menos", respondi. "Mas parece que gasto mais tempo preocupando-me com se irei bem ou não na prova do que estudando." Não sei por que eu disse aquilo, exceto porque o Senhor já estava operando em mim no processo de aconselhar a mim mesmo que eu estava aprendendo em uma disciplina

sobre como aconselhar outros.[2] Uma afirmação daquelas nunca teria saído da minha boca por medo de que minha aparente autoconfiança fosse quebrada. "Cara, sei exatamente o que você está dizendo", Lucas replicou. "Eu fazia sempre isso quando cheguei aqui." Era exatamente o que eu precisava ouvir.

Durante uma hora e meia, Lucas e eu conversamos sobre o nosso passado, presente e futuro. Conversamos sobre a razão de estarmos no seminário e o que esperávamos realizar ao sair. Mais especificamente, falamos sobre a minha luta pessoal — uma luta que ele também partilhava. Nós dois tínhamos vindo de grupos em que éramos "cabeções" acadêmicos e teológicos. Nossos amigos muitas vezes nos buscavam para ouvir conselhos bíblicos. Ambos sentíamos que tínhamos sido os maiores peixes nas nossas respectivas lagoas. Mas chegando no seminário, fôramos lançados no mar com tubarões mentais que nos faziam pequenos. Enquanto eu permanecia preso em um buraco de egocentrismo, Lucas tinha conseguido se libertar.

"Você está servindo a um senhor cruel", Lucas me disse. "Por que, ao invés disso, não começa a servir o nosso Deus misericordioso?" Conversamos sobre várias coisas naquela tarde, mas nunca me esquecerei daquele comentário. Eu *estou* servindo um senhor cruel. Mas não é Deus quem me governa nesse caso. É o meu próprio orgulho e egocentrismo que exigem a perfeição. É por isso que estou sempre tão preocupado e aflito – vivendo a todo instante sob a lei — esperando que o desempenho e a perfeição sejam medidas absolutas.

2. A cruz e o fruto: um coração transformado

Eu não enxergava como o evangelho (a cruz) me resgatara das exigências tanto da lei de Deus quanto da minha busca auto-imposta de perfeccionismo. Eu tinha me esquecido durante todos aqueles anos de que "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres". Eu estava esquecendo de viver meus dias em gratidão pelo histórico perfeito que já me foi dado aos olhos de Deus: eu sou tão justo quanto Cristo e não preciso me sobrecarregar com a exigência perfeita da lei. Voltei a lembrar as verdades básicas.

Minha conversa com Lucas foi tremendamente edificante. Entretanto, seu efeito não teria perdurado se Lucas não tivesse acrescentado mais uma coisa: "Acho que devo orar por você agora". Ele não disse que "lembraria de mim em suas orações", como muitos já me disseram ao longo dos anos. Esse tipo de comentário geralmente causa pouco impacto em mim. Lucas não só queria orar por mim naquele exato momento, mas ele queria orar por meu pecado específico, fazendo uma sugestão totalmente inusitada para mim e diante da qual, a princípio, eu me acovardei.

Demorei até o mês seguinte para contar a Lucas que, na verdade, eu não queria orar com ele naquele dia. Orar com ele significava admitir que o meu problema merecia uma ação imediata e eu precisava de Jesus Cristo — de verdade, ali, naquele momento. Parte do meu problema sempre fora o fato de negar isso. É claro que eu sabia que tinha um problema com o perfeccionismo, mas eu achava que

[2] "Dinâmica Bíblica de Mudança", uma disciplina oferecida no Seminário Teológico Westminster.

conseguiria resolvê-lo por mim mesmo, analisando-o e fazendo algo a respeito mais tarde. Porém, fazer algo imediatamente significava que não dava para protelar. Ironicamente, o meu desejo de minimizar o pecado me fez responder a Lucas despreocupadamente: "Está bem, claro". Se eu rejeitasse a oração, traria mais atenção à severidade do problema.

3. A árvore frutífera: um coração transformado

Aquele tempo de oração foi diferente de qualquer outro que eu já tivera. Assentamo-nos ao lado um do outro e ele derramou seus pedidos ao Senhor por mim e meus problemas específicos naquele momento. Até então, meu orgulho sempre me impedira de fazer isso ao lado de alguém. E não parou por ali. Quando ele terminou, eu orei por ele. Eu não só parei de me preocupar com meu desempenho, mas também consegui orar por outra pessoa!

O Senhor começou a remover o meu orgulho e as ambições egoístas, minha busca de perfeição e a preocupação comigo mesmo. Eu fui realmente capaz, mesmo que apenas por um momento, de "olhar não somente para o que era meu, mas também para o que era dos outros". Olhando para trás, creio que fui capaz de fazer isso apenas à luz da verdade do Evangelho. Fui capaz de ver claramente, com a ajuda de Lucas, a tolice e a dureza das minhas exigências pessoais, comparadas à suavidade do jugo de Cristo. E finalmente comecei a me libertar da escravidão ao meu pecado, a ponto de ajudar outra pessoa.

Desde aquele dia, concentro-me em três coisas. Primeiro, a afirmação de Lucas: "Você está servindo a um senhor cruel". Nas horas de tentação, essa tem sido a afirmação que Deus usa para me ajudar a perceber novamente que eu dificulto a minha vida ao insistir em ser perfeito, e assim entendo que vivo como um espinheiro no deserto.

Segundo, as Escrituras lembram-me não só que devo aproveitar ao máximo cada dia, mas também por que devo fazer isso: Deus me ama.

- Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como Cristo também vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave. (Ef 5.1-2)
- Portanto, vede diligentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, usando bem cada oportunidade, porquanto os dias são maus. Por isso, não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor. (Ef 5.15-17)

Devo ser um imitador de Deus, tomando decisões sábias, fazendo bom uso do meu tempo e entendendo qual é a vontade de Deus — não porque as pessoas esperam isso, mas porque Cristo me amou e se entregou por mim. O Senhor da cruz é o meu Salvador. Agora.

A terceira coisa em que penso é um diálogo do livro *A Sociedade do Anel*. Frente a uma dificuldade esmagadora e uma profunda sensação de inadequação, Frodo diz a Gandalf: "Gostaria que isso não tivesse acontecido na minha época". Gandalf responde: "Eu também, como todos os que vivem nestes tempos. Mas a decisão não é nossa. Tudo o que temos que decidir é o que fazer com as circunstâncias que nos são dadas". Pode ser que eu não goste das minhas circunstâncias, mas preciso fazer o melhor com elas para a glória de Deus. Devo

frutificar no tempo e lugar em que Deus me colocou.

Incidente nº 2

1. O calor e os espinhos

O fato de eu ter aprendido essas três coisas não significa que minha vida ficou perfeita daquele momento em diante! Ajudou-me, no entanto, a ficar mais ciente de outras lutas que enfrento.

Fui à festa surpresa de aniversário de meu melhor amigo. Parte da surpresa era um jogo de futebol americano que a esposa dele tinha organizado. Enquanto me dirigia para o campo, meus antigos temores começaram a aflorar. Pensei comigo mesmo: *Eles vão pedir para eu jogar como zagueiro*[3]*, e eu não jogo futebol americano desde que vim ao seminário. Provavelmente jogarei muito mal e eles perderão o respeito por mim e minhas habilidades atléticas.* Nos anos anteriores, é provável que eu tivesse evitado a situação simplesmente deixando de comparecer ou escolhendo jogar em outra posição que fosse mais segura e menos evidente do que a de zagueiro. Mas eu sairia do jogo irado comigo mesmo por não me esforçar ao máximo e permitir que meus velhos medos me dominassem. A situação era perfeita para desencadear os antigos comportamentos.

2. A cruz e o fruto: um coração transformado

Dessa vez foi diferente.

O que eu estou pensando? Tudo o que tenho a decidir é o que fazer com o tempo que me foi dado. Cristo me cobriu com Sua santidade e aos olhos de Deus tenho a justiça de Cristo! Se eu deixar de jogar por causa dos meus medos, terei sucumbido novamente às exigências de um senhor cruel — o orgulho!

Naquele dia, joguei como zagueiro e dei o melhor de mim. Joguei mal. Um passe que era para mim foi interceptado. Perdemos. Mas, ainda assim, sentia-me muito bem!

Aprendi a identificar por que eu costumava sucumbir ao medo na hora de um desafio. Descobri a raiz de boa parte do meu medo e percebi como o meu coração egoísta e orgulhoso produzia um medo paralisante. Cristo, pela da Sua graça salvadora, obteve vitória sobre o medo que escraviza e eu não preciso nunca mais voltar a temer. Agora procuro ver cada momento da vida como um bem que Deus me deu. Se Deus me abençoou com mais um dia aqui na terra, como ouso desperdiçá-lo com um medo tão desnecessário quando Cristo mostrou tanto amor por mim?

[3] NdT: No futebol americano, o zagueiro é o principal jogador do time ofensivo, sendo responsável pelo planejamento e a armação do ataque.

Por que perguntar "por quê"?

Quatro tipos de causas no aconselhamento

Edward T. Welch[1]

Por muito tempo, o aconselhamento bíblico alimentou um preconceito contra as perguntas do tipo "por quê".[2] Tradicionalmente, essas perguntas têm sido vistas como tendo pouca ou nenhuma autoridade bíblica e portas para dar oportunidade à transferência de culpa. No entanto, elas não deveriam ser descartadas tão rapidamente. Elas têm mais base bíblica do que lhes é atribuída. Uma abordagem bíblica mais extensiva do emprego dessas perguntas pode, na verdade, criar oportunidades para uma apologética bíblica.

O ponto apropriado para começar a discutir as perguntas "por quê" é algum tipo de definição da resposta desejada, visto que precisamos ter uma idéia do que estamos investigando. Pergunte a um grupo de pessoas "Por que aquele menino bateu em sua irmã?" e você receberá uma série de respostas as mais diferentes. Os biólogos podem dizer: "Moléculas e hormônios"; os psicólogos, por outro lado, podem dizer: "Experiências do passado" ou "A luta pelo poder e domínio"; um pai diz: "Sua irmã pegou o brinquedo favorito dele"; alguns cristãos dizem: "Pecado". No entanto, o conselheiro bíblico perspicaz, que conhece algumas técnicas de aconselhamento, diz: "O que você quer dizer com isso?" E, de fato, essa é a melhor resposta.

O dilema constante na busca por causas (isto é, as respostas aos "porquês") é que cada um está à procura de diferentes coisas em diferentes lugares. Não há uma definição clara e consensual da palavra "causa". Uma boa definição, contudo, está disponível há anos. Aristóteles, em seu tratado *Physics (Física)*, faz uma

[1]Tradução e adaptação de *Why Ask, "Why?" Four types of causes in counseling*.
Publicado em *The Journal of Pastoral Practice*. v. X, n. 3, 1991, p. 40-47.
Edward Welch é diretor da área de aconselhamento da Christian Counseling and Educational Foundation.

[2] Na verdade, os conselheiros bíblicos estão interessados no "porquê" do comportamento. Somente na coleta direta de dados, no intuito de evitar a especulação, é que há um cuidado em perguntar ao aconselhado "Por que?".

distinção entre quatro diferentes tipos de causas (*aitia*): a causa material, a eficiente, a formal e a final. Estas distinções são úteis, pois o uso normal da palavra costuma ser muito amplo e vago, impossibilitando uma discussão clara. Aristóteles, com suas distinções há muito reconhecidas, fornece-nos delimitações distintas, que têm implicações úteis no aconselhamento.

Para muitos conselheiros bíblicos, essa abordagem pode ter uma aparência de pouco sábia. Afinal de contas, pode dar a entender que estou usando categorias seculares em lugar de bíblicas. Preciso, então, dar uma breve explicação. De uma perspectiva bíblica, pensar em categorias seculares não é o primeiro passo a dar. É apenas um dos passos na busca de ser mais específico. Assim como a maioria das pessoas usa um dicionário, eu estou usando Aristóteles porque ele oferece um delineamento mais preciso de determinada palavra, o que nos permite sermos mais concisos no uso de categorias bíblicas análogas. Essas definições limitam o campo de interesse. Além disso, de uma perspectiva apologética, o uso das causas aristotélicas pode ser bastante eficaz. Visto que essas causas são bem conhecidas, a fluência em seu uso pode criar oportunidades para uma interação potencialmente cativante e persuasiva com as perspectivas seculares.

As causas são os ingredientes que dão forma a um evento. Entenda a(s) causa(s) e você entenderá o evento; modifique a(s) causa(s) e o evento final terá um formato diferente.

A **causa material** é a substância da qual alguma coisa é feita; são os componentes físicos, tangíveis, de um objeto ou evento. Por exemplo, a causa material de uma escrivaninha é a madeira e as ferragens que foram usadas em sua fabricação. Esta é uma maneira legítima de falar em causa. O que causou a escrivaninha? As árvores, as madeiras serradas, os minérios. Se tudo isso não existisse, não haveria escrivaninha.

Passando ao contexto do aconselhamento, considere a seguinte pergunta: "Qual a causa da minha ira?" Se focarmos na causa material, a resposta correta poderia ser "meu cérebro", "desequilíbrios químicos", "genes ruins", "meus hormônios". É preciso admitir que esse tipo de causa não é muito respeitado em alguns círculos, mas é uma resposta apropriada. Mais do que isso, é uma resposta bíblica. Cada um de nós foi criado como uma unidade: corpo e espírito. O espírito ou coração de uma pessoa precisa de um corpo físico para se expressar. Não haveria resposta irada sem a instrumentação do corpo (na verdade, não haveria sequer uma resposta!). Toda resposta irada está acompanhada de mudanças físicas.

Há situações em que a causa material não apenas é uma maneira de compreender o comportamento, mas, provavelmente, a melhor interpretação. Por exemplo, considere o caso de um homem idoso, com a doença de Alzheimer. Digamos que ele esteja ficando inusitadamente zangado com seus filhos e netos. A pergunta é: "Qual a causa de sua ira?" É muito provável que o homem esteja agressivo porque seu mundo está confuso demais para ele. A família poderá forçá-lo a tomar banho, mas como ele está muito perturbado com o chuveiro e acha que o teto está com um sério vazamento e em risco de desabar, ele foge do banheiro. Quando ele é forçado a voltar, ele se torna violento e se recusa a tomar banho. Quando o trancam dentro de casa, pois

ele freqüentemente sai sozinho a perambular pelas principais avenidas, ele acredita que está sendo mantido prisioneiro e que há uma conspiração contra ele. Por que esse homem está irado? Por que ele reage desse jeito? Eu sugeriria que a melhor explicação é o seu cérebro, a substância material que está se definhando. Seu cérebro já não processa as informações como antes. Agora ele está sobrecarregado de mensagens confusas. Um mundo fragmentado certamente não nos dá permissão para pecar; as fraquezas físicas não nos obrigam a pecar. Contudo, a capacidade reduzida do cérebro desse homem tem, claramente, uma parte de culpa em suas reações. Os familiares e conselheiros devem estar cientes dessa causa se desejam compreender biblicamente tanto ele como outras pessoas.

A causa material, no entanto, não deve ser estendida inadequadamente. Dizer que ela pode ser ocasionalmente uma forma útil de se compreender o comportamento não equivale a dizer que ela é o único meio de compreensão. Reivindicar exclusividade para a causa material é uma forma de idolatria da atualidade — um "reducionismo idólatra", como diz Vern Poythress em seu livro *Philosophy, Science and the Sovereignty of God* (*Filosofia, Ciência e a Soberania de Deus*).[3] Essa é a heresia do chamado modelo médico. Essencialmente, ele pressupõe que todos os comportamentos são reduzidos à esfera material. Portanto, a ira é exclusiva ou predominantemente um resultado de anormalidades fisiológicas e anatômicas. As Escrituras, entretanto, discordam. Elas indicam tanto que a raiz da ira está no coração, como também que os problemas físicos não têm uma ação irresistível de obrigar alguém à ira pecaminosa. O problema do modelo médico é ignorar o fato de que somos essencialmente seres morais diante de Deus, além de não reconhecer a extensão e multiplicidade das perspectivas contidas nas Escrituras.

Um segundo tipo de causa é a **causa eficiente**, que consiste de eventos que precedem o "fato a ser explicado", mas sem os quais ele não existiria. Por exemplo, a causa eficiente de uma cadeira é a atividade de um marceneiro, cortando, lixando e unindo partes. Sem o trabalho prévio do marceneiro, a cadeira não existiria.

Do ponto de vista do aconselhamento, considere novamente a pergunta: "Por que você está irado?". As causas eficientes são ações ou circunstâncias que precederam a ira. São precursores necessários, pois, sem os mesmos, a ira não teria aparecido. As causas eficientes podem incluir "a maneira de me tratarem quando criança", "a cortada que um péssimo motorista me deu em meio ao trânsito" ou mesmo "meu cônjuge". Esse tipo de explicação pode parecer um tanto fraca, mas a causa eficiente é mais uma das perspectivas bíblicas legítimas. As Escrituras indicam claramente que outras pessoas ou acontecimentos nos afetam; nossa história pessoal faz diferença. A Bíblia fornece uma rica teologia da vitimização, ou seja, do sofrimento imposto a mim pelo pecado dos outros. Os adúlteros podem seduzir, os pecadores podem tentar, algumas pessoas podem suscitar contendas entre os irmãos, os pais podem provocar seus filhos à ira, as palavras duras podem provocar a ira, um

[3] POYTHRESS, Vern. *Philosophy, Science and the Sovereignty of God.* 2nd ed. Phillipsburg: P & R Publishing, 2004.

irmão pode ser pedra de tropeço para outro, os falsos mestres podem conduzir seus seguidores ao pecado. Todas estas são causas importantes que não devem ser negligenciadas pelos conselheiros. Por exemplo, se uma esposa tende a responder com ira à preguiça do seu marido, o conselheiro deve lidar com as reações pecaminosas manifestadas pela esposa, bem como levar em conta os alertas de causa eficiente. Sem dúvida, a esposa irada precisa lidar biblicamente com suas reações; ela deve reconhecer que a ira brota do coração, que o marido não tem controle sobre as reações dela e, portanto, não pode levá-la irresistivelmente a pecar. Mas, com certeza, esse não é o ponto final do aconselhamento. É possível que em um passado mais distante haja causas eficientes relevantes ao seu pecado atual. Talvez a esposa tenha vivido sua infância em um lar dominado exclusivamente pela ética do trabalho e, na atualidade, o trabalho (satisfatório aos seus olhos) seja a lei pela qual todas as pessoas são julgadas. Munida dessa compreensão da causa eficiente, a esposa está mais preparada para confrontar seu legalismo e capacitada a se arrepender de seu desejo habitual de julgar. Ela tem oportunidade de lidar biblicamente não só com a situação específica, mas também com padrões similares que se manifestam em outros relacionamentos.

Pode existir também uma causa eficiente mais recente – seu marido. Talvez ele seja realmente preguiçoso. Nesse caso, ele precisa reconhecer que o pecado dele tem repercussões no lar e ele, igualmente, precisa de arrependimento. Todavia, mesmo que o marido não se disponha a participar do aconselhamento, a esposa ainda pode se beneficiar do entendimento das causas eficientes. Primeiro, ela pode identificar os gatilhos que disparam as ocasiões para pecar ou a deixam mais suscetível a pecar. Estar consciente disso pode encorajá-la a se preparar melhor para enfrentar situações semelhantes no futuro. Se o seu marido é de fato um indolente, ela está sofrendo pelo pecado dele e precisa saber que Deus age a favor daqueles que são injustiçados. Ela pode olhar para Cristo como exemplo e consolo; pela fé, ela pode conhecer mais profundamente Aquele que foi ferido, mas continuou a amar.

As causas eficientes costumam ser negligenciadas porque, quando isoladas do contexto bíblico maior, elas dão uma impressão secular de transferência de culpa. Elas também são as mais populares na psicologia secular. Por exemplo, diante da pergunta "Por que as pessoas agem como agem?, a psicologia secular responde, geralmente, apontando para "experiências da infância", "ordem de nascimento", "reforço positivo" — todas causas eficientes do comportamento. Os conselheiros bíblicos, no intuito de evitar uma identificação com o secular, procuram normalmente evitar qualquer conotação secular. No entanto, assim como a causa material, a causa eficiente também é uma perspectiva legítima e útil, mas somente quando não diminui a responsabilidade pessoal pelo pecado. Quando vista como a única forma de explicar um comportamento, ela não é bíblica.

Um terceiro tipo de causa é a **causa formal**, que consiste no projeto ou estrutura do objeto ou evento. Por exemplo, a causa formal de uma cadeira é o desenho predeterminado, o plano ou o projeto. No aconselhamento, a pergunta "Por que você está irado?" pode ser

respondida formalmente com "Eu sou apenas humano", "É minha natureza pecaminosa", "É meu tipo de personalidade" ou "Deus me fez assim". Novamente, essa é uma forma legítima de se falar em causa. Todos nós fomos criados segundo um projeto determinado, que estabelece os parâmetros do nosso comportamento. Portanto, há momentos em que podemos dizer "Sou apenas humano" ou "Eu sou simplesmente assim" como um meio de apontar para as nossas limitações como criaturas. Dizer que "É minha natureza pecaminosa", embora seja uma resposta usada com freqüência para escapar à responsabilidade, também é uma maneira apropriada de compreender muitos problemas da vida. Mais uma vez, a ênfase na causa formal não é a única maneira de compreender o comportamento, tampouco pode de alguma forma diminuir a culpa pelo pecado.

Aristóteles, com muita perspicácia, reconheceu um outro tipo de causa para a conduta humana: a **causa final**. É aqui que os conselheiros bíblicos começam a "se sentir em casa". A causa final tem a ver com propósitos e motivações, ela diz respeito ao coração. É a única causa que determina a responsabilidade, pois todas as demais causas – a material, a eficiente e a formal — são incapazes de enxergar qualquer culpabilidade; elas são moralmente cegas. Embora elas ajudem a considerar um evento, elas não detectam as causas espirituais subjacentes nem chegam ao âmago do problema. Portanto, mudar ou remediar essas causas raramente leva à retidão. Um cônjuge transformado ou uma medicação poderosa não mudam a condição do coração de uma pessoa diante de Deus. A mudança verdadeira ocorre pela adoção de um novo propósito que consiste em arrependimento, fé e obediência a Deus.

Dando continuidade à ilustração anterior, a cadeira tinha um propósito ou, mais precisamente, o marceneiro tinha um propósito para fazê-la: prover um assento confiável (além de ganhar algum dinheiro). Esta é a verdadeira razão para a existência da cadeira. No caso da ira, a causa final pode ser articulada de diferentes maneiras, mas todas acabam sendo descrições do pecado. Por exemplo, uma resposta de causa final poderia ser: "Eu não consegui o que queria" ou "Eu não queria ninguém acima de mim, dizendo-me o que fazer – nem meus pais, nem os professores, nem o próprio Deus". Somos pessoas com propósito, que brota do nosso coração. Caminhamos em determinada direção, movendo-nos constantemente para um alvo. Quer esse alvo seja ou não consciente, ele dirige nosso comportamento. Em última instância, nosso alvo é viver para exaltarmos a nós mesmos ou para a glória de Deus.

Considere outro exemplo: um casal está enfrentando conflitos contínuos em seu relacionamento. Por quê? Talvez ambos estejam cansados por falta contínua de sono ou a esposa tenha TPM (causa material); eles podem estar espelhando os relacionamentos de seus pais (causa eficiente). Seguindo um rumo mais teológico, o problema é resultado da natureza pecaminosa de ambos (causa formal). Embora essas causas sejam úteis e válidas, elas não se dirigem à responsabilidade moral e oferecem, portanto, pouca esperança de mudança. Pela perspectiva da causa final, o casal tem um alvo que está, sucintamente, expresso em Tiago 4.1: "De onde vêm as guerras e contendas que há entre vocês?

Não vêm das paixões que guerreiam dentro de vocês?" (NVI).

O casal pode ter como alvo o poder pessoal e a autogratificação em lugar do amor. Seja qual for a explicação, a causa final é que eles exaltam a si mesmos em lugar de glorificar a Deus. As outras perspectivas devem fazer parte do aconselhamento. Uma mudança duradoura, porém, só acontecerá quando o coração (com seus alvos e intenções) for chamado ao arrependimento.

Não deve nos surpreender que a psicologia encontre uma dificuldade especial no conceito de causa final. De um lado, ela quer manter alguma forma de responsabilidade pessoal (caso contrário, qualquer terapia além do behaviorismo seria inútil). Ao mesmo tempo, ela deseja ser uma ciência empírica, que deixa pouco espaço para conversas sobre alvos e propósitos, uma ciência que anseia por evidências concretas de causa. A resposta da psicologia a este dilema tem sido focalizar, quase que exclusivamente, a causa eficiente e deixar a causa final para os 'não-cientistas' tais como filósofos e teóricos da personalidade.

A falta de perspectiva da psicologia nessa área traz, de alguma forma, refrigério para os cristãos. Somos lembrados de que nenhum sistema consegue explicar o homem de maneira tão compreensiva quanto as Escrituras. O modelo médico colhe parte da verdade quando afirma que o homem possui um aspecto físico, mas conclui erroneamente que todo comportamento é reduzido à causa material. A psicologia secular colhe partes da verdade, sujeitas à distorção, e tende a reduzir o comportamento à causa eficiente. A visão bíblica, no entanto, possui uma extensão apropriada e traça uma estrutura que permite investigar todas as quatro causas sem que nenhuma perspectiva domine a ponto de minimizar a responsabilidade pessoal (causa final).

Implicações para o aconselhamento

Além de aumentar nossa confiança no raio de extensão das Escrituras, o entendimento dessas causas pode afetar a prática do aconselhamento pelo menos em mais um aspecto. Como supervisor de outros conselheiros, tenho observado que alguns conselheiros em treinamento são rápidos em corrigir o vocabulário que cairia nas categorias de causa material, eficiente ou formal. Para esses conselheiros, as palavras que lembram uma responsabilidade compartilhada ou insinuam uma irresponsabilidade são estritamente proibidas. Sua abordagem não está necessariamente sempre errada. Mas, freqüentemente, ela atrapalha o processo de aconselhamento. Os aconselhados passam a relutar mais para expor suas perspectivas, o aconselhamento pode parecer um inimigo e todo o quadro dos problemas do aconselhado, bem como os assuntos importantes a serem tratados, podem ser ignorados e escorregar por entre os dedos pelo desejo do conselheiro de manter a precisão bíblica.

Quando os conselheiros reconhecerem a legitimidade bíblica dessas quatro perspectivas, ganham a oportunidade tanto de ouvi-las em seu todo como de decidir qual delas tem prioridade na ministração bíblica. Por exemplo, considere o caso de uma mulher que tem propensão à alteração de humor sem motivo aparente e, com freqüência, é tomada repentinamente por depressão. Consultando um psiquiatra, ela aprende que sofre de uma "doença", embora não haja nenhum problema físico constatável. Portanto, quando ela procura aconselhamento, não é devido à depressão

(que, em seu raciocínio, é um problema de competência do psiquiatra), mas por problemas no casamento.

Durante o aconselhamento, se essa mulher tiver a convicção de que a maioria dos seus problemas se deve a uma doença, o que você pode dizer? Você acharia, imediatamente, que ela está dando desculpas para o pecado? Você a lembraria de suas responsabilidades morais? Você explicaria que não existe uma "doença mental" (no sentido em que ela está usando esse termo)? Talvez esses sejam ótimos procedimentos, mas o que dizer se você encontrar uma forte resistência pelo fato da aconselhada ter comprado a cosmovisão da psiquiatria? A fim de evitar uma batalha em questões secundárias, uma outra abordagem seria admitir que ela possa ter um desequilíbrio químico (causa material). Afinal, as Escrituras deixam claro que nosso corpo está sujeito a se deteriorar, e a depressão pode fazer parte desse processo. Além disso, você poderia procurar as causas eficientes para a depressão — ela foi negligenciada pelo marido ou vitimizada por fofocas? Se existem causas eficientes que precisam ser tratadas, você pode prosseguir oferecendo à aconselhada a perspectiva de Deus sobre o pecado praticado contra ela e as instruções sobre como perdoar. Ademais, se o marido pecou contra ela, você pode também aconselhá-lo. Você poderia ser levado a pensar que as causas eficientes e materiais são ótimas explicações para a depressão da sua aconselhada. Se você tratou esses itens, você ministrou bem até aqui; no entanto, você também deve tratar as causas finais.

Após ouvir e entender a perspectiva resistente da aconselhada acerca das outras causas, é o momento de prosseguir indagando sobre o seu coração: "As coisas que você me contou são certamente experiências difíceis. Diga-me, como você lida com elas pela fé? Como você olha para Cristo em suas fraquezas?". Estas perguntas introduzem a causa final, aquela que ganha maior ênfase bíblica entre as quatro. As outras ainda são importantes, pois são fatores reais de impacto na vida da aconselhada, mas agora é hora de destacar o relacionamento dela com Cristo e suas implicações na vida prática. Essa é a causa que, quando tratada biblicamente, pode levar à maior mudança. Não há muito que a aconselhada possa fazer sobre as causas materiais e as causas eficientes, mas ela pode mudar aquilo que brota dos propósitos do seu coração.

Algumas perguntas distintamente diretas nessa categoria são: "Qual é o propósito da sua depressão?", "Como a depressão preenche as necessidades e objetivos do seu coração?", "O que você ganha com a depressão?" e "Como a depressão lhe dá significado à parte do seu relacionamento com Jesus pela fé?" Certamente, não são perguntas para se fazer com descuido, visto que elas consideram seriamente o coração em sua capacidade de iniciativa, orientação e propósito.

Os conselheiros bíblicos sempre se concentram nas causas finais. Em outras palavras, nossa preocupação fundamental está nas questões do coração e no relacionamento do aconselhado com Jesus Cristo. Porém, há muitos fatores que causam impacto sobre o coração: a conformação biológica, nossa história e nossas limitações originadas em Adão. Encontramos nas Escrituras os recursos para lidar com todas essas questões.

Como observação final, lembramos que Aristóteles identificou uma outra causa que se expressava como uma categoria

híbrida. Ele costumava chamá-la de **causa incidental** e a reservava para o desconhecido, o misterioso. Aristóteles não conseguia ser mais específico, mas as Escrituras podem ajudá-lo nesse aspecto. Biblicamente, há, pelo menos, uma outra categoria de causa que é bem conhecida e claramente definida. Na verdade, esta causa, ignorada por muitos, é a mais tocante: o Deus soberano sustenta e dirige as pessoas e as nações para o propósito de Sua glória. "Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina." (Pv 21.1) O próprio Deus é a verdadeira causa final.

"Não agüento mais você!"

Aprendendo a ser afável quando as pessoas são desagradáveis

William P. Smith[1]

Fiquei parado no meio da sala de estar, de pijama e com os punhos cerrados, enquanto o caos tomava conta da minha casa sem encontrar qualquer resistência. O que leva as crianças a conspirarem uma interrupção no sono dos pais quase que de hora em hora na mesma noite? Encarei as primeiras interrupções noturnas com certa amabilidade, mas a graça que mostrei às duas da madrugada desapareceu totalmente às seis da manhã. Acordei de mau humor e sabia que havia uma boa dose de hostilidade lá no fundo do meu coração. Para completar, as crianças acordaram cedo fazendo tanto barulho quanto podiam, tornando impossível a simples idéia de voltar a dormir. Tudo o que eu queria era dar-lhes uma bronca e deixá-las de castigo quietas, em cantos distantes uma da outra. Eu estava bravo o suficiente para fazer cabeças rolarem e ter um ataque de fúria. Escolha sua expressão favorita para ilustrar a idéia de perder o controle e tenha certeza de que eu me encaixaria perfeitamente nela.

Aprendi com o passar dos anos que quando estou *tão* perturbado assim, há algo perigosamente errado *comigo* independentemente da situação em que eu me encontre. Os problemas em mim são maiores do que os problemas ao meu redor. Portanto, antes mesmo de começar a considerar como lidar com os outros, tenho que lidar primeiro com as minhas deficiências. Também aprendi que preciso ser honesto com o que penso a meu respeito e não me enganar considerando-me melhor do que realmente sou. Então, antes de soltar os cachorros, parei no meio da sala e orei silenciosamente: "Pai, sei que meu maior problema agora sou eu mesmo, e não as crianças... embora eu não queira acreditar nisso. O que penso

[1] Tradução e adaptação de *"I´ve Had it with You!" Learning to Be Tender when People Are Tough*.
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.22, n.1, Fall 2003, p. 31-39.
William P. Smith é conselheiro na Christian Counseling and Educational Foundation e professor no Westminster Theological Seminary em Glenside, Pensilvânia.

de verdade é que se essas crianças tomassem jeito e se comportassem, tudo ficaria bem. Por favor, me ajude".

Naquele momento, Deus respondeu às minhas orações. Comecei a recordar-me do tempo em que Deus falou a Moisés no Monte Sinai, em Êxodo 32 – de fato, o Espírito traz as verdades bíblicas às nossas mentes. Moisés permaneceu no monte com Deus por quarenta dias. Os israelitas, ansiosos ao pé da montanha, insistiram com Arão, o sumo sacerdote, para que ele fizesse deuses que os conduzissem. Considerando que Deus havia acabado de dizer a Moisés para não fazer ídolos, eles não poderiam ter pedido coisa pior. Arão, entretanto, cedeu ao pedido do povo. Antes de Moisés subir para se encontrar com Deus, os israelitas haviam concordado plenamente com a aliança feita com Deus dizendo: "Tudo o que o Senhor falou, faremos". Também haviam celebrado a aliança. Os anciãos comeram e beberam na presença de Deus![2] Mas apenas quarenta dias mais tarde o povo preparou outra festa de celebração – dessa vez com seu novo ídolo. Essa segunda celebração violou a primeira, que fora aprovada por Deus. Quando Deus viu o que o povo havia feito, Ele reagiu dizendo a Moisés (com uma ligeira paráfrase): "Saia de perto porque vou eliminar esse povo!".

Essa era a imagem que eu tinha em mente – 3500 anos mais tarde – enquanto lutava com minha ira pecaminosa por ter sido acordado repetidamente durante a noite. Mas houve uma grande diferença entre a minha resposta e a de Moisés. Ele intercedeu imediatamente pelo povo. Eu, no entanto, teria vibrado com dizer: "Isso mesmo, Senhor! Vamos acabar com eles e começar de novo!".

Aquele contraste fez-me estremecer. Uma convicção divina sobre o que eu deveria fazer tomou conta de mim. A raiva que eu sentia pelos meus filhos começou a se dissipar assim que me dei conta das minhas próprias falhas. Percebi com terrível clareza que não tenho paciência para lidar com pessoas. Quando outros estão em apuros, preocupo-me mais com a idéia de como seus problemas me afetam do que com a situação difícil em que eles se encontram. Preocupo-me com aquilo que é melhor para suas vidas somente quando a minha vida não é muito afetada. Sejamos sinceros: se meu amor e paciência duram menos que oito horas por causa de algo tão pequeno como crianças barulhentas e um sono interrompido, então como serei capaz de me preocupar e ir ao encontro de alguém que peque contra mim durante oito semanas? Oito meses? Oito anos? Tenho um chamado para me envolver com a vida de outros e ajudá-los – ministrar às pessoas mesmo quando elas me irritam e pecam contra mim.

Ministrar — ou seja, ajudar pessoas a se reconciliarem com Deus — requer que eu fique consternado diante da situação de perigo em que alguém se colocou, mesmo se essa pessoa estiver fazendo algo de que não gosto. A resposta de Moisés foi diferente da minha porque ele já havia aprendido aquilo que eu ainda estou lutando para aprender. Ele sabia que se os israelitas estavam dispostos a voltar as costas para Deus e adorar um ídolo de ouro, então o problema maior não era como eles o agrediam pessoalmente, mas como eles agrediam a Deus. Moisés sabia que o comportamento dos israelitas requeria que alguém intercedesse por eles perante Deus,

[2] Êxodo 24.1-11

caso contrário eles seriam destruídos. Alguém precisava intervir a seu favor e socorrê-los. E essa é a necessidade crucial dos pecadores, e também das pessoas tristes e confusas que encontramos diariamente. Isso significa que aprender a ministrar aos pecadores, quando na verdade seu maior desejo é fugir deles, é uma habilidade crucial na vida, tanto para você quanto para mim.

Um povo difícil e obstinado

A reação de Moisés perante o povo de Deus foi maravilhosa. Seu ministério a favor deles foi uma resposta nada natural. Olhemos novamente para perceber o quanto Moisés esticou os limites. Eu lidei apenas com pequenas irritações, mas Moisés lidou com a rebeldia — e rebeldia com um histórico longo. Os israelitas contavam com a melhor situação possível, mas a desperdiçaram. Deus provou o quanto Ele os amava ao devastar o Egito para libertar Seu povo. Ele se importava com os israelitas – apesar de não passarem de um bando de escravos maltrapilhos e desmoralizados. Ele manteve a promessa feita aos patriarcas de que os israelitas seriam o povo escolhido. Depois de resgatá-los, Deus manteve-se empenhado em se relacionar com eles e sustentou o compromisso por mais de quatrocentos anos! Mas os israelitas não foram capazes de manter seu compromisso por quarenta dias.

Aos pés do Sinai, os israelitas demonstraram um compromisso centrado em seus próprios prazeres e temores. Tratava-se de um povo teimoso e obstinado, chamado por Deus de "povo de dura cerviz". Moisés declarou que eles haviam sido rebeldes contra Deus desde o primeiro dia em que os conheceu[3]. Era uma acusação forte, porém correta. De várias maneiras, os israelitas demonstraram desprezo por Moisés como libertador escolhido por Deus e, conseqüentemente, desprezo por Deus. Tão logo Deus os libertou do Egito, eles O acusaram imediatamente de tentar matá-los no Mar Vermelho. Mais tarde, cantaram o mesmo refrão quando se queixaram de que Deus tentava matá-los de fome e temeram morrer de sede no deserto. Eram pessoas desagradáveis, enfadonhas, que não se davam conta rapidamente dos fatos, ou melhor, pareciam nunca compreendê-los. Se alguma mudança estivesse acontecendo no meio daquele povo, seria necessário um micrômetro para medi-la! O povo escolhido de Deus não agia de modo digno daquele que o elegera. Era um povo inexplicavelmente infiel, um bando de cabeças duras. Ministrar a eles deve ter sido uma frustração quase insuportável.

Somos como os israelitas!

Antes de nos aventurarmos a menosprezar os israelitas, temos que reconhecer que eles não são muito diferentes do restante de nós. Sei que eles não são tão diferentes de mim. A maioria das pessoas que você conhece não é assim também? Algumas são mais agressivas na maneira de pecar contra nós. Outras são mais passivas. Mas mudanças – verdadeiras e duradouras – costumam ser demoradas para todos. Mesmo quando começamos a mudar, somos inconstantes. Aprende-se a paciência ao longo de décadas. Pode levar anos para que o processo de falar a verdade encerre as pequenas omissões e as verdades

[3] Deuteronômio 9.13; Êxodo 33.5; Deuteronômio 9.24

levemente distorcidas, assim como as mentiras declaradas.

Quando olhamos para nós mesmos, é mais fácil reconhecer ao fato de que a mudança ocorre ao longo do tempo. Por que eu sou tão pronto a desconsiderar a minha atitude defensiva? Com certeza, sei que ela acaba com o diálogo e complica o relacionamento com minha família e amigos. Mas o fato de que luto tão pouco contra minha atitude defensiva, e só me preocupo com ela esporadicamente, é uma evidência clara de que não levo esse problema a sério – até me esqueço de que se trata de um problema! Duvido que as pessoas que me cercam compartilhem da idéia de não levar esse problema a sério. Em outras palavras, elas sabem que minha recusa de lutar contra minha atitude defensiva torna a nossa convivência muito mais difícil. Acrescento uma frustração a mais para meus amigos e familiares acumulando estresse pelo fato de me importar tão pouco em mudar para o benefício deles. Eles não apenas têm que lidar com a minha atitude defensiva, que já é ruim o suficiente, mas também com minha apatia no que diz respeito a esse defeito de caráter. Para os outros, conviver comigo torna-se bem mais difícil do que poderia ser.

Podemos desejar mudanças rápidas tanto nos outros como em nós mesmos. Mas a realidade é que os hábitos arraigados de relacionamento mudam muito devagar. Não é que eles *não possam* mudar com maior rapidez. Os recursos de Deus são mais do que adequados para operar mudanças em qualquer pessoa. Infelizmente, com freqüência, a questão é que as pessoas não vêem a necessidade ou não querem mudar. E a falta de mudança em outras pessoas coloca uma exigência adicional em sua vida. De alguma forma você terá que responder a elas. A pergunta é: como? Você irá engajá-las em mudança tendo em mente o benefício pessoal que colherão ou tentará reduzir o contato para que elas o afetem menos? Como você lidará com a realidade de que pode ser difícil conviver com outras pessoas? Você irá se afastar ou desistir? Perderá o controle e jogará tudo pelos ares? Quando você pensa sobre o assunto, inúmeras reações podem vir à sua mente mais rapidamente do que as respostas que envolvem um ministério.

O que acha dos ataques de ira? Eles costumam ser uma resposta comum quando você procura fazer o melhor para alguém e a pessoa ignora completamente a sua ajuda. Ameaças, intimidações e manipulações são todas parentes próximas dos ataques de ira. É como um "Não agüento mais você" ao vivo e a cores.

E quanto a se queixar e murmurar? Moisés podia muito bem ter feito isso. Afinal de contas, ele não queria, a princípio, aquele emprego. Ele *disse* isso a Deus, mas mesmo assim Deus insistiu. Que situação perfeita para sentir pena de si mesmo! Melhor ainda: ele poderia jogar toda a culpa em Deus por estar infeliz com a vida que se achava condenado a levar. Em certo grau, é possível que você possa ser empático. Quem pediu para ter filhos com a personalidade dos seus? Como seu cônjuge desenvolveu aqueles hábitos irritantes *depois* que vocês se casaram? E o que Deus estava pensando quando Ele permitiu que aqueles vizinhos maravilhosos se mudassem e fossem substituídos por outros cujos hábitos noturnos barulhentos demonstram que eles não conseguem distinguir entre o dia e a noite!? A disposição para queixar-se interiormente

ou espalhar comentários azedos sobre outras pessoas é uma indicação de que já "Não agüento mais você".

Outra resposta comum é ignorar as pessoas irritantes. O ponto culminante de "Não agüento mais você!" é quando você cessa completamente de se preocupar com a vida da outra pessoa. Embora a raiva produza sentimentos desagradáveis, pelo menos ela ainda é um sinal de que você se preocupa o suficiente para se decepcionar profundamente com alguém. Eu tenho a tendência de ficar mais aborrecido com as pessoas que mais amo. O que elas fazem importa para mim. Um dos indícios de que eu não amo uma pessoa é quando não sou afetado por aquilo que ela faz ou deixa de fazer. A indiferença – nem mesmo perceber que a outra pessoa existe – é o indicador número um de um verdadeiro ódio e de um desinteresse real.

Essas pareciam ser as respostas mais naturais para a ocasião em que Moisés se encontrou com Deus na montanha. Ele não havia pedido para estar na posição em que se encontrava. Labutou pelos israelitas além da conveniência pessoal. Além do mais, os israelitas não eram nem um pouco amáveis – eram rudes, intratáveis e radicalmente nulos na disposição para mudar. Eles não tinham nada de bom a oferecer! Teria sido tão fácil justificar qualquer resposta que protegesse Moisés das provocações deles. Seria o natural.

Moisés, entretanto, demonstrou algo *sobrenatural*. Ele colocou o conforto pessoal em segundo lugar em prol das necessidades do povo de Deus. Ele olhou além das provocações pecaminosas dos israelitas, focalizou o perigo em que eles se encontravam e se preocupou com a condição deles. Moisés se preocupou quando era mais fácil não se preocupar. Ministrar aos israelitas não seria a resposta natural, mas era uma necessidade *crucial* naquele momento. Se alguém não desse um passo à frente para interceder junto a Deus, eles seriam destruídos. Você consegue pensar de modo semelhante a Moisés quando os que estão ao seu redor não se portam da melhor maneira?

Nas palavras de Hebreus 5.2, você é capaz de condoer-se com os ignorantes e os que erram? Os israelitas tiveram alguém assim na hora da necessidade e isso significou para eles a diferença entre a vida e a morte.

O ministério tem um preço

O que acontece quando você tenta ajudar as pessoas obstinadas e teimosas? Elas ficam felizes por receberem seu cuidado? Elas percebem rapidamente as próprias necessidades? Elas agradecem sua preocupação e sacrifício, sua disposição para ouvi-las e seus melhores esforços para aconselhá-las com sabedoria? Não.

São exatamente essas as pessoas que mais necessitam do seu ministério. Mas aquelas que mais precisam de ajuda são as que menos percebem suas necessidades. E não são as que eu rapidamente procuro ajudar. Prefiro ajudar aquelas que me parecem mais atraentes, cônscias de si mesmas e agradáveis – você sabe, as pessoas que menos precisam de ajuda! Prefiro ajudar as pessoas que reconhecem que precisam de ajuda. Por que acontece assim? Porque elas me fazem sentir bem e não exigem muito de mim. Você consegue perceber aqui o engano do pecado? Você vê quão *difícil* é ter um estilo de vida "redentor"? Mesmo reconhecendo que minha atitude não é elogiável, prefiro andar por aí só com "gente boa"! Mas as pessoas que não são "gente boa" – as pessoas como eu – são

exatamente aquelas a quem eu sou chamado a ministrar.

O envolvimento ministerial com os israelitas teve implicações desagradáveis. Primeiro, Moisés colocou-se entre o aborrecimento veemente de Deus e as pessoas que provocavam Sua ira. Talvez esse seja o lugar mais perigoso para se estar em todo o universo. Você já percebeu que quando se coloca entre uma pessoa irada e o objeto de sua ira, o foco da pessoa muda e ela passa a estar irada com você? Foi exatamente isso o que aconteceu no Monte Sinai. Deus estava irado com os israelitas e decidiu destruí-los, mas Moisés entrou no meio! Se você estivesse assistindo na lateral do campo, talvez se sentisse tentado a gritar: "Cuidado, Moisés! Você está numa posição muito perigosa!". Percebemos claramente que Moisés não estava agindo de acordo com seus interesses pessoais. Algo o tocou tão fortemente que ele arriscou o próprio bem-estar.

Segundo, ministrar aos israelitas não seria perigoso apenas naquele momento; tratava-se de um convite para aborrecimentos futuros. Se Deus tivesse compaixão do povo, Moisés ficaria preso a eles por mais um bom tempo! E, provavelmente, eles voltariam a agir mal por muitas e muitas vezes. Moisés não tinha garantia alguma de que apenas uma intervenção redentora e amorosa resolveria os problemas dos israelitas.

Assim é o ministério, não é? Moisés fez tudo corretamente e ainda não podia garantir que os israelitas se tornassem pessoas piedosas. Quantos pais já não disseram com lágrimas: "Fizemos tudo o que era esperado de nós, e veja no que deu! O que aconteceu de errado?" Esperamos que nossas ações produzam resultados positivos imediatos. É um bom desejo. No entanto, ilustrações bíblicas como essa nos mostram que nossa decisão de ajudar alguém não pode se basear nos resultados que desejamos obter. Se fosse assim, muitos dos profetas, incluindo Moisés, nunca teriam pronunciado uma palavra sequer. Como resultado de sua intervenção naquele momento, Moisés teria de agir mais vezes.

Interceder por rebeldes não é algo que se faz apenas uma vez. Os israelitas continuaram a ser pessoas extremamente difíceis de lidar. Suas murmurações e rebeldias são bem conhecidas. Suas queixas não apenas resultaram na morte de muitos deles, mas incitaram Moisés a fazer algo que o impediu de entrar na Terra Prometida.

O ministério terá um custo para você – imprevisível. Então, por que Moisés se desgastou pelos israelitas quando havia tantas boas razões para deixá-los colher o que haviam plantado? O que move você ao encontro de outros quando eles pecam contra você – ou apenas o desapontam – pela milésima vez? O que faz você reagir contra o desejo de evitar essas pessoas ou se irar contra elas?

A motivação improvável

Moisés nunca conversou com Deus sobre como os israelitas eram maravilhosos e encantadores.[4] Ao contrário, ele conversou com Deus sobre Deus. Ele recordou que Deus os havia libertado e redimido. Ele relembrou que Deus havia jurado por Si mesmo: "Eu darei esta terra aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó". Moisés orou: "Se o Senhor destruir os israelitas, os egípcios poderão

[4] Veja Êxodo 32 e a passagem paralela em Deuteronômio 9.

legitimamente dizer que o Senhor queria matá-los ou que foi incapaz de levá-los para a terra que prometeu". Em outras palavras: "Senhor, a Sua reputação está em jogo. O Seu poder e caráter serão questionados se permitir a destruição do povo". Será que Moisés estava preocupado com sua agenda e conforto pessoal? Não. Ele estava sendo sentimental para com os israelitas? Não. Ele estava mais preocupado com a reputação de Deus. Ele queria que aquela confusão fosse resolvida de maneira que honrasse a Deus. Em linguajar teológico, ele se preocupava com a glória de Deus.

Com que freqüência a reputação de Deus é um fator levado em conta nos seus conflitos interpessoais? Ela é a primeira coisa que lhe vem à mente quando seu colaborador rouba uma de suas idéias e a apresenta a seu chefe... novamente? É a primeira coisa que lhe vem à mente quando você pega o seu marido com pornografia... novamente? É a primeira coisa que lhe ocorre quando as crianças iniciam a Terceira Guerra Mundial... novamente? Será que a glória de Deus é a décima coisa da qual você se lembra? A qüinquagésima?

Receio que, nos momentos de adversidade, a glória de Deus signifique muito pouco para mim e para as pessoas que conheço. É fácil responder aos outros como se apenas os seres humanos estivessem envolvidos nas interações diárias: paramos de nos preocupar com nosso cônjuge quando pensamos que ele ou ela não responderá à nossa amabilidade, ignoramos as crianças quando tudo o que elas expressam é apenas mais um "eu quero", revestimo-nos de autopiedade, ira e desespero quando os outros não nos respondem como gostaríamos. E ao fazermos isso, esquecemos de que em cada interação humana há sempre ALGUÉM em evidência. Moisés não se esqueceu disso. Ele arriscou sua vida e alegria para falar em favor de um povo que realmente precisava de alguém que intercedesse a seu favor – e nem se dava conta disso. Ele se preocupou em não comprometer a glória de Deus.

Aqui é o momento para uma breve pausa. Se a glória de Deus passasse a ser a sua preocupação principal, como isso mudaria o jeito de você interagir em situações que o levam a querer subir pelas paredes? Como isso poderia fazê-lo resistir à tentação de ignorar as situações difíceis? Como você poderia falar de outra forma? O que você faria de outra forma?

Moisés demonstrou uma profunda compaixão pelos israelitas. Ele foi capaz de relacionar a glória de Deus à situação em que eles haviam se metido. Moisés lembrou-se de que se Deus não fosse condescendente, a única coisa que aguardaria o povo seria o desastre. Não nos é dito por que Moisés teve compaixão daquele povo obstinado, mas certamente ele estava pessoalmente familiarizado com aquelas mesmas fraquezas. Você se lembra da primeira tentativa de Moisés para libertar os israelitas, que resultou na morte de um egípcio? Os israelitas passaram a temer Moisés e ele fugiu. Lembra-se de quando, mais tarde, Deus disse a Moisés que ele fosse conversar com *Faraó, mas* Moisés *ficou* e conversou com *Deus* sugerindo que o Senhor encontrasse outra pessoa para a tarefa? Não se esqueça de quando ele culpou Deus por tornar o fardo dos israelitas mais pesado depois de sua primeira entrevista com Faraó. Ali estava um homem familiarizado com a incredulidade, tanto a presumível, quanto a explícita e intransigente. Ele conhecia pessoalmente algo a respeito das

fraquezas do ser humano, e havia aprendido um pouco sobre a misericórdia de Deus e Sua obra redentora em vidas.

Quando estou farto de alguém, creio que seja útil perguntar a Deus: "De que modo eu faço ao Senhor a mesma coisa que esta pessoa está fazendo a mim?". *Constantemente*, o Espírito Santo ajuda-me a enxergar os paralelos em minha vida. Ele me leva a buscar o perdão de Deus. Eu *necessito* de Sua misericórdia, paciência e auxílio. Ao receber o amor de Deus, sou transformado de maneira a estender esse mesmo cuidado aos outros.

Procuram-se intercessores!

De certa forma, Êxodo 32 não é somente uma passagem assustadora, mas é também uma passagem singular. Deus estava prestes a destruir Seu povo! Isso é assustador. Deus mudou de idéia? Isso é singular. Em meio a todo o nevoeiro que envolve essa última questão, algo crucial pode ficar esquecido. Nossa tendência é fazer perguntas sobre a *natureza* de Deus, esquecendo-nos de que Deus escolhe revelar aspectos de Si mesmo somente no contexto de *relacionamento* direto com outras pessoas. O texto não procura tratar da questão de Deus mudar de idéia como se Ele estivesse alheio às pessoas, flutuando sozinho em um vácuo. Ao contrário, a compaixão de Deus acontece em um contexto interpessoal. Deus teve compaixão do povo após ouvir Moisés, que (como de fato acabou acontecendo) era *a pessoa* escolhida por Deus para liderar Seu povo. Resumidamente, Deus designou o intercessor que Ele estava disposto a ouvir.

Isso nos revela algo sobre Deus muito mais forte e significativo do que um debate abstrato sobre se Ele mudou ou não de idéia. Se não houvesse ninguém para interceder, Deus teria realmente destruído Seu povo – Ele não estava brincando com Moisés. De fato, o povo estava em situação terrível de perigo. Porém Deus já havia providenciado a pessoa para lidar com o problema que o pecado de Israel havia causado diante da Sua santidade.

A passagem mostra-nos o coração de Deus por Seu povo. Ele providenciou alguém para interceder a seu favor. Se você perder de vista o contexto maior, terá a impressão de que Deus não tinha idéia do que iria acontecer e não estava controlando o universo que criou. Deus poderá lhe parecer alguém irracional – um grande brigalhão, preste a perder o controle. A passagem não enfatiza a combinação explosiva de um Deus santo com o mal horripilante. Ao contrário, ela *usa* esse pano de fundo para destacar o intercessor designado por um Deus misericordioso. Moisés foi o intercessor qualificado para se colocar efetivamente entre Deus e o objeto de Sua ira, agindo em favor do povo, pela iniciativa misericordiosa de Deus.

Esse evento não é único em mostrar o procedimento de Deus com a humanidade. Abraão desempenhou um papel semelhante quando argumentou em defesa dos justos que poderiam estar vivendo em Sodoma e Gomorra. Mais tarde, quando Deus enviou uma praga sobre o povo, Arão intercedeu em seu favor, colocando-se entre os mortos e os vivos para que a praga cessasse.[5] Deus não apenas aceita os intercessores, mas age para se certificar de que a intercessão aconteça. Ele não tem nenhuma obrigação de ir ao encalço de alguém e lhe contar Seus planos para punir e disciplinar, como se precisasse de

[5] Números 16.48

permissão ou aprovação. Contudo, Ele procura ir ao encontro e estabelece determinadas pessoas para se colocarem entre Ele e aqueles sobre quem a Sua ira está prestes a cair.

Deus foi maravilhoso ao apontar Moisés para interceder por Seu povo, e o resultado foi extraordinário. Mas não durou muito. Finalmente, o povo submeteu Moisés a uma prova muito grande, e ele feriu a rocha com ira após Deus ter-lhe dito para falar de forma graciosa. Ele se desqualificou para entrar na Terra Prometida. É aqui que me identifico completamente com Moisés. Em fim, ele não agüentou mais o povo e não estava mais interessado na glória de Deus. Ele queria simplesmente que toda a murmuração acabasse.

Moisés não estava sozinho. Arão falhou terrivelmente como líder no Monte Sinai. Ele também nunca chegou a entrar na Terra Prometida. Abraão foi tudo menos impecável. Apesar da provisão de Deus por intercessores, todos os que Ele designou tiveram suas sérias falhas. Nenhuma outra passagem consegue expressar a combinação entre o desejo e o desapontamento de Deus melhor do que Ezequiel 22.30: "Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei". Deus não se deleitava em destruir o povo nem a terra. Ao contrário, Ele ansiava por alguém que investisse em Seu povo e intercedesse por ele. Ele ansiava por alguém que ministrasse ao povo. Mas Ele não encontrou quem pudesse satisfazer Seu desejo.

Ao caminharmos pelo Antigo Testamento, buscamos Aquele que será capaz de se colocar na brecha e interceder em nosso favor, sem a necessidade de um intercessor para Si mesmo. Nós precisamos dEle. Precisamos dEle para as nossas próprias falhas e quando nos recusamos a ministrar aos outros em suas falhas. Mas não conseguimos encontrar tal pessoa... até Jesus. Nele Deus supriu tudo quanto necessitamos.

Isso significa que você não está sozinho em tempos difíceis com pessoas difíceis. Jesus está intercedendo por você. Entendeu bem isso? *Jesus* está intercedendo por *você*. Não se trata de um conselheiro bem intencionado que faz uma breve oração. Não é um amigo que acabou de pedir sua ajuda na semana passada para lidar com seus próprios pecados. Não é alguém que está nos arrabaldes da zona de poder nos céus. É JESUS, o Filho de Deus. É o escolhido de Deus, que agora está operando na função que Lhe foi reservada e ordenada pelo Pai. Você acha que Sua intercessão será infrutífera? Você pensa que, de algum modo, sua intercessão para que você busque a glória de Deus em meio ao conflito não será respondida? Isto não vai acontecer. Não pode acontecer. Pode não acontecer exatamente aquilo que você queria, mas você pode se contentar no fato de que tudo quanto Jesus pedir ao Pai certamente acontecerá.

Se você está pronto a entrar na vida de pessoas irritantes e rebeldes tendo em vista um ministério, você precisa ter absoluta confiança em Alguém que vai à sua frente. Você não está sozinho na situação. Esse Alguém possui o ministério em Sua mente. Ele não apenas intercedeu junto ao nosso Pai enquanto esteve na terra, mas Ele continua Seu ministério ainda hoje, neste exato momento.[6] Sua intercessão ativa e contínua é exatamente

o que eu necessito quando sinto minha ira escapar do controle. É também o que a minha família necessita quando está fora de controle.

O que acontece quando você não reconhece o envolvimento presente e ativo de Jesus em seus conflitos? Ignorando o fato de que Cristo intercede em seu favor, você responde aos conflitos como se a situação envolvesse apenas outras pessoas. Os conflitos horizontais podem tanto levá-lo a fugir como a lutar furiosamente para vencer. Sua busca é por segurança ou superioridade moral. Somente o reconhecimento da dimensão vertical da presença de Deus pode ajudá-lo a evitar as opções de lutar ou fugir. Apenas a realidade vertical pode levá-lo a ajudar uma pessoa de quem você nem ao menos gosta.

A situação é ainda mais favorável quando os demais envolvidos também pertencem a Cristo. Jesus não está intercedendo apenas por você, mas também por eles. Nos conflitos, Ele está investindo em mudança em ambas as partes. Na verdade, Ele deu Sua vida para garantir que a mudança ocorra. Todavia, é tão fácil olhar para alguém e presumir que ele terá sempre, exatamente, as características que eu odeio naquele momento. Ele será sempre impulsivo. Será sempre um chorão. Verá sempre uma nuvem negra no céu claro. Será sempre um manipulador, um murmurador, um invejoso e um inseguro. Nunca mudará. Essas pressuposições falsas negam terminantemente a obra do Espírito Santo em vidas. Elas são eco do meu coração incrédulo, que não quer ser incomodado para amar aos outros. Eu esqueço que você, evidentemente, não será sempre do jeito que eu odeio e temo, ou que me cansa. Algum dia você estará radiante com inacreditável glória! É tão fácil eu me esquecer disso. Preciso não apenas lembrar os benefícios da obra de Cristo por mim, mas também lembrar que Seus benefícios se estendem a todo o Seu povo; até às pessoas que eu pessoalmente acho irritantes demais, ameaçadoras ou desprovidas de esperança. A confiança de Paulo em Cristo para completar a obra que começou refere-se às *outras* pessoas, não apenas a ele mesmo![7]

Especialmente nos choques interpessoais mais difíceis, devo me lembrar de que Deus executa Seus planos até mesmo através dos conflitos. Isso não quer dizer que as coisas se resolvem perfeitamente em questão de minutos. Deus falaria de novo sobre destruir todos os israelitas quando eles voltaram a se rebelar contra Sua ordem de entrar em Canaã. E mais uma vez Moisés se colocaria na brecha para interceder a favor do povo.[8] Às vezes, os planos de Deus para transformação exigem que se passe várias vezes por situações semelhantes. Mas Seus planos para redimir, resgatar e transformar as pessoas de fato se realizam. Nem sempre tudo acontece de acordo com os meus planos e horários. Na verdade, o plano de Deus para as vidas de outras pessoas geralmente implica mais dificuldades na minha vida do que eu gostaria.

Como desenvolver motivação para o ministério

Como desenvolver um estilo de vida ministerial quando isso contraria por

[6] Hebreus 4.14-5.10

[7] Filipenses 1.6

[8] Números 14

natureza os seus interesses pessoais? Primeiro, avalie sua maneira costumeira de lidar com as pessoas difíceis.

- Você procura controlá-las por meio de sua raiva, amargura ou indiferença?
- Você procura apaziguar os outros e sair de perto o mais rápido possível?
- Você usa o humor ou sarcasmo para desviar a raiva dos outros?
- Você sente o cheiro do problema a quilômetros de distância e procura ativamente escapar dele antes que ele o encontre?
- Você encarrega os outros de colocarem a mão na massa em seu lugar?
- Pense cuidadosamente antes de prosseguir. Se nenhuma destas alternativas o descrevem, como você responde?

Tornar-se alguém consciente da responsabilidade ministerial inclui identificar quais são as suas falhas em amar e como elas o distanciam do ministério. Ter uma idéia das suas reações naturais o prepara para lutar contra o desejo de afastar-se do ministério. Tal conhecimento permite que você se arrependa e peça ao Senhor para enchê-lo com o desejo de honrá-lo e ser alguém interessado nos outros.

Segundo, reconheça sua falha quando você deixa de ir ao alcance das pessoas. Peça a Cristo que lhe dê o desejo de ser perseverante com as pessoas difíceis como Ele tem sido com você. Para mim, isso ajuda a perceber que Deus também se frustra com as pessoas e com sua lentidão para confiar nEle. Mas tal conhecimento leva-me imediatamente ao arrependimento, uma vez que isso significa que eu também O frustro muitas vezes. O conhecimento pessoal de Sua bondade em lidar com as minhas imperfeições concede-me mais bondade e humildade no trato com os outros. Também aprendo vez após vez que a frustração de Deus O leva a agir em busca do bem para o Seu povo, e não do mal. Sua frustração O leva a designar um Intercessor que remove o problema que exige primariamente intercessão!

Terceiro, dedique tempo para fazer uma lista das pessoas que Deus colocou em sua vida e que o frustraram. Peça a Ele que renove seu desejo de amar aqueles que são difíceis de serem amados. Peça a Deus que o ajude a perceber como eles precisam do perdão, da paciência e da graça de Deus, tanto quanto de você. Peça a Deus que coloque em seu coração compaixão por eles enquanto você percebe os caminhos que eles estão seguindo e que levam à ruína tanto perante você quanto perante Deus. Compaixão foi o que motivou o nosso Senhor a resgatar você. Peça que Ele lhe conceda a mesma compaixão para superar suas reações iniciais para com as pessoas de sua lista.

Quarto, procure distinguir entre as irritações que surgem de um pecado e aquelas que se originam da colisão entre estilos de vida e personalidades diferentes. Que revelação foi para mim a compreensão de que nem tudo o que me incomoda é, na verdade, errado! Algumas vezes as crianças ficam acordadas a noite toda, mas ainda estão exuberantes pela manhã. Outras vezes, o esquecimento de um colega é não-intencional. Outras vezes ainda, um membro da igreja fala diretamente o que lhe vem à mente, mas não há aspereza nem agressividade em suas palavras. Às vezes — talvez muitas vezes? – sou muito rápido em levar para o

lado pessoal as palavras e ações dos outros.

É como se eu acreditasse que tudo quanto os outros pensam ou fazem fosse calculado para me atingir de alguma maneira. Para minha vergonha, muitas vezes reajo como se eu fosse o foco principal de mim mesmo *e* de outras pessoas. Francamente, na maioria das vezes, a realidade é que as pessoas não estão nem mesmo pensando em mim. O que me leva a crer que todos pensam constantemente em mim tanto quanto eu penso? Invejo aqueles que parecem ignorar o que os outros pensam a seu respeito. Descobri que me dou melhor nos relacionamentos quando focalizo menos em mim e mais nos que estão à minha volta.

Quinto, escolha algumas pessoas da lista que você fez no passo três e ore por elas. Vá além das orações por você mesmo e interceda pelos outros. Mais uma vez, Moisés aponta-nos o caminho. Quando Deus revelou novamente Seu plano de destruir os israelitas por terem se recusado a entrar em Canaã, Moisés orou pedindo que a *força* de Deus se manifestasse.[9] É uma palavra estranha para se usar, não é? Quando penso em força, penso em termos de poder para não mais ter que enfrentar as situações ou as pessoas indesejáveis. Isso parece ser o teste extremo da força – as pessoas irritantes foram eliminadas! Moisés, entretanto, quis dizer algo inteiramente diferente. Ele pediu que Deus fosse fiel ao que Ele havia dito sobre Si mesmo; que Ele fosse tardio em irar-se, abundante em amor, perdoando os pecados de Seu povo mais uma vez. Em outras palavras, que Deus mostrasse Sua força por meio de Sua misericórdia. Moisés, portanto, pediu que Deus fosse misericordioso com os israelitas quando eles, mais uma vez, colocaram-se a um passo do desastre.

Ao contrário de Moisés, eu oro muito por meu conforto e conveniência pessoais. Sob forma de uma ironia maravilhosa que revela o coração de Deus, a oração de Moisés, e certamente a de Cristo nos céus, é a favor do melhor para as pessoas que cometeram os piores erros. Se Cristo ora dessa maneira por você, então você deve orar igualmente pelos outros: "Senhor, por favor, não dê a ele o que ele merece. Mostre-lhe quão perigoso é esse caminho que ele traçou em seu coração. Faça com que ele volte atrás antes que destrua a si mesmo".

Estas cinco sugestões pressupõem que você tenha se afastado um pouco do calor da interação. Muitas vezes você terá que dar um passo atrás e dedicar tempo para identificar suas prioridades, pois é difícil fazer isso no calor do conflito. Sugira à outra pessoa a possibilidade de darem um tempo. Diga que você precisa pensar e orar, e espere que ela faça o mesmo. Concordem em retomar a conversa mais adiante, comprometendo-se não apenas a se afastarem um do outro. Em alguns casos, quando não há um grande histórico anterior de conflitos e a maturidade cristã é razoável, isso pode levar entre cinco e dez minutos. Embora me deixe surpreso, pude passar por esse processo em poucos minutos, em uma sala tomada pelo caos! Para os relacionamentos em que há forte hostilidade e para as pessoas que não estão acostumadas a ministrar umas às outras no calor do conflito, esse período chega a ser bem mais longo. Pode levar horas, mas não recomendo esperar mais do que um

[9] Números 14.17-19

dia.[10] Os que têm um histórico negativo e nenhuma habilidade ou experiência no lidar com a situação de maneira correta podem se beneficiar da ajuda de uma terceira pessoa para servir de mediador entre as diferenças.

Finalmente, que o centro de gravidade da nossa conversa seja o fato de que quando alguém está em perigo, o ponto crucial do problema está entre ele e Deus.[11] Isso é simplesmente a extensão lógica de acreditar que as pessoas respondem muito mais perante Deus do que perante mim, mesmo quando pecam contra mim. Portanto, uma conversa motivada pelo desejo de ministrar mantém sempre o foco principal em Deus. É de se admirar que Moisés raramente tenha dito aos israelitas o quanto eles transtornaram a sua vida. Ele não discutiu sobre o quão frustrante eles foram pessoalmente para ele. Ao contrário, sua preocupação era com o bem-estar do povo e não com o aborrecimento pessoal. Como sabemos que ele se preocupava realmente com o povo? O ponto principal para ele era que Deus não destruísse o povo, mas continuasse a caminhar com os israelitas. Uma maneira de descobrir se a conversa de fato promove o bem da outra pessoa é fazer a pergunta: "Se esta pessoa responder como eu espero que ela responda ao que eu disse, quem será mais beneficiado, ela ou eu?". No ministério, a nossa esperança é sempre que a outra pessoa estabeleça comunhão com Deus de modo a restaurar a paz entre ela e Deus, que resulta em paz entre ela e eu.

Você deve ter o ministério em mente quando os outros o frustram. Qualquer coisa menos que isso pode negar o que Cristo fez por você. Por mais que lhe pareça pouco natural (e é mesmo sobrenatural!), ministrar aos outros deve ser o nosso alvo e prática nos relacionamentos frustrantes. É o que o Pai espera. É o que Cristo faz por nós. É parte do trabalho do Espírito Santo que habita em você. E é parte do que Deus espera que você seja.

---

[10] Procuro aqui levar a sério a admoestação de Paulo em Efésios 4.26 sobre acertar logo as diferenças uns com os outros para evitar o crescimento de desunião e divisão entre as pessoas.

[11] Visto que a minha preocupação central é tratar da importância da motivação para ministrar mesmo nos conflitos, não desenvolvo em profundidade as interações propriamente ditas. Para os que estão interessados em maiores recursos para orientar nos aspectos práticos ministeriais, recomendo *War of Words* e *Intruments in the Redeemer´s Hand*s de Paul Tripp, e *The Peacemaker* de Ken Sande.

Como Compreender a Ira

David A. Powlison[1]

Todo ser humano lida com a ira. Decepções, imperfeições, miséria, pecados (os nossos e os dos outros) fazem parte do nosso mundo. A ira é um fato. Você fica irado, eu fico irado. Aqueles que aconselham ficam irados. Sem dúvida, é por isso que a Bíblia está cheia de ilustrações, ensinos e comentários sobre a ira: Deus quer que compreendamos a ira e saibamos como resolver os problemas relacionados a ela.

Nosso estudo sobre a ira está dividido em três partes: "Como Compreender a Ira" volta sua atenção para o que pensamos sobre a ira. A segunda e terceira partes dão uma visão sobre as implicações da ira na nossa vida e como aconselhar pessoas iradas.

O que é a ira? Como compreendê-la? Vamos começar com cinco afirmações sobre algo que experimentamos com freqüência, mas raramente paramos para entender.

1. A Bíblia ocupa-se com a ira

A Bíblia ocupa-se com a ira. Quem é a pessoa mais irada da Bíblia? *Deus*. O profeta Isaías repete várias vezes que a ira de Deus "não se aparta" quando Ele olha para o mal. Em Romanos, Paulo menciona a ira de Deus e seus efeitos mais de cinqüenta vezes: "A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça" (Rm 1.18). João diz que a ira de Deus "permanece" sobre todo aquele que não crê no Filho de Deus para alcançar misericórdia: a ira esteve, está e permanecerá sobre suas cabeças.[2]

O fato de Deus ficar irado comunica algo muito importante. A ira pode ser

[1]Traduzido e adaptado de *Anger Part 1: Understanding Anger*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 14, n.1, Fall 1995, p. 40-53. David Powlison é editor de The Journal of Biblical Counseling, conselheiro e professor na C*hristian Counseling and Educational Foundation*, e professor de Teologia Prática no Westminster Theological Seminary em Glenside, Pensilvania.

[2] João 3.36; 3.14-21

totalmente certa, boa, apropriada, nobre, a única resposta justa para o mal e a resposta amorosa a favor das vítimas do mal. De fato, "seria impossível um ser moral permanecer indiferente e impassível na presença do mal".[3] Não é surpresa, pois, que Jesus Cristo tenha ficado tomado de ira ao se deparar com pessoas que perverteram a adoração a Deus e contribuíram para o sofrimento dos outros ou se mantiveram indiferentes à dor.[4]

A ira de Deus nunca é caprichosa nem mal-humorada. Deus responde com justiça àquilo que é errado e ofensivo. Mas Ele diz: "Acaso tenho eu prazer na morte do perverso? diz o Senhor Deus; não desejo antes que ele se converta dos seus caminhos, e viva?" (Ez 18.23). Os seres humanos foram criados para amar Aquele que os fez e sustenta, cuja "riqueza da bondade, tolerância e longanimidade" todos experimentaram (Rm 2.4). Porém, "seu coração dissoluto se desviou de Deus... e seus olhos se prostituíram após os seus ídolos" (Ez 6.9). A ira de Deus é injusta? Quando desafiado, Deus respon-de sem rodeios: "Não são os meus caminhos direitos, ó casa de Israel? E não são os vossos caminhos tortuosos?... segundo os teus caminhos e segundo os teus feitos, serás julgada". [5]

Os crimes que suscitam a ira de Deus são crimes capitais: traição, rebeldia, engano, blasfêmias. O coração humano é traiçoeiro, disposto a crer em *qualquer coisa menos* naquilo que é verdadeiro a respeito de Deus. Os sentimentos que brotam em nós quando ouvimos alguém ser chamado de "traidor" dão uma idéia da lógica intrínseca da ira de Deus. Os seres humanos foram criados para ouvir a voz de Deus e tratar os outros com amor. Temos, porém, corações de pedra e somos teimosos: "cada um de vós anda segundo a dureza do seu coração maligno, para não me dar ouvidos a mim"; "cada um fazia o que achava mais reto".[6] Deus não seria bom se Ele não odiasse o mal.

Com certeza, Deus é também Aquele que mais ama na Bíblia, e o Filho de Deus expressa a plenitude do Seu amor. Muitas vezes deixamos de ver que a ira e o amor de Deus são inteiramente coerentes um com o outro como expressões diferentes da Sua bondade e glória. Os dois operam juntos: "Jesus consumia-se de ira diante das injustiças que encontrava em Sua jornada aqui na terra, assim como se comovia em piedade à vista da miséria do mundo: Sua verdadeira misericórdia procedia do conjunto dessas emoções".[7] Não se pode entender o amor de Deus sem entender Sua ira. *Porque* Ele ama, Ele se ira com o mal.

Perceba como os filhos de Deus experimentam Sua ira: ela é expressa *em seu favor* como supremo e terno amor! Como veremos, a Bíblia é constante quanto a essa verdade. Por definição, a ira é voltada *contra* alguma coisa, com a intenção de destruir. Como pode a ira de Deus ser alguma coisa em que Seus filhos confiam e que amam, ao invés de algo que temem e de não gostam? De que maneira a ira de Deus é uma expressão de que Ele

[3] B.B.Warfield, "The Emotional Life of Our Lord," The Person and Work of Christ (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, l950, p. 93-145), p. 107.
[4] Veja Marcos 3.5 e 10.14; Mateus 18.6 e 23.2-36; João 2.14-17.
[5] Ezequiel 18.29 e 24.14
[6] Jeremias 16.12; Juizes 21.25
[7] Warfield, p. 122

é por nós, e não contra nós? As Boas Novas são sempre apresentadas em termos de como o amor e a ira harmonizam-se. *Deus expressa amor pelos Seus por meio de três maneiras que também usa para expressar Sua ira contra o mal.*

Primeiro: por amor, a ira que seus pecados merecem caiu sobre Jesus. A ira de Deus contra o pecado foi expressa, mas para o seu bem. De uma vez por todas, no passado, Deus o libertou de experimentar Sua ira pelos pecados cometidos por você. Em Seu amor imutável, Ele ofereceu gratuitamente Seu filho inocente para suportar a ira merecida pelos culpados. A ira de Deus pune e destrói, correspondendo àquilo que os nossos pecados merecem, mas foi Jesus quem recebeu a punição em nosso lugar — o Cordeiro Amado, o Salvador dos pecadores. Por amor, Ele se ofereceu para suportar o fogo da ira; o caminho para a nossa libertação é a Sua glória e a nossa alegria. A ira amorosa de Deus foi expressa de maneira a nos trazer bênçãos e é a base da vida para os que estavam mortos: ela nos garante o verdadeiro perdão. A justificação pela fé e a adoção como filhos de Deus descansa sobre essa forma de amor chamado sacrifício substitutivo. Outra pessoa suportou o que merecíamos por ter escolhido nos amar. Neste ato supremo de amor altruísta experimentamos a ira de Deus *agindo a nosso favor*. Em resposta, nós nos arrependemos e cremos, depositando plena confiança nele.

Segundo: por amor, a ira de Deus opera para desarmar o poder do nosso pecado. A ira de Deus contra o pecado é novamente expressa para o *nosso bem*. No presente, Deus lida continuamente com o pecado que habita em nós. [8] O Espírito Santo, que derrama o amor de Deus em nós, é fogo consumidor de ira contra o mal, não para destruir, mas para renovar. Em amor imutável, Ele nos regenera, não por tolerar nosso pecado, mas por odiar o nosso pecado de tal maneira que aprendamos a amar! O processo não é sempre agradável porque o sofrimento, a repreensão, a culpa e a confissão não trazem prazer. Mas a libertação, a misericórdia, o encorajamento e a consciência limpa, sim. Deus nos renova progressivamente em pessoas que amam, têm alegria, paz e sabedoria — a Sua própria imagem. A ira de Deus cura e destrói o pecado habitual. Por nos amar, Ele se ira com o pecado que nos destrói; nossa fé e obediência crescentes é Sua glória e nossa alegria. A ira amorosa de Deus a nosso favor nutre e encoraja a fé: ela nos assegura que Ele continuará a trabalhar em nós e ao nosso redor para nos libertar do mal que habita em nós. [9]

No novo nascimento e na santificação, o poder destrutivo de Deus age contra aquilo que há de errado em nós. Ele é por nós, fazendo-nos novas criaturas, ensinando-nos a ouvir, conformando-nos com Jesus. No agir diário do amor de Deus, experimentamos a Sua ira operando em nosso favor. Em resposta, cooperamos e obedecemos ativamente.

Terceiro: por amor, a ira de Deus nos libertará da dor do pecado cometido pelos outros. A ira de Deus contra o pecado será expressa novamente a seu

[8] Esta obra será completada quando virmos Jesus retornar no Dia da Ira. Veja, por exemplo, Filipenses 1.6, 1 Tessalonicenses 5.23, 1 João 3.2.

[9] Hebreus 12.5-11

favor. No futuro, Ele promete acabar com todo sofrimento resultante do pecado. [10]

Deus odeia a maneira com que as pessoas ferem outras pessoas. Em Seu amor imutável, Ele nos libertará dos nossos inimigos; no fim dos tempos, tudo que causa dor será destruído para sempre. Ao mesmo tempo, a Bíblia é clara sobre o propósito da existência daqueles que se opõem a Deus e ferem Seu povo: são agentes involuntários de Deus na tarefa de santificação. Agem motivados por razões pessoais pecaminosas, mas também cumprem o bom propósito de Deus enquanto Ele nos prova e transforma por meio do sofrimento. São agentes da disciplina amorosa de Deus para que aprendamos paciência, fé, amor pelos inimigos, coragem e todo bom fruto que somente pode ser aprendido em tempos de aflição. Não obstante, eles estão debaixo da ira pela maldade com que fazem o que fazem. [11]

A ira de Deus punirá e destruirá Seus inimigos – porque Ele ama Seus filhos e é glorificado quando somos libertos do sofrimento. Gememos no sofrimento, pois o sofrimento dói. Mas gememos com esperança porque sabemos o que virá. [12] Visto que Deus nos ama, Ele se ira contra aqueles que procuram nos atingir: nossa bem-aventurança é Sua glória e nossa alegria. A ira amorosa de Deus a nosso favor nutre e encoraja nossa fé. Os filhos amados de Deus esperam e confiam no retorno de Cristo, quando Sua ira fará justiça. [13] Em antecipação, gememos e esperamos ansiosamente.

Deus expressa amor pelo Seu povo por meio das três maneiras que também usa para expressar Sua ira diante da injustiça. A ira amorosa de Deus resolve todo o problema do mal de maneira que traz a Ele glória e a nós bênçãos inexprimíveis condenando com justiça o

[10] Apocalipse 21.4 atinge o ponto culminante do tema desenvolvido ao longo de todo o livro — conforto para o povo de Deus afligido. A ira do Cordeiro (6.16ss) traz misericórdia e vida para o povo do Cordeiro (7.16ss). No momento, experimentamos um livramento temporário (por exemplo, as promessas dos Salmos 31 e 121 e muitas histórias bíblicas que ilustram seu cumprimento). Na verdade, Deus raramente permite que o pecado humano expresse toda a lógica violenta que lhe é natural. Quando isso acontece (genocídios, torturas, abortos, estupros, abuso de crianças), tanto as vítimas como aqueles que as amam aprendem a desejar ardentemente o dia em que essas maldades serão destruídas.

[11] Este tema é rico. Satanás cumpre seu papel ao longo de sua carreira, e assim também os babilônicos, Judas, e qualquer outro opressor que teve seu momento sob o sol no curso da história. Por exemplo, a Babilônia foi um "copo de ouro" (de ira), um "destruidor" nas mãos do Senhor, um agente interpretando a ira justa no palco da história (Jr 46.10; 51.7; 51.20-23). Cinco temas marcam o conjunto de argumentos sobre a Babilônia em Isaías, Jeremias e Habacuque. (1) Em conseqüência ao pecado do povo de Deus, a Babilônia trouxe ira como disciplina — sempre deixando um remanescente cuja fé era pura e purificada por meio do sofrimento. (2) Por causa do orgulho ímpio do homem — "todo homem se tornou estúpido, e não tem saber" (Jr 51.17) –- a Babilônia trouxe ira punitiva sobre as nações que estavam na escuridão. (3) Visto que a Babilônia pecou em arrogância, ela também beberia a taça da ira. (4) Porque Deus ama Seu povo, apesar de o deixar agonizar em meio a sofrimentos, fará com que ele experimente livramento misericordioso em um lugar de paz. (5) Visto que Deus tem planos de abençoar todos os homens, Ele escolherá "nos últimos dias" outros crentes entre as nações agora submersas em trevas.

[12] O tema da esperança em meio ao sofrimento está presente em toda Bíblia. E só abrirmos em Salmos, Lamentações, Romanos 8, 2 Coríntios, Hebreus, Apocalipse...

[13] Romanos 12.19

mal, cortando o poder do mal remanescente e dando alívio no sofrimento. Numerosos salmos ligam o amor e a misericórdia imutáveis de Deus à ira amorosa pela qual Ele livra Seus filhos dos próprios pecados e também os livra daqueles que os ferem.[14] "Se Deus é por nós quem será contra nós?" (Rm 8.31)

É importante fazer algumas distinções. A ira de Deus tornou-se esperança para Seus filhos apesar de ser o desespero dos Seus inimigos. Mas aqueles inimigos que se dispuserem a crer na surpreendente mensagem de como a ira pode ser mudada em graça por meio de Jesus Cristo se transformarão em amigos. A verdade é que não se pode entender o amor de Deus sem entender Sua ira. Esta é a simples mensagem do livro de Salmos, o caminho mestre para o coração da humanidade redimida, com sua inexplicável fusão de alegria e tristeza, esperança e angústia, confiança e medo, contentamento e raiva. Você não pode entender o amor de Deus se não entender Sua ira. Esta é a mensagem simples do livro de Romanos, o caminho mestre para a mente de Deus: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos... A Ele, pois, a glória eternamente. Amém" (Rm 11.33,36).

Voltemos à questão inicial sob um ângulo diferente. Quem é a pessoa mais irada na Bíblia? *Satanás*. Sua ira não se aparta também. Ele está cheio "de grande cólera", "foi homicida desde o princípio" e até hoje. [15] A ira de Satanás surge da malícia e do desejo de fazer o mal às pessoas. Sua ira, o paradigma de toda ira pecaminosa, é uma antítese da ira de Deus. A hostilidade de Satanás visa praticar o mal, a serviço de seus próprios anseios. Isso nos diz alguma coisa muito importante. A ira pode ser totalmente errada, má, imprópria, uma resposta completamente destrutiva. Essa ira resume a verdadeira essência do mal. "Eu quero as coisas do meu jeito e não como Deus quer. Quando não tenho o que quero, eu me enfureço."

É curioso e confuso que a mesma palavra, "ira", esteja relacionada tanto aos mais sublimes como aos mais pérfidos sentimentos e atos. Mantenha as distinções apropriadas, pois os aconselhados costumam ficar confusos com a ira assim como ficam com o amor. [16] A ira pecaminosa usurpa o lugar de Deus e

[14] Devemos falar corretamente em "amor/ira imutável do Senhor". O infeliz, necessitado e aflito que enfrenta a ira maligna de outros espera na ira amorosa de Deus para fazer justiça (Sl 9-10). A ira de Deus contra o pecado dos outros é objeto de fé em numerosos Salmos. Por exemplo, no Salmo 37, não preciso ficar com raiva nem aflito quando o mal me atinge se me refugio no Senhor e confio que sua ira vai lidar com os malfeitores. Aqueles que são honestos *nunca* se tornam estóicos nem justos aos próprios olhos. O sofrimento gera lamentos de dor e ira; o sofrimento gera a autoreflexão que revela o pecado que há em mim. Muitos Salmos (cf. também Habacuque) mostram a estranha, mas honesta combinação de (1) saber que *mereço* a ira de Deus enquanto descubro minha necessidade de misericórdia e mudança, e ainda assim (2) saber que *não mereço* a hostilidade injusta do homem que está sendo instrumento de Deus. No Salmo 38, a ira de Deus contra os meus pecados, dolorosamente sentida, produz afinal arrependimento, esperança e fé – um grito contra aqueles que trouxeram a dor. No Salmo 39, lutar com minha ira contra o mal à minha volta leva-me afinal a ter esperança de libertação do meu próprio mal – e do mal que me cerca. No Salmo 40, o amor/ira imutável de Deus livra-me tanto do meu próprio pecado como também daqueles que pecam contra mim.

[15] Apocalipse 12.12; João 8.44

causa o mal; a ira amorosa de Deus O entroniza e faz o bem ao homem.

A Bíblia ocupa-se com a ira. Já na primeira conversa depois da queda, Adão culpou Eva e Deus pelo que ele havia feito. A transferência de culpa pode parecer quase isenta de emoções, mas os aspectos da ira pecaminosa rapidamente aparecem: as acusações e uma postura de superioridade e inocência presumidas. E apenas um capítulo adiante, a ira irrompeu pela primeira vez com emoção e violência. "Caim irou-se sobremaneira", seu semblante tornou-se descaído e ele matou seu irmão (Gn 4.5). Em seguida, o resultado lógico da ira pecaminosa está relatado na história de Noé: "A terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência" (Gn 6.11).

As Escrituras retratam muitas coisas sobre a ira. Por exemplo, a ira pode ser incitada falsamente. Em Gênesis 39, Potifar ardeu em ira imaginando que José havia flertado com sua esposa. E a ira pode se mascarar de inocência. A esposa de Potifar também se irou: fria, sorrateira, manipuladora, vingativa. Ela se fez de vítima para destruir um homem inocente que havia se recusado a satisfazer seus desejos. A mesma pessoa pode expressar tanto a ira justa como a ira pecaminosa. Quando Moisés se irou com o povo que adorava o bezerro de ouro, ele se enfureceu à semelhança de Deus.[17] A ira o capacitou para resolver o problema. Mas quando Moisés amaldiçoou o povo e bateu na rocha, ele se enfureceu pecaminosamente. A ira o capacitou a desonrar a graça de Deus.[18]

Deus transmite Seus pensamentos sobre a ira de forma proposicional. Ele dedicou o sexto mandamento, "Não matarás", ao conjunto das reações de julgamento que incluem a ira pecaminosa. O comentário de Jesus sobre esse mandamento (Mt 5.21) expandiu a extensão de suas implicações para incluir atitudes e palavras. O Senhor citou o mandamento "amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19.14-18), que aparece em um contexto que contrasta o amor com alguns aspectos relacionados à ira pecaminosa: ferir intencionalmente as pessoas indefesas, julgar injustamente, difamar o caráter de outra pessoa, ferir fisicamente, odiar no íntimo, vingar-se, guardar ressentimento. É interessante notar que a mesma passagem define positivamente o amor em relação à ira justa, deixando evidente que repreender amorosamente provém do cuidado com o bem-estar do outro. A sabedoria, um presente que adquirimos pacientemente de Deus, revela-se nas manifestações de ira: o sábio e o tolo são identificados pela forma como ficam irados. [19]

Com freqüência, os que levaram adiante a mensagem de Jesus tiveram algo a dizer sobre a ira. Variações sobre esse

[16] Tanto a palavra "ira" como a palavra "amor", conforme usadas na Bíblia e nas conversas diárias, dão lugar para aspectos absolutamente contraditórios. Precisamos prensar a palavra para extrair a carga de significados que carrega. Quando a definição de um termo está confusa, resulta em dano. Os termos "ira" e "amor" têm sido muito mal usados, deixando-se de discernir coerentemente a linha de distinção entre o bem e o mal, que corre no seu meio. O filósofo Thomas Hobbes recomendou certa vez, com muita astúcia: "As palavras são como cartas para o homem sábio, apesar de ter que enfrentá-las, mas são o dinheiro dos tolos" (Leviatã, Parte 1 Capítulo 4).

[17] Compare Êxodo 32.19 com 32.11

[18] Números 20.7-13

[19] Provérbios 29.11

tema constituem metade da lista de Paulo sobre as obras pecaminosas da carne: "inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas". Cada aspecto do fruto do Espírito é explicitamente oposto à ira pecaminosa.[20] Tanto por preceitos como por exemplos, a Bíblia esclarece-nos continuamente sobre a ira, com a clara intenção de nos transformar. As motivações para a ira pecaminosa são expostas na Bíblia: desejos específicos e incredulidade. Por que os israelitas murmuravam constante-mente no deserto? A Bíblia não deixa dúvida. Eles não tinham o que queriam e não criam que Deus fosse bom, poderoso e sábio. As passagens de Êxodo e Números que relatam as murmurações também registram como as motivações para a ira são específicas e mostram que estas motivações do coração relacionam-se aos detalhes da situação. Quando a comida era monótona, os israelitas murmuravam por pepinos, melões, cebolas, alhos silvestres e alhos. Quando Moisés atuava como mensageiro de Deus, Miriam e Arão desejavam compartilhar o microfone. Quando os inimigos ameaçavam, o povo temia a morte, não crendo que Deus iria socorrer. Quando havia falta de água, o povo ansiava por terra irrigada que produzisse cereal, figos, vides, romãs, além de água para beber. [21]

A ira pode gerar abatimento e ser assassina como foi com Caim, pode fazer arder de emoção como foi com Potifar, pode planejar friamente o mal como no caso de sua esposa, pode resmungar e murmurar, entregando-se às reclamações, desgraças e contendas como aconteceu com o povo no deserto. Mas em todos os casos, a causa da ira pecaminosa concentra-se em mentiras específicas e cobiça que governam o coração humano. Você e seus aconselhados não são diferentes.

A ira também traz conseqüências devastadoras. Deus fica irado com a nossa ira pecaminosa, e com razão. Por exemplo, o acesso de ira de Moisés diante do povo custou-lhe a entrada na terra prometida (outro hábito comum é nos enfurecermos com as pessoas furiosas e murmurarmos contra os murmuradores). Certamente há aqueles cuja tendência é reagir à semelhança da pessoa irada, o que multiplica o dissabor geral: "O iracundo levanta contendas, e o furioso multiplica as transgressões" (Pv 29.22). Você pode testemunhar, com freqüência, as conseqüências imediatas da ira na vida das pessoas que aconselha: filhos amedrontados, cônjuge amargurado, amizades arruinadas, problemas de saúde, dificuldades no trabalho, desavenças na igreja. Os problemas perseguem os passos da pessoa irada: "Homem de grande ira tem de sofrer o dano; porque se tu o livrares, virás ainda a fazê-lo de novo" (Pv 19.19).

A ira alimenta-se de si mesma e cresce. Saul era habitualmente um homem obstinado. Seu temperamento sorumbático fervia abaixo da superfície. A harpa doce de Davi e seus feitos surpreendentes de prudência misericordiosa acalmavam Saul temporariamente, mas ele voltava a explodir vez após vez. As Escrituras estão cheias de exemplos de ira, com suas muitas formas, causas e efeitos variados. Jonas, Jezabel, Nabal e os fariseus são apenas algumas vidas dominadas por esse mal bastante comum e poderoso. Em toda lista de pecados mais comuns – e não há

[20] Gálatas 5.20, 22-23
[21] Números 20.5

tentação que não seja comum a todos – a ira ocupa lugar de destaque.

Graças a Deus, a Bíblia também fala do Evangelho que perdoa e transforma as pessoas iradas. Provérbios, Efésios e Tiago são apenas alguns dos livros que examinam minuciosamente a ira tendo em vista a redenção e a transformação. Deus nunca mostra um espelho sem acompanhá-lo com uma luz. Ele fala detalhada e freqüentemente sobre Sua misericórdia para com as pessoas iradas. Fala detalhada e freqüentemente sobre as alternativas à ira pecaminosa: confiança, perdão, paciência, contentamento, busca da justiça, confrontação em amor, todas as estratégias e atitudes mais variadas para buscar a paz e o domínio-próprio. A ira justa é construtiva e excelente. Em ocasiões apropriadas, Moisés, Sansão, Davi e Paulo, bem como Jesus, arderam desta mais rara forma de justiça.

Em Sua graça, Deus derrama benevolência sobre os "néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, que vivem em malícia e inveja, odiando uns aos outros" (Tt 3.3). O que a graça pretende realizar? A graça gera pessoas sábias, com domínio-próprio, amáveis, que estão aptas para se erguer e fazer o bem nesse mundo de hostilidade (Tt 2.11-3.8). Cada elemento da definição do amor em I Coríntios 13 é o oposto explícito da ira pecaminosa. Entender sua própria ira é entender alguma coisa que se encontra no âmago da escuridão. Mudar, aprendendo a praticar a misericórdia e a ira justa, é penetrar no âmago da luz. Somos por natureza dados à guerra; bem-aventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus.

A ira abre uma oportunidade tremenda para o aconselhamento. Os problemas são muito claros. Quando irado, o coração humano está sobre a mesa sem lugar nenhum para se esconder. A vida dos aconselhados costuma estar confusa, com problema sobre problema, uma questão complicando a outra. Por onde começar? Muitas vezes, a ira é um bom lugar para se começar. Os comportamentos costumam estar evidentes a todos: o tom de voz, as palavras cortantes, o brilho dos olhos, a máscara do desgosto. Sua presença é fácil de identificar: murmurações, lamentos, hostilidade, julgamentos, amargura, rancor, negativismo, ódio, disputas, resmungos, manipulações, coerção. As motivações são usualmente fáceis de descobrir: um mosaico de desejos bem específicos, medos, crenças falsas, exigências. Os efeitos são patentemente ruins: relacionamentos quebrados, problemas de saúde, miséria. A Palavra de Deus se aplica imediatamente e de tantas maneiras: ela traz autoconhecimento, convicção, misericórdia, esperança, alternativas construtivas e ajuda tangível. Não é sem razão que a Bíblia gasta tanto tempo falando sobre a ira e suas alternativas!

Também não é motivo de espanto que seja tão importante entendermos a mensagem da Bíblia sobre a ira. Grandes coisas estão em risco. Por um lado, a família descontentamento-ira-ódio-violência representa alguns dos pecados humanos mais característicos. Todos nós experimentamos a ira pecaminosa e precisamos de ajuda. Por outro lado, Deus expressa Sua glória e misericórdia por meio da ira justa.

2. A ira é alguma coisa que você faz

A ira é alguma coisa que você FAZ com TODO o seu ser. Entender essa verdade corretamente é uma ajuda para

você enxergar através das meias verdades que a nossa cultura usa para enganar a respeito da ira. [22] Cada parte da natureza humana está envolvida. A ira envolve o nosso corpo. Ela tem um componente fisiológico evidente: a face excitada, a onda de adrenalina, os músculos tensos, o estômago revirado, a tensão nervosa. Curiosamente, a maioria das palavras que as Escrituras usam para falar em ira comunicam por meio de metáforas físicas bem vívidas. As duas palavras principais para ira no Antigo Testamento descrevem "narinas" e "queimação". Se você já viu uma pessoa realmente irada deve ter notado que suas narinas se inflam, a respiração fica audível e irregular, o sangue ultrapassa os capilares e chega à pele. Semelhantemente, as principais palavras do grego referentes à ira comunicam a noção de "vapor ou fumaça" e "inchaço", refletindo a sensação de calor e o inchaço evidente da face e dos olhos. Também não é por acidente que muitas das nossas expressões idiomáticas para a ira provêm dos efeitos fisiológicos: "queimando de raiva", "espumando", "cuspindo fogo", "explodindo". O fato de a ira ser indubitavelmente fisiológica dá plausibilidade para as teorias médicas que a vêem como basicamente fisiológica e, portanto, algo a ser aliviado por meio de medicação. Com certeza, os nossos hormônios, a corrente sanguínea, os músculos e a fisionomia registram a ira. Mas isso não é tudo. Biblicamente, a pessoa pratica a ira com TODO o seu ser.

Quando alguém diz "Estou irado", normalmente pensamos logo em emoção. A ira é uma "paixão". As pessoas "sentem" a ira. Seu equilíbrio emocional fica "perturbado". O nível de intensidade varia tremendamente. A escala Richter das emoções vai de uma irritação leve a uma fúria cega. E não é necessário ser bombástico e enfurecido para ter problema com a ira pecaminosa. A irritabilidade, o comentário mordaz, a auto-comiseração e a atitude crítica qualificam-se como ira. Curiosamente, algumas das formas mais ameaçadoras da ira parecem estar quase acima das emoções. É uma ira gelada ao invés de quente. Nunca esquecerei uma conversa que tive há algum tempo com uma garota de dezesseis anos. Ela parecia irada com seus pais. Quando lhe perguntei a esse respeito, ela me olhou com olhos frios, daqueles que se vêem em fotos de identificação policial, e respondeu com uma voz inalterada: "Não é ira, é vingança". Uma escala variada de cores emocionais que expressam descontentamento e hostilidade pode ser encontrada no aconselhamento. Muitas pessoas querem pensar em ira apenas como uma emoção, e talvez como uma emoção neutra, concedida por Deus. No entanto, por que limitar a ira ao aspecto fisiológico ou emocional quando se trata claramente de algo mais?

A ira consiste também de pensamentos, palavras e quadros mentais, atitudes e julgamentos. Ela envolve a razão, imaginação, memória, consciência, todas as faculdades do homem interior. Mesmo que nenhuma palavra ou ação venha à tona, a pessoa irada pensa intensamente. "Você é estúpida. Isso não é justo. Não

[22] C.S.Lewis fez o seguinte comentário: "A pior mentira é a meia verdade". J.L.Packer comentou de maneira semelhante: "A meia verdade com máscara de inteira verdade torna-se uma mentira completa" (extraído de Introductory Essay to John Owen's *The Death of Death in the Death of Christ*, reeditado como *Life by His Death!*, London: Grace Publications Trust, 1992). A ira, a hostilidade e a calúnia, por sinal, são mestras de tais meias verdades.

consigo acreditar que ela tenha feito isso para mim." A câmera de vídeo interna repassa o clipe do que aconteceu ou pode preparar um roteiro e ensaiar o enredo imaginário de uma retribuição violenta. O inteiro sistema de justiça criminal – com exceção do advoga-do de defesa! – atua na corte da mente: investigador, promotor, testemunhas, juiz, júri, carcereiro. Essa atitude judicial está gravada na natureza da ira. É uma atitude de julgamento, condenação e desagrado por pessoas e coisas. As palavras e as ações são pensadas e planejadas, independentemente de serem ou não faladas ou executadas.

A ira acontece não apenas na mente, mas irrompe em comportamento. Conheci um casal que culminou uma discussão violenta com uma briga de revólver, ele no andar de cima, ela no térreo. Eu nunca fiz algo assim. Mas já comuniquei friamente minha irritação com minha esposa, enterrando meu nariz em uma revista depois que ela fez um comentário de que não gostei. A ira faz algumas coisas. Ela se expressa em palavras de acusação ou sarcasmo, palavrões, exageros, gestos, ataques, suspiros de desgosto, saídas do quarto, aumento do volume da voz, ameaças, olhares furiosos. Praticamos a ira com todo o nosso ser.

E o enredo complica-se. A ira, como todos os outros pecados, raramente fica sozinha. Ela costuma se entrelaçar em profundidade com outros problemas pessoais. A ira e o medo são parentes próximos. Presenciei certa vez a cena de uma mãe que gritava em fúria com seu filho pequeno que estava caído no chão chorando após um acidente no playground. Ela estava com medo e gritava ao invés de confortar seu filho machucado. Algumas teorias sobre a ira tentam mostrar que ela é secundária em relação ao medo, mas isto está certamente errado. Quando as coisas não vão bem, todos os pecadores se sentem como um gato preso na garagem: lutar ou pular dependendo das circunstâncias, com uma mistura de medo e ira.

A ira é um agravante para outros problemas. O vício da bebida, por exemplo, pode estar ligado à ira em uma variedade de maneiras. Uma amiga da família disse certa vez a respeito de seu marido: "Ele bebe para manter a ira sob controle". Quando ele não bebia, ficava cada vez mais hostil com ela, seu chefe e o mundo. O rancor o assombrava. Quando bebia, ficava manso e se sentia melhor. O álcool servia de remédio para *conter* sua raiva. Encontramos padrões diferentes. Uma mulher bebia para *expressar* sua ira contra os pais muito rígidos. Envergonhar a todos e acabar em uma sarjeta servia-lhe como uma forma de vingança.

A imoralidade sexual pode estar ligada à ira. Um homem solteiro falou sobre seu vício na pornografia como um "acesso de raiva contra Deus por não lhe ter dado uma esposa". Muitos adultérios ocorrem como forma de vingança. O suicídio pode expressar algo semelhante: "Você me feriu de tal maneira que não tenho como me vingar, mas você certamente se sentirá muito mal depois que eu me matar e você tiver de conviver com aquilo que me fez". A ira consigo mesmo também é um fenômeno comum: "Não posso acreditar que fiz algo tão estúpido. Se tão somente eu fosse mais bonita, rica, inteligente e brilhante nas conversas, mas sou feia, pobre e chata". Recriminar, acusar ou até torturar a si mesmo (queimar-se com a ponta de um cigarro, bater a cabeça na parede e assim por diante) podem manifestar o desespero e a fúria contra si mesmo diante de um fracasso.

Até aqui, essencialmente, descrevemos a ira pecaminosa como um problema pessoal. Mas a ira costuma ser um acontecimento interpessoal. A ira tem um *objeto*, um alvo.[23] Obviamente, a ira é uma característica dos conflitos interpessoais onde quer que eles ocorram: casamentos, famílias, igrejas, locais de trabalho, vizinhança, nações. É uma estratégia interpessoal, um acontecimento social e político. A guerra inclui estratégias tanto ofensivas como defensivas. Como senhores feudais que tomam posição para o combate em seus castelos, as pessoas constroem muralhas de justiça-própria, medo e dor, e disparam setas de acusações maliciosas. Aqui a ira assume o papel militar como também o judicial. É a arma ideal para se obter o que se quer. A ira coage, intimida e manipula. Você pode aconselhar famílias que "pisam em ovos" ou "entram na toca do lobo sem armas" em relação a um membro explosivo.

Não é surpresa que a ira também se faça presente no relacionamento interpessoal mais fundamental: o relacionamento com Deus. Muitas pessoas estão iradas com Deus e O tratam como costumam tratar outras pessoas — desta observação resulta um longo caminho a percorrer no aconselhamento. Os israelitas murmuravam indiscriminada-mente, acusando tanto Deus como Moisés. Freqüentemente, as pessoas atiram contra Deus zombarias, imprecações, palavras amargas e declarações falsas. Quando o Filho de Deus esteve aqui na terra, muitos queriam agredi-lo.

São freqüentes as oportunidades de aconselhar pessoas que vêem Deus através das lentes acusatórias da ira, como se Ele fosse, na verdade, o diabo ou um desmancha prazeres cuja natureza é maliciosa, legalista, cruel, distante e desprovida de sentimentos. Isso não é surpresa. Se eu acreditasse que Deus existe para me dar o que quero, eu ficaria inflamado de ira caso Ele não desse. De fato, considerando sob o ponto de vista do que motiva o coração humano, toda ira pecaminosa faz referência imediata a Deus. Se eu amaldiçôo o calor e a umidade, estou injuriando Deus de três maneiras. Primeiro, eu O coloco de lado como a fonte da vida, agindo como se Ele não existisse. Segundo, ajo como se eu fosse Deus, elevando meu desejo de conforto a uma posição suprema no meu universo. Terceiro, murmuro contra Ele, criticando implicitamente o verdadeiro Autor do "mau" tempo que me desgosta.

A ira inclui os aspectos físico, emocional, mental e comportamental. Ela se entrelaça com muitos outros problemas. É decididamente interpessoal, com respeito tanto a Deus como às outras pessoas. Resumindo, a ira é algo que você FAZ com TODO o seu ser. Mas de onde vem a ira?

3. A ira é natural

A ira é um fato. Ela é natural ao ser humano de duas maneiras diferentes: porque fomos criados à imagem de Deus e porque caímos em pecado. Deus nos *criou*, nada menos que à Sua imagem, com capacidade para ficarmos irados. E Ele disse que isso era bom. De fato, Adão e Eva *deveriam* ter-se irado de maneira fatal quando a serpente mentiu para eles a

[23] Com certeza podemos ficar irados com objetos também. Balaão bateu na sua jumenta quando ela se desviou repetidamente do caminho. Reclamações sobre a comida e o clima parecem endêmicas entre os seres humanos.

respeito da vida e da morte, de Deus e da sabedoria. Eles deveriam ter reagido com emoções fortes, argumentos claros e ações violentas. Deveriam ter desafiado aquelas mentiras, apanhado pedras e matado a serpente. A ira é uma parte benéfica da natureza humana.

Como seres humanos criados e recriados à imagem do Deus Santo, fomos equipados com a capacidade de nos irarmos diante da injustiça em uma expressão de amor tanto a Deus quanto àqueles que são atingidos pelo mal. Como pecadores que receberam a misericórdia em vez da ira, temos a capacidade inexplicável de odiar o erro e amar simultaneamente os que praticam o mal: "quanto a outros, sede também compassivos em temor, detestando até a roupa contaminada pela carne" (Jd 23). Nos aconselhamentos, quando você se deparar com o adultério, a violência contra o mais fraco ou certas palavras cruéis, sentirá dor e aversão pelas ações e os respectivos efeitos em vidas. Mas ainda assim, simultaneamente, terá misericórdia abundante para com os que cometem tais males.

Há mais implicações para o aconselhamento. Por exemplo, precisamos lembrar que a criação de Deus é diversificada: as pessoas são diferentes umas das outras. Não deveríamos nos surpreender com o fato de que alguns nascem mais sintonizados com a justiça ou mais fortes emocionalmente do que outros. Entre os meus três filhos as diferenças de temperamento são evidentes quase que desde o dia do nascimento: capacidades diferentes para responder emocionalmente, reagir à injustiça, avaliar os acontecimentos. A maneira de Deus lidar com a ira (e outros assuntos) não anula a diversidade humana; Ele opera na diversidade.

A ira, portanto, é natural ao homem, pela criação. Desde a queda, porém, a ira *pecaminosa* também é um fato. Como seres humanos corrompidos à imagem de um acusador ímpio, também estamos equipados para o ressentimento e o ódio. No mundo caído, a ira humana está tão corrompida que Tiago faz uma denúncia radical: "Todo homem, pois, seja... tardio para se irar. Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus" (Tg 1.19-20). Somente um tolo não pensaria duas vezes antes de se irar, mas nós facilmente passamos por tolos. Mesmo a ira gerada em justiça pode degenerar facilmente em justiça-própria, fofocas, autocomiseração, vingança, cinismo e acusação impiedosa.

Nossa capacidade para a ira pecaminosa revela-se muito cedo: ninguém tem que ensinar uma criança a ter um acesso de raiva. A primeira vez que uma das minhas filhas atirou-se no chão, bateu o pé e gritou violentamente, eu e minha esposa nos olhamos espantados. Nossa filha nunca tinha visto alguém agir daquela maneira, pelo menos não que fosse do nosso conhecimento. Ela era muito pequena e não tinha convivido ainda com outras crianças. De fato, nunca tinha estado longe de nós exceto por breves momentos em que ficou aos cuidados de babás, nenhuma das quais imaginamos tenha feito uma demonstração daquilo que estávamos testemunhando. Mas lá estava ela, brava como um touro indomável porque sua vontade não tinha sido satisfeita. Era um ato de iniqüidade criativa, não-aprendida. Devemos lembrar que a depravação total atingiu também a nossa ira, assim como todos os demais aspectos da natureza humana.

4. A ira é aprendida

A ira pode ser aprendida de duas maneiras diferentes. Primeiro, a ira é ensinada e modelada para nós. Bem ou mal, nós a assimilamos de outras pessoas. Aprendemos a identificar aquilo com que devemos nos irar e como mostrar nosso desagrado. [24]

Os hábitos, os estilos de vida e as tendências à ira pecaminosa são facilmente adquiridos de outras pessoas. Muitas crianças que nunca pensaram em soltar um palavrão em um acesso de raiva -– e nunca nem ouviram palavrões -– ficam surpresas quando um palavrão escapa depois da primeira semana de convívio no ônibus escolar. O choque dos pais, talvez, logo corte a formação do hábito. Mais tarde, nos anos de faculdade ou quando conseguem seu primeiro emprego ou no serviço militar, algumas letras passam a fazer parte de quase todas as sentenças, como modificadores para qualquer expressão: "Passa a #%@ da manteiga!" não costuma ser aprendido em casa. Sob a influência de modelos, a ira e os palavrões hostis tornam-se uma maneira rotineira de aliviar as menores frustrações.

A Bíblia diz, com boa razão: "Não te associes com o iracundo, nem andes com o homem colérico, para que não aprendas as suas veredas e assim enlaces a tua alma" (Pv 22.24-25). Os conselheiros devem identificar os companheiros com quem os aconselhados aprenderam a ficar irados. Por exemplo, um pai que rotineiramente pragueja contra o tempo, o tráfico ou o cônjuge, discipula seus filhos a fazerem o mesmo.

A ira piedosa e construtiva também é aprendida, embora os hábitos, os estilos e as tendências de expressão da ira justa não sejam tão facilmente adquiridos pela convivência com outras pessoas. Ainda assim, "quem anda com os sábios será sábio" (Pv 13.20). E se andarmos com o Homem mais sábio entre todos, aprenderemos a "andar como Ele andou" (I Jo 2.6).

Muitos detalhes do estilo pessoal de ficar irado podem se influenciados pelos pais, colegas ou grupo étnico. As diferenças culturais na expressão das emoções tanto pecaminosas como justas podem ser marcantes. A ira do italiano costuma diferir drasticamente em sua expressão da ira do norueguês. [25]

A ira pecaminosa sempre "vem do coração" (Mc 7.20-23), mas a forma exata que ela toma costuma ser cultivada. Os

[24] Quando se trata de explicar a ira, os cristãos que levam a sério a Bíblia não computam seu voto para a "natureza" nem para a "formação", e nem mesmo para o conjunto de "natureza e formação". Como a separação entre o bem e o mal está presente em *tudo*, podemos discernir quatro fatores. Ao julgar os efeitos da "natureza", não podemos entender as pessoas sem considerar tanto a natureza da criação como a natureza do pecado, conforme já vimos anteriormente. De forma semelhante, ao julgar os efeitos da "formação", temos que dar atenção tanto à formação pecaminosa quanto á formação pela graça. Os hábitos que expressam tanto o pecado como a sabedoria podem ser formados (Pv 13.20). Nem a natureza nem a formação são neutras.

[25] Os fãs de Woody Allen lembrarão uma cena famosa do filme *Annie Hall* em que a polidez taciturna da classe alta, os anglo-saxões de Westchester, é contrastada com a inconstante montanha russa emocional da classe trabalhadora, os judeus do Brooklyn. Os hábitos do primeiro grupo não devem determinar nossa idéia de domínio-próprio bíblico. Os hábitos do segundo grupo não devem determinar nossa idéia de expressão bíblica emocional.

conselheiros podem esperar que tanto a ira pecaminosa como a ira justa tenham diferentes expressões, dependendo das diferenças individuais e culturais, e não devem impor o próprio estilo de personalidade para aqueles que aconselham.

A ira pode ser aprendida de uma segunda forma: pela prática, ela se converte em uma "segunda natureza" ou maneira habitual de viver. Nossas manifestações de ira tornam-se características. Algumas pessoas "põem fogo na casa" e depois apagam, outras entram em sua concha; outras ficam alvoroçadas por vários dias. Algumas pessoas levantam a voz, outras se calam; algumas dão plenos sinais de que estão com raiva, outras fazem verdadeiros ataques de guerrilha a partir do nada; algumas usam a raiva para intimidar e controlar as pessoas, outras usam o mau humor para evitar as pessoas. Os conselheiros devem se familiarizar com as características da carne de cada um de seus aconselhados.[26]

5. A ira é uma questão moral

A ira é intrinsecamente moral: ela avalia e é avaliada. Esta característica estava implícita na discussão anterior, mas vale a pena reexaminá-la. Primeiro, a ira avalia; quer dizer, ela avalia alguma coisa ou alguém, considera deficiente, injusto ou desagradável e, depois, passa para a ação. A ira desperta-nos para atacar ou depreciar aquilo que achamos desagradável. Ela foi oportunamente bem descrita como "emoção moral". Trata-se de um sistema judicial individual, que reage energicamente àquilo que é percebido como injustiça. Ao longo do artigo, ampliei a definição de "ira" para incluir crítica, queixa, transferência de culpa, ódio, violência e similares – diferentes formas de julgamento contra o mal percebido. O que tipicamente concebemos como "ira" – a voz alterada, as palavras de acusação, as emoções quentes, as atitudes hostis – é provavelmente melhor definido como "uma forma emocionalmente despertada pelo julgamento do mal percebido".

Neste primeiro artigo, estamos preocupados com a natureza básica da ira, sem especificar graus e nuances. Essa natureza básica consiste em expressar um julgamento moral contra alguma coisa que pensamos ser injusto e também importante. Eu me preocupo tanto com alguma coisa que sou *movido*: a "moção" em "emoção", o "motivo" em "motivação". E sou *movido* tanto para um forte sentimento como para algum tipo de ação. A ira, por natureza, tem posição moral; ela julga.

Segundo, a ira é avaliada. Deus julga os nossos julgamentos e avalia moralmente todo e qualquer episódio de ira. Sei *distinguir* apropriadamente entre o bem e o mal? *Reajo* de maneira piedosa ao mal identificado? Se me irrito quando o telefone toca e quebra a minha concentração, e murmuro uma corrente de imprecações, minha ira proclama: "Esse telefonema é ruim e deve ser desaprovado". Deus avalia tanto o meu critério para o julgamento como a minha maneira de reagir, e sabe que ambos estão errados. Se amaldiçôo um adúltero e faço fofocas a respeito dele, minha ira diz: "O adultério é errado, e deve ser amaldiçoado

[26] Richard Lovelace usa o termo provocativo "características da carne" para expressar as manifestações relativamente estáveis de pecado que caracterizam cada um de nós e diferem de pessoa para pessoa. *Dynamics of Spiritual Life* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1979), p.110.

e enredado". Deus avalia meu critério de julgamento e pode achá-lo correto; Ele avalia minha maneira de reagir e diz que está errada. Quando fico irado porque as crianças desrespeitam sua mãe e reajo com uma repreensão enérgica, mas amorosa, minha ira proclama: "O desrespeito é errado e deve ser contraposto energeticamente com respeito, desafio e misericórdia". Deus avalia minha ira, tanto o critério de julgamento como a maneira de reagir, e os considera corretos. Tal ira expressa amor pela minha esposa e pelos filhos. A força emocional dessa ira amorosa produz muitas coisas boas. Motiva-me a interferir, protege minha esposa, mostra para meus filhos o significado do erro, modela a maneira correta de responder ao pecado de outra pessoa.

Ser cristão não é ter uma apatia estóica nem estar "acima" de reações emocionais.[27] Com a desculpa de terem "domínio-próprio", muitas pessoas mostram-se insensíveis e fechadas em si mesmas. Pecam por omissão: são indiferentes, deixam de ajudar quando a atitude cristã seria expressar aborrecimento e procurar uma maneira de causar impacto. O cristianismo também não é dado ao desabafo de emoções. "O longânimo é grande em entendimento, mas o de ânimo precipitado exalta a loucura" (Pv 14.29). A ira não é neutra. Uma linha divisória entre a sabedoria e a tolice examina o âmago de cada episódio de "ira": a ira é piedosa ou é pecaminosa. Aqui os pensamentos bíblicos vão diretamente de encontro à nossa cultura. Nossa cultura costuma dizer: "A ira não é nem boa nem má; ela simplesmente existe". A teoria de que as emoções são neutras tornou-se um refrão para a cultura da terapia. Mas não é verdade que a ira "simplesmente existe". Muitas pessoas, em nome de "serem honestas" ou "tirar isso dos meus ombros", tornam-se egoístas e indiferentes. Cometem pecados, são impulsivas, causam dano quando a piedade levaria em conta o impacto das palavras. Aprender a distinguir entre a ira pecaminosa e a ira justa é extremamente importante, mas nem sempre fácil.

Temos que afinar nosso julgamento moral – ter as "faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal" (Hb 5.14) – para saber a diferença entre a ira pecaminosa e a ira justa. Tanto Deus como Satanás ficam constantemente irados; de que lado está a sua ira? As Escrituras fornecem muitos critérios pelos quais Deus nos treina para discernir. Vamos considerar sete destes.

Teste 1: Você fica irado com as coisas certas?

A ira dirige-se ao que *percebemos* ser uma injustiça. Você tem a percepção correta? Essa é a primeira grande divisão. Uma pessoa pode ficar irada com alguma coisa que não deveria provocar ira. As pessoas criam seu conjunto de

[27] Muitas filosofias de vida populares são basicamente estóicas. As terapias cognitivas comportamentais, por exemplo, vêem a emoção "negativa" (ira, desânimo) como produto de crenças erradas sobre os acontecimentos. Procuram ensinar uma série de crenças "racionais" que produzem equilíbrio não importa o que aconteça. Não há dúvida de que crenças falsas produzem ira pecaminosa, mas crenças verdadeiras também devem produzir ocasionalmente ira, angústia e tristeza. Veja os Salmos. As práticas e crenças Hindus – chamando o mundo dos sentidos de ilusório e ensinando técnicas de meditações que acalmam – também são essencialmente estóicas. Com certeza, as crenças erradas costumam gerar reações pecaminosas e desnecessárias diante de provocações ilusórias, mas a fé verdadeira não produz êxtase. Jesus não viveu uma vida calma; Ele teve muito com que se afligir.

expectativas pessoais, suas próprias "leis", seus critérios de certo e errado, e reagem com ira quando essas "leis" são violadas. Jonas é um exemplo clássico. Duas vezes ele ardeu em ira e duas vezes Deus o desafiou: "É razoável essa tua ira?" (Jn 4). Ele concluiu que a compaixão de Deus pelo povo e a destruição da planta eram injustiças sérias. Muita ira pecaminosa origina-se por causa de interpretações erradas semelhantes às de Jonas. Por exemplo, posso esperar um rosbife no jantar; quando me sento à mesa, porém, é servido macarrão com queijo. Se eu fico irritado e me queixo, seria uma ira neutra? Não, ela seria pecaminosa, pois percebi como ruim algo que é bom e deve ser recebido com gratidão. Muitas vezes, a ira vem de percepções distorcidas pelas crenças, desejos e expectativas que tomam o lugar de Deus em nossos corações.

Certa vez, uma amiga procurou-me depois do culto e disse: "Quero pedir perdão por uma coisa. Estou com raiva de você há oito meses e simplesmente me segurei na tentativa de perdoá-lo. Mas Deus me convenceu e quero resolver as coisas entre nós". Fiquei agradecido que ela quisesse acertar as coisas e que tivesse tido a coragem e a humildade de levantar o problema. Mas enquanto ela tentava descrever um incidente na entrada da igreja, quando eu havia ignorado sua presença, ela me deixou perdido. Do que ela estava falando? Não podia me lembrar de jamais ter feito alguma coisa contra ela.

Finalmente, juntamos os dados. Durante o culto da manhã, certa vez senti náusea. Enquanto me dirigia para o banheiro masculino passei por ela no saguão da igreja sem quase vê-la, sem cumprimentar nem conversar, e com uma expressão de infelicidade no rosto. Ela interpretou meu comportamento como se fosse dirigido contra ela. Oito meses de raiva resultaram da percepção de uma maldade onde não havia maldade. Seu desejo de ser aceita dominou. Ou talvez fosse melhor dizer que seu desejo de ser aceita conflitou com os desejos do Espírito em seu coração. Ser aparentemente ignorada e receber uma cara feia de alguém que julgamos ser um amigo não é engraçado. Quando Deus reina, a dor e a ira nos movem a resolver a situação de maneira piedosa, conferindo nossas percepções. De fato, ela finalmente deu esse passo para o louvor da Sua graça, e nos reconciliamos. Mas quando as crenças e os desejos falsos reinam, as nossas percepções permanecem distorcidas e emperramos na ira e no sofrimento. Até certo ponto, isso aconteceu, retardando a reconciliação por muitos meses. A ira *sempre* reflete o padrão moral de uma pessoa, sua definição de bom e mau, certo e errado. Confira! [28]

[28] Uma dinâmica semelhante costuma operar na ira consigo mesmo, que nossa cultura chama de "baixa auto-estima". Por exemplo, uma mãe de pré-escolares pode estar deprimida, julgando-se um fracasso porque sua casa não está parecida com as casas de uma revista de decoração. Os cristãos costumam ter uma ou duas maneiras de lidar erradamente com essa questão. Primeiro, muitos identificam uma ira ou desapontamento dirigido contra si mesmo, uma "culpa falsa", e dizem que ela não fez nada errado. Então completam com um quase-evangelho: "Jesus aceita você como você é. Relaxe e aceite você mesma". Esta fórmula muito repetida pode parecer plausível, mas não é verdadeira. Segundo, outros assumem a sua culpa pelo valor real e lhe oferecem o evangelho real: "Jesus perdoa o seu pecado e pode ajudá-la a mudar". Mas isto não está certo também, pois o problema não foi definido adequadamente. A misericórdia e ajuda que Jesus dá não é para perdoar a bagunça normal nem capacitar uma arrumação fora do normal na casa. Seria mais adequado dizer que sua ira auto-punitiva expressa uma "culpa

Você pode muito bem estar irado com alguma coisa que *deveria* odiar, percebendo a injustiça com precisão. A injustiça pode ser praticada contra você: crueldade do seu cônjuge ou dos pais, desrespeito dos filhos, mentira de um empregado, fraude de um vendedor, estupro praticado por um parente. Você pode observar o mal praticado publicamente ou contra outra pessoa: o abuso de crianças, a crueldade verbal, a propaganda de homossexualidade e aborto, a mentira e manipulação de um televangelista, a atrocidade da guerra. A ira é a resposta apropriada para o cristão. Você seria uma pedra ou um estóico se não sentisse ira nenhuma. Aqui, porém, nos deparamos com uma segunda divisão.

Teste 2: Você expressa a ira da maneira correta?

É possível enxergar acertadamente a injustiça praticada por outra pessoa e, ainda assim, expressar a ira de maneira pecaminosa. A parábola de Jesus sobre a "trave e o argueiro" levanta esse assunto.[29] A ira despertada corretamente (que passou pelo teste 1) é com freqüência mais difícil de avaliar no teste 2. O que aconteceu "lá fora" parece tão errado que fico cego àquilo que está errado "aqui comigo". Os pecados da justiça-própria são notavelmente enganadores.

A escala mais clara para medir se a ira está certa ou errada em sua expressão é o quanto ela age para condenar ou para oferecer ajuda. Somos chamados a colocar nossa fé na verdade de que "Minha é a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor" (Rm 12.19). Nossa ira não é para punir nem vingar. Ela é para fazer primeira e obviamente o bem para as vítimas reais ou potenciais do mal. Em segundo lugar, às vezes não tão obviamente, fazer o bem aos que praticaram o mal. A ira nos motiva a intervir para fazer cessar a injustiça, proteger o fraco, desafiar os opressores (e alguns deles podem se sentar à nossa frente no aconselhamento), para repreender, advertir o insubordinado, alertar para o perigo. Mas a dinâmica de oferecer graça e ser um pacificador deve finalmente permear nossa ira. De outra forma, seríamos culpados de julgar sem misericórdia, arrancar os argueiros tendo traves nos nossos olhos.

Efésios 4.29 é sempre verdade: "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e, sim, unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que ouvem". A percepção da injustiça e o vigor da ira não dão o direito de colocar de lado uma ordem escrita especificamente para *ajudar* as

distorcida". Seu sentimento de culpa é produto de uma lei falsa. Ela é verdadeiramente culpada por servir a um padrão falso e sustentá-lo (ou, no caso, ficar aquém dele) mediante "obras" realizadas debaixo desta lei falsa. Seu padrão de julgamento está distorcido e seu *modus operandi* desconsidera Cristo. A verdade de Deus -– tanto a lei como a misericórdia –– pode renovar a sua mente. Justamente como a noção de culpa falsa é inadequada, assim também é inadequado simplesmente oferecer um "quase-evangelho", dizendo que Jesus a aceita. Jesus não a aceita simplesmente como ela é, pois Ele se levanta contra seus pecados verdadeiros. Mas visto que sua culpa está distorcida por um critério falso, também é inadequado dizer simplesmente que Jesus a perdoa, sem antes fazer um trabalho introdutório que defina com precisão a sua necessidade real de perdão. Jesus não a perdoa por ela não ter uma casa perfeita como a da revista. Isto não é pecado. Ele a perdoa por adorar o padrão falso estabelecido por ela mesma (e sua cultura), e ajuda a viver com atitude de gratidão, pela graça, ao invés de viver de maneira infrutífera, tentando se superar. Quando ela entende seu pecado real, então a graça real faz um sentido maravilhoso.

[29] Mateus 7.1-5 e Lucas 6.39-45

pessoas a lidarem com o aborrecimento das injustiças praticadas uns contra os outros![30] Mesmo quando (e especialmente quando!) lidamos com pecados graves ou heresias, 2 Timóteo 2.24-25 sempre se aplica: "Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente; disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade".

Jesus dirigiu Sua crítica mais violenta contra os líderes religiosos em Jerusalém (Mt 23). A ira deu foco às Suas palavras, como lança pontiaguda com impacto crescente. Mas Ele não estava destruindo as pessoas; Ele estava ajudando. As palavras de Jesus tinham a intenção de resgatar aqueles cujos líderes tinham desencaminhado para o legalismo, a justiça-própria e a incredulidade no Cristo que estava entre eles. E Jesus falou para chamar a atenção daqueles líderes, avisando-os de que enfrentariam a ira: "Ai de vós". Mesmo em uma ocasião extrema de ira, Jesus não impôs castigo. Ele não foi dado à discussão, grosseiro, falso, impaciente, rixoso. Quando agonizou na cruz, muitos líderes — Nicodemos, José de Arimatéia, o apóstolo Paulo e outros mais – estavam incluídos em Sua intercessão "Pai, perdoa-lhes", e foram cobertos pelo sangue do Cordeiro que os amou.

Há uma boa razão para que a função punitiva que Deus dá ao homem – a "espada" – seja refreada por Ele para o bem-estar geral. Quando o "rei", o juiz principal, pune com honestidade, o resultado é a justiça. Quanto maior a injustiça, mais necessária se torna a punição e *menor* parte de ação cabe à ira individual. Quando a ira individual tem a intenção de punir, resulta em uma ação judiciária, a injustiça a acompanha e Deus não se agrada. Sonde a si mesmo com a seguinte pergunta: Presumindo que a sua ira seja apropriada, você a está expressando construtivamente para a glória de Deus? Ou sua ira está cheia de impertinência, justiça-própria e desejo de punir característicos da ira pecaminosa?

Posso pensar em uma ocasião dramática em que minha ira foi muito intensa e – pelo tanto que conheço a mim mesmo – simplesmente justa. Esse incidente aconteceu quando eu era recém-convertido e trabalhava em um hospital psiquiátrico. Um dos pacientes era enorme de gordo e tinha um histórico de violência. "João" esperou até que toda a equipe de plantão saísse para o almoço, menos eu (que nada tenho do Incrível Hulk) e uma enfermeira que pesava mais ou menos 50 quilos. Ele escolheu aquela hora para ter um ataque de violência. Ouvi barulho de móveis sendo quebrados na sala de estar. Ao sair da sala da enfermagem, vi João andando pelo corredor ameaçadoramente em minha direção, segurando uma enorme televisão sobre sua cabeça.

Fiquei irado. Intensamente irado. Talvez seja estranho ficar irado e não ter medo, mas eu estava cônscio apenas da ira. Não sei de onde veio a voz estrondosa, mas de repente ouvi a mim mesmo dizendo: "JOÃO, PONHA ISSO NO CHÃO E VÁ PARA SEU QUARTO!" Minhas palavras foram fortes e impetuosas. Eu

[30] Essa é a ênfase tanto do contexto imediato (4.25-5.2) como do contexto amplo (do começo do capítulo 4).

estava lidando com o erro e minha resposta foi enérgica, de comando e autoritária. A ira justa produz efeitos surpreendentes. João parou seu curso, colocou no chão a televisão, e humildemente andou pelo corredor em direção ao quarto.

Em seguida, ainda com a respiração ofegante, pensei: "De onde veio *isso*? Obrigado, Deus". Quando as batidas do meu coração se acalmaram, fui até João para falar com ele. Tivemos uma boa conversa. Não reclamei nem dei uma lição de moral. Ele, de fato, mostrou-se arrependido. Mais tarde, quando voltei a pensar nesse incidente, a natureza da ira justa ficou mais clara. Eu não tive ódio de João, e até seria honesto dizer que tive amor por ele, apesar de que, obviamente, não "senti" nenhum afeto por ele naquele momento. Eu pratiquei o bem para com ele, apesar de ter ardido em ira contra seu erro. Não queria acabar com ele. Não guardei ressentimento. Minhas palavras não foram vingativas. Embora agressivas, elas tinham a intenção de resolver o problema e trazer paz. Não humilhei João nem me apresentei como santo. Nenhuma amargura permaneceu. Na verdade, nosso relacionamento foi fortalecido. A ira não foi inadequada. Foi incitada com razão, baseada em uma percepção acurada. Foi expressa de modo apropriado, com a intenção de trazer bem-estar aos homens e glorificar a Deus.

Deus não nos dá momentos heróicos com freqüência. Mas nos momentos menos heróicos as mesmas questões se apresentam em uma escala menor. O adolescente rebelde? O marido calado? O companheiro de trabalho fofoqueiro? O congestionamento do trânsito? A guinada do assunto de uma reunião em direção infrutífera? As interrupções que nunca acontecem na hora certa? "Algo *injusto* está acontecendo. Como vou mostrar amor? Vou pagar o mal com o mal ou falar palavras construtivas? Seja branda ou enérgica, minha resposta ministrará graça a quem a ouvir?"

Teste 3: Quanto tempo dura sua ira?

De que outra maneira podemos dizer se a ira é justa? Uma medida é sua duração. Quando a ira dura um dia, uma semana, uma década ou a vida inteira, alguma coisa está errada. Quando a ira transforma-se em amargura e hostilidade, o diabo ganha o jogo. Tornamo-nos como nossos opressores, pagando o mal com o mal. Efésios dá um princípio memorável: "Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira" (4.26). Fazer isto é pecado, como a primeira parte do versículo claramente nos informa.

A ira pode ser pura e correta. Mas Deus quer que a graça triunfe na vida daqueles que Ele está transformando à Sua imagem. Isso não significa que deixaremos de odiar o mal, mas que levaremos a sério a oração diária que expressa nossa necessidade: "Perdoa-nos as nossas ofensas assim como perdoamos os que nos ofendem". Você controla a sua ira? Ou ela o leva à exasperação? Suas atitudes com as pessoas estão envenenadas com malícia, desdém, condenação? Se você mantiver uma prestação de contas de seus próprios pecados -– incluindo os diversos pecados relacionados à ira -– a misericórdia fluirá constantemente na sua própria vida, tornando-o misericordioso para com os outros.

Teste 4: O quanto você controla sua ira?

A ira piedosa é uma emoção controlada por um propósito imposto a nós pelo Senhor Deus. Ela é coerente com os aspectos do fruto do Espírito identificados como

domínio-próprio, bondade e paciência. A ira pecaminosa é uma emoção controlada por impulsos dos nossos corações, escapa ao controle e é facilmente provocada. Jay Adams faz uma boa colocação do assunto: "A ira é a emoção que nos foi dada por Deus para atacar os problemas... A energia da ira deve ser produtivamente liberada sob controle em direção a um problema. A ira deve ser dirigida para destruir o problema, não para destruir a pessoa... A ira, como um bom cavalo, deve ter rédeas".[31] Sua ira é controlada por um plano piedoso, confiança na soberania de Deus e submissão aos propósitos dEle? Ou ela está fora do controle de Deus, é imprevisível, abusiva ou sorumbática? A sua ira ministra graça ou juízo?

O propósito de Deus para conosco é oferecer graça. A sua ira está entretecida de misericórdia? Você será provocado, não há como evitar: "É inevitável que aconteçam coisas que levem a tropeçar" (Lc 17.1 NVI). Quando seu filho o irrita ou desafia a sua autoridade de pai, você não observa simplesmente o fato de maneira desinteressada: "Oh, isso é interessante. Creio que estou vendo ou ouvindo alguma coisa que talvez se encaixe na categoria de 'pecado'. Pensando bem, parecem palavras incoerentes com obediência e respeito. Seria bom saber como lidar com isso?" Oh, não! Você foi feito para reagir emocionalmente. Um filho não deve desrespeitar os pais! A ofensa, corretamente, pressiona um botão e mexe com você.[32]

A ira pode se tornar pecaminosa facilmente, embora não necessariamente. Ela pode ser freada: "Vamos lidar com isso". A ira provê energia para identificar o que está errado, disciplinar a criança, conversar com ela, confortá-la e tratá-la com amor. A ira é pecaminosa e destrutiva se for punitiva, é justa e amorosa se for para disciplina.

Será que ter domínio-próprio significa que sua ira não será tão intensa? Essa é uma questão difícil, pois a Bíblia não usa a intensidade como critério. O desdém frio ou a aversão moderada podem expressar formas pecaminosas de "julgamento contra a injustiça percebida". O genocídio – literal ou preconceitual – pode acontecer sem muita emoção. As formas mais intensas de ira podem estar totalmente desprovidas de calor emocional, mas são profundamente más. A indiferença dos que vêem a si mesmos como "seres superiores" simplesmente desconsidera aquelas pessoas desagradá-veis ou os pontos de vista que não passam no seu teste de significância. Em contraste, Jesus foi "consumido" por ira quando expulsou os mercadores do templo (Jo 2.17). Também quando condenou os fariseus, Jesus pareceu registrar cerca de dez pontos na escala Richter da força emocional. Ainda assim, Sua ira foi sempre controlada por Sua devoção à glória de Deus e ao bem-estar do povo de Deus,

[31] Jay Adams, What *Do You do When Anger Gets the Upper Hand*? Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian & Reformed, l975.

[32] Alguns pais, com certeza, têm "botões" que são pressionados por coisas que não constituem pecado. Eles ficam irados com coisas que não são erradas ou com infrações pequenas das regras ou costumes familiares. Seus botões são pecaminosos. Veja o Teste 1. Outros pais "estouram" quando seus botões pecaminosos ou mesmo legítimos são pressionados. Veja o Teste 2. E em certos casos, alguns botões ficam pressionados 98% por alguma coisa que aconteceu na semana passada, de forma que a ira dos pais está sempre por um fio. Veja o Teste 3.

bem como será no dia em que a "ira do Cordeiro" for revelada (Ap 6.16ss).

Talvez seja justo dizer que *muito* da intensidade da ira diminui quando controlada pelo Espírito, pois boa parte da ira costuma ser precipitada, vingativa e mal orientada. As pessoas misericordiosas, pacientes e sábias não explodem, enquanto que os tolos dão livre vazão à sua ira (Pv 29.11). O sábio mantém a validade da sua ira sob humilde suspeita: ela passa no teste de Deus? Em *muitas* ocasiões a ira desaparecerá, pois não seremos provocados à ira por coisas simplesmente irritantes. Mesmo assim, sempre haverá oportunidade para a ira, e em algumas dessas ocasiões haverá emoções fortes.

Teste 5: O que motiva a sua ira?

A ira justa ou a ira pecaminosa são definidas pela motivação. As pessoas motivadas pelo desejo de glorificar a Deus, de se conformar com o exemplo e vontade de Jesus e buscar o bem-estar dos outros ficam iradas de determinada maneira. As pessoas motivadas pela "vontade da carne e dos pensamentos" (Ef 2.3), por orgulho e falsas crenças, ficam iradas de maneira diferente. A pergunta simples a ser feita diz respeito ao que está por trás da ira: "O que eu quero realmente?". Se você for honesto consigo mesmo, com a ajuda de Deus, poderá reconhecer se seu desejo mais profundo é vingar-se, ferir alguém, deixar de ser incomodado, provar que alguém está errado, marcar pontos, ser reconhecido e apreciado, humilhar alguém, vencer ou fazer as coisas do seu jeito. Você estaria sendo governado pelo que a Bíblia chama de "eu". Com a ajuda de Deus, você poderá também reconhecer se realmente quer que o Senhor da Vida seja honrado em palavras, ações, atitudes e intenções. O conselho de irmãos em Cristo pode nos esclarecer quando estamos cegos a algum aspecto. Também pode nos ajudar quando enganamos a nós mesmos sobre as motivações verdadeiras e praticamos alguma coisa errada como se fosse a vontade de Deus.

Algo bom no aconselhamento de pessoas iradas – e também no exame da sua própria ira — é que a ligação entre raiz e fruto é muito acessível. Por exemplo, o que você responderia se, depois de ter feito uma pergunta razoável, eu qualificasse sua pergunta de estúpida, desse um tapa em seu rosto e lhe dirigisse um palavrão? Você sentiria dor, ficaria chocado, desanimado, humilhado, irado e talvez amedrontado. Onde isso acabaria? Glória a Deus se ao se sentir injustiçado você fosse motivado a me confrontar com franqueza e mansidão, com a intenção de verificar minha insensatez e me trazer de volta à razão, confiante de que primeiro eu preciso da graça de Deus e depois do seu perdão especifico. Todas as evidências indicariam que você é uma pessoa motivada por Jesus Cristo acima de tudo.

Se, ao invés disso, você ficasse amargurado, bravo e procurasse maneiras de se vingar, há probabilidade de que você tenha mais fome e sede de justiça-própria e respeito pessoal do que da justiça de Deus. E o que dizer se você "luta" com a tentação de dar o segundo tipo de resposta? Glória a Deus se você está lutando para mudar, deixando o erro e caminhando em direção ao primeiro tipo de resposta. Deus é honrado e dispensa Sua graça na luta em direção à retidão bem como na sua conquista.

Teste 6: Sua ira está sempre pronta para responder ao pecado habitual de outra pessoa?

Nossos irmãos em Cristo (para não falar de nossos inimigos!) costumam repetir várias vezes seus pecados. Jesus falou em

"setenta vezes sete" e "sete vezes no mesmo dia." [33] A sua reação de ira é igualmente repetitiva? Discussões que se repetem – com troca rápida de palavras seguindo o mesmo padrão vez após vez – revelam que alguma coisa está errada com a sua ira.

Quando os problemas são tratados diariamente, minha ira não fica à espera de estourar. A bomba não está carregada para explodir. Um erro cometido hoje não pode me levar a desenterrar a sua ficha criminal de transgressões anteriores. Não vou dizer: "Quantas vezes eu disse a você... Se tivesse falado apenas uma vez, mas falei mais de mil vezes... Você sempre... Você nunca... Aqui vamos de novo... Não acredito que você fez de novo". A ira justa tem a ver com ministrar a graça e ser pacificador. A graça quebra o círculo de provocação-reação tão característico da vida no mundo pecaminoso. Os pecados, incluindo a ira pecaminosa, costumam ser repetitivos, mas a ira justa celebra os novos começos porque não guarda os erros cometidos. Ela sempre olha para como Deus está trabalhando com a pessoa e a situação, da mesma maneira que Ele trabalha em mim.

Teste 7: Qual é o efeito da sua ira?

Uma última maneira de distinguir a ira justa da ira pecaminosa é pelos seus efeitos. A ira pecaminosa cria mais problemas, complica as coisas. Ela machuca as pessoas, colocando-as na defensiva. A sua reação de ira pecaminosa tenta as pessoas a se retraírem ou a retaliarem. As suas palavras são "palavras torpes" (Ef 4.29). Esse adjetivo era usado para frutas ou peixes estragados. Se alguém fosse comer suas palavras -– seu conteúdo condenatório e humilhante, seu tom de voz -– passaria mal, pois as palavras torpes são indigestas. A ira pecaminosa cria círculos viciosos: o mal dispara o mal.

As pessoas podem se retrair ou podem retaliar mesmo diante das palavras justas, apropriadas e misericordiosas da ira justa. Nesse caso, porém, você não foi motivo de tropeço e elas foram tentadas simplesmente pelo pecado de seus próprios corações. As palavras agradáveis são doces ao paladar. Mesmo que contenham verdades duras, elas transmitem a intenção de ajudar. A ira justa é parte da solução dos problemas e, geralmente, ela cria círculos de graça. O mal traz o bem... O quê? Nunca se sabe.

Às vezes, a loucura do pecado é tal que a pessoa literalmente retorna o seu bem com mal. Mas em longo prazo o bem vence o mal. As pessoas costumam responder surpreendentemente bem às verdades faladas em amor. E mesmo quando a princípio alguém rejeita suas palavras, a sua maneira de agir deixa marcas. A pessoa não pode simplesmente negar o bom senso daquilo que você falou nem a humildade e ausência de condenação em sua atitude. Você frustrou a intenção dela de se defender e arremessar acusações contra você. Você não a tratou da maneira como ela o tratou. Essa é a força mais poderosa do planeta.

Olhe para Jesus. O mal veio sobre Ele. Sim, suas repreensões foram intensas e fortes em certas ocasiões. Era preciso expor a realidade da injustiça, proteger a honra de Deus e servir o bem-estar dos pobres de espírito que colocaram suas esperanças no Messias. Sim, muitas pessoas retribuíram com mal o bem que Ele fez. Mas Ele amou seus inimigos de

[33] Mateus 18.22 e Lucas 17.4

maneira inconfundível. Enquanto éramos ainda seus inimigos, Ele morreu por nós. Cristo, mesmo na Sua ira, não condenou o mundo, mas o salvou. Ele veio para transformar ofensores em amigos. O mal dispara o bem, que dispara o bem.

A ira justa não precisa "vencer". Ela não tem que ser bem-sucedida em trazer os malfeitores à justiça. Seus propósitos são mais modestos na superfície, porém mais extraordinários abaixo da superfície: a glória de Deus e o bem-estar eterno do povo de Deus. A ira justa tem efeitos bons para todos. Portanto, quando você se depara com a falta de arrependimento, quando seus melhores esforços parecem inúteis e efêmeros, você não precisa ficar mais irado. Você pode se tornar mais objetivo e direto. No seu interior, a misericórdia opera para suavizar o seu coração.

Jesus quer que você ore pelo bem-estar dessas pessoas, o que inclui seu arrependimento para a vida (Lc 6.28). Externamente, você é chamado a praticar atos persistentes e diretos de bondade imerecida: "Se seu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer, se tiver sede, dá-lhe de beber" (Rm 12.20). Você também pode ser chamado para se juntar a outros em atividades que impõem conseqüências objetivas sobre aqueles que praticam o mal: disciplina eclesiástica, retenção de ajuda financeira, demissão do emprego, notificação de despejo, denúncia à polícia, incriminação judicial, elaboração de novas leis, escolha de novos líderes, e coisas semelhantes. Essas atividades boas são também "julgamentos contra o mal percebido", mas operam de uma maneira mais imparcial. Elas são exigências objetivas e racionais, estabelecendo limites para o nosso envolvimento pessoal de ajuda. São boas e de grande alívio. Costuma ser um grande refrigério para quem enfrenta o mal persistente saber que outras pessoas também estão tendo responsabilidade na ação corretiva. Reduz a tentação de fazer justiça com as próprias mãos.

A ira é uma questão moral. Por natureza, ela avalia e procura destruir o mal percebido. Pela natureza de Deus, nossa ira está sempre sendo avaliada. Estas afirmações gerais constituem a base para o nosso entendimento da ira. A Bíblia trata o assunto com ricos detalhes, servindo-se tanto de exemplos como de proposições. A ira é física, emocional, mental e comportamental. É decididamente interpessoal, sempre tem a ver com Deus e, freqüentemente, com outra pessoa. É tanto natural como aprendida, para o bem ou para o mal. É um assunto moral. Deus nos dá uma cosmovisão para pensar sobre a ira e lutar com as diversas expressões de ira que encontrarmos. Algumas aplicações ao aconselhamento estão espalhadas nas páginas anteriores e os leitores podem fazer ainda outras. No segundo artigo, consideraremos em detalhes as aplicações mais importantes.

Três Mentiras sobre a Ira e a Verdade Transformadora

David A. Powlison[1]

O que é a ira? Como devemos lidar com ela? No primeiro artigo desta série, procuramos dar a base bíblica para entender a experiência da ira. Vimos que a Bíblia trata detalhadamente o assunto. Também vimos que a ira envolve a pessoa por inteiro: corpo, emoções, mente, motivações e comportamento. Ela tem um foco interpessoal, sempre relacionada a Deus e, geralmente, a outras pessoas também. A ira é natural e também aprendida, ela opera para o bem e para o mal. É uma questão moral. Deus nos dá uma cosmovisão para pensarmos sobre a ira e dentro desta perspectiva podemos lidar com as mais variadas expressões de ira que encontramos.

Neste segundo artigo, nosso propósito é analisar três dos enganos mais nocivos sobre a ira que dominam nossa cultura. Como conselheiros bíblicos, podemos oferecer às pessoas emaranhadas em mentiras a alternativa bíblica com toda a sua profundidade, esperança e poder. A verdade provê um caminho para abandonar a ira e as confusões que a cercam. No final do artigo, damos um conjunto de oito perguntas que ajudam a avaliar e vencer a ira como Deus quer.

Mentira n° 1: A Ira é uma coisa que está dentro de mim

Uma das implicações cruciais do que estamos discutindo é que a ira não é uma "coisa". Ela é um ato moral da pessoa como um todo, não é uma "substância" ou "alguma coisa" dentro de você ou de mim. O que estou dizendo pode parecer óbvio, mas o entendimento mais popular da ira não é esse. Para alguns, a ira é um fluido quente e emocional que causa pressão interior. Para outros, um demônio que habita a pessoa. Essas idéias comuns — embora opostas uma à outra! — concordam em dizer que a ira é alguma "coisa".

[1]Traduzido e adaptado de *"Anger Part 2: Three Lies About Anger and the Transforming Truth"*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling,* v. 14, n. 2, Winter 1996, p. 12-21.
David Powlison é editor de The Journal of Biblical Counseling, conselheiro e professor na C*hristian Counseling and Educational Foundation,* e professor de Teologia Prática no Westminster Theological Seminary em Glenside, Pensilvania.

Na cultura ocidental, de maneira geral, muitas teorias sobre a ira a vêem como um fluido emocional que causa pressão interior e precisa ser liberado. A teoria "hidráulica" da ira contribui para a sabedoria popular que diz: "a ira não é boa nem má". As "*coisas" são* neutras, enquanto que os agentes morais não são. Por que então essa teoria parece plausível? Porque certas imagens, como as que mencionamos a seguir, retratam muito bem aquilo que sentimos quando estamos irados: a ira de uma pessoa pode estar "reprimida", "a válvula está fechada". Alguém pode "ferver de raiva", estar "cheio de ira", esperando para "explodir" ou "estourar de raiva". A ira não resolvida pode ser "guardada" ou "fomentada" por décadas. Se você "tirar a ira do baú" e "despejá-la", poderá se sentir melhor. Todas essas metáforas retratam persuasivamente a ira como uma substância pressurizada dentro de nós.

Sem dúvida, todas essas descrições vívidas captam a idéia da experiência de ira. Mas uma metáfora não deve conferir excesso de poder àquilo que pretende ilustrar. Os escritores do Antigo e Novo Testamentos, por exemplo, não acreditavam que uma fornalha interior ficasse acesa para esquentar a pessoa que "ardia" em ira. A metáfora de "arder" expressa graficamente a sensação de ira e seus efeitos, mas não tem a intenção de cancelar o fato de que a ira é alguma coisa que as pessoas praticam. A ira parece arder como fogo, mas não é fogo. A solução para a ira pecaminosa não é remover cirurgicamente a fogueira nem beber água suficiente para apagar o fogo! A solução é moral: voltar-se do pecado para a graça de Deus em arrependimento e fé.

O que tenho em mente quando digo "Minha vizinha rosna, late e morde quando fica irada com as crianças" ou "Ela solta cobras e lagartos"? São figuras de linguagem bem claras. Mas certamente não estou dizendo que minha vizinha tem um cachorro hidrofóbico em seu interior nem que há um ninho de répteis na sua garganta. Neste caso, o único recurso seria amordaçá-la e tirá-la desse sofrimento. Um cachorro louco não se conserta com uma conversa. Mas conheci "rosnadores" que se tornaram pacíficos quando deram ouvidos a Deus, arrependeram-se, creram e obedeceram.

Quando as pessoas pensam que a ira é uma substância pressurizada em seu interior, e não uma prática, essa idéia leva a uma solução diferente do arrependimento. A necessidade de alguma forma de catarse parece lógica. A terapia procura aliviar a pressão dando "uma válvula de escape" (outra metáfora!). "Você tem essa coisa quente fervendo dentro de você e precisa extravasá-la. Aqui está uma almofada. Chame-a de Mãe. Pegue esse porrete e bata na almofada, descarregando sua ira por tudo que ela lhe fez. Extravasando a ira, você se sentirá melhor e ficará curado". A receita parece lógica apenas se a ira for uma "*coisa"* dentro de você. Mas como a ira não é uma coisa e sim um ato moral da pessoa como um todo, a receita é pecaminosa.[2] A solução verdadeira é entender biblicamente o

[2] Isso não quer dizer que a catarse não pode fazer com que a pessoa "se sinta melhor". Muitas coisas fazem as pessoas iradas sentirem-se melhor temporariamente, mas não apresentam uma solução real para os problemas morais: por exemplo, tomar tranqüilizantes, comer doces, ter um orgasmo, dormir, assistir tv, fofocar sobre sua história para que as pessoas fiquem do seu lado, gritar e atirar objetos, fazer exercício físico, ir para as Bermudas. Tais coisas suavizam o problema, mas não mudam o coração.

problema, reconhecer o seu erro, arrepender-se, colocar sua fé em Cristo e obedecer pelo poder da graça de Deus.

A segunda perspectiva da ira como uma "*coisa*" pode ser encontrada nas culturas animistas e em alguns segmentos da cultura cristã contemporânea. Nesses contextos, muitos tratam a ira como um "demônio". A lógica é a mesma do modelo hidráulico secular. Mais uma vez, a ira é alguma "*coisa*" que está dentro de você, e a cura vem ao tirá-la ou, neste caso, expulsá-la. E mais uma vez, a teoria parece plausível.

Assim como as pessoas iradas ardem como fogo, a ira, tanto quanto qualquer outro pecado, faz-nos semelhantes ao demônio. Ele é o acusador que usurpa o trono de julgamento, esparrama meias verdades e mentiras, e se levanta em ira para com Deus e outras pessoas. O mundo da ira descansa em seu poder e o demônio procura nos moldar à sua semelhança. Quando você vê (ou é) um pecador irado, eis a imagem do diabo revelada. Mas a mão do diabo na ira não é diferente do seu envolvimento nos demais pecados. Ele não entra em nós para nos fazer pecar; nós é que nos deixamos governar por ele. O diabo nos tenta e mente no seu intento de ganhar o controle e nos destruir. A solução não está no exorcismo de um suposto demônio da ira, raiva, orgulho ou rebeldia; está no *arrependimento*, deixando a ira, a raiva, o orgulho e a rebeldia, e voltando-nos para o Senhor da graça. A ira é um ato moral, não uma coisa interior, e a sua solução é também um ato moral.[3]

Visto que a ira é algo que as pessoas *praticam* como agentes morais, não é preciso que ela seja ventilada ou exorcizada para ser verdadeiramente resolvida. A teoria hidráulica ou a do demônio da ira parecem idéias plausíveis porque se valem de uma metáfora expressiva ou do acusador astuto que anda à espreita ao nosso redor. Mas elas interpretam erradamente o que vêem e são enganosas.

Mentira n° 2: Não é errado ficar irado com Deus

Já vimos anteriormente que ficar irado com Deus é comum. A Bíblia fala sobre isso muitas vezes.[4] Trata-se de uma das reações humanas mais lógicas, devido à natureza do pecado, mas é uma perversidade fatal. A mulher de Jó deu um conselho terrível, mas pelo menos ela foi correta no que disse: "Amaldiçoa Deus e morre" (Jó 2.9).

Muitas teorias da psicologia discutem sem proveito a ira para com Deus. O conselho padrão costuma ser: "Se você está com raiva de Deus, deve fazer quatro coisas. Primeiro, lembre-se de que a ira simplesmente existe; ela não é nem boa nem má. Não é errado ficar irado com Deus. Ele nos criou com capacidade para ficarmos irados. Segundo, Deus costuma nos deixar na desgraça e desapontar. De que outra maneira poderíamos explicar que quando sofremos um abuso e clamamos a

[3] Para uma abordagem mais extensiva sobre demônios e ira, consulte meu livro *Confrontos de Poder*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

[4] Talvez a expressão mais vívida seja a hostilidade mantida contra Jesus Cristo, o filho de Deus, e contra aqueles precursores e mensageiros de Deus que O precederam e seguiram (especialmente Davi, Jeremias, João Batista e Paulo). No deserto, a murmuração dos israelitas expressou ira e descontenta-mento com Deus. Em Provérbios 19.3 o tolo se ira contra o Senhor. Apocalipse 16 diz três vezes que os homens blasfemaram contra Deus em lugar de se arrependerem.

Ele por livramento, ainda assim o abuso continua? Se Ele estivesse no controle, poderia ter colocado um fim ao abuso, mas não o fez. Terceiro, você precisa ventilar sua ira para com Deus. Ele nos ama de maneira madura, e pode assimilar a ira honesta dos Seus amados. Assim, não tenha medo de dizer a Deus exatamente o que você sente e pensa. Muitos salmos retratam essa ira. Se outras pessoas piedosas puderam expressar sua ira para com Deus, você pode fazê-lo também. Não censure seus sentimentos nem a linguagem; fale o que sente e não seja hipócrita. Quarto, você precisa perdoar a Deus. Perdão é o oposto de ira, e você precisa deixar passar a hostilidade para ficar em paz consigo mesmo e construir uma relação de confiança com Deus. Perdoe a Deus por tê-lo desaponta-do". Plausível? Muitos acham que sim. Coerente? Parece. Verdadeiro? De maneira nenhuma.

A ira para com Deus pode ser examinada com proveito pela pergunta "O que você quer e no que você crê?" - exatamente como você faria com qualquer outro caso de ira. O que você encontrará invariavelmente será um coração controlado por anseios específicos e mentiras que substituem o Deus vivo e verdadeiro. Por exemplo, se quero muito me casar e creio que Deus recompensará minha devoção a Ele com uma esposa, meu coração predispõe-se a ficar irado com Deus. A ira virá quando o meu desejo não for satisfeito e a crença se provar inválida.

A ira para com Deus, conforme encontrada freqüentemente no aconselhamento, é ira pecaminosa, quase que sem exceção (falarei sobre os salmos "de ira" logo adiante). Ela transborda de malícia e suspeita contra Deus, contém (e proclama) mentiras sobre Deus e racionaliza inúmeros comportamentos pecaminosos e autodestrutivos. A ira para com Deus apresenta uma oportunidade excelente para o aconselhamento. Tratada corretamente, é um caminho que leva diretamente ao transtorno do coração humano. Pela graça de Deus, aqueles que estão irados com Ele podem descobrir pela primeira vez quem Deus é, e também quem eles são.

Vamos examinar a fórmula terapêutica ponto por ponto. Primeiro, já lidamos com o fato de que a ira não é neutra. Por meio da ira, podemos acusar maliciosamente a Deus ou expressar uma fé viva nEle. A ira pode ser divina ou diabólica. Em contraste, a primeira parte do conselho terapêutico evita inteiramente o dilema moral inerente à ira.

Segundo, será que Deus nos abandona na desgraça quando sofremos? Não encontramos na Bíblia nenhuma pista sequer que evidencie uma traição por parte de Deus. A Bíblia fala constantemen-te em sofrimento, mas sempre nos mostra que qualquer "traição" aparente de Deus deve ser vista no contexto do seu propósito maior. Com certeza, as pessoas podem nos desapontar de verdade e de maneira bem séria. Os que praticam abusos traem a confiança de forma tão terrível que se o inferno tivesse graduações, eles mereceriam o abismo mais profundo. [5]

É certo que o diabo nos atormenta. Essa é a sua característica. E também é

[5] Estou fazendo referência ao pior caso. Muitas pessoas que estão iradas com Deus sofreram dificuldades mais amenas: um desapontamento amoroso, o revés financeiro, a morte de um pai idoso, a rejeição de uma proposta em uma comissão da igreja. Fico chocado ao perceber que as pessoas que estão iradas com Deus sofreram, geralmente, as mesmas provações que as pessoas que amam a Deus!

certo que o sofrimento machuca, por definição. A ira contra os tiranos e contra o tirano principal, Satanás, é inteiramente apropriada. E os gemidos levados diante de Deus com fé e esperança também são totalmente permitidos. *Porém, Deus nunca prometeu livrar-nos de lágrimas, luto, choro e dor – ou do mal que os causa – até o grande dia quando a vida e a alegria triunfarão para sempre sobre a morte e a miséria.* O entrelaçamento da glória de Deus com o nosso bem-estar é bem maior do que podemos imaginar. Será que aqueles que estão irados com Deus creram em promessas falsas ou criaram expectativas erradas sobre Deus? Será que ficaram irados, então, com um Deus "que desaponta", até mesmo confundindo Suas ações e motivações com as de Satanás e de pessoas más que espelham a crueldade satânica? É curioso como algumas pessoas que não crêem *realmente* na soberania de Deus tornam-se hiper-calvinistas ("Ele poderia ter mudado as coisas e não o fez") quando estão iradas com Ele. Crer *realmente* na soberania de Deus é ter um fundamento inabalável de fé para confiar em meio às tormentas mais infernais, quanto mais nas dores amenas.

O Deus verdadeiro é quem liberta dos tiranos, e não o tirano. Deus é a única esperança para os "pobres, aflitos, necessitados e oprimidos" que são atacados neste mundo "cheio de violência". Uma verdade tão profunda que podemos apenas mencionar com temor é que quando olhamos honestamente para nós mesmos, percebemos que somos mais parecidos com os tiranos do que diferentes deles. A linha entre o mal e o bem penetra cada coração, exceto o coração do Cordeiro de Deus. Não que mereçamos o que os outros nos fazem. É apenas uma expressão do mal, que será vingado inteiramente com a ira de Deus, derramada tanto sobre os tiranos como sobre a Pessoa de Cristo em favor daqueles que se arrependem. Com isso não queremos dizer que somos inocentes. Também merecíamos a ira de Deus por causa dos nossos pecados. Jesus sofreu a pena que nós justamente merecíamos.

A ira para com Deus costuma mascarar invariavelmente uma profunda justiça-própria e expressar uma incredulidade ostensiva. Em nenhum lugar a fórmula terapêutica secular questiona a justiça-própria e a incredulidade. Pelo contrário, ela as fortalece, razão por que muitos acham o modelo terapêutico tão plausível e atrativo. Visto que ela nunca fala na ira para com Deus como pecado, a fórmula terapêutica também nunca pode oferecer a única esperança verdadeira: o Salvador que libertará os Seus da condenação e perversão de seus próprios pecados e também da dor sofrida pelos pecados de outros.

A Bíblia rebate igualmente o terceiro ponto da fórmula terapêutica. Você não precisa ventilar a sua ira pecaminosa para com Deus para poder lidar com ela. Você precisa se arrepender, entender as suas exigências, as crenças falsas, a justiça-própria que produz e impulsiona a ira. Não há nenhum salmo que encoraje essa espécie de ventilação de ira hostil que os terapeutas encorajam. Nos salmos em que a "ira" está presente, sem exceção, o que transpira é uma atitude de fé. Sim, há aborrecimento verdadeiro, queixas, dor e desfalecimento, que podemos chamar reverentemente de ira justa, pois clama pela glória de Deus e pelo bem-estar de Seu povo. A ira deseja ardentemente que Deus, nossa única esperança, elimine os sofrimentos que experimentamos

atualmente. A intensidade das queixas vem da intensidade da fé. Ela não contém maldições, amarguras, mentiras, zombarias ou depreciações hostis, blasfêmias. Os salmistas estão desanima-dos porque conhecem e confiam na bondade de Deus, amam a Deus, e lutam para conciliar Suas promessas com a aflição pela qual passam.[6]

Os salmistas se movem *em direção a* Deus com uma fé honesta, lutando com suas circunstâncias, enquanto que as pessoas iradas com Deus o afastam para longe. Os salmistas querem a glória de Deus e desejam que o mal seja afastado; eles gemem e se queixam com fé. Eles costumam manifestar consciência de culpa e pecado (outro aspecto também ignorado pelos terapeutas seculares) e reconhecem que o sofrimento pode ser de alguma maneira merecido. Esta é uma consciência que coexiste com o ódio dirigido às más intenções daqueles que os afligem. Quando a Bíblia nos ensina a expressar a aflição diante de Deus, ela ensina um grito de fé, não um berro de ira blasfema. A alternativa terapêutica é sempre muito distorcida e não pode ensinar às pessoas aflitas como e por que levar suas queixas a um Deus que amam.

Quarto, a noção de perdoar a Deus é uma blasfêmia final na corrente de blasfêmias. Uma coisa é certa: a pessoa que realmente lidar com ira para com Deus em arrependimento e fé não sentirá mais raiva de Deus. Sentirá uma gratidão imensa (outro aspecto que falta nas terapias seculares) porque *encontrou* perdão, não porque o *concedeu*. Deus é bom. Ele não precisa do nosso perdão. Ele nunca senta no banco dos réus, não importa o quanto a nossa ira pecaminosa procure colocá-lo lá. Com quem começa o perdão para que um relacionamento de confiança entre o homem e Deus possa ser reconstruído? Conosco? Impossível. Nesse ponto, como os demais, o modelo terapêutico está errado.

Os Salmos e Jó não dão base bíblica para essas idéias triviais e distorcidas. Mesmo Jó, um homem piedoso e de fé honesta, arrependeu-se finalmente de sua justiça-própria, sendo levado a admitir que estava errado por ter culpado Deus e procurado justificar a si mesmo. Este é o assunto central do livro. Os Salmos, quando lidos integralmente, não dizem o que lhes é atribuído por aqueles que tiram versículos fora do contexto para justificarem idéias falsas.

Cada passo da fórmula terapêutica secular volta-se a um fim: manter o homem no seu trono de orgulho. A terapia enganosa justifica a ira como neutra, culpa Deus de ser mau, ventila hostilidade e, finalmente, "perdoa" o grande Ofensor. Ela demonstra superficialidade no pensamento moral, pouca profundidade até mesmo no formular o problema do mal (quanto mais no lidar com ele) e no compromisso com as Escrituras. Isso deve deixar os cristãos irados![7]

A pessoa que é honesta a respeito de sua ira com Deus — e chega à verdade sobre ela — percorre uma estrada bem diferente da prescrita pela fórmula popular. O coração arrependido e cheio de fé

[6] Fora dos Salmos, Habacuque é quem faz mais dolorosamente algo semelhante.

[7] Certamente essa ira passa no primeiro teste da ira justa, aborrecendo-se com coisas que ferem as pessoas e difamam a Deus. Ela também passará em outros testes (veja no artigo anterior) se amamos a Deus e amarmos as pessoas que estão iradas com Ele, querendo lhes oferecer ajuda real ao invés de mentiras.

não se firma em uma trégua incômoda entre meus sofrimentos passados e minha disposição atual para tolerar algum tipo de relacionamento com um Deus que me deixa na desgraça. O coração que crê encontrará a verdade, a alegria, a esperança e o amor indizíveis. O coração que crê encontrará Deus.

Mentira n° 3: Meu maior problema é a ira comigo mesmo

Muitos dos problemas que acabamos de discutir reaparecem na idéia atual de perdoar a si mesmo. Quando estou irado comigo mesmo – e o fenômeno é comum – a sabedoria dos nossos dias argumenta que eu preciso primeiramente perdoar a mim mesmo.[8]

Duas verdades motivam a ira consigo mesmo e a necessidade de conceder perdão a si mesmo. Primeiro, "Deus não criou lixo e, visto que Ele me criou, devo valer alguma coisa". Segundo, "Jesus me achou tão valioso que me amou e morreu por mim". Com base nessas afirmações, posso me sentir bem a meu respeito e ser mais tolerante com meus defeitos. O resultado? Eu "perdôo a mim mesmo" ao invés de me irar comigo mesmo.[9] Parece plausível para muitas pessoas, mas é totalmente enganoso.

Por que há pessoas iradas com elas mesmas? Primeiro, invariavelmente falharam em viver à altura de determinado padrão. A ira é exatamente isso: um julgamento contra um mal percebido. Esse padrão pode ser falso – precisar de uma casa que se pareça com as de uma revista de decoração, tirar somente notas altas, ser capaz de agradar um pai que nunca está satisfeito. Ou o padrão pode ser mais correto – não cometer adultério, não praticar um aborto, não ser preguiçoso. Em ambos os casos, há alguma coisa que eu creio que devo alcançar. Quero viver à altura de certo padrão, mas falho. Esta é a primeira parte da compreensão de mim mesmo.

Segundo, a ira sempre requer um juiz, porque julgar é tarefa de um juiz. Na metáfora do Antigo Testamento, alguma coisa pode ser desgostosa ou "aos meus olhos" ou "aos seus olhos" ou "aos olhos do Senhor." Quais olhos estão julgando quando fico irado comigo mesmo? Os meus olhos. Eu avalio, e o meu julgamento é final.

Eis a razão por que os que odeiam a si mesmos nunca ficam muito satisfeitos com as tentativas bem-intencionadas de ajudá-los a crer no perdão de Deus em Cristo. Eles podem "já acreditar" que Deus os perdoou pela casa bagunçada ou pelo aborto, mas não é suficiente: "Eu não consigo me perdoar". E meus olhos são muito importantes e mais significativos do que os olhos de Deus.

Vale a pena notar que as pessoas que "não conseguem perdoar a si mesmas" costumam servir tanto aos próprios olhos como aos olhos de outros. Quero que minha casa seja impecável para me agradar (pois eu me aborreço quando

---

[8] Veja o artigo de Robert Jones "*Eu não consigo me perdoar*". *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico*, vol. 3, p. 122-128.

[9] Provavelmente, seria mais correto afirmar que o alvo terapêutico é, na verdade, "aceitar a mim mesmo como basicamente OK, com pequenas falhas compreensíveis para qualquer pessoa", e não "perdoar a mim mesmo". Perdoar implica que alguma coisa está tão errada que "sem derramamento de sangue não há perdão" (Hb 9.22 NVI). O ensino sobre perdoar a si mesmo está presente no mundo da auto-aceitação humanista, não no perdão do cristianismo. O mundo do perdão concedido a si mesmo é o mundo cujo deus faz o papel de um avô tolerante e sábio. O Deus verdadeiro é o Pai de amor com coisas melhores em mente para Seus filhos!

falho) *e também* para impressionar minha mãe e meus vizinhos. Quando minha casa está bagunçada, eu me detesto. Falhei em tudo, tanto em me agradar como em agradar aos outros. Ou posso ter padrões corretos (não praticar um aborto), mas a visão errada. Aos meus olhos eu "não consigo me perdoar" por ter praticado um aborto. Como *eu* pude fazer isso? *Eu* tenho que compensar o que fiz, ou *eu* tenho que sofrer pelo que pratiquei. Isso é justiça-própria em alto grau em todos os aspectos da transação judicial: eu desempenho simultaneamente o papel de juiz, criminoso e salvador, sem levar em conta as boas novas da justiça de Cristo. Geralmente, os olhos dos outros têm papel semelhante aos meus próprios olhos: tenho vergonha de que alguém saiba do meu aborto. Podem pensar mal de mim. Quando substituo o temor do Senhor pela opinião social, a Bíblia chama isso de temor aos homens. Aqueles que estão irados com eles mesmos vivem debaixo de olhos que costumam ser uma mistura daquilo que a Bíblia chama de orgulho e temor aos homens.

Terceiro, quando estabeleço o padrão e os olhos que me julgam, também crio minha definição de "salvador". Para compensar o fracasso em alcançar meu próprio padrão (e o de outros) posso me esforçar e me afligir para obter a perfeição. Trabalho dobrado na limpeza da casa, abro a minha casa para mães solteiras e ministro compulsivamente no movimento pró-vida. Mas não funciona. A casa continua bagunçada e, independentemente da minha bondade, o aborto ainda mancha meu passado. Decido continuar na tentativa de ser meu próprio salvador e reconstruir uma ficha perfeita, o que (se eu pudesse de fato fazer) tornaria tudo melhor. Mas fracasso. A ira para comigo mesmo, portanto, tem a última palavra. Volto inúmeras vezes a lidar com minha própria punição, desempenhando, ao mesmo tempo, o papel de juiz e de cordeiro para o sacrifício. Dilacero-me mentalmente, mergulho em remorso, incriminação e ira para comigo mesmo, acuso a mim mesmo sem misericórdia nenhuma pelas minhas transgressões (imaginárias ou reais). Estou irado comigo mesmo. Eu não consigo me perdoar.

O aconselhamento bíblico deve lidar com tais pessoas em três pontos: padrões, "olhos" e salvadores. São pessoas que vivem uma falsificação abrangente da realidade bíblica, o que explica por que estão tão confusas e infelizes. Somente a verdade pode lhes dar sabedoria e alegria. O objetivo do aconselhamento é redefinir a realidade em que elas vivem e explicar como a vida pode ser transformada pela renovação da mente.

Primeiro, descubra se os padrões que a pessoa usa para julgar a si mesma são de Deus, dela mesma ou foram emprestados de alguém (por exemplo, mãe, vizinhos). Às vezes os padrões são corretos. Outras vezes são distorcidos e podem ser desafiados e mudados à luz da verdade.

Segundo, quais os olhos mais importantes? Que aprovação é decisiva? Viver de acordo com meus próprios olhos é substituir Deus pela minha consciência, ou seja, um ato de orgulho. Viver de acordo com os olhos dos outros para receber sua aprovação é substituir Deus pela avaliação dos outros, ou seja, um ato de temor aos homens. Viver de acordo com os olhos de Deus é o princípio da sabedoria. Quando a pessoa que odeia a si mesma acorda para essa verdade, ela acorda para a realidade. Ela se torna consciente de pecados dos quais nunca suspeitou e da sua necessidade real de perdão.

Terceiro, qual o salvador indicado diante de todo esse caos e miséria? A pessoa deve contar com seus próprios esforços para encontrar a perfeição? Deve punir a si mesma pela culpa dos fracassos percebidos? Somente Jesus pode dar a perfeição; somente Ele pode suportar a culpa. Ele pode perdoar os mais variados pecados: transgressões genuínas (adultério, aborto, preguiça), a confiança e fé em padrões falsos (revistas de decoração), a escolha de viver de acordo com outros olhos que não os de Deus (os meus próprios olhos ou os de minha mãe) e a busca de justiça-própria como falso salvador. Jesus dá a justiça verdadeira para aqueles que pecam – Sua vida perfeita. Ele dá perdão verdadeiro para aqueles que pecam — Seu sacrifício perfeito para pagar nossa pena. Ele dá poder interior para renovar nossas mentes, dar-nos alegria e nos transformar — Seu Espírito Santo. Que alívio dos esquemas sufocantes de absorver-se em si mesmo e querer perdoar a si mesmo.

Os que odeiam a si mesmos encontram solução para seus problemas quando colocam em prática esses princípios. Não há fins perdidos na verdade amorosa de Deus. Viver de acordo com a revista de decoração vai sair de cena como uma insensatez mesquinha da qual Deus com prazer me libertou. O aborto foi inteiramente perdoado não porque fiz uma penitência nem porque puni a mim mesma, mas porque Jesus amou o pecador. O orgulho e temor aos homens que elevaram eu e os outros ao assento de juiz são substituídos pelo temor do Senhor que é o principio da sabedoria. O perfeccionismo legalista dos meus esforços rumo ao sucesso e à autopunição da ira comigo mesmo são substituídos por gratidão pela graça de Deus. Caso encerrado, sem necessidade de ficar irado comigo mesmo, sem qualquer resquício da necessidade de perdoar a mim mesmo.

A propósito, note como a análise falsa – "Está irado consigo mesmo? Perdoe a si mesmo!" – conduz a um evangelho falso. No Bíblia não há nenhuma alusão a "Você tem muito valor por ter sido criado por Deus e o amor de Jesus mostra o quão precioso você é. Você pode, então, se sentir bem consigo mesmo". A verdade é que a criação e a redenção não dão muitas razões para que alguém se sinta bem consigo mesmo. Fomos criados à imagem do Deus da glória. Ainda assim olhe para o quanto caímos: "O coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem."[10]

Um olhar honesto para a nossa condição "cala toda boca... porque todos pecaram e carecem da glória de Deus". Semelhantemente, nossa redenção foi ganha de maneira que revela como somos completamente maus e impotentes. O único Homem bom e valioso morreu voluntariamente pelos Seus inimigos ímpios, tolos e pecadores. Tais fatos dificilmente dão base para confiança na auto-aceitação ou no perdão de si mesmo! A graça, por definição, destrói o valor pessoal. O orgulho dissimulado que reside na "baixa auto-estima" e em estar "irado consigo mesmo" não é curado com uma afirmação errada do meu valor. O evangelho bíblico aponta para o valor de Jesus Cristo, que redimiu aqueles que estavam condenados, sem valor nem merecimento. Quão melhor é o evangelho verdadeiro, que define nossa necessidade do perdão de *Deus* (não de nós mesmos)

[10] Eclesiastes 9.3; compare com outras análises da condição moral do homem em Gênesis 6.5, Jeremias 17.9 e Romanos 3.

e providencia o perdão completo e de graça. As pessoas que aceitam a graça de Deus tornam-se verdadeiramente felizes, livres da necessidade de apoio para seu autoconceito cambaleante. Um autoconhecimento correto e bíblico destrói a suposta necessidade de auto-estima e produz as únicas pessoas do planeta com razão para conduzirem a vida com confiança.

Na verdade, a idéia de perdoar a si mesmo para resolver a ira consigo mesmo leva a um pecado essencial: a pessoa continua a viver de acordo com olhos errados: os seus próprios olhos. "Eu estou irado comigo mesmo; preciso perdoar a mim mesmo." Esse cubículo psíquico abafado está a grande distância do mundo verdadeiro em que podemos viver libertos pela Palavra. Por exemplo, em 1 Coríntios 4.3-5, Paulo diz que não se importa com o que as outras pessoas pensam a seu respeito: "Pouco me importa ser julgado por vocês ou por qualquer tribunal humano" (NVI). Paulo não vivia pelos olhos dos outros e também afirmou que não era importante o que ele mesmo pensava a seu respeito: "Nem eu julgo a mim mesmo. Embora em nada minha consciência me acuse, nem por isso justifico a mim mesmo". Ele não vivia de acordo com seus próprios olhos. Finalmente ele diz "O Senhor é quem me julga" e continua a explicar o que significa viver de acordo com os olhos de Deus. Minha opinião sobre mim mesmo (a "consciência") e sua opinião sobre mim (a "reputação') não importam, a não ser que elas se conformem com a opinião de Deus sobre mim. Elas são extremamente valiosas quando ficam no seu lugar; são tiranas quando se apoderam do trono.

Tanto a ira consigo mesmo quanto a ira para com Deus chegam a uma resolução excelente e satisfatória quando compreendidas corretamente e quando o evangelho é aplicado. As falsificações que nos são oferecidas freqüentemente são suficientes para fazer os cristãos chorarem de tristeza e raiva.

O caminho para deixar a ira

Vamos nos mover agora em direção à ação. Como podemos usar o ensino bíblico sobre a ira para nos ajudar a mudar? Essa é a questão decisiva. Tudo o que vimos até aqui pode ser resumido em oito perguntas muito práticas. As primeiras quatro perguntas ajudam a avaliar a ira e as outras quatro levam à solução.[11]

Usarei como exemplo uma situação simples, que tenta muitos (todos?) à ira. Você está preso em um congestionamento, atrasado para um compromisso muito importante. Faltam cinco minutos para o meio dia e o encontro é ao meio dia. Você está parado no caminho, a cerca de quinze quilômetros do local aonde precisa chegar, preso em um trânsito que não se moveu nos últimos vinte minutos e que não mostra nenhum sinal de deslanchar. Uma reação comum? Você resmunga irado, frustrado, desgostoso, desanimado, preocupado e tenso. Quando isso acontecer, faça a você mesmo as seguintes perguntas.

Pergunta n° 1: Qual é a situação?

Essa pergunta é fácil. Qual é a situação provocadora? A ira é provocada, tem um gatilho e acontece por alguma razão, em lugares e momentos específicos. O que está acontecendo com você? "Eu não estava tentado a me irar até que fiquei preso no tráfego, o relógio continuou a

[11] A mesma estrutura básica aplica-se a outros problemas além da ira. Este é apenas um sumário do modelo bíblico de mudança.

avançar para o meio dia e percebi que chegaria atrasado ao meu compromisso". A situação inclui o Departamento de Trânsito que resolveu fazer um conserto na rua naquele exato momento, o congestionamento, a hora, o compromisso, a possível reação da pessoa que está à espera, e assim por diante.

Pergunta n° 2: Como eu reajo?

Essa pergunta também é relativamente fácil. Ela tem o propósito de ajudá-lo a identificar as maneiras específicas que você usa para expressar sua ira pecaminosa. O que passa pela sua mente? Amaldiçoar em pensamento o Departamento de Trânsito, imaginar cenários mentais de como se desculpar perante a pessoa que ficou esperando ou talvez se recriminar: "Eu poderia ter saído mais cedo ou feito outro caminho ou ouvido as notícias no rádio sobre o trânsito. E se a pessoa que me espera ficar zangada comigo?" Onde está Deus nisso tudo? Talvez você tenha praguejado, diante das frustrações, ou pensado rapidamente "Eu deveria... Eu poderia..." Pode ser ainda que tenha tido pensamentos irados com Deus: "O cristianismo não funciona; Deus é uma piada; para que serve tudo isso?".

Corpo e emoções? Eu estou irado, irritado, fervendo. Quanto mais permaneço neste estado, mais quente fico e começo a bufar. Sinto-me tenso. A nuca está apertando. O estômago está revirando. Tudo pela aflição de perder o encontro marcado.

Ações? Colar no carro da frente e não deixar ninguém passar. Dar um soco no painel do carro. Suspirar, gemer, bufar. Ventilar meu desgosto: "Não acredito! Isso é ridículo! De todo o...". Ligar e desligar o rádio agressivamente. Um gesto ou frase obscenos. Dirigir como um louco quando o tráfego permite. Uma explosão de ira meio coerente e mil desculpas quando finalmente chegar ao encontro marcado. Essa agitação de ira (e um pouco de medo misturado) é a reação humana clássica que chamamos de "obras da carne".

Pergunta n °3: Quais são minhas motivações?

Se eu estou resmungando e murmurando, alguns anseios e crenças falsas devem estar me dirigindo. Faça as perguntas básicas: O que eu quero realmente? No que eu creio de fato? A ira vem do meu coração, não é causada pela situação.[12] Aqui estão alguns anseios que podem governar o coração:

- "Eu quero chegar aonde quero e quando quero." Orgulho genuíno.

- "O que as pessoas pensarão de mim? Eu já cheguei atrasado outra vez." Temor aos homens.

- "Eu quero e necessito do dinheiro que esta venda com certeza vai trazer" (ou da cura que o médico com certeza vai providenciar; ou do amor que essa pessoa com certeza vai me dar; ou...). Anseios variados ("Eu quero") e crenças falsas ("Eu necessito") com relação a dinheiro, remédio, amor.

Quando esses anseios ("concupiscência da carne" clássica) e crenças falsas governam minha vida, eles produzem ira

[12] Afinal, se eu realmente quisesse evitar o compromisso, eu estaria contente de ficar preso no trânsito e ter uma boa desculpa! A felicidade pecaminosa é um problema para o qual as pessoas raramente procuram conselho. A Bíblia traz muitos exemplos de pessoas que se alegraram ao conseguirem aquilo que seus corações enganosos desejavam (ex.: Salmo 73.3-12; Jeremias 50.11; Habacuque 1.15; Lucas 6.24-26 e 16.19, 25; Apocalipse 11.10).

pecaminosa. Se Deus governasse a minha vida, esses sentimentos naturais estariam subordinados a Ele. Poderia sentir um certo desapontamento, mas não estaria me debatendo em um poço de lama.

Pergunta n° 4: Quais são as conseqüências?

A ira traz conseqüências e cria um círculo vicioso. Talvez à medida que o trânsito avança e os carros encostam um no outro, posso colidir com o carro da frente e receber, além dos palavrões do motorista afetado, uma multa na hora de renovar meu seguro. Talvez eu colha conseqüências físicas e emocionais: culpa, estresse e tensão, dor de estômago e dor de cabeça. Às vezes, as conseqüências são fatais: um gesto obsceno pode levar a pessoa a sacar o revólver e atirar. Quando eu conseguir finalmente chegar ao encontro marcado, pode ser que eu esteja tão irado, preocupado, perturbado e cheio de desculpas que cause uma má impressão e perca a venda (ou a namorada). É possível que a minha maneira imatura de agir acabe com a minha reputação diante de todos que trabalham naquele escritório e os leve a se divertirem nas minhas costas por alguns bons minutos depois que eu sair. "Meu dia está arruinado."

As primeiras quatro perguntas identificam e dissecam a reação de ira. Elas destacam as provocações específicas, as reações detalhadas, os motivos subentendidos e as conseqüências. Ainda que em um incidente pequeno, temos uma visão geral do círculo vicioso que define "pecado e miséria". As próximas quatro perguntas caminham para a solução bíblica, pela graça do Deus que observou atentamente tudo quanto aconteceu, o tempo todo.

Pergunta n° 5: Qual é a verdade?

Quem é Deus? O que Ele diz? Muitos temas e verdades da Bíblia podem ser significativos, mas vou me concentrar em três que são sempre importantes quando lidamos com a ira. Primeiro, Deus está presente e no controle dessa e de qualquer outra situação. Sua soberania cerca tudo quanto eu enfrento na pergunta n° 1. Não fui feito para controlar o mundo, mas isso não significa que o mundo esteja a esmo e sem controle. Você resolverá o problema da ira pecaminosa quando aprender a crer que "Deus é extremamente relevante quando estou preso no trânsito e atrasado. Ele está presente e preparando alguma coisa boa para minha vida como Seu filho. O propósito maior de Deus é me transformar à imagem de Jesus Cristo, fazer de mim uma pessoa tardia para se irar e confiante nele, fazer de mim um pacificador e não um briguento. Eu não gosto da possibilidade de ter o meu compromisso estragado, mas Deus me deu uma perfeita oportunidade de me tornar uma pessoa diferente".

Segundo, a Lei de Deus dirige-se a acontecimentos como esse e ela age de duas maneiras: como espelho e como lâmpada. Primeiro, Deus segura um espelho diante de mim: "Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, todo seu entendimento, toda sua alma" e "Ame ao seu próximo como a si mesmo". O primeiro grande mandamento descortina o meu coração: O que eu amo em lugar de amar a Deus? Fiquei irritado porque amo fazer tudo do meu jeito, conseguir a aprovação humana e o dinheiro (ou saúde ou amor). Esse mandamento faz um diagnóstico das coisas que descobri sobre mim mesmo na pergunta n °3. De fato, ele me ensina a fazer perguntas! O segundo grande mandamento descortina os frutos. Que obras da carne resultam

dos anseios da carne? As reações pecaminosas da pergunta n° 2 ficam expostas. A grande quantidade de exemplos e preceitos bíblicos que ilustram esse mandamento ensina-me até mesmo que tipo de reações eu devo procurar. [13]

Deus também ergue Sua Lei como uma lâmpada para me guiar. O primeiro grande mandamento me diz para amar (e confiar, temer, esperar, buscar...) a Deus. Posso confiar na Sua provisão financeira (ou saúde, amizade, casamento) ao invés de cobiçar essas coisas. Posso agradecê-lo por trazer a clareza da sabedoria e da razão em uma situação que antes era um turbilhão emocional. A Palavra também me diz como encontrar e conhecer a Deus (pergunta n° 6, logo abaixo). O segundo grande mandamento fala decididamente em considerar os interesses dos outros. Como isso se aplica? Posso ser generoso no trânsito e deixar alguém entrar na minha frente. Talvez a cortesia me faça dar um telefonema (se possível) para que a pessoa que está me esperando saiba da situação. Esse mandamento fala em paciência e em muitos outros frutos bons que se aplicam em diferentes situações da vida. Ele me lembra de falar a verdade quando for contar aos outros o que aconteceu. Também me desafia a adquirir a sabedoria de que preciso para aplicar a vontade de Deus nessa exata situação — cinco para meio dia, parado no trânsito e atrasado para o meu compromisso (pergunta n° 7, abaixo).

Terceiro, a verdade de Deus fala do evangelho. Provei-me culpado de violar o primeiro e segundo mandamentos nesse pequeno incidente no tráfego. São pecados. O evangelho, porém, é a ponte entre a lei como espelho e a lei como lâmpada, entre o caos do pecado e a alegria da sabedoria. O evangelho perdoa os pecados, restaura meu relacionamento com Deus, capacita-me para ser diferente e dá uma esperança maior do que os desapontamentos da vida. Deus é uma ajuda muito presente nos problemas, e pode me dar graça para agir pacífica e generosamente quando enfrento o trânsito lento. Eu posso conhecer e me regozijar mais uma vez no inexprimível amor de Deus.

Pergunta n° 6: Como posso me voltar para Deus e pedir ajuda?

A pergunta n° 5 mostra a cosmovisão na qual os problemas agora fazem sentido. Deus é revelado e o caminho para escapar da tolice para a sabedoria torna-se claro. Mera análise, entretanto, e mesmo os pensamentos mais claros (aquilo que as perguntas 1 a 5 procuram trazer à tona),

[13] Com certeza a Bíblia não precisa nem se propõe a fazer uma lista em detalhes. Ela nos ensina como a ira pecaminosa é e nos dá inúmeros exemplos, tornando-nos sábios para discernir outros. Por exemplo, não preciso de um texto bíblico para saber que o ato de "comprar uma revista pornográfica e me masturbar como expressão de um acesso de raiva contra Deus" revela uma ira pecaminosa. Esta análise está implícita em "As obras da carne são evidentes (há 15 exemplos...) e coisas como essas" (Gl 5.19-21). Esta passagem e outras dão variações suficientes no tema da ira para nos capacitar a entender o quadro. As Escrituras nos orientam para a realidade, ensinando-nos como observar e pensar com precisão sobre o nosso mundo.

Às vezes, a visão de que as Escrituras são "suficientes" para o aconselhamento é ridicularizada pelos oponentes, como se significasse que a Bíblia contêm todos os fatos com os quais o aconselhamento trabalha. Esta é uma visão absurda, sem sustentação. A Bíblia é suficiente para interpretar todos os fatos com os quais o aconselhamento trabalha. Se ela fosse exaustivamente enciclopédica, não precisaríamos sequer perguntar o nome da pessoa para saber os detalhes de sua vida! Mas as categorias bíblicas certamente mapeiam os detalhes peculiares de cada um, de maneira suficiente, perfeita e com sabedoria.

não me transformam. A pergunta n° 6 leva-me à ação. Deus quer que eu o procure e interaja com Ele. Preciso aplicar as verdades da pergunta n° 5, por exemplo, trabalhando com a ajuda das perguntas que fazem distinção entre a ira justa e a ira pecaminosa. Não é difícil dizer que a minha ira falha já no primeiro teste[14]: o congestionamento *não* é um mal moral que requer o vigor da ira. Minha ira pecaminosa aceitou essa mentira porque sirvo os deuses falsos identificados na pergunta n° 3. Preciso me arrepender, deixar os desejos e obras da carne e me voltar para o Senhor da vida. Devo confessar meus pecados, pedir perdão, crer nas verdades do evangelho, pedir sabedoria para identificar as reações certas e poder para colocá-las em prática. O resultado será uma clareza de mente, voltando a ter "a cabeça no lugar". Provarei uma gratidão genuína a Deus e contentamento (ainda no congestionamento) que eram impossíveis enquanto estava mergulhado em meus pecados. Obrigado Deus por quem o Senhor é, pela bondade do Seu evangelho que foi ao meu encontro na minha necessidade! "Feliz o homem que acha sabedoria... ela é mais preciosa do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela" (Pv 3.13, 15). Posso provar a benção de querer mais o caminho da sabedoria do que os meus próprios caminhos, do que impressionar as pessoas, obter dinheiro ou outras coisas mais pelas quais tenho me perturbado.

Pergunta n º 7: Como eu deveria responder nesta situação para glorificar a Deus?

Arrependimento e fé levam a mudanças concretas em comportamento, emoção e pensamentos. A retidão de vida é tão específica como os pecados descritos na pergunta n° 2. No mais elementar, posso simplesmente dar um suspiro profundo e relaxar, confiando que Deus está de fato no controle. Mas Deus tem outros frutos em mente também. Por exemplo, tornar-me um motorista cortês e amigável. O que significa isso no congestionamento? Vou deixar alguns carros entrarem na minha frente. Deus me livrou da hostilidade e da competitividade hostil da ira pecaminosa. O congestionamento não é mais uma guerra de vida ou morte. Agradeço a Deus. Planejo o que vou dizer para a pessoa que ficou à minha espera: nada de desculpas aflitas nem irritação, mas os fatos simplesmente e o meu pesar por tê-la feito esperar. Peço desculpas pelo incômodo do atraso. Não vou pedir perdão, pois isso é para quando eu pecar contra alguém; desculpas são para os acidentes. Se eu tivesse saído com quinze minutos de atraso, então deveria pedir perdão pela falta de consideração. Que alegria estar livre do caos emocional do pecado! Em lugar da mistura de ira, ansiedade, confusão e descontentamento, tenho a "paz que excede todo entendimento", proveniente de viver na luz do evangelho. A pergunta n° 7 lida com todos os aspectos da situação descritos na pergunta n° 1 e aplica a vontade de Deus em detalhes para o meu mundo.

Pergunta n° 8: Quais as conseqüên-cias da fé e da obediência?

Já mencionamos alguns dos benefícios subjetivos. Mais objetivamente, talvez pude evitar um pára-choque quebrado ou um assassinato. Alguém mais foi mantido livre da ira pecaminosa ou de ser um assassino por conta do meu comportamento. No meu canto do mundo, com meia dúzia de carros ao meu redor,

[14] Veja o artigo anterior, *Como Compreender a Ira*.

talvez a minha cortesia e uma resposta calma possam ter contagiado os demais. Aqui o círculo se completa e descobrimos que a piedade, apesar de não garantir uma mudança na situação original, costuma ter um bom efeito no mundo ao redor. É possível que eu termine por concretizar a venda, apesar de tudo, porque o gerente ficou bem impressionado com a calma e a maneira razoável com que lidei com a situação de frustração. Ele havia visto muitos outros vendedores se derramando em desculpas e eu fui diferente. A piedade o intrigou e atraiu.

As bênçãos de Deus são diversas e infindáveis. Em lugar de ter meu dia arruinado, Deus me desvencilhou do pecado, e talvez esse seja um dos dias mais significativos da minha vida sob o ponto de vista de me conformar com a imagem de Cristo. Aprendi como a vida funciona no mundo de Deus. Aprendi como o evangelho funciona e também aprendi lições profundas em um cantinho da vida. À noite, se eu tiver oportunidade de falar pelo telefone com um amigo perturbado e cheio de problemas, serei capaz de "consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação que nós mesmos fomos contemplados por Deus" (2 Co 1.4). Não sofri muito – foi só a inconveniência do congestionamento – e talvez meu amigo esteja passando por um sofrimento maior. Mas a dinâmica do coração humano é idêntica: vou entender o quanto meu amigo é tentado a se irar e desesperar porque compreendi as minhas próprias tentações. E também cheguei a compreender como escapar. Sair desse processo não só me abençoou, mas me fez sábio para aconselhar outros.

Um congestionamento de trânsito — apenas um pequeno estudo de caso. Algumas pessoas podem perguntar: "O que isso tem a ver com aflições e provocações maiores que provocam a ira?". Pela perspectiva bíblica, tem tudo a ver.

A mesma verdade sobre Deus aplica-se igualmente. Com certeza, muitos detalhes são diferentes. E a Bíblia é franca: há lágrimas que não secarão e inimigos que não serão vencidos até o dia final. A pergunta n° 8 não cria o céu na terra, mas sim nos dá uma amostra do céu mesmo que o último inimigo não tenha sido ainda colocado sob os pés de Cristo. No dia em que eu vir a Cristo, serei completamente como Ele; por enquanto, em uma escala menor, posso provar a alegria do céu em um congestionamento que me faz ser um pouco mais semelhante a Ele.

Estas oito perguntas orientam-nos na realidade cristã, ou seja, a verdadeira realidade! Elas nos ensinam sobre nosso mundo, sobre nós mesmos, nosso Deus, e como viver. As pessoas que aprendem com Deus a lidar com congestionamentos aprenderão com Ele a lidar com quaisquer outras coisas.

Como alcançar o coração do conflito

David A. Powlison[1]

Os conflitos afetam todos nós: você, eu, as pessoas com quem convivemos e trabalhamos. Em nosso terceiro artigos sobre os problemas relacionados à ira, ampliamos o assunto além da ira propriamente dita. A ira é apenas um dos fios no problema maior de conflitos interpessoais. Sim, ações e emoções de ira ocupam freqüentemente o centro do palco nos conflitos, mas uma extensa família de reações também toma parte no drama da vida real: medo, dor, autocomiseração, fofoca, fuga, busca de conforto no escapismo, mentira, manipulação e até mesmo uma alegria perversa.

Para entender e resolver o problema da ira, precisamos lidar com os conflitos em suas diferentes formas. As pessoas lutam umas com as outras e com Deus; a ira pecaminosa é apenas uma das armas. Contendemos com nossos vizinhos ou com nosso Rei, tanto por natureza como por formação. Como pecadores, lutamos *naturalmente* pelo que presumimos serem nossos interesses pessoais. Também *aprendemos* a lutar mais eficientemente pela prática extensiva e intensiva. E aprendemos com os outros, tanto ao sermos alvos de suas hostilidades como ao observá-los em seus conflitos. Cada um de nós é um "rápido aprendiz" porque temos a aptidão!

Contender é uma característica fundamental dos pecadores. É a imagem de Satanás: mentiroso, assassino, causador de divisões, agressor. Promover a paz diz respeito a Deus, em Cristo, e àqueles que estão sendo renovados à Sua imagem. O Senhor é o supremo realizador da paz. Dentro da graça comum, Deus impede a obra lógica do mal, prevenindo freqüentemente a vida humana de se

[1] Tradução e adaptação de "*Getting to the Heart of Conflict: Anger, Part 3*". Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 16, n. 1, Fall 1997, p. 32-42.
David Powlison é editor de The Journal of Biblical Counseling, conselheiro e professor na C*hristian Counseling and Educational Foundation*, e professor de Teologia Prática no Westminster Theological Seminary em Glenside, Pensilvania.

desintegrar em anarquia e barbárie. Aquelas formas de paz parciais negociadas e mantidas por diplomatas, mediadores, conselheiros e outras pessoas bem intencionadas são presentes da graça comum. Mas a graça especial de Deus é muito mais profunda ao trazer a paz. As pessoas hostis rendem-se a Cristo. Ele trouxe a paz de uma vez por todas entre Deus e os homens; Ele continua a promover a paz, ensinando-nos a fazer o mesmo uns com os outros, e Ele trará a paz no fim dos tempos, para sempre.

Este artigo reúne vários aspectos do assunto. Primeiro, olhamos para as Escrituras e consideramos várias verdades chaves que o Senhor nos ensina sobre guerra e paz. Isso envolve fazer as seguintes perguntas: "Quando Deus olha para os nossos conflitos, o que Ele vê?" e "Como Deus conserta o que está errado?" As Escrituras revelam o olhar atento de Deus e o critério com que Ele avalia constantemente a vida humana, e também dão a conhecer o meio de redenção para os problemas humanos. Em seguida, quero encorajá-lo a olhar para si mesmo e lhe dar ferramentas para buscar uma mudança. O que você faz que perpetua o conflito? Por que você se envolve em contendas? Como pode buscar uma reconciliação? Mudança real acontece quando a verdade bíblica e a honestidade pessoal se cruzam em arrependimento, fé e obediência.

Um olhar no espelho das Escrituras

A Bíblia está repleta de historias e ensinamentos sobre ira, conflito e alienação, e também sobre a solução para tais problemas. Quando a Bíblia menciona algo com tanta freqüência, podemos esperar que seja uma luta universal. Cada um pode ter seu jeito característico de pecar, mas os pecados básicos habitam em todos nós. Por exemplo, Tito 3.3 oferece uma avaliação geral da raça humana fora do senhorio de Cristo: "vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros." Não é um quadro bonito. Algumas pessoas são mais civilizadas em matéria de conflitos, outras menos. Mas todos, no fundo, estão preocupados com os próprios interesses e acabam se chocando uns com os outros.

Considere a lista representativa das "obras da carne" que Paulo cita em Gálatas 5.19-21. Mais da metade dos itens descreve algum aspecto relacionado a conflito: "inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas".[2] Considere também 1 Corintios 10.13: "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana". Quando falamos em conflitos interpessoais, todos nós poderíamos nos apresentar como fazem os participantes das reuniões de Alcoólatras Anônimos: em lugar de dizer "Meu nome é Davi e eu sou um alcoólatra", diríamos "Meu nome é Davi — ou Sandra, Joel, José ou Letícia — e eu me envolvo em contendas".

Pense nisso da seguinte maneira. Imagine que você esteja segurando dois livros grossos, de capa dura, um em cada mão. Um livro representa você e o outro representa a pessoa com quem você está lutando — seu irmão ou irmã, pai, filho, cônjuge, colega de quarto, pastor, colega de trabalho ou chefe, vizinho. Imagine que você arremesse um livro contra o outro.

[2] Os pecados relacionados com conflito ocupam a maior parte em qualquer lista representativa de pecados. Veja por exemplo Romanos 1.29-31, 2 Coríntios 12.20, Efésios 4.31, Colossenses 3.8, e 2 Timóteo 3.2-4. Nos Dez Mandamentos cada um dos pecados horizontais – desrespeito, assassinato, adultério, roubo, falso testemunho, cobiça – expressam alguma forma de conflito interpessoal.

Um livro fechado bate no outro. Duas pessoas fazem o mesmo.

A batalha pode tomar uma centena de formas. Talvez uma das partes solte uma pesada artilharia verbal ou ataque fisicamente enquanto a outra corre ou se esconde. Alguns conflitos são meras escaramuças, outros são quase uma guerra nuclear. Talvez uma ou ambas as partes saia à procura de aliados: supostos conselheiros são os primeiros candidatos para tal função. Em dada situação, o apaziguamento parece ser a estratégia escolhida; em outra, a intimidação. Talvez uma pessoa use bombas suicidas: "Eu vou beber e acabar com a minha vida, e então *você* vai se sentir muito mal". Às vezes, a discussão torna-se sórdida, lembrando um cano de esgoto não tratado. Outras vezes é apenas como uma torneira que pinga atitudes depreciativas e palavras maliciosas. Seja qual for a situação, os dois livros se chocam. E sempre estão fechados. Cada parte culpa a outra e se prende à lógica irredutível da justiça-própria e da autocomiseração. Nenhuma das duas pára para abrir seu próprio livro e perguntar: Por que eu estou lutando?

A Bíblia tem a intenção de separar os combatentes e abrir os livros.[3] O Espírito Santo fala e age para trazer convicção correta do pecado. Considere Hebreus 4.12-13. Todos nós estamos descobertos diante de Deus a quem vamos ter que prestar contas. Deus vê exatamente o que está acontecendo. Sua avaliação é precisa e inigualável. A Palavra de Deus, viva e ativa, discerne os pensamentos e intenções do coração que o Examinador dos corações vê e avalia. O que Ele vê quando "abre os livros" dos indivíduos em conflito?

Podemos consultar vários textos bíblicos, mas Tiago 3-4 é a passagem clássica e extensiva que revela a mente de Cristo sobre o assunto. Tiago 3 começa com nos lembrar que somos responsáveis pelo que falamos. Tiago, escrevendo como servo de Deus, destaca a importância e o poder da língua: um pequeno leme dá direção para o navio inteiro. Uma língua descontrolada tem efeitos devastadores: uma faísca pode incendiar uma floresta. Tiago expõe a hipocrisia dos que se dizem conhecedores de Deus e ao mesmo tempo atacam verbalmente aqueles que foram criados à Sua imagem.

Em seguida, em Tiago 3.13-4.12, o Espírito Santo resume o problema e a

[3] Com freqüência, é desejável aconselhar juntos marido e esposa ou a família. Ambos os lados da historia estão à disposição, as provocações mútuas e os hábitos pecaminosos repetitivos podem ser discernidos, e a reconciliação pode ocorrer. Entretanto, não creio que os conselheiros devam ter por princípio aconselhar sempre a família em conjunto. Isso às vezes ocorre sob influência de bases seculares (a filosofia e prática da terapia de sistemas familiares) e, às vezes, bases cristãs (um compromisso em honrar a identidade corporativa do casamento e família). Penso que há ocasião para separar os combatentes e levá-los à responsabilidade individual diante da face de Deus. Se marido e esposa recusam-se a serem construtivos quando juntos, melhor separá-los. Lembre-se de que algumas pessoas usam o contexto do aconselhamento como uma ocasião para perpetuar o conflito e juntar mais munição. Outros o usam para fazer uma espécie de fiscalização, observando se a verdade é omitida, intimidando o parceiro mais fraco para que se silencie sobre o que realmente está acontecendo. Com pessoas teimosas ou manipuladoras, não hesite em se aprofundar mais nos encontros um a um (Mt 18.15), e volte para os encontros em conjunto quando elas se comprometerem com ser construtivas.

solução: (1) o coração exigente e cheio de si dá frutos de caos e conflito; (2) Deus é zeloso por nossa lealdade e destrói Seus inimigos, mas é generoso e gracioso para com aqueles que se arrependem; (3) o coração sábio, humilde e receptivo dá frutos de vida e paz. Estes temas aparecem em muitas variações. Nenhuma análise de conflitos mais profunda, precisa e completa foi jamais escrita. Nenhuma descrição da dinâmica da paz mais condensada e portadora de esperança poderia ser escrita. Nenhuma promessa de ajuda tão poderosa foi jamais dada. Tiago 3-4 coloca-nos sob a luz continua do olhar de Deus e promete graça sobre graça.

Por que contendemos?

Tiago 4.1-3 pretende conduzir cada parte beligerante a abrir seu próprio livro. Ele faz a pergunta: "De onde vêm as guerras e contendas que há entre vocês?" (NVI). *Por que* você luta? Tiago NÃO diz que você luta porque a outra pessoa é cabeça dura, porque seus hormônios estão alterados, porque o demônio da ira tomou conta de você, porque os seres humanos são portadores de um gene de agressão transmitido pelo processo de evolução, porque seu pai reagia da mesma maneira, porque suas necessidades básicas não foram satisfeitas, porque você levantou com o pé esquerdo e teve um dia pesado no trabalho. No entanto, Tiago diz que você luta porque "Você cobiça coisas, e não as têm; mata e inveja, mas não consegue obter o que deseja" (NVI). A analise bíblica é direta e vai à raiz. *Você* luta por uma razão: você não está conseguindo o que quer. É verdade que "quando um não quer, dois não brigam". Então, por que você está na briga? Você está lutando porque os *seus* desejos — aquilo que o agrada ou desagrada, aquilo que *você* anseia muito ter — estão sendo frustrados. Quando as Escrituras entram na cena do conflito, os livros que estão colidindo não permanecem fechados. Ambos são colocados sobre a mesa e abertos diante de Deus.

O mundo tateia no escuro em busca dessa verdade e, ao mesmo tempo, corre dela. Qualquer terapeuta familiar ou conjugal pode apontar como as pessoas entram em conflito por causa de "expectativas" que se cruzam. Os terapeutas podem freqüentemente fazer com que as pessoas articulem quais são as suas expectativas reais, que talvez antes não fossem pronunciadas. Eles podem até ajudar seus clientes a avaliarem e mudarem algumas dessas expectativas, criando assim um clima mais harmonioso. Mas o problema dos desejos egocêntricos não é realmente tratado. Os clientes simplesmente encontram maneiras alternativas e menos problemáticas para obter o que querem. Em qualquer caso, os conflitos que clamam por um coração arrependido diante de Deus são tratados suprimindo-se a verdade sobre o que está acontecendo de fato. Os conselheiros seculares podem fazer uma descrição perceptiva, mas não conseguem ver a direção contrária a Deus que opera nessas "expectativas" interpessoais.

A ironia aqui é que, pela minha experiência, as pessoas que se inclinam para as teorias seculares acham a Bíblia muito óbvia e simplista. "Com certeza", dizem, "um indivíduo fica irado quando não consegue o que quer; deve haver alguma coisa mais *profunda* para explicar os problemas". Mas a psicologia secular deixa escapar a essência do problema, vendando os próprios olhos. As

expectativas que levam ao conflito revelam algo fundamental sobre onde os combatentes estão com respeito não somente um ao outro, mas também com relação a Deus.

Ao contrario da idéia secular, nada é mais *profundo* do que a cobiça que leva ao conflito. Nossos anseios governam nossas vidas, competindo diretamente com Deus pelo senhorio. Nenhum problema é mais profundo e penetrante. Tiago 4.1 diz que tais desejos lutam em nosso interior. Isto não significa que eles lutam *contra nós* ou uns *com* os outros. Eles são *nossos* desejos, expressando quem nós somos. A metáfora prevê um cerco de guerra, um exército entrincheirando-se em torno da cidade. Nossos desejos fortificam-se em trincheiras, e por isso empreendemos a guerra e lutamos. Agiríamos como pacificadores se obedecêssemos ao Senhor ao invés de defender nossos desejos. Mas todas as vezes que você se depara com lutas e contendas, está presenciando pessoas que obedecem aos desejos de um senhor diferente.

Quem é você quando julga?

Não há nada de superficial, óbvio ou simplista na análise bíblica. Aqueles que lutam não vêem o problema real. Nem os supostos conselheiros que tentam dar explicações e ajudar — ignorando, porém, a Bíblia. O entendimento do pecado profundo que impulsiona os conflitos interpessoais é explanado em detalhes em Tiago 4.11-12. Nós julgamos uns aos outros — criticamos, implicamos com detalhes, reclamamos, atacamos, condenamos — porque assumimos literalmente o papel de Deus. Isso é abominável. "Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer; tu, porém, quem és, que julgas o próximo?" Quem é você quando julga? Nada além de um usurpador, e nisso nos tornamos semelhantes ao diabo (não é por acaso que o diabo é mencionado em Tiago 3.15 e 4.7). Atuamos exatamente como o adversário que procura usurpar o trono de Deus e age como acusador dos filhos de Deus. Quando você e eu lutamos, nossas mentes ficam cheias de acusações: os erros que você comete e aquilo em que eu estou certo é o que me importa. Representamos o papel de juiz cheio de justiça-própria no pequeno reinado que estabelecemos: "Você é tão estúpido, cruel, insensível, egoísta. Você está cruzando o meu caminho. Não percebe? Você é uma pedra no meu sapato".

O que é uma discussão? A essência de uma discussão é que você ME ofendeu porque não fez o que eu queria e eu reajo declarando as suas ofensas diante de você. Ao mesmo tempo, eu explico como todos os meus erros são, na verdade, culpa sua. Se você fosse diferente, eu não seria como sou. Você faz o mesmo comigo, declara meus pecados diante de mim e desculpa os seus. Em momento nenhum, no calor do conflito, alguém confessa seus próprios pecados, exceto para ganhar tempo para o contra-ataque: "Claro, eu estava errado em fazer isso, mas..." A trave continua firmemente plantada nos olhos (Mt 7.1-5) enquanto cada parte se faz de legislador e juiz. "Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer; tu, porém, quem és, que julgas o próximo?" Aqui vemos que, no centro do conflito interpessoal, há um conflito bem mais profundo que assola: o pecador presunçoso está em desacordo com o único e verdadeiro Deus.

Tiago 4.1 e 4.12 anuncia os dois temas chaves que estão no centro do conflito:

exigências ávidas e exaltação pessoal.[4] Cada um de nós diz, na verdade: "Minha vontade será feita e você que se dane se atravessar o meu caminho". Para encontrar a solução de Deus para os conflitos, você deve responder à pergunta: "O que eu quero?" e "Como estou assumindo o papel de Deus ao declarar minha vontade?" Essa análise profunda e explícita da "dimensão vertical" nos conflitos interpessoais provê a chave para começar a desvendá-los. Enquanto permanecermos na "dimensão horizontal", não haverá paz genuína nem duradoura.

Por essa razão, sem exceção, todas as formas seculares de pacificação são superficiais. Sem a dimensão vertical, o melhor que se faz são acordos nascidos de "percepções" e interesses mútuos. A humildade diante do Deus Vivo e o amor ao próximo são impossíveis e sequer sonhados. Mas quando há uma convicção de pecado diante de Deus, a pacificação genuína não se torna apenas possível, mas lógica. Sim, a outra pessoa pode ter começado o conflito; o que ela disse e fez para você pode ser realmente pior do que aquilo que você disse ou fez em resposta. Mas quando Deus abre os livros, Ele lhe mostra a *sua* participação no conflito, o que você fez, pela sua vontade e orgulho de assumir o papel de Deus. A perspectiva de Deus revela como as vontades de dois deuses insignificantes estão no centro da contenda.

Vá honestamente ao Doador da graça

Vimos nas Escrituras como Tiago disseca implacavelmente o conflito e abre uma dimensão inesperada. Agora vamos olhar mais especificamente para nós mesmos e a dinâmica da graça. Gostaria de começar com uma história. Um dos primeiros conflitos que eu e minha esposa resolvemos envolveu quatro pequenas discussões seguidas, o que é bastante significativo. Você vai descobrir que muitas discussões são habituais. Elas são disparadas repetidamente pelo mesmo tipo de situação e tratam dos mesmos temas, como se as duas partes seguissem um roteiro ou atuassem seguindo um script. No nosso caso, o clima ficou tenso entre eu e Nan em quatro domingos seguidos, à noite, no mês de junho. Estávamos casados a menos de um ano e eu trabalhava na nossa igreja como estagiário. Vou contar a história primeiro pelo meu ponto de vista, depois pelo de Nan.

Para mim, o sábado era um dia muito ocupado e cheio de pressões. Eu mantinha o foco no preparo das atividades do domingo, pois teria muitas ocupações durante o dia. Domingo de manhã, eu me levantava mais cedo para terminar o preparo para pregar, ensinar e dirigir o louvor. O dia costumava ser intenso, cheio de responsabilidades e repleto de pessoas, pessoas, pessoas. Eu costumava conversar, ouvir atentamente, expressar cuidado e preocupação, tentar ajudar, orar, aconselhar tanto informal como formalmente. À tarde, com freqüência,

[4] Esses temas aparecem ao longo de toda a passagem. A avidez do pecado e a qualidade do desejo são apreendidas pelas expressões "inveja amargurada, prazeres, cobiça, ciúmes, pedidos para esbanjar" (3.14; 4.1-3). A qualidade de exaltação pessoal do pecado é apreendida pelas expressões "vanglória, soberba, pretensão de ocupar o lugar de Deus" (3.14, 16; 4.6, 11-12). O fato de que o pecado é fundamentalmente inimizade e traição contra Deus é apreendido por expressões como "adultério, amizade com o mundo e ânimo dobre" (4.4,8) bem como pela usurpação explicita pretendida por aqueles que querem ocupar o lugar de Deus. Que o pecado conforma-se à imagem de Satanás é mostrado pelo caráter "demoníaco" e pela submissão ao diabo que o estimula (3.15; 4.7).

recebíamos alguém em casa. À noite, eu costumava pregar ou dirigir o louvor, o que exigia que mais preparativos — tanto para finalizar o conteúdo como para meditar — ocupassem o final da tarde. Depois de terminar a última conversa, Nan e eu íamos para casa lá pelas oito da noite. Eu tinha uma única coisa em mente: *descansar*. Minha definição de descanso era paz e quietude para saborear a página de esportes, tomar um suco de goiaba gelado e mordiscar uma porção de biscoitos. Estava pronto para fechar a porta a qualquer relacionamento com seres humanos.

No entanto, qual era a expectativa de Nan? Por dois dias ela havia apoiado o seu marido em todas as tarefas que ele tinha para fazer. Havia orado especificamente pelas minhas responsabilidades e carregado as minhas preocupações. Ela havia me visto falar com as outras pessoas, oferecendo-lhes o que parecia um suprimento infindável de hospitalidade, paciência, atenção e conselhos bíblicos em resposta às suas necessidades e preocupações. Nan também estivera ocupada com hospitalidade e ensino na escola dominical. Agora tínhamos finalmente a oportunidade de estar juntos, falar íntima e pessoalmente, orar e fazer planos para a semana seguinte. Às oito da noite do domingo, Nan só tinha uma coisa em mente: *relacionamento pessoal*. Ela queria um ouvido atento e sensível, alguém que ouvisse como tinha sido o *seu* fim de semana, carregasse os *seus* fardos e compartilhasse as *suas* alegrias — um caminhar de braços dados para a semana que começava.

Percebeu o quadro? Havia uma só linha de trem, mas dois trens avançando um de encontro ao outro. O trem do norte e o trem do sul iriam colidir exatamente às oito da noite do domingo quando chegássemos em casa! Você pode perceber perfeitamente o que estava acontecendo em termos de Tiago 3-4. Qual era a causa da contenda, da briga infeliz, do senso de autocomiseração por não ser entendido nem amado, do sentimento de estar ofendido? Não são os prazeres, anseios e expectativas que estão bem no fundo da alma? Eu estava governado pelo meu desejo de descansar e Nan estava governada pelo seu desejo de intimidade. O resultado previsível: uma contenda a cada semana.

Uma pergunta surge imediatamente na mente da maioria das pessoas, principalmente os participantes do conflito: O que há de errado com o que eu quero? Na historia acima, não é o repouso um dos mandamentos de Deus? O que há de errado em querer desfrutar a boa dádiva da comida, bebida e lazer no final de um longo dia e antes de começar a semana que vem pela frente? O descanso do *sabbath*, soltando os fardos, não é uma das bênçãos de Deus? E a intimidade em que o marido agrada e satisfaz sua esposa, a mutualidade em que compartilha os problemas e divide as alegrias, não são mandamentos de Deus? O que há de errado em esperar que seu marido cuide de você também, assim como cuida das pessoas com quem conversa na igreja? Ser amado não é uma das boas bênçãos de Deus? Uma das coisas que mantém nossos livros hermeticamente fechados é o quanto os nossos desejos nos parecem plausíveis.

Expectativas grandes (demais)

O que há de errado com o que eu quero? As Escrituras, o raio X do Espírito Santo para os nossos corações, deixam claro que quando esses desejos governam,

eles produzem pecado e não amor, e assim eles se mostram corruptos. Deus vê o âmago do conflito, Ele vê o reinado particular que cada um de nós cria. Cada um de nós sobe ao trono e faz com que seus desejos de bênção venham a ser a vontade de um deus: eu anseio fortemente, eu necessito, eu tenho que ter isso. Cada um cai como presa da insanidade do pecado e da futilidade do auto-engano. Eu estava disposto a contender para conseguir paz e quietude! Nan estava disposta a contender para conseguir intimidade! Freqüentemente, o problema não está no *objeto* de desejo da pessoa, mas na intensidade do desejo. Por si só não há nada de errado em querer intimidade e descanso, mas quando eu quero muito, quando isso me governa, eu peco contra o Senhor que governa o céu e a terra. Quando nossas expectativas tomam conta de nós, inevitavelmente pecamos uns contra os outros também. "Eu tenho que ter isso! É meu! Eu exijo meus direitos. Preciso satisfazer minhas necessidades. Você está atravessando meu caminho e impedindo-me de alcançar os meus anseios mais preciosos e acalentados! Você está bagunçando meu plano de controle. Você não está satisfazendo minhas expectativas."

O que você deseja? Como você está assumindo o lugar de Deus? Estas não são perguntas exóticas nem têm a intenção de encaminhá-lo para uma caça introspectiva de ídolos ou uma investigação arqueológica de influências do seu passado. Seja o mais direto possível, buscando uma resposta objetiva e atual. Você não está investigando uma experiência subjetiva, um sentimento, um momento evasivo de *insight*. Você quer algo tangível: "O que exatamente você deseja que o faz ser um guerreiro, enquanto que o senhorio de Cristo o tornaria pacífico?" Responda honestamen-te, e você terá identificado por que participa de conflitos pecaminosos.[5] Não existem outras razões mais profundas para a ira pecaminosa. A violação do "primeiro grande mandamento" é a mais profunda de todas.[6]

---

[5] Este não é um artigo sobre conflito construtivo, uma das grandes alegrias da existência humana. O conflito construtivo não destrói as pessoas nem aumenta os problemas; ele enfrenta e resolve os problemas e tem o bom efeito de edificar pessoas tanto individualmente como corporativamente (Ef 4.29). O primeiro artigo desta série discutiu em detalhes a diferença entre ira justa e a ira pecaminosa. Boa parte daquela discussão pode ser adaptada para as diferenças entre os conflitos destrutivos e construtivos.

[6] Nossa cultura é rica em tentativas de encontrar alguma coisa "mais profunda" do que nossa aversão ao verdadeiro Deus e nossa compulsiva auto-afirmação de deuses substitutos. As assim chamadas "causas mais profundas" – necessidades não satisfeitas, experiências formativas, genes, demônios, a configuração das estrelas etc. – são tentativas típicas de escapar do fato de que fomos criados para nos relacionarmos com Deus. Certamente, alguns fatores que contribuem para o conflito podem ter uma história que antecede em muito o presente momento. Por exemplo, considere um homem que foi sempre manipulado, usado e abusado por outros no passado. Ele está, no momento, determinado a não se curvar diante da vontade de ninguém. É como se ele estivesse "armado". Um sensor altamente sensível dispara o alarme de pânico ao mero sinal de que sua esposa possa exigir alguma coisa. A fúria explode como um lança-chamas quando sua esposa faz menção de discordar minimamente. Compreender os antecedentes históricos ajuda a explicar *quando* o desejo de controle entrincheirou-se em seu coração, mas não explica *por que* ele é tão explosivo. A intensidade desproporcional das reações atuais brota dos desejos imediatos do coração, mas certamente reflete experiências prévias. O aconselhamento sábio não se dirige apenas ao conflito atual, mas também atinge os conflitos prévios, não resolvidos, que deram oportunidade para que desejos específicos habituais se enraizassem no coração.

Nos momentos de conflito com Nan, eu amava mais o descanso do que o Deus Vivo; Nan amava mais o envolvimento pessoal do que o Deus Vivo. Meus pecados visíveis naquela situação incluíam uma atitude de murmuração e palavras de crítica, mas esses frutos da carne brotavam do anseio pela minha versão utópica de descanso. Os pecados visíveis de Nan também incluíam uma atitude de murmuração e palavras de crítica, mas eles vinham do seu anseio pelo próprio paraíso de intimidade conjugal.[7] Para nós dois — ou para todos nós — os pecados horizontais registram e expressam os pecados verticais.

Os pecados verticais são tão sérios que merecem os rótulos diretos que o Espírito usa em Tiago 3.13-4.12: "inveja amargurada e vanglória, prazeres e cobiça, adultério contra Deus (ou seja, idolatria) e amizade do mundo, ânimo dobre e usurpação do lugar de Deus". Fomos feitos para viver com Deus no trono e com o coração aberto a Ele e aos outros. Mas uma pessoa dada a contendas e julgamentos está seca interiormente, fechada e endurecida tanto para com Deus como para com o próximo. Na tentativa de subir ao trono de julgamento e controle reservado apenas para Deus, ela se torna pervertida, corrupta, contaminada e, de fato, semelhante a Satanás. Essa pessoa age à imagem do acusador dos filhos de Deus, um adversário do bem-estar dos outros, um destruidor sem lei, um tirano. Por fora, a pessoa dada a contendas fala palavras torpes que destroem ao invés de edificar, dispensam condenação em lugar de graça (Ef 4.29). No seu interior, a pessoa arrebatada pela ira pecaminosa torna-se demoníaca e diabólica — no sentido verdadeiro — portadora da imagem do grande e irado acusador do povo de Deus (Tg 3.15, 4.7). Deus tenciona para nós uma imagem diferente. Ele quer que nos tornemos portadores de misericórdia, redenção e ajuda para os outros e, particularmente, em seus pecados.

O que acontece quando os lutadores percebem a significância e alcance dessa dimensão interior do conflito? Tornamos-nos pequenos e somos humilhados na presença de Deus por pecados específicos. O Examinador dos corações nos pega pelo colarinho e nos faz olhar no espelho. Não há como escapar. Imagine estar olhando para uma foto antiga, pequena, áspera e em branco e preto do Grand Cayon[8]. Isso é ter uma pálida idéia de que "os pecados específicos são o fruto de cobiça específica". Agora imagine estar realmente à beira do Grand Canyon desde antes do amanhecer até ser dia claro. A princípio, você perscruta na negra escuridão. À medida que o sol nasce, lentamente, a escuridão impenetrável ganha graduações de cinza e você começa a discernir as formas e contornos do abismo abaixo, embora a paisagem à sua frente ainda esteja um pouco ofuscada. Até aqui, essa experiência pode ser comparada ao processo de identificar pelo nome a cobiça

[7] A seqüência habitual é explicitamente afirmada em Tiago 1.14: os pecados específicos são os frutos de cobiça especifica e trazem julgamento de Deus. Tiago 3.14-4.12 trabalha a questão detalhando os pecados do conflito interpessoal. Partindo daquilo que Tiago diz, este artigo procura trabalhar os detalhes pessoais da vida real.

[8] NdT. O Grand Canyon é um desfiladeiro na região oeste dos Estados Unidos, uma depressão moldada pelo rio Colorado com cerca de 500 quilômetros de extensão, que varia de 7 a 30 quilômetros de borda a borda, sendo que a profundidade máxima chega perto dos 2400 metros. O nascer do sol é de beleza característica, pois o colorido do solo vai se modificando em tons avermelhados à medida que o sol vai penetrando nas profundezas do canyon.

específica que costuma produzir as lutas. Finalmente, quando o sol nasce, as rochas começam a brilhar intensamente com todas as cores do fogo. O canyon brilha com fulgor e você vê tudo em detalhes. Isso encontra paralelo na convicção especifica daquilo que é verdadeiro: "Minha ira para com você — não apenas minhas palavras defensivas e mordazes, mas minha atitude de menosprezar, condenar e dar a tudo que você faz um sentido negativo enquanto dou uma conotação positiva ao meu comportamento, às evasivas, aos arroubos de justiça-própria e à autocomiseração que coloco nas minhas emoções e pensamentos, tudo isso e ainda mais — expressa meu orgulho diabólico contra Deus e minha exigência impaciente por aquilo que eu quero". Tiago 3:14-4:12 revestiu-se de detalhes da vida real.

Em busca da graça

O que acontece em seguida? Tiago 4.6 faz uma promessa surpreendente: Deus dá graça. Deus dá graça maior. Deus dá graça ao humilde. A graça é muito maior do que o pecado. Quando aqueles que se fazem de deuses admitem a verdade, encontram a maravilhosa graça em Jesus: perdão, misericórdia, sanidade, um novo começo, purificação, poder, liberdade. Cada faceta da graça de Deus é feita sob medida para purificar e renovar pessoas iradas, críticas, medrosas e orgulhosas.[9] Aqueles que vivem vidas deformadas, refletindo a imagem de Satanás, podem encontrar uma "cura dupla". Em Jesus, aqueles que procurarem acharão perdão para tais pecados. A ira justa de Deus se desviará daquele que está pecaminosamente irado e cairá sobre o Único Inocente. Também em Jesus, aqueles que pedirem receberão o Espírito que faz o morto reviver e endireita o curvado. Eles serão transformados à imagem do Filho que morreu por nós para que pudéssemos viver por Ele.

O que você deve fazer? As pessoas iradas devem buscar a Deus em fé e arrependimento. Tiago 4.6-10 diz isso repetidamente. O Senhor propõe uma solução "vertical" radical para o problema radicalmente vertical do coração. É interessante como esta solução centrada em Deus é implacável. Submeta-se a Deus e resista ao Diabo, em lugar de fazer o contrário. Aproxime-se de Deus. O diabo fugirá e Deus se achegará a você. Limpe suas mãos (das expressões visíveis do pecado, do caos e toda prática do mal, das contendas e conflitos, do falar mal uns dos outros). Purifique seu coração (da apostasia da alma, do ânimo dobre, que confessa Deus mais serve outros deuses). Entristeça-se pelo que fez. Humilhe-se na presença do Senhor. Note como Deus está *presente*. Note como a solução é o *relacionamento* com Ele. Precisamos procurar e achar Alguém que seja gracioso, Alguém com poder para nos ajudar. Para resolver de fato o âmago do conflito é preciso entrar na presença de Deus. Se os nossos conflitos foram alimentados porque usurpamos o lugar de Deus, a paz será motivada à medida que a graça de Jesus Cristo restabelecer o senhorio de Deus em nossos corações.

[9]O conflito interpessoal é um dos pecados típicos, como a idolatria religiosa, o desrespeito às autoridades, a imoralidade sexual, o roubo, a mentira, a embriaguez. Compreender a ira pelos olhos de Deus e sua cura pelo evangelho de Cristo é compreender como o pecado e a redenção funcionam na prática. Tal entendimento pode ser generalizado para toda sorte de problemas.

Tiago é decididamente tradicional em sua solução para os conflitos! Os conselhos modernos têm a tendência de mencionar estratégias horizontais: "esclareça suas expectativas, ouça bem e repita o que ouviu, expresse as preocupações e objeções de maneira não condenatória, conte até dez antes de ficar irado, comunique respeito pelas pessoas em meio aos desacordos de opinião, tome cuidado com sua linguagem corporal". Não há nada necessariamente errado nessas estratégias. Propriamente definidas, elas podem se tornar aplicações oportunas de Tiago 3.17-18. Sozinhas, entretanto, são seriamente inadequadas. Apesar de visar uma vida social mais harmoniosa, elas passam por cima do centro do problema. A solução de Tiago vai ao âmago do que acontece nos conflitos. E a solução do âmago "religioso" dá àquele que recebe a graça divina o poder e a humildade para procurar estratégias que levam à paz genuína.

Sabedoria pacífica

Como a solução de Tiago afeta os relacionamentos interpessoais? Aqueles que antes estavam irados são capacitados por Deus para amar e estabelecer a verdadeira paz. Aqueles que antes atacavam as pessoas, aprendem a interagir construtivamente. Tiago 3.17-18 descreve isso de maneira compacta. Deus dá graciosamente a "sabedoria que vem do alto" (cf. 1.5, 1.17, 4.6). É uma *sabedoria* prática, específica, em ações e palavras. É um modo de vida oposto em todos os aspectos às palavras, tons, pensamentos, ações e atitudes da ira pecaminosa. E vem do alto, como presente de Deus por meio do Senhor Jesus Cristo. Somente Ele dá aquilo que verdadeiramente soluciona os conflitos interpessoais. Se você tem falta de sabedoria — e as "lutas e contendas" são uma marca fundamental do tolo — peça-a a Deus (Tg 1.5).

A sabedoria que Deus dá é primeiramente *pura*. As pessoas iradas produzem poluição mental, emocional e verbal. Elas tramam coisas infames, sua hipocrisia condena o pecado dos outros enquanto que elas mesmas estão mergulhadas até ao pescoço em pecados espetaculares. O crente dado à contenda tem seu coração perigosamente dividido, impuro. Mas o crente arrependido passa a viver a vida pura, simples, reta, buscando o que é bom e verdadeiro, pensando no bem estar dos outros e se esquecendo de si mesmo e dos seus interesses.

A sabedoria divina é primeiramente pura e "então pacífica, gentil, aceitável, cheia de misericórdia e bons frutos, imparcial, sem hipocrisia". De quantas maneiras mais Tiago pode dizer isso? As pessoas pacíficas deixaram de lado as características de guerra: atitude defensiva, agressão, crítica, justificativas, marcação de pontos, sensibilidade para ofensas. As ervas daninhas morais — "impureza e acúmulo de maldade" que vem da "ira do homem" (Tg 1.20-21) — são arrancadas pela raiz e começam a murchar. Os frutos doces começam a crescer enquanto a Palavra de Deus e outras boas dádivas vão se enraizando: capacidade para aprender, paciência, bondade, preocupação com outros, contentamento e gratidão pelo dom inefável de Deus, uma perspectiva de caridade em lugar de impertinência. Que o Príncipe da Paz nos faça pacíficos, substituindo nosso instinto de luta, contenda e crítica. Jesus é pacifico, a encarnação de todas as facetas da sabedoria de Deus.

Nossa língua não tem pleno equivalente para o termo grego que expressa que a sabedoria é *bondosa*[10].

Jesus revelava bondade de maneira tão marcante que esta fragrância e matiz marcava Sua vida por completo. Todo ser humano alcançado por Jesus deve-lhe a vida e total lealdade. Mas a maioria do povo O ignorou, não O entendeu, tentou usá-lO, insultá-lO e conspirou contra Ele. Mesmo seus seguidores mais próximos, que basicamente o amavam, provaram-se repetidamente duros como pedras. Como Ele conviveu com isso por 33 anos? Bondade.

Jesus lidou bondosamente com os ignorantes e perdidos, mesmo quando Ele sofreu em suas mãos. Ele foi manso: uma virtude quase além da nossa imaginação, a habilidade de suportar a injuria com paciência e sem ressentimento. Conheci pessoas em quem vi demonstradas as primícias dessa virtude. Suas vidas mostravam sinais de esplendor, um vislumbre da glória de Jesus revelada, a coisa mais amável que já vi. Jesus era inteira e essencialmente amável, "andava fazendo o bem". Podemos entender até certo ponto que Ele era compassivo com os sofredores. Mas quando consideramos que o propósito maior de Cristo era a misericórdia sacrificial para com os seus inimigos, a bondade de Jesus excede toda compreensão. George MacDonald certa vez expressou o perfume de tal bondade com as seguintes palavras: "É doloroso quando alguém o julga mal. Mas não é nada além do que Deus tolera a cada momento do dia. Contudo, Ele é paciente. Visto que Deus sabe que Ele está certo, Ele deixa as pessoas pensarem o que elas querem — até que com o tempo elas venham a saber e conhecer mais. Senhor, limpe o meu coração, então não vou me incomodar com nenhum outro julgamento que não seja o seu!".[11]

Infelizmente, um "Jesus manso e suave" tornou-se uma expressão de zombaria, mostrando alguém fraco, ineficiente e sentimental, um salvador sem valor, algo infantil. No entanto, desejamos que o Deus do nosso Senhor Jesus Cristo nos dê a verdadeira bondade, fazendo-nos mansos e suaves. Essa força incomparável e paciente é um atributo real. Essa bondade gloriosa — "purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração" — é precisamen-te o que Tiago 3-4 pretende produzir em mim e em você, que somos rápidos em ofender e ficar ofendidos.

A sabedoria do alto é também *tratável* ou *compreensiva*. Nunca parei de me surpreender com como Nan passou a ser compreensiva uma vez que nós dois, ela e eu, começamos a nos arrepender da ira pecaminosa. As pessoas que estão em conflito têm as faculdades de ouvir e falar distorcidas. Recebemos e transmitimos sintonizados na mesma freqüência de ondas, uma freqüência errada: vou ouvir e falar qualquer coisa que prove que você está errado e eu estou certo. Mas as pessoas pacíficas transmitem e recebem em uma freqüência de ondas diferente, que as faz crescerem na graça e conhecimento do Senhor Jesus Cristo. A sabedoria faz sentido. Ela é audível, correta, construtiva, agradável — mesmo quando diz coisas duras. As pessoas iradas são insanas e perversas. Você não fala com

[10] NdT Na língua portuguesa, o termo grego *epieikes* é também traduzido por indulgente (ARA) ou amável (NVI).

[11] George MacDonald, *The Marquis' Secret*, Minneapoli, Minesota: Bethany House, l982, p. 58.

sensatez quando está em meio a uma contenda; a malícia e a distorção arruínam e pervertem até mesmo as tentativas de falar a verdade. Não se pode falar sensatamente com uma pessoa briguenta, mas é possível falar algo verdadeiro e construtivo para a pessoa sábia, e ganhar seu ouvido atento.

Aqueles que se arrependem da sua natureza irascível e crítica tornam-se naturalmente *cheios de misericórdia*. Se eu encontrei a misericórdia de Jesus transbordando para mim em meus pecados tão grandes e fatais, é natural que eu transborde pelo menos um pouco da mesma misericórdia para com os outros em seus pecados.[12] Quanto maior for a profundidade da compreensão da sua participação no conflito, tanto mais você compreenderá com alegria a misericórdia de Deus para com você e responderá com misericórdia e paciência aos que pecam. Se Deus tem sido tão paciente com você, então você pode ser paciente com seu próximo. As pessoas iradas, críticas, malhumoradas e irritadiças não entendem a misericórdia de Deus. Podem falar bonito, mas suas ações revelam que a mentira habita seus corações. Elas ainda servem a cobiça e exigem dos outros o pagamento do preço pelas suas transgressões.

Tem sido interessante e humilhante perguntar a mim mesmo: "Com quem eu sou misericordioso e com quem sou impiedoso?" Tenho que dar uma resposta mista: as pessoas A, B e C estão na lista da misericórdia e as pessoas X, Y e Z estão na lista da inclemência. A diferença entre as duas listas tem pouco a ver com as qualidades e erros das pessoas em particular, mas é fruto ardente das minhas expectativas e do fato de eu ver determinada pessoa através das lentes da misericórdia do Redentor ou através das lentes das minhas exigências urgentes e insistentes. Que Deus possa ser tão misericordioso para fazer com que você e eu sejamos pessoas que têm apenas a lista da misericórdia.

Você se tornará *cheio de bons frutos* também, à medida que aprender a buscar a paz em lugar da guerra. Os bons frutos dos pacificadores são tão diversos quanto as más obras dos que escolhem a guerra. As Escrituras não nos dão uma lista exaustiva de bons frutos. Nenhuma lista poderia jamais reunir as muitas coisas criativas, oportunas e apropriadas que as pessoas arrependidas fazem ou falam quando aprendem a ser pacíficas. Em lugar de reagir sem pensar, mantenha sua boca fechada. Em lugar de ficar intimidado, fale corajosamente. Insira a sua crítica entre uma recomendação apropriada e uma palavra de otimismo centrado em Cristo. Em lugar de dar uma impressão falsa, trate as pessoas com imparcialidade, reconhecendo e representando com precisão seus atos e palavras. Fale corretamente, deixando a linguagem prejudicial; "sempre" e "nunca" são raramente verdadeiros e usualmente mais destrutivos do que construtivos. Em lugar de se inflamar com emoção, fale calmamente. Fale com energia, sem se deixar inibir pela timidez. Levante uma questão que costumava engolir e deixe passar uma ofensa com a qual estava acostumado a explodir. Resolva o problema em lugar de atacar a pessoa. Espere ver Cristo atuar em lugar de se desesperar e entrar em pânico quando os problemas aparecem. A resposta branda afasta o furor, substituindo

[12] Misericórdia pode também fluir em direção àqueles que não pecaram pessoalmente contra mim, mas a quem eu tratei com inclemência.

as palavras ásperas que suscitam a ira. Quando você tira a trave do seu próprio olho então pode ver claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão. As chances são de que ele confie em você e o ame. O vaso transborda.

A observação de Tiago de que os pacificadores são *imparciais* é particularmente notável e destaca algo que não costuma ser comentado. Tenho reparado que quando as pessoas se arrependem da ira pecaminosa, elas se tornam capazes de falar sobre seus pecados de maneira certa — afinal, seus pecados agora estão sob a luz da graça de Cristo e serão progressivamente extirpados pela graça. Simultaneamente, elas se tornam capazes de falar com bondade sobre o pecado de outras pessoas. Não se trata mais de interesse pessoal, mas do desejo crescente de ver o bem-estar do outro nas mãos do Redentor misericordioso. As pessoas imparciais mostram-se hábeis para identificar quem e o quê contribui realmente para o problema. Essa imparcialidade contrasta com a polarização do conflito. Presenciei recentemente uma esposa falando sobre seus pecados sem uma atitude defensiva e sobre os pecados de seu marido sem acusações. Simplesmente maravilhoso! Apenas uma semana antes, eles haviam brigado muito, cheios de ira, desapontamentos, atitude defensiva e autocomiseração. Agora, mudar o marido, pressionar, ameaçar não eram mais suas prerrogativas. Ela estava livre para ser uma ajuda construtiva no processo de mudança, em lugar de ser um obstáculo destrutivo.

Finalmente, os pacificadores são pessoas *sem fingimento*. Eles não provocam uma noite inteira de problemas e miséria para obter alguns momentos de paz e quietude; eles não provocam uma noite de hostilidade para obter atenção amorosa. Eles não julgam os outros por causa de versões mirins de pecados cometidos contra eles, cometendo, porém, versões bem maiores de pecados contra Deus. As pessoas que alimentam conflitos são hipócritas — condenam tudo e gritam insultos sempre que são criticadas equivocadamente com respeito a um pequeno detalhe de uma história. Queixam-se de seu cônjuge gastar 50 reais em frivolidades, enquanto não pensam duas vezes para gastar 500 reais em seu *hobby*. Maldizem os outros por tolices teológicas e ignorância bíblica, enquanto aceitam "expressões" teológicas que são, na melhor das hipóteses, duvidosas ou completamente erradas. Acusam outros de crueldade...cruelmente, iram-se com as pessoas iradas, julgam as pessoas orgulhosas com altivez e fofocam sobre os fofoqueiros. Que Deus tenha piedade de todos nós. "Tu, ó homem, que condenas aos que praticam tais coisas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus?" (Romanos 2:3). Deus dá mais graça para aqueles que param para se olhar no espelho e alcançam o âmago da sua participação neste mundo que está em guerra. Essa graça é efetiva para produzir mudança real, em tempo real, com pessoas reais, em situações reais. Aquele que é puro nos ensina purificação. E purificação é ausência de hipocrisia.

Mudança real na vida real

Assim como o diagnóstico de Deus é feito com base na vida real, assim também a cura acontece na vida real, em tempo real. Nan e eu nos falamos de maneira diferente depois do nosso "amanhecer no Grand Canyon". As palavras vieram vestidas de um tom de voz diferente, com atitudes e intenções diferentes. Deixando

de ser adversários e acusadores, começamos a falar honestamente sobre nossas falhas. Começamos a amar o amor de Jesus, orar um pelo outro e adorar o Deus Misericordioso. Há três pessoas no nosso casamento e uma delas é perfeita, boa e cheia de misericórdia. Deus está operando. Tornamo-nos capazes de tomar decisões práticas para solucionar os problemas e praticar a sabedoria com os pés no chão, em toda palavra que sai da boca.

Não há nada tão sem romantismo como o amor.[13] Os sentimentos românticos de atração e prazer estão, às vezes, associados ao amor, mas a essência do amor é diferente: um compromisso de agir para o bem-estar do outro. Quando lidamos com nossa disputa do domingo á noite, Nan realmente *queria* que eu descansasse e eu realmente *queria* gastar tempo com ela e lhe dar atenção pessoal. Decidimos, como diretriz básica, estabelecer a noite do domingo como tempo para descanso pessoal e a manhã da segunda-feira para comunicação aberta e prolongada. De fato, o interessante foi que, no restante daquele verão, terminamos por estar "informalmente" mais próximos pelo menos metade das noites de domingo. De alguma forma, quando a cobiça por descanso foi destronada, eu não "precisava" tanto assim de paz e quietude na solidão. E, sem surpresa, quando a cobiça por intimidade foi destronada, a intimidade ficou simplesmente mais intensa. Essas mudanças inesperadas costumam acontecer quando as pessoas atingem o centro do problema e encontram a graça necessária.

[13] Devo esta frase a Andrée Seu.

Isso significa que nunca mais brigamos um com o outro? Quem dera que fosse assim! Mas a brasa da iniqüidade deve ser apagada diariamente (Lc 9.23), e não uma única vez e pronto. Durante aquele verão de quase vinte anos atrás, foi-nos dado um mapa para a fonte da vida e a capacitação para encontrarmos graça. Ganhamos um entendimento duradouro dos hábitos pecaminosos repetitivos, e provamos as alegrias do arrependimento e piedade. Esse entendimento é repetidamente benéfico. Quando voltamos a pecar, o arrependimento não ocorre por acaso, pois estamos familiarizados com o que está acontecendo e conhecemos o terreno a percorrer. Não precisamos tatear tanto no escuro antes de encontrar a graça necessária. Muitos conflitos potenciais foram colhidos antes de desabrocharem e se transformaram em estímulo ao companheirismo entre nós. Estamos ainda longe da perfeição, embora estejamos mais atentos a esse fato do que estávamos vinte anos atrás. No dia em que veremos a Cristo, todos quantos estamos nEle seremos como Ele. Daquele dia em diante não haverá mais razão para tropeço, não haverá mais "lutas e contendas". O processo de se chegar ao âmago do conflito um dia terminará e a devoção simples e pura substituirá para sempre o ânimo dobre.

O que acontece a um livro fechado?

Olhamos para os conflitos em processo de resolução. Mas o que dizer das pessoas que se recusam a olhar para si mesmas, continuam a acusar os outros e desculpar a si mesmas? De fato, elas vendaram seus olhos. Tentam manter seus livros hermeticamente fechados, enquanto praticam justiça contra aqueles que odeiam.

Não querem olhar para o espelho da Palavra para serem iluminadas pelo Espírito. O que acontece quando a trave permanece no olho? A pessoa permanece escrava dos seus desejos: "Se pelo menos minha esposa pudesse mudar e ver que estou cansado e preciso descansar... Se meu marido mudasse e visse que estou solitária e preciso do seu amor..." Aqueles que são irascíveis permanecem incapazes de amar, produzindo raízes de amargura, justiça-própria, autocomiseração, cobrança de direitos pessoais, infelicidade, escapismo, e talvez continuem em sua busca infrutífera do pasto verdejante da cobiça satisfeita.

Atuo no ministério pessoal há 20 anos e já gastei centenas de horas conversando com pessoas. Durante esse tempo, pude conhecer alguns campeões da ira, fúria, justiça-própria e outros aspectos mais desse clã sórdido. As pessoas mais iradas já me disseram algo como: "Eu não sou *realmente* uma pessoa irada... Eu era realmente uma pessoa dócil até que encontrei minha esposa/meu marido... Eu me dou muito bem com as pessoas com quem trabalho. Mas aquela mulher/aquele homem me tira do sério." São comentários que expressam uma profunda cegueira. Essas pessoas não sabem em que tropeçam. Cada uma delas está de fato irada, ao contrário da sua percepção pessoal, e sua ira expressa desejos que Cristo quer expor e extirpar. A graça comum de Deus permite que fique razoavelmente civilizada a maior parte do tempo, ao invés de ser criminosa. Foi-lhe dada a oportunidade de olhar abertamente para o seu coração. Mas suas palavras falam alto sobre o quanto ela ignora a realidade tanto de si mesma como de Deus. O cônjuge, sem dúvida, tem pecados, talvez até sérios. Mas a pessoa irada se faz de deus, e agindo desta forma torna-se como Satanás, ao invés de deixar Deus ser Deus e aceitar o plano do Redentor.

Tempo de descanso e intimidade pessoal — bem como controle, dinheiro, vingança, poder, sucesso, ser amado, saúde, realização significativa, e tantos outros — são senhores sedutores e perigosos. Quando frustrados, sua ira adquire mil formas, às vezes mostrando a face abertamente, outras vezes escondendo-a. Mas quando a cobiça tirana é destronada pela graça, então o descanso, a intimidade e tudo mais tornam-se simplesmente boas dádivas. São dádivas para distribuir aos outros dentro da verdadeira liberdade da "regra áurea" e para desfrutar quando as recebemos de alguém. Não são a razão para viver nem algo de que necessitamos, algo que ansiamos e ao redor de que organizamos a nossa vida. Deus tem boas dádivas em estoque para os Seus filhos. O melhor presente é a liberdade da culpa e do domínio do pecado para que possamos conhecer de perto a Deus.

Andando pela fé

Em Tiago 3-4 o Espírito Santo repetidamente nos chama para nos colocarmos diante do espelho e vermos a verdade. Ele nos convoca repetidamente com suas promessas: "Ele dá maior graça... Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes". Permita que estas palavras fiquem estampadas no seu coração. A fé acredita nas palavras de Deus. Imagine-se acabando de gastar os últimos cem reais da sua conta bancária. Logo em seguida, uma porção de contas chega pelo correio com vencimento

imediato. Durante a noite, sua alma agita-se ansiosa. Você permanece acordado, com a mente rodando em círculos, calculando e recalculando, planejando e imaginando. Na manhã seguinte, do nada, o gerente do banco liga e diz: "Alguém acabou de depositar dez mil reais na sua conta. O dinheiro está disponível, pode usar... Sim, está na sua conta... Não, não é engano". Você continuaria a se preocupar? Ou começaria a pagar suas contas com o coração alegre?

A fé vive na certeza de que aquilo que Deus fala é verdade.[14] Deus *realmente* dá mais graça ao humilde. Humilhe-se. Deus *realmente* se opõe ao briguento orgulhoso. Venha para fora com suas mãos levantadas e se renda. Ele *verdadeiramente* perdoa aqueles que abrem os olhos para seus pecados. Pare, abra seus olhos, confesse. Ele selou a Sua promessa com o sangue de Jesus Cristo. Conte com isso. Ele realmente dá o Espírito Santo para os Seus filhos. Peça sabedoria: "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida." (Tg 1.5). Peça sem medo, sabendo de suas necessidades. "Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres" (Tg 4.3). Peça, arrependendo-se da sua cobiça. Deus vai lhe dar poder para dar frutos. Ele dá sabedoria para andar como Jesus andou.

A fé humilde que procura a paz é tão objetiva quanto o desejo orgulhoso que causa os conflitos. Muitas pessoas vêem a fé como um *sentimento* de verdade, confiança, paz, contentamento, felicidade. Muitas pessoas vêem a oração como uma experiência de emoções religiosas agradáveis: fervor, calma, alegria, conforto familiar. Os sentimentos aprazíveis são, às vezes, associados com fé e oração, mas os Salmos ilustram como a fé que fala com Deus pode se expressar em muitos sentimentos diferentes, alguns aprazíveis, outros mais desagradáveis. E nunca devemos esquecer que muitas formas de engano podem parecer pacíficas, fervorosas ou confiantes. O estado das suas emoções não é um registro correto da sua confiança em Deus.

A essência da fé viva é diferente de qualquer outra experiência pessoal: procure o Deus verdadeiro que fala a verdade. A fé acredita nas palavras de Deus e age de acordo com elas. Não há nada tão sem mística, sem sentimento, sem experiência quanto a fé. Mas a fé robusta, direta e simples é poderosa. Una sua vida a Deus por meio de Jesus e Ele vai reorganizá-la. Creia no que Deus diz. Para chegar ao âmago do conflito, você deve buscá-lO. E quem o Busca, encontra. E você será transformado porque a fé viva nunca é infrutífera: "Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz" (Tg 3:18).

[14] Devo a Bob De Moss essa frase e a metáfora do parágrafo anterior.

Buscar e conceder perdão

Timothy S. Lane[1]

Mary, casada há vinte e cinco anos, fala com orgulho de seus cinco filhos. Entretanto, quando a conversa diz respeito ao marido, George, seu tom de voz muda visivelmente. Seu ar alegre, otimista e confiante torna-se quieto e um pouco defensivo. No desenrolar do relato da sua história, vêm à tona a tristeza e a dor pelos pecados cometidos contra ela.

Há quase quinze anos, George teve relações sexuais com prostitutas e prostitutos. Mary só descobriu os fatos cinco anos depois do ocorrido e os vem remoendo pelos últimos dez anos. Ela achava que havia perdoado George, mas agora percebe que a tristeza, a dor e a ira encontram expressão em uma amargura gélida para com o marido. Sentimentos fortes brotam de suas muitas idéias equivocadas sobre o perdão. Às vezes, sua amargura dirige-se contra Deus.

Ben cresceu no que parecia ser uma família amorosa e normal. Ele tinha dez anos quando sua irmã mais nova, Kim, nasceu. O favoritismo descarado dos pais para com ela era visível a todos. Ben, finalmente, foi para a faculdade e parou de falar com os pais. Vinte anos mais tarde, casado e com filhos, Ben ainda está irado com os pais. Sua esposa lamenta: "Ben muitas vezes é frio e distante comigo". Ben reclama: "Laura dá mais atenção aos filhos do que a mim". A ira e o ressentimento do passado para com seus pais são transferidos para o atual relacionamento familiar de Ben.

Talvez você se identifique com Mary ou Ben. É bem possível, contudo, que as histórias deles cheguem a um extremo que não encontra paralelo na sua vida. Entretanto, é certo que todos nós relutamos

[1]Tradução e adaptação de *Pursuing and Granting Forgiveness.*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.23, n. 2, Spring 2005, p. 52-59.
Timothy Lane é diretor do Ministério *Changing Lives*, conselheiro e parte do corpo docente da *Christian Counseling and Educational Foundation*, e professor de Teologia Prática no Seminário Teológico Westminster.

para pedir perdão ou perdoar uns aos outros. Não passa uma semana sequer sem que você seja ofendido ou ofenda outra pessoa. Isso faz parte de sermos pecadores caídos e até mesmo pecadores que foram perdoados por Deus.

Sou casado e pai de quatro filhos. Mal passo uma semana sem a oportunidade de dizer "perdoe-me" à minha esposa ou aos meus filhos. Uma simples discussão entre as crianças à mesa do café da manhã pode gerar uma reação desnecessária de minha parte que requeira perdão. Nossos filhos, por sua vez, têm oportunidades de praticar a arte de conceder e pedir perdão aos seus pais e uns aos outros. Quanto maior fica a nossa família e quanto mais velhos ficamos, as oportunidades aumentam! Isso parece estranho? Não deveria. O pecado é uma realidade diária, mas a maravilhosa graça de Deus também é. Até que morramos ou que Cristo volte, haverá muitas oportunidades para praticar o perdão em nossos relacionamentos.

Diante da realidade do pecado, é incrível que algumas das palavras mais raramente faladas entre duas pessoas sejam "Eu estava errado. Você me perdoa?" ou "Sim, eu o perdôo".

O que é perdão?

Uma passagem bíblica clássica sobre o perdão é a parábola do servo impiedoso (Mt 18.21-35). Leia com atenção as palavras de Jesus.

> Então Pedro, aproximando-se dele, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu hei de perdoar? Até sete?
>
> Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete. Por isso o reino dos céus é comparado a um rei que quis tomar contas a seus servos; e, tendo começado a tomá-las, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos; mas não tendo ele com que pagar, ordenou seu senhor que fossem vendidos, ele, sua mulher, seus filhos, e tudo o que tinha, e que se pagasse a dívida. Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, tem paciência comigo, que tudo te pagarei. O senhor daquele servo, pois, movido de compaixão, soltou-o, e perdoou-lhe a dívida.
>
> Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem denários; e, segurando-o, o sufocava, dizendo: Paga o que me deves. Então o seu companheiro, caindo-lhe aos pés, rogava-lhe, dizendo: Tem paciência comigo, que te pagarei. Ele, porém, não quis; antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida.
>
> Vendo, pois, os seus conservos o que acontecera, contristaram-se grandemente, e foram revelar tudo isso ao seu senhor. Então o seu senhor, chamando-o á sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste; não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, assim como eu tive compaixão de ti? E, indignado, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia.
>
> Assim vos fará meu Pai celestial, se de coração não perdoardes, cada um a seu irmão.

Essa passagem nos ensina várias coisas a respeito da natureza do perdão.

1. O perdão cancela uma dívida

Na parábola do servo impiedoso, a prática de cancelar uma dívida serve de metáfora para a prática do perdão. O perdão exige que alguém tome sobre si o custo do que é devido. Suponhamos que você peça emprestado o meu carrinho de mão. Quando você o devolve, a roda está estragada. Diante disso, tenho que fazer uma escolha: exigir que você pague pelo conserto da roda ou eu mesmo pagar. Alguém tem que pagar. Não podemos fazer de conta que o carrinho de mão não está danificado. Não podemos minimizar o estrago. Alguém precisa assumir o custo do reparo. De modo semelhante, a essência do perdão envolve cancelar uma dívida.

2. O perdão faz uma promessa tripla

Quando você perdoa alguém, você assume o custo da ofensa cometida e cancela a dívida. Com isso, você faz uma promessa tripla.

- ***"Não vou levantar essa ofensa de novo nem usá-la contra você."*** O único motivo para voltar a se referir à ofensa com o ofensor diz respeito ao propósito de reconciliação, não de vingança.
- ***"Não vou fofocar nem difamá-lo por causa dessa ofensa."*** Um aconselhamento adequado pode ajudá-lo a lidar com a ofensa cometida contra você. Isso muitas vezes é complicado porque somos tentados a fofocar com muita facilidade. Damos a melhor interpretação possível ao nosso lado da história e reservamos a pior para a outra pessoa.
- ***"Não vou remoer essa ofensa."*** Não farei um *replay* do seu pecado para saborear cada detalhe penoso.

3. A falta de perdão transforma as vítimas em vitimizadores

O servo da parábola não perdoou. Pelo contrário, ele "agarrou e sufocou" aquele que lhe devia (Mt 18.28). Quando deixamos de perdoar, somos ativos, não passivos. Escolhemos extrair o último centavo até que estejamos satisfeitos — e nunca ficamos satisfeitos. Tanto Mary quanto Ben tinham sede de retribuição. Mary sentia o desejo quase incontrolável de contar a outras pessoas o que George havia feito quinze anos atrás. Ben remoia o fato de que seus pais haviam pecado contra ele quando era criança e vivia com uma sensação de ter direito a algo que lhe era devido, exigindo que sua esposa não caísse no mesmo erro cometido pelos pais. Cada vez que ela se voltava mais para os filhos, ele se afastava ou se mostrava impaciente e duro com ela.

Quando deixamos de perdoar as pequenas ofensas da vida cotidiana, lentamente, mas certamente, trilhamos o mesmo caminho — pode ser diferente apenas no grau, mas não no tipo. Sentimo-nos, a princípio, inundados por uma ira justificada quando alguém peca contra nós. Mas a sensação inicial de injustiça logo se transforma em sede de vingança e tomamos o lugar de Deus ao distribuirmos doses da nossa própria versão da "justiça divina".

4. A falta de perdão tem um custo alto

Praticar o perdão não é fácil! E custa caro. A amargura destrói a pessoa e os relacionamentos daqueles que não perdoam. Mary não perdoou e seu casamento fracassou. Ben não perdoou e suas atitudes pecaminosas e destrutivas prejudicaram seu casamento e seus filhos. Porém, Jesus chama a nossa atenção para uma dimensão eterna e vertical. Ele mostra

quão alto é o preço que precisamos pagar se não perdoarmos. A falta de perdão, no final, pode nos custar caro!

Quando deixamos de perdoar, algo muda dentro de nós. Essa mudança inevitavelmente afeta as nossas vidas como um todo e os nossos relacionamentos. Mary participou da destruição lenta do seu casamento porque não perdoou. Ben isolou-se de seus pais e de sua única irmã e, agora, isso se manifesta em atitudes pecaminosas e destrutivas em seu casamento.

5. O perdão é um evento tanto quanto um processo

Note a pergunta de Pedro na parábola do servo impiedoso: "Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu hei de perdoar? Até sete? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete" (Mt 18.19). Quando perdoamos alguém, é um evento: "Eu o perdôo". Mas esse não é o fim da questão. Toda vez que me lembrar da ofensa, preciso continuar a perdoar. "Eu perdôo e continuarei a perdoar. Não agirei com base no meu desejo pecaminoso de vingança." Nós perdoamos... e perseveramos no perdão.

Mary achava que tinha perdoado George. Quando ela descobriu o pecado dele, ela decidiu perdoá-lo e manter o casamento. Porém, ela não continuou a praticar o perdão durante os dez anos que se seguiram.

Quando não entendemos o perdão como sendo tanto um evento quanto um processo, o desânimo e a culpa se instalam. A sua decisão de perdoar alguém muitas vezes não condiz com a mágoa, a desconfiança e a ira residual para com a pessoa que você perdoou. Contudo, se você entender o perdão como um evento e um processo, é menos provável que você caia na armadilha de desejar a vingança. Você estará sempre ciente da tentação de fazer a pessoa pagar por sua ofensa e isso o manterá vigilante contra o pecado no seu coração.

6. Perdoar não é esquecer

A Bíblia é realista acerca do perdão. Ela não diz que, se você perdoar alguém, você esquecerá o pecado que essa pessoa cometeu. Isso não é bíblico. Muitas pessoas citam Jeremias 31.34 e concluem que, como Deus se esquece dos meus pecados quando Ele me perdoa, eu devo esquecer os pecados que outros cometeram contra mim. Jeremias 31.34 diz: "E não ensinarão mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conhecei ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior, diz o Senhor; pois lhes perdoarei a sua iniqüidade, e não me lembrarei mais dos seus pecados". Mas o Deus onisciente não tem amnésia com relação aos nossos pecados. Nesta passagem, a expressão "não lembrar" não diz respeito a apagar da memória, mas a guardar uma promessa. Quando Deus perdoa os nossos pecados, Ele não esquece que aconteceram. Antes, Ele faz a promessa de não nos tratar de acordo com os nossos pecados. Ele decide assumir o custo na Pessoa e na obra de nosso Redentor, Jesus Cristo.

Sem o entendimento de que o perdão é tanto um evento quanto um processo contínuo, é possível andar em direções opostas, mas igualmente erradas. Em primeiro lugar, você pode ser ingênuo e pensar que perdoou alguém, mas deixar de praticar o perdão diariamente. Formas sutis de amargura ganham oportunidade para se infiltrar no relacionamento e

começar a destruí-lo. Em segundo lugar, você pode começar a se sentir culpado porque sua decisão de perdoar alguém parece não condizer com a mágoa, a desconfiança ou até a ira residual para com a pessoa que você acha que perdoou. Porém, se o perdão for visto não apenas como um evento, mas também como um processo, a probabilidade de cair nesses dois erros é muito menor. Você será mais realista sobre a prática do perdão. Como resultado, por um lado, você estará sempre ciente de que a tentação de fazer a pessoa pagar pelo que fez deve mantê-lo vigilante contra o pecado no seu coração. Você não será mais ingênuo. Por outro lado, você também saberá que só porque você perdoou alguém, isso não significa que você imediata e automaticamente deixará de lutar para se aproximar dessa pessoa.

7. O perdão não é paz a qualquer custo

Mal-entendidos, bem como atitudes e reações erradas, são o resultado de conceitos equivocados sobre o perdão. Um conceito errado é a idéia de que o perdão deixa a pessoa em uma posição vulnerável: se eu perdôo aqueles que pecam contra mim, torno-me um capacho. Mas as Escrituras não nos dizem para abrir o caminho para que as pessoas pequem contra nós. Elas nos chamam a amar devidamente as pessoas, contrapondo-nos às suas ações. Sofrer é uma escolha viável quando a confrontação piedosa estiver fora do alcance. A confrontação piedosa, porém, é importante. Na verdade, não confrontar adequadamente mostra falta de amor!

A prática do perdão

É possível perdoar uma pessoa egoísta? Alguém que peca continuamente contra você? Alguém que abusa do cônjuge ou que usa drogas? Podemos sempre praticar o perdão bíblico e refletir o caráter de Cristo? As passagens bíblicas que mencionamos a seguir servem para aguçar o nosso entendimento sobre o perdão e nos proteger de pensar que o perdão significa paz a todo custo. Elas nos mostram um caminho melhor: amar ao próximo com honestidade e coragem.

1. Não faça vista grossa para o pecado

Jesus diz: "Ora, se teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só" (Mt 18.15). Ele traça três passos básicos a dar se não houver arrependimento e se não ocorrer a reconciliação. Mateus 18, como um todo, lida honestamente com o pecado na comunidade da fé.

- Os versículos 1-5 falam sobre ter humildade.
- Os versículos 6-9 falam sobre como não se deve ignorar o pecado, mas levá-lo a sério.
- Os versículos 10-14 falam sobre amar as pessoas perdidas e inconstantes.
- Os versículos 15-20 falam sobre a confrontação pessoal e a disciplina corporativa da igreja.

O ensinamento sobre o perdão dos versículos 21-35 está inserido nesse contexto maior. O perdão não significa fazer vista grossa para o pecado.

2. Ame o pecador habitual com sabedoria

> A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas dignas, perante todos os homens. Se for possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens. Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira de Deus, porque

está escrito: Minha é a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor. (Rm 12.17-19)

Essa passagem limita o que se pode fazer quando se ama o pecador habitual. Não tente assumir a solução do problema; antes entregue a pessoa a Deus. A sua disposição amorosa para alcançar uma pessoa tem limites. Quando esses limites se esgotam, o amor e a misericórdia exigem outro curso de ação. Suas tentativas podem incluir outros cristãos (Mt 18.15-20).

Você pode confiar a pessoa às autoridades civis para a sua segurança e a dela (Rm 13). Paulo fala sobre o devido papel e lugar das autoridades civis na proteção e promoção da justiça. As tentativas de resgatar uma pessoa de comportamentos autodestrutivos ou socialmente nocivos podem exigir que você limite o seu envolvimento e permita que outros se envolvam. A separação pode ser necessária para a sua segurança. Porém, a separação é melhor aplicada com a ajuda da igreja e/ou das autoridades civis. Ademais, o alvo da separação deve ser a reconciliação final.

Temos exemplos bíblicos que mostram as escolhas que devemos fazer quando a paz não é possível. Jesus evitou a confrontação e até ataques físicos em várias ocasiões. O apóstolo Paulo, quando acusado de crimes, apelou às autoridades romanas para sua proteção. Amar devidamente uma pessoa envolve sabedoria. Isso não abre caminho para alguém pecar contra você.[2]

[2] Para uma discussão mais completa dessa passagem, veja John Stott, *Romanos (São Paulo: ABU,2000*), p. 409-424.

3. Viva de acordo com um alto padrão bíblico

Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais[3] ao homem mau; mas a qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa; e, se qualquer te obrigar a caminhar mil passos, vai com ele dois mil. (Mt 5.38-41)

Mateus 5.38-41 chama a um padrão alto. Entretanto, essa passagem é muitas vezes mal entendida e mal aplicada. Embora não seja uma passagem fácil de colocar em prática, ela não ensina que é preciso abrir caminho para que outros o maltratem e abusem de você!

O texto bíblico destaca o chamado ao discipulado cristão. Ele nos convida a andar a segunda milha com as pessoas, mesmo as más. No aspecto pessoal, se alguém pecar contra você, deixe a vingança de lado, permaneça aberto para a possibilidade de reconciliação com o ofensor e faça-lhe o bem enquanto espera pelo resultado. As autoridades eclesiásticas ou civis podem se envolver para fins de segurança ou justiça, mas a pessoa ofendida não pode se tornar dura, rancorosa ou indiferente para com quem pecou contra ela. É preciso dizer: "Estou disposto e aberto para ter um relaciona-

[3] A palavra grega *anisthemi* significa: resistir, opor-se a, colocar-se contra alguém. A idéia de buscar vingança não é uma opção para o crente. Para uma abordagem mais completa dessa passagem, veja John Stott, *Contracultura Cristã: A Mensagem do Sermão do Monte* (São Paulo: ABU, 1982), p. 101-114.

mento justo e piedoso com você. Recuso-me a fechar a porta para esse relacionamento".

O contexto destes versículos chama o ofendido a um padrão altíssimo! É um tipo de amor que não é possível ter por nossas próprias forças. Apenas Deus pode operar esse amor em nós por Seu Espírito.

4. Lide primeiro com a atitude do seu coração

> Quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que também vosso Pai que está no céu, vos perdoe as vossas ofensas. (Mc 11.25)
>
> Tende cuidado de vós mesmos; se teu irmão pecar, repreende-o; e se ele se arrepender, perdoa-lhe. (Lc 17.3).

Esses dois versículos se contradizem? Marcos 11.25 parece dizer que quando estiver orando, se você se lembrar de um pecado cometido contra você, você deve perdoar imediatamente o ofensor. Mas Lucas 17.3 diz que você deve perdoar a pessoa apenas se ela se arrepender!

Qual deles é verdadeiro? Ambos! Nesses dois versículos, encontramos os dois eixos do perdão: o vertical e o horizontal. Em Marcos 11.25, vemos o eixo vertical: do homem para Deus. Ele tem a ver com a minha atitude com relação à pessoa, mas essencialmente perante Deus. O versículo me chama a arrepender-me da amargura e a perdoar o ofensor, concentrando no meu coração diante de Deus. O perdão como uma atitude (a dimensão vertical) precisa estar presente no meu coração primeiro.

Lucas 17.3, por outro lado, fala do eixo horizontal do perdão: de pessoa para pessoa. O perdão como uma transação entre duas pessoas é possível apenas se o ofensor se arrepender, admitir o pecado e pedir perdão.

Para que seja possível perdoar alguém, o perdão deve partir do ofendido e de sua atitude de coração diante de Deus. Mesmo que o ofensor não se arrependa, a pessoa ofendida precisa manter o perdão como uma atitude na dimensão vertical. Não se pode usar o fato de que o ofensor não pediu perdão como uma desculpa para agarrar-se à ira e à mágoa.

5. Peça perdão

A forma de pedirmos perdão é algo crítico. Se eu, sem querer, derramar uma xícara de café em você, eu não pequei contra você e não preciso pedir perdão. Porém, eu devo pedir desculpas pelo que fiz. Por outro lado, se eu jogar uma xícara de café no seu rosto, eu pequei contra você. Eu preciso me desculpar *e* pedir que você me perdoe.

Um pedido de desculpas é a mesma coisa que pedir perdão? Não. No pedido de perdão, em primeiro lugar, você deve expressar especificamente o pecado. Depois deve pedir explicitamente que a pessoa o perdoe. "Eu errei ao gritar com você. Você me perdoa?" Se eu disser "Sinto muito por ter gritado com você" e parar por aí, a resposta típica da pessoa ofendida será "Ah, tudo bem." O que aconteceu? Primeiro, o ofensor não admitiu o seu pecado. Segundo, a pessoa ofendida mentiu e minimizou o pecado! Não está tudo bem se alguém peca contra outra pessoa! Esse falso "perdão" não é bíblico e pode ser muito destrutivo nos relacionamentos ao longo do tempo.

Por que não perdoamos e o que nos motivará a perdoar?

A parábola do servo impiedoso destaca uma típica tendência pecaminosa humana. Nós erramos mais em não perdoar do que

em perdoar. Sem a graça de Cristo operando em nós, perdoar não se torna parte do nosso estilo de vida. Trocando em miúdos, essa passagem nos ensina que apenas aquele que reconhece profundamente o quanto foi perdoado é capaz de perdoar os outros. Você nunca perdoará ninguém em medida que se iguale a quanto Deus o perdoou em Cristo.

Considere as dívidas dos dois servos. O servo impiedoso devia ao rei milhões de reais (em termos atuais). Porém, o seu devedor devia uma quantia muito menor. A primeira quantia representa o quanto nós pecamos contra Deus e fomos perdoados na morte e ressurreição de Jesus (na casa dos milhões). A segunda quantia representa o quanto nós somos chamados a perdoar (significativamente menos) quando alguém peca contra nós. A Bíblia não minimiza a seriedade do pecado cometido contra nós. O salário de cem dias de trabalho é uma soma significativa em qualquer cultura.

A parábola do servo impiedoso enfatiza a graça e o perdão totalmente maravilhosos e extensivos para conosco por meio de Cristo! Algo além da nossa compreensão. Quando deliberadamente nos rebelamos e pecamos contra Deus, Ele não ignora nem minimiza o nosso pecado. Ele não nos faz pagar. Ele mesmo assume o custo mediante Jesus, o nosso substituto. Ele paga a nossa dívida. Ele assume o custo do nosso pecado por causa da Sua grande misericórdia e graça. Essa comparação não minimiza o pecado entre duas pessoas, mas mostra o quando Deus nos perdoa, mesmo que nós tenhamos acumulado uma dívida muito além do que qualquer pessoa jamais poderia pagar.

Por que não perdoamos mais prontamente? Basicamente, é porque perdemos de vista o evangelho do perdão gratuito. Quando deixamos de perdoar, perdemos de vista a nossa própria dívida perdoada. Deixamos de ver que embora seja gratuito para nós, o perdão que nos foi concedido teve um alto preço para Deus: a morte do Seu Filho Unigênito. A parábola é chocante em seu retrato de quão rapidamente o perdoado torna-se inclemente.

Por que não perdoamos? Aqui estão três razões.

1. Você não crê que precisa ser perdoado

Nenhuma pessoa em sã consciência diria "*Eu não preciso ser perdoado*". Porém, todas as vezes que deixamos de perdoar, demonstramos essa crença operando em nós. O que passa por sua cabeça quando alguém peca contra você? "*Eu não acredito que fizeram isso comigo! Eu jamais faria isso!*" Esses pensamentos revelam o coração. O que você realmente comunica quando diz "*Eu nunca faria isso*"? O que você quer mesmo dizer é "*Eu posso ser pecador, mas não sou tão ruim assim!*". Essa é uma mentira sutil. Nós nos retiramos da categoria de pecador. Deixamos de ver quão desesperadamente carecemos da graça perdoadora de Deus a cada momento de cada dia. Somos farisaicos! Fizemos coisas muito piores contra Deus do que qualquer pessoa já fez contra nós.

John Owen, um pregador e escritor do século XVIII, disse com *insight* singular e chocante: "A semente de todo pecado conhecido está no meu coração". Precisamos avaliar a condição dos nossos corações quando alguém peca contra nós. Porém, esse tipo de auto-avaliação não acontece naturalmente. Mantermo-nos humildes quando somos ofendidos é uma questão de batalha espiritual.

Suponha que você foi gravemente ofendido. Você tem diante de si uma

escolha: (1) perdoar, buscar a pessoa e se reconciliar (embora isso possa ser impossível em casos de morte ou ameaça de crime) ou (2) banir a pessoa da face da terra! Se escolher o segundo curso de ação, revelará igual malevolência para com o ofensor.

É algo sério supor que somos incapazes de certos pecados. E no momento em que tendemos a pensar assim, nossos corações se endurecem e não conseguimos perdoar aqueles que pecam contra nós. Precisamos ser perdoados vez após vez - – agora mesmo, e de novo a cada manhã. Quando nos esquecemo-nos disso, deixamos de experimentar as maravilhosas misericór-dias de Deus para nós em Cristo.

2. Você não se acha perdoável[4]

Esse ponto parece surpreendentemente semelhante ao primeiro. O orgulho impulsiona os dois. Quando você diz "*Meu pecado não é perdoável*", parece bastante humilde. Porém, na verdade, essa é uma afirmação arrogante! Você pode querer dizer várias coisas:

- ***O meu pecado é tão grande que a graça de Deus não tem como alcançá-lo!*** O orgulho esconde-se atrás de uma máscara de humildade. Você é muito grande e mau para Deus! Em outras palavras, você é maior do que a misericórdia de Deus!
- ***Eu não quero depender unicamente da misericórdia de Deus!*** Você prefere trabalhar pela aprovação dEle a recebê-la como um mendigo recebe uma esmola. Dizer que não é merecedor de perdão é apenas um fino véu a esconder uma máscara de falta de disposição para admitir que não consegue fazer isso sozinho.
- ***Deus pode me perdoar, mas eu não consigo me perdoar.*** Essa afirmação transpira falsa humildade, mas, na verdade, é um câncer de orgulho. Deus, que preside como Juiz e Árbitro no mais elevado tribunal, o pronuncia "isento de culpa" em virtude da sua confiança em Cristo. Mas você se assenta como juiz e árbitro em um tribunal muito inferior e anula a ordem do tribunal superior. Isso é desacato flagrante! Quando pensamos e agimos dessa forma, estamos, na verdade, dizendo que somos maiores do que Deus.

Se você não enxergar a sua necessidade diária de receber a misericórdia de Cristo e não a experimentar regularmente, você não mostrará o mesmo tipo de misericórdia e perdão aos outros quando eles pecarem contra você.

3. A alegria do seu perdão em Cristo está ofuscada

Logo que nos convertemos, ficamos chocados ao saber que Deus nos ama de verdade. Ele fez tudo por nós mediante a vida perfeita de Jesus Cristo, Sua morte sacrificial e ressurreição dentre os mortos. Ele nos redime da culpa e do poder do pecado. Porém, com o passar do tempo, podemos cair na monotonia da vida cotidiana com todas as suas lutas e tentações. A verdade ardente do Evangelho perde-se na monotonia e logo se torna apenas uma experiência morna e agradável do passado. Voltamos a lidar com a vida cotidiana e as provocações dos outros assim como fazíamos na vida pré-conversão.

[4] Para uma abordagem mais completa acerca desse assunto, veja o artigo de Robert Jones "*Eu não consigo me perdoar*". *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico*, vol. 3, p. 122-128.

Lembretes da graça

A Bíblia está repleta de lembretes da graça de Deus para nós em Cristo: relacionamentos, celebrações, textos bíblicos, adoração, oração. Esses lembretes mantêm a maravilha da Sua glória e misericórdia diante de nós. Deus nos chama ao relacionamento com outros crentes no corpo de Cristo como um lembrete da Sua graça. Quando eles falam às nossas vidas e andam conosco, e nós fazermos o mesmo com eles, somos lembretes vivos e ativos do perdão de Deus.

Recentemente, fui à festa de aniversário de um amigo. A certa altura, meu amigo disse: "A minha vida é um testemunho vivo da grandeza da graça de Deus. Eu tentei muitas vezes destruir a minha vida, mas fracassei. Deus me resgatou de mim mesmo". Essas palavras fizeram-me lembrar da bondade e misericórdia de Deus para comigo.

Quando celebramos um batismo ou a ceia do Senhor, Deus nos relembra da Sua graça redentora. A Sua Palavra relembra amorosamente a Sua profunda compaixão e infinita misericórdia. F. F. Bruce, um estudioso do Novo Testamento diz:

> O evangelho é uma mensagem de perdão: não poderia ser diferente porque é o evangelho de Deus, e Deus é um Deus de perdão. "Quem é Deus semelhante a ti, que perdoas a iniqüidade?" disse um profeta judeu (Mq 7.18). "Eu sabia", disse outro (protestando contra as promessas de Deus de perdoar aqueles que, pensava ele, não mereciam o perdão), "que és Deus compassivo e misericordioso, longânimo e grande em benignidade" (Jn 4.2). É de se esperar, então, que aqueles que recebem o perdão que Deus oferece no evangelho, aqueles que O chamam de Pai, demonstrem um pouco do Seu caráter e tenham uma atitude perdoadora para com os outros.[5]

Não é verdade que a nossa consciência da magnitude do Evangelho fica anestesiada por causa de sua tremenda simplicidade?

Além dos relacionamentos, das celebrações e dos textos bíblicos, temos a adoração e a oração. Juntas, adoração e oração combinam-se poderosamente para inflamar a novidade do Evangelho em nós. Cantamos hinos em atitude de oração. Nossas almas se banham na graça e no perdão de Deus.

Charles Wesley expressa sua completa surpresa por ser ele um recipiente das ternas misericórdias e graça de um Deus perfeito e santo. "Grandioso amor! Como pode ser que Tu, meu Deus, morreste por mim?."[6] Está além da nossa compreensão.

Os cristãos demonstram, muitas vezes, uma idéia de que o perdão de Deus para com eles não é tão maravilhoso assim. Na verdade, alguns até começam a contar com a graça de Deus e agir como se perdoar fosse uma obrigação de Deus. Quando isso acontece, o desejo, a habilidade e o compromisso de perdoar os outros míngua.

Perdoar os outros e pedir perdão é uma obra sobrenatural que só pode

---

[5] F. F. Bruce, *Hard Sayings of Jesus* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1983), p. 78.

[6] Charles Wesley, "And Can It Be That I Should Gain". *Trinity Hymnal* (Philadelphia: Great Commissions, 1990).

acontecer quando a maravilhosa realidade da graça de Deus cativa os nossos corações. É preciso lembrar e celebrar diariamente a graça de Deus, pois pecamos e somos ofendidos diariamente.

Quem você precisa perdoar? Que pecados você cometeu contra seu próximo? Você precisa confessar e buscar o perdão de alguém? Você pode dizer aquelas palavras frutíferas, libertadoras e que honram a Deus "Eu errei ao _____. Eu pequei contra você quando fiz aquilo. Você me perdoa?" ou "Sim, eu o perdôo".

Dizer essas palavras com clareza, honestidade e sinceridade bíblica é um sinal maravilhoso de que o Espírito Santo está operando em sua vida. É evidência de que você é um participante do grandioso perdão que é seu porque Jesus veio e assumiu o custo dos seus pecados em seu lugar. Perdoar os outros e pedir perdão nunca é fácil. Porém, pela graça de Deus, é possível. Quando buscamos e concedemos perdão aos outros, expressamos livremente o amor de Cristo de maneira poderosa!

Uma Alternativa Bíblica para Responder à Crítica

Louis P. Priolo[1]

O telefone tocou no escritório de aconselhamento. Uma aconselhada contou que seu marido, que não é do tipo que elogia espontaneamente, acabara de chamá-la de anjo. "Mas," ela explicou, "ele disse que sou um anjo que está sempre tocando uma trombeta!".

A crítica pode assumir várias formas, do sarcasmo ao insulto ou julgamento de motivações. Ela pode dar ocasião à comunicação destrutiva no relacionamento. Contudo, há momentos em que aqueles que amamos precisam ser confrontados biblicamente ou devem ser ensinados na arte de confrontar as pessoas queridas. A crítica destrutiva é algo que o conselheiro bíblico pode incentivar? Existe coisa melhor: uma comunicação que produz resultados sem deteriorar o relacionamento. Na verdade, para o cristão, essa habilidade de comunicação não é uma escolha, mas uma ordem:

> "Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o." (Lc 17.3)
>
> "Não aborrecerás teu irmão no teu íntimo; mas repreenderás o teu próximo e, por causa dele, não levarás sobre ti pecado." (Lv 19.17)

A alternativa é a repreensão, ou confrontação bíblica. Em Lucas 17, a palavra traduzida como "repreender" traz a idéia de uma acusação judicial mantida contra uma pessoa até que ela esteja convencida de sua culpa. O cristão deve apresentar a questão de forma que aquele a quem ele está repreendendo ganhe a convicção de sua culpa e chegue ao arrependimento.

A prática de confrontar um irmão ou uma irmã que está em pecado é uma arte perdida no acervo das técnicas bíblicas para solução de conflitos. No entanto, a

[1]Tradução e adaptação de *A Biblical Alter-native to Criticism*. Publicado em *The Journal of Pastoral Practice*. v. X, n. 4, 1992, p. 15-25.
Louis Priolo é autor de vários livros sobre aconselhamento e responsável pelo ministério de aconselhamento bíblico na Eastwood Presbyterian Church em Montgomery, Alabama. É também professor no Birmingham Theological Seminary.

Bíblia está repleta de orientações e instruções sobre como fazer e receber uma repreensão.

As Diretrizes para a Confrontação

1. Examine suas motivações

O objetivo da sua confrontação deve ser a restauração. "Irmãos, se alguém for surpreendido em alguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura" (Gl 6.1). O verbo original "corrigir" relaciona-se à figura de recuperar ou ajustar um osso que está quebrado ou deslocado da articulação. O propósito envolvido nesse tipo de restauração é tornar novamente útil algo que estava inoperante. A sua motivação ao repreender deve ser restaurar e não ridicularizar, tornar as coisas mais fáceis para você ou tirar alguma vantagem pessoal.

Tenha sempre em mente que uma repreensão não deve ser dada a não ser em resposta ao pecado. Se o seu irmão não pecou, você pode fazer algumas perguntas esclarecedoras, oferecer algumas sugestões alternativas, pedir que ele examine suas motivações ou deixá-lo ciente de que suas atitudes o afetaram; mas, neste caso, você não pode repreendê-lo.

2. Examine sua vida

Outro pré-requisito para restaurar um irmão em pecado é: "e guarda-te para que não sejas também tentado (Gl 6.1). "Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão" (Mt 7.3-5).

A repreensão será mais efetiva se a sua vida for exemplar na área em que seu irmão caiu. Ser exemplar não significa ser uma pessoa que nunca peca, mas ser alguém que busca constantemente caminhar em obediência às Escrituras e lidar biblicamente com os próprios pecados.

3. Escolha o momento certo

Há "tempo de estar calado e tempo de falar" (Ec 3:7). Em geral, o melhor momento para confrontar é quando a outra pessoa pode lhe dar atenção exclusiva. A rainha Ester marcou dois jantares especiais com seu marido, o rei Assuero, antes de apelar a ele em favor dos judeus. É possível que ela tenha passado boa parte daqueles dois dias perguntando a si mesma o que seria importante dizer. Quando ela finalmente fez seu pedido, você pode estar certo de que ela teve a atenção completa do marido.

4. Escolha as palavras certas

"O coração do justo medita o que há de responder" (Pv 15.28). É necessário investir tempo, esforço e raciocínio para selecionar as palavras certas para explicar os princípios bíblicos que foram violados. Deve-se usar terminologia bíblica para identificar o pecado. É recomendável dar exemplos específicos do erro, especialmente quando se trata de um pecado habitual.

5. Encoraje antes de corrigir

Quando o Senhor confrontou as igrejas de Éfeso, Pérgamo e Tiatira (Ap 2), Ele começou com um elogio. O elogio honesto serve para afirmar o seu amor e sinceridade para com o irmão em pecado, bem como suavizar "as feridas leais de um amigo" (Pv 27.6).

6. Prepare-se para sugerir uma solução bíblica

A repreensão do Senhor à igreja de Éfeso também incluiu uma solução em três passos para o problema do abandono do

primeiro amor. Eles deveriam: (1) lembrar-se de onde tinham caído, (2) arrepender-se e (3) voltar à prática das primeiras obras. Geralmente, uma solução bíblica envolve identificar e praticar uma alternativa bíblica ao comportamento pecaminoso que deve ser abandonado. O irmão que confronta pode demonstrar seu amor por aquele que está em erro oferecendo-se para ajudá-lo a encontrar e praticar a solução.

7. Comunique a repreensão com "um espírito de mansidão" (Gl 6.1)

O pecado de outros contra Deus pode evocar em nós uma ira justa. É fundamental, contudo, que não venhamos a expressar essa ira de maneira pecaminosa. Também é necessário que nos guardemos contra a ira pecaminosa quando cremos que alguém pecou contra nós. Se a nossa motivação for expressar esse tipo de ira, a repreensão não passará de um ato de vingança.

Há uma passagem bíblica bastante apropriada àqueles que lutam com o temor de serem rejeitados ao confrontarem alguém. Provérbios 28.23 diz: "O que repreende ao homem achará, depois, mais favor do que aquele que lisonjeia com a língua". Normalmente, após a repreensão e a restauração, Deus é glorificado e aquele que confrontou encontra favor aos olhos de seu irmão arrependido.

As reações à Confrontação

"Não repreenda o zombador, para que te não aborreça; repreende o sábio, e ele te amará." (Pv 9.8) Poucas pessoas percebem a abundância de instruções contidas nas Escrituras sobre como reagir à repreensão. Menor ainda é o número daqueles que parecem ter a humildade e a disciplina necessárias para desenvolver as habilidades coerentes com as instruções bíblicas.

Mônica era uma mulher orgulhosa e dominadora, que havia reduzido seu marido à submissão com sua língua sarcástica e mordaz. Durante o aconselhamento, eu sugeri que ela adotasse um palavreado mais gracioso do que aquele que ela havia acabado de usar para atacá-lo. Ela abriu a boca disposta a seguir minha sugestão, mas não conseguiu falar nada. Ela tentou novamente. Dessa vez, ela gaguejou e balbuciou, mas engasgou no espírito dócil da versão que sugeri. Então, rindo, ela disse: "É tão difícil para eu dizer isso"! Ela estava certa. É difícil usar palavras que transmitem atitudes que não possuímos. Mônica carecia de humildade suficiente para suavizar sua reação ao marido. Somente alguns meses mais tarde, quando passou pela humilhação de ser abandonada por seu marido, ela começou a ter mais facilidade para responder com graciosidade.

1. As Reações Pecaminosas

- **Desprezar a repreensão**: "Não quiseram o meu conselho e desprezaram toda a minha repreensão." (Pv 1.30)
- **Recusar a repreensão**: "O caminho para a vida é de quem guarda o ensino, mas o que abandona a repreensão anda errado." (Pv 10.17)
- **Odiar a repreensão**: "Disciplina rigorosa há para o que deixa a vereda, e o que odeia a repreensão morrerá." (Pv 15.10)

Se não treinarmos nossos ouvidos para escutarem as repreensões de Deus, correremos o risco de reagir incorretamente. Considere as seguintes maneiras não-bíblicas, mas bastante comuns, de reagir à

repreensão. De quantas delas você fez uso nas últimas semanas?

Pressupor que Deus não pode usar a pessoa que o está confrontando, visto que ela também tem deficiências próprias.

Em 1 Reis 13, lemos sobre um profeta desconhecido que recebeu uma ordem do Senhor para ir a Betel e levar uma mensagem ao rei Jeroboão com uma instrução um tanto inusitada: "Não coma pão nem beba água nem volte pelo mesmo caminho por onde foi". Quando o profeta entregou a mensagem a Jeroboão, o rei estendeu a mão ordenando que o profeta fosse preso. Imediatamente, porém, sua mão estendida ficou paralisada e o rei não conseguia recolhê-la. Naquele momento, Jeroboão mudou de idéia e suplicou: "Interceda junto ao Senhor, o seu Deus, e ore por mim para que minha mão seja curada". O homem de Deus orou por ele e a mão do rei foi restaurada. Então Jeroboão convidou o profeta para ir à sua casa comer e receber uma recompensa. A resposta foi: "Ainda que me desses metade da tua casa, não iria contigo, nem comeria pão, nem beberia água neste lugar. Porque assim me ordenou o SENHOR pela sua palavra, dizendo: 'Não comerás pão, nem beberás água; e não voltarás pelo caminho por onde foste'".

No caminho de volta, o homem de Deus parou para descansar debaixo de um carvalho. Lá, outro profeta, mais velho, que tinha ouvido sobre o que havia acontecido em Betel, procurou o homem de Deus e o convidou para tomar uma refeição em sua casa. O convite foi declinado com o mesmo argumento, mas o ancião foi mais insistente: "Também eu sou profeta como tu, e um anjo me falou por ordem do SENHOR, dizendo: Faze-o voltar contigo a tua casa, para que coma pão e beba água". E as Escrituras acrescentam que ele mentiu.

Pense nisso: um homem de Deus mentindo para outro homem de Deus. Uma mentira que representava enganosamente o próprio Deus -– um engano deliberado, premeditado e explícito para contradizer a palavra de Deus e levar outro homem à desobediência. Você acha que Deus poderia se servir de tamanho vilão para comunicar uma repreensão? Vejamos: "Estando eles à mesa, veio a palavra do SENHOR ao profeta que o tinha feito voltar; e clamou ao homem de Deus, que viera de Judá, dizendo: Assim diz o SENHOR: Porquanto foste rebelde à palavra do SENHOR e não guardaste o mandamento que o SENHOR, teu Deus, te mandara, antes, voltaste, e comeste pão, e bebeste água no lugar de que te dissera: Não comerás pão, nem beberás água, o teu cadáver não entrará no sepulcro de teus pais. Depois de o profeta a quem fizera voltar haver comido pão e bebido água, albardou para ele o jumento".

Deus, certamente, usou um homem com grandes falhas de caráter para repreender um de seus santos, e não há razão para acreditarmos que Ele não faria o mesmo hoje. "Mas você não acabou de explicar que a Bíblia diz que devemos tirar a trave do próprio olho antes de tentar remover o cisco do olho de nosso irmão?" Sim, mas as falhas de caráter na vida de quem o repreende não podem ser usadas como desculpa para você recusar uma repreensão.

Pensar que, se a pessoa que o está confrontando tem uma atitude errada ao fazê-lo, não é preciso lhe dar ouvidos.

Você lembra da passagem onde Simei amaldiçoou o rei Davi? "Tendo chegado o rei Davi a Baurim, eis que dali saiu um

homem da família da casa de Saul, cujo nome era Simei, filho de Gera; saiu e ia amaldiçoando. Atirava pedras contra Davi e contra todos os seus servos, ainda que todo o povo e todos os valentes estavam à direita e à esquerda do rei. Amaldiçoando-o, dizia Simei: Fora daqui, fora, homem de sangue, homem de Belial; o SENHOR te deu, agora, a paga de todo o sangue da casa de Saul, cujo reino usurpaste; o SENHOR já o entregou nas mãos de teu filho Absalão; eis-te, agora, na tua desgraça, porque és homem de sangue." (2 Sm 16.5-8)

O rei Davi, seguramente, deu ouvido a esse insulto desrespeitoso e rude. Um de seus homens até se ofereceu para acabar com aquele sujeito de má índole e grosseiro: "Então, Abisai, filho de Zeruia, disse ao rei: Por que amaldiçoaria este cão morto ao rei, meu senhor? Deixa-me passar e lhe tirarei a cabeça" (2 Sm 16.9).

Davi não somente levou Simei a sério, mas considerou a repreensão como vinda diretamente do próprio Deus: "Respondeu o rei: Que tenho eu convosco, filhos de Zeruia? Ora, deixai-o amaldiçoar; pois, se o SENHOR lhe disse: Amaldiçoa a Davi, quem diria: Por que assim fizeste? Disse mais Davi a Abisai e a todos os seus servos: Eis que meu próprio filho procura tirar-me a vida, quanto mais ainda este benjamita? Deixai-o; que amaldiçoe, pois o SENHOR lhe ordenou. Talvez o SENHOR olhará para a minha aflição e o SENHOR me pagará com bem a sua maldição deste dia. Prosseguiam, pois, o seu caminho, Davi e os seus homens; também Simei ia ao longo do monte, ao lado dele, caminhando e amaldiçoando, e atirava pedras e terra contra ele" (2 Sm 16:10-13).

Você deve olhar além da atitude reprovável da pessoa que o está confrontando e determinar, pelas Escrituras, se a repreensão é legítima ou não. Isso não significa que, antes ou após examinar à luz da Palavra de Deus a repreensão recebida, você não possa repreender a pessoa pela atitude errada que ela teve. Na verdade, se a pessoa se diz cristã e age de maneira pecaminosa, você deve confrontá-la. O ponto fundamental, contudo, é que Deus pode usar soberanamente a repreensão que você recebeu (não importando a má atitude da pessoa que o confrontou) para direcioná-lo de volta à Sua Palavra. Com a Bíblia na mão (ou na memória), e em oração, você deve considerar a legitimidade de cada admoestação.

Considerar a repreensão pequena demais para merecer sua atenção.

Alguns dos conflitos matrimoniais mais intensos ocorrem a partir de questões aparentemente irrelevantes. Nos aconselhamentos, é comum as pessoas começarem o relato dessas 'pequenas coisas' com um pedido de desculpas:

- Você pode achar que isso é uma coisa muito pequena, mas... sinto-me realmente incomodada quando ele usa roupas esfarrapadas em casa.
- Sei que não deveria me incomodar com uma coisa tão pequena, mas... detesto quando ela deixa suas chaves em qualquer lugar da casa e depois me pergunta se eu as vi.
- É provável que eu esteja sendo sensível demais, mas... fico tão magoada quando ele mantém os olhos fixos na TV enquanto estou tentando conversar com ele.
- É provável que você ache que isso uma bobagem, mas... tivemos uma briga feia essa semana por eu não querer beijá-la antes dela escovar os dentes.

Deus se preocupa com nossa maneira de lidar com as pequenas coisas: "Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito" (Lc 16.10). Portanto, você deve considerar não a insignificância da ofensa, mas sua pecaminosidade. Se você é repreendido por uma transgressão à Lei de Deus, a repreensão é válida independentemente do tamanho da transgressão. Você não pode desconsiderá-la por achá-la insignificante.

Deixar de identificar a atitude que há por trás das palavras e ações às quais a pessoa está reagindo.

Quando alguns samaritanos não deram uma boa acolhida ao Senhor (Lc 9.51-56), Tiago e João reagiram de maneira vingativa: "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?". A repreensão do Senhor atingiu diretamente a inconveniência daquelas palavras, bem como a precipitação da ação proposta por eles, focando o âmago do problema — a atitude vingativa: "Vós não sabeis de que espírito sois".

Quando um homem sábio é repreendido por aquilo que ele disse ou fez, ele examina sua vida e olha além do problema aparente para determinar se há por trás atitudes ou estilos de vida habituais que precisam ser substituídos para condizerem com a Bíblia.

É bem possível que esse conceito seja muito pouco praticado no lar, entre marido e esposa, pais e filhos. Nossas mentes costumam trabalhar como um computador; armazenando constantemente informações e classificando-as em categorias. Quando ficamos sujeitos a um determinado número de atos dolorosos ou desagradáveis praticados por um membro específico da família, um alarme dispara e nosso computador exibe o arquivo de ofensas e suas respectivas categorias (por exemplo, formas específicas com que meu marido tem me negligenciado ao longo dos anos). O arquivo de ofensas atualizado fica ao vivo e a cores, bem na tela de nossas mentes: "n° 121: não me ajuda em casa, mesmo sabendo que estou cansada". A Bíblia nos proíbe de manter listas desse tipo, mesmo que sejam mentais, pois 1 Coríntios 13.5 afirma que o amor "não se ressente (não mantém registro) do mal".

O conhecimento de que essa dinâmica é comum ao ser humano deveria nos motivar a procurar as categorias de atitudes pecaminosas que podem ter desencadeado uma cena semelhante na mente da pessoa que nos repreendeu. Veja se você consegue identificar as atitudes que estão por trás da seguinte seqüência de repreensões:

A esposa repreende o marido por:

- deixar suas meias no chão antes de se deitar à noite;
- não limpar a pia depois de se barbear pela manhã;
- deixar os copos vazios espalhados pela casa.

A mãe repreende o filho adolescente por:

- contar vantagens sobre seu desempenho escolar;
- não dar de bom grado informações essenciais sobre certas atividades ilegais de seus amigos;
- esconder contrabando em seu quarto.

O marido repreende a esposa por:

- gastar mais do que o combinado na compra de um item supérfluo;
- comer mais do que o necessário;
- fofocar sobre a esposa do pastor.

A atitude subjacente na primeira seqüência de repreensões é a falta de consideração. Na segunda seqüência, o adolescente tem um problema de

desonestidade. Na terceira, falta à esposa disciplina ou domínio próprio. Se aprender a "ler nas entrelinhas", você estará melhor preparado para responder a quem o confrontar e poderá se livrar de repreensões semelhantes no futuro.

Justificar (desculpar) seu comportamento.

Talvez uma de minhas tarefas mais importantes como conselheiro bíblico seja identificar e corrigir as muitas desculpas que os aconselhados dão para justificar seu comportamento irresponsável (pecaminoso). Aqui estão algumas das mais comuns, acompanhadas das respostas corretivas típicas:

- *Aconselhado*: "Eu não consigo."
- *Conselheiro*: "Como cristão, você não pode dizer 'não consigo'. A Bíblia diz que você pode fazer o que lhe é pedido porque Cristo o capacita a obedecer. Por favor, não diga 'não consigo'; diga 'eu quero' ou 'eu não quero'".
- *Aconselhado*: "Cachorro velho não aprende truques novos."
- *Conselheiro*: "Isso pode ser verdade para cães, mas você não é um deles. Você é um cristão e Deus diz que você pode mudar em qualquer idade. Portanto, você deve mudar todo comportamento incompatível com o caráter do Senhor Jesus Cristo".
- *Aconselhado*: "Se eu contasse a verdade aos meus pais, eles ficariam muito magoados."
- *Conselheiro*: "Dizer a verdade aos seus pais pode, sim, magoá-los, mas não tanto quanto se eles o pegarem falando uma mentira. Dizer a verdade pode magoar por algum tempo, mas falar uma mentira causa uma mágoa mais longa e intensa. Essa é uma razão pela qual Deus o proíbe de mentir."
- *Aconselhado*: "Você não pode esperar que eu faça isso, pois não tive um modelo em quem me espelhar nos anos de formação."
- *Conselheiro*: "Você pode não ter tido um bom modelo de comportamento na sua criação. Mas agora que é um cristão, você tem um modelo: o Senhor Jesus. Deus espera que você aprenda a fazer isso porque Ele ordenou que você o fizesse. Deus não lhe pede nada sem antes prometer que Ele lhe dá sabedoria, habilidade e até mesmo o desejo de fazê-lo (cf. Fp 2:13)."
- *Aconselhado*: "Sei que deveria ter feito minha tarefa de casa, mas estive tão ocupado durante a semana que, simplesmente, não tive tempo."
- *Conselheiro* (abrindo a gaveta de sua mesa como se fosse pegar alguma coisa): "Eu não tenho um pó mágico para soprar sobre você e fazê-lo mudar instantaneamente. Não é assim que Deus trabalha em vidas. Ele transforma o seu comportamento de dentro para fora, à medida que você trabalha em seu crescimento cristão com temor e tremor. Mudança é difícil para você e para mim. Porém, há algo mais difícil que é deixar de mudar! O caminho do transgressor é duro. A escolha é sua: trabalho duro durante algum tempo ou um caminho duro pela vida toda. O que você prefere?"

Na parábola da grande ceia, Jesus identificou três categorias de desculpas que as pessoas usavam quando não queriam obedecer a Deus: "Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos.

À hora da ceia, enviou o seu servo para avisar aos convidados: Vinde, porque tudo já está preparado. Não obstante, todos, à uma, começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei um campo e preciso ir vê-lo; rogo-te que me tenhas por escusado. Outro disse: Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me tenhas por escusado. E outro disse: Casei-me e, por isso, não posso ir" (Lc 14:16-19).

Categoria de desculpas número um: bens materiais. Um pedaço de terras foi usado pelo primeiro convidado como desculpa para não comparecer à ceia. Para nós também pode ser conveniente concentrarmos-nos de tal maneira em nossos bens materiais que deixemos de cumprir certas responsabilidades bíblicas. Categoria de desculpas número dois: trabalho. Na verdade, o que o segundo convidado estava querendo dizer era: "Não comparecerei à sua ceia, pois prefiro trabalhar". Categoria de desculpas número três: família. "Casei-me e prefiro estar com minha esposa." Por mais importante que a família seja aos olhos de Deus, ela não deve ser usada para descartar oportunidades ministeriais legítimas.

Quando outros apontam seus pontos cegos, é fácil esconder-se atrás de uma dessas três categorias de desculpas. Mas você deve se guardar, a todo custo, de usar quaisquer desculpas como meio de desconsiderar a repreensão.

Lançar mão de um dos seguintes atos instintivos de vingança para com quem o confrontou:

a. Amuar-se: permitir que suas mágoas o impeçam de responder adequa-damente.
b. Dispensar um "tratamento de silêncio".
c. Lembrar à pessoa que ela também não é perfeita.
d. Transferir a culpa: culpar a outra pessoa de tê-lo provocado a uma reação pecaminosa.
e. Ameaçar: chantagear, incutindo medo e usando de intimidação para que a outra pessoa 'esqueça' as acusações.
f. Ter um acesso de raiva.

2. As Reações Corretas

Considere agora as reações do sábio quando repreendido.

- **Atentar para a repreensão**: "Atentai para a minha repreensão; eis que derramarei copiosamente para vós outros o meu espírito e vos farei saber as minhas palavras." (Pv 1.23) Atentar, no Antigo Testamento, significa arrepender-se.
- **Ouvir a repreensão**: "Os ouvidos que atendem à repreensão salutar, no meio dos sábios têm a sua morada." (Pv 15.31) Ouvir significa prestar atenção e responder como Deus espera.
- **Acatar a repreensão**: "Mas o que guarda a repreensão será honrado." (Pv 13.18)

Agradecer a Deus

Sua primeira reação deveria ser o reconhecimento de que você está ciente da soberania de Deus, com uma atitude de gratidão: "Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco" (1Ts 5.18). Tenha uma atitude semelhante à de Davi: "Fira-me o justo, será isso mercê; repreenda-me, será como óleo sobre a minha cabeça, a qual não há de rejeitá-lo. Continuarei a orar enquanto os perversos praticam maldade" (Sl 141.5).

Perguntar a si mesmo: "O que ele está realmente querendo dizer?".

Essa é a alternativa bíblica à reação pecaminosa número quatro, mencionada

acima: “Mais fundo entra a repreensão no prudente, do que cem açoites no insensato” (Pv 17.10). Procurar a verdade naquilo que seu repreensor está apontando, quer se trate de uma atitude errada ou de um comportamento habitual que desonra a Deus, é uma maneira prática de crescer em humildade. A menos que você tenha certeza absoluta de que ele está errado, é melhor ‘deixar a porta aberta’ à possibilidade de que o seu coração pecaminoso o tenha impedido de ver a verdade.

Agradecer pela repreensão

Esse passo não apenas comunica sua receptividade à repreensão, mas também prepara seu irmão para uma comunicação mais aberta. Lembre-se de que quando um sábio é repreendido, ele responde em amor: “Não repreendas o escarnecedor, para que te não aborreça; repreende o sábio, e ele te amará” (Pv 9.8). Lembre-se, também, de que uma reação apropriada de sua parte enaltece o brilho do seu caráter: “Como pendentes e jóias de ouro puro, assim é o sábio repreensor para o ouvido atento” (Pv 25.12).

Perguntar a si mesmo: “Que mensagem Deus está querendo me transmitir?”.

Se você se concentrar na atitude de quem o está repreendendo, você poderá perder alguma verdade evidente na repreensão. Em oração, se você olhar além da má atitude de seu repreensor e pedir que Deus lhe mostre à luz das Escrituras se a repreensão é válida ou não, você terá uma nova perspectiva de como tornar-se mais parecido com Cristo. Um dos versículos bíblicos mais contundentes a respeito da soberania de Deus refere-se ao fato de que ninguém pode dizer que alguma coisa acontece sem que Deus a permita: “Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o Senhor o não mande?” (Lm 3.37).

Se a repreensão é legítima, tomar medidas para corrigir o problema.

A esta altura, sua responsabilidade é colocar em prática todas as soluções necessárias para promover uma mudança de acordo com a Bíblia. Depois de ouvir a Palavra, você deve se tornar um “praticante da Palavra” (Tg 1.22). Conforme mencionado, uma solução bíblica costuma envolver a substituição do comportamento pecaminoso (despojar-se) por uma alternativa bíblica (revestir-se). Em outras palavras, não é suficiente simplesmente parar de praticar o que estava fazendo de errado; você também deve ter como propósito (pela capacitação do Espírito Santo) praticar o bem que antes não praticava, até que fazer o certo venha a ser uma ‘segunda natureza’ para você (cf. Ef 4.22-24).

Á luz das Escrituras, se você está convencido de que não pecou no que foi confrontado, deve esperar até que seu repreensor saiba que você tomou tempo pensando a respeito do que ele disse; então, no devido tempo, deve explicar seu ponto de vista.

O apóstolo Paulo deu uma resposta relativamente longa aos coríntios, que sabiam de uma acusação que tinha sido feita contra ele: “A minha defesa perante os que me interpelam é esta...” (1Co 9.3). É importante que você não deixe pontos mal resolvidos e pendentes com seu repreensor. Se você chegar à conclusão de que você não pecou, mas deixar de comunicar isso a ele, a questão ficará sem resposta na mente dele e poderá levantar dúvidas sobre a sua integridade. Ele jogou a bola na sua área e agora o lance é seu.

Agora que você tem os métodos e as técnicas bíblicas para dar e receber repreensões, o que você fará?

Pode ser que você tenha sido confrontado durante a leitura deste artigo por não estar seguindo nos seus relacionamentos os preceitos aqui mencionados. Se for assim, você não deve agir como o insensato de Provérbios, cuja característica principal é não atender à instrução. Antes, você deve mudar seus maus hábitos de comunicação e praticar as habilidades bíblicas até se tornar capaz de utilizá-las com fluência.

Sabedoria nos Relacionamentos

Winston T. Smith[1]

A sabedoria emoldura os relacionamentos em um grande quadro

Os relacionamentos exigem sabedoria. Eles podem ser satisfatórios e repletos de promessas, mas também podem ser imprevisíveis e cheios de perigo. A seção de auto-ajuda de qualquer livraria testifica os desafios dos relacionamentos. Dê uma olhada e você achará prateleiras que prometem sabedoria para todos que a buscam. Um livro estimula você a "entender o seu homem", outro promete ajudar a "ganhar amigos e influenciar pessoas", um terceiro dirige-se aos magoados e oferece treinamento em "autodefesa verbal". Muitas promessas. Ainda assim, tornarmo-nos peritos em relacionamentos parece estar além do nosso alcance.

Ainda bem jovem, eu ficava perplexo diante das promessas acerca dos relacionamentos e também da minha absoluta falta de sabedoria. Quando eu tinha seis anos, meu irmão ganhou do meu avô, no Natal, um toca-discos e um álbum dos Beatles. Fiquei imediatamente fascinado. Mas eu não estava atraído apenas pelas melodias cativantes e as guitarras estridentes. Fiquei seduzido pelo encanto dos relacionamentos. Letras como "E quando eu te toco eu me sinto feliz por dentro. É assim um sentimento que, meu amor, eu não posso esconder. Eu não posso esconder. Eu não posso esconder" apontavam para uma experiência que não se parecia com nada que eu tivesse experimentado até aquele momento. Os Beatles estavam celebrando na música algo que eu sabia que tinha que ter. Queria aquele sentimento que eu simplesmente não poderia esconder, aquele sentimento que faz você se requebrar e gritar, que levava as garotas a correr e berrar pelas ruas de Liverpool.

Os Beatles faziam isso parecer tão simples. "Me ame, me ame, sim. Você

[1]Tradução e adaptação de *Wisdom in Relationships.* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.19, n. 2, Winter 2001, p. 32-41.
Winston Smith é conselheiro na *Christian Counseling and Educational Foundation* e professor no Westminster Theological Seminary em Glenside, Pensilvânia.

sabe que eu te amo. Serei sempre sincero. Então, por favor, me ame, sim". Poderia ser mais fácil do que isso? São sentenças que qualquer menino de seis anos consegue facilmente entender – nenhuma delas contém mais do que seis palavras. À medida que escutava os Beatles, eu sabia que havia algo à minha espera que seria excitante e maravilhoso. Eu mal podia esperar essa maravilha acontecer em minha vida.

Então, chegou o dia. Quando eu tinha aproximadamente dez anos, eu a conheci — Sonia. Eu achava que ela era a menina mais bonita que eu já havia visto em minha vida e, quando olhava para ela, vinham-me à mente todas aquelas músicas dos Beatles. Ela era a pessoa excitante que daria sentido à minha vida. Finalmente, eu teria essa "coisa" chamada estar apaixonado.

Fiz, então, o que todos os meninos de dez anos fazem quando estão apaixonados. Pedi aos meus amigos que lhe perguntassem se ela gostava de mim, comprei refrigerante para ela na hora do lanche e lhe mandei bilhetes que diziam: "Você gosta de mim? Eu gosto de você. Faça um círculo ao redor de 'sim' ou 'não'" — todas as propostas sutis que os meninos de dez anos fazem. Finalmente, quando ela circulou 'sim', eu ouvi todas aquelas músicas dos Beatles tocando na minha mente por uns três dias. Então, ela começou a fazer coisas que pararam a música como, por exemplo, telefonar querendo falar de coisas sobre as quais eu não tinha nenhum interesse –- assuntos de menina. Ela começou a esperar que eu a levasse para patinar e usasse uma pulseira de compromisso. Como um garoto de dez anos, eu não usaria uma pulseira nem por ela nem por ninguém. Logo me dei conta de que os Beatles tinham me enganado. Lá estava aquela experiência maravilhosa, mas não era duradoura.

Talvez você tenha observado algo semelhante. Todos nós temos esperanças e sonhos que trazemos para os relacionamentos, seja uma amizade ou o casamento. Pense em todas as coisas que você costuma esperar de um relacionamento. Quero ser compreendido e aceito pelo que realmente sou. Quero o companheirismo que intensifica as alegrias da vida e apóia nas provações. Quero lealdade e segurança. Quero ser admirado e apreciado. Quero manter o controle e ser servido. Quero que as coisas sejam tranqüilas, fáceis e divertidas. E assim por diante, a lista continua.

Quantas vezes, porém, você descobriu a monotonia em lugar do companheirismo, a rejeição em lugar da aceitação, a traição em lugar da lealdade e da confiança? Os relacionamentos não funcionaram como você esperava. É bem possível que você já seja sábio o suficiente para saber que as dificuldades e mistérios dos relacionamentos exigem mais do que o mundo tem a oferecer e, portanto, você esteja pronto a buscar a sabedoria das Escrituras.

Em seu desapontamento, talvez você queira começar pelo livro de Eclesiastes. Afinal, o refrão do livro é: "Vaidade, vaidade, tudo é vaidade... é correr atrás do vento". Seu autor, o rei Salomão ou 'o Pregador', convida-nos para acompanhá-lo em uma viagem com o propósito de examinar a vida debaixo do sol. A 'vida debaixo do sol' nada mais é do que olhar a vida sem ter por referência as maravilhas de Deus. É olhar as coisas pelo seu valor material, apenas como são –- debaixo do sol, sem referência a um propósito e significado maiores.

O Pregador contempla o prazer debaixo do sol para ver qual é seu valor.

Ele se entrega ao vinho e à bebida. Entrega-se à euforia e aos prazeres. Entrega-se às mulheres. Após examinar sua experiência, ele conclui: "Isso não faz sentido. É correr atrás do vento". Ele se lança ao trabalho e à realização de projetos: faz pomares, constrói edifícios e multiplica o seu rebanho. No final, chega à mesma conclusão: "Isso não faz sentido, é inútil. É correr atrás do vento". Ele se empenha na busca de bens materiais. Mais uma vez, chega à mesma conclusão. Em todas as categorias que o Pregador examina debaixo do sol, ele chega sempre à mesma conclusão. Você verá que ele não dispensa aos relacionamentos um tratamento especial. A verdade é que tudo quanto ele examina debaixo do sol é de alguma maneira insatisfatório e transitório. Sua experiência lhe diz a mesma coisa. Os relacionamentos debaixo do sol, por si mesmos e sem levar em conta os propósitos maiores de Deus, são vazios. É divertido escutar os Beatles, mas eles não conseguem lhe dar a essência dos relacionamentos. Se meu irmão tivesse ganhado o livro de Eclesiastes em fitas cassete, o meu relacionamento com a Sônia poderia ter sido bem diferente.

No entanto, Eclesiastes não é a palavra final em matéria de relacionamen-tos. A sabedoria não nos aconselha simplesmente a esperar pouco das pessoas. Em sua busca por sabedoria, leia também o primeiro capítulo de Provérbios. A mensagem inicial de Provérbios não lhe diz que os relacionamentos não têm valor. Pelo contrário, o livro de Provérbios o coloca imediatamente em relacionamento com as pessoas e o estimula a apreciar o poder e o significado dos relacionamentos.

"Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel" –– assim começa o livro de Provérbios. É a voz de um rei sábio que nos encoraja a estudar suas palavras "para aprender a sabedoria e o ensino; para entender as palavras de inteligência; para obter o ensino do bom proceder, a justiça, o juízo e a eqüidade. Ouça o sábio e cresça em prudência; e o instruído adquira habilidades". Em seguida, Salomão o conduz ao relacionamento com Deus como o verdadeiro fundamento da sabedoria: "O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria". Continuando, ele o coloca em relacionamento com uma mãe e um pai sábios: "Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe". Mais adiante, a própria sabedoria dirige-se a você, personificada como uma mulher sábia, que pode ensiná-lo a viver (1.20-33). À medida que buscamos sabedoria a respeito dos relacionamentos, somos imediatamente apresentados a uma rede de relacionamentos que nos estimulam e nos dirigem à própria sabedoria, a uma vida prudente, à justiça e um conjunto de outras coisas boas que contribuem para os relacionamentos construtivos.

Essas palavras nos advertem a respeito dos relacionamentos destrutivos: "Filho meu, se os pecadores querem seduzir-te, não o consintas". Há pessoas em meu mundo que são pecadoras e tolas. Elas me direcionam para um procedimento mau e dizem: "Vamos derramar sangue". O versículo 18 diz: "Estes se emboscam contra o seu próprio sangue e a sua própria vida espreitam. Tal é a sorte de todo ganancioso; e este espírito de ganância tira a vida de quem o possui". Enfim, os tolos e os pecadores conduzem-me para a morte.

Longe de me afastar dos relacionamentos, a sabedoria insere-me neles, exortando-me a valorizar a companhia e o conselho dos sábios e a evitar a companhia e o conselho dos tolos. Provérbios ensina-

me que meu mundo está repleto de relacionamentos, pessoas e vozes. Essas pessoas, por sua vez, tanto personificam como me guiam para certos caminhos e destinos na vida. Podemos dizer que vivo cada momento como se estivesse em uma encruzilhada. Tenho sempre diante de mim a escolha de viver uma vida sábia ou uma vida tola. O caminho que percorro na vida tem tudo a ver com as pessoas a quem dou ouvido e cuja companhia eu busco. Algumas pessoas andam comigo e me guiam para um caminho sábio. Outras, entretanto, podem me conduzir para um caminho de destruição. Os relacionamentos são importantes porque têm tudo a ver com meu destino na vida.

Esse entendimento sobre os relacionamentos é reforçado ao longo de todo o livro de Provérbios. Provérbios 12.26 afirma: "O justo serve de guia para o seu companheiro, mas o caminho dos perversos os faz errar". Preciso ser cauteloso com as amizades porque, caso contrário, o caminho dos ímpios me levará à perdição. Andarei pelo caminho errado. Provérbios 13.20, semelhantemente, afirma: "Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau". Considere também Provérbios 14.7: "Foge da presença do homem insensato, porque nele não divisarás lábios de conhecimento".

Infelizmente, temos a tendência de abordar os relacionamentos "debaixo do sol", como o Pregador descreve a vida. A sabedoria admoesta-nos a olhar além da nossa experiência imediata de convivência e contemplar o nosso destino. É tolice considerar os relacionamentos apenas dentro da visão limitada dos nossos desejos de companhia, aceitação, confiança e outros mais. Esses desejos não são maus em si mesmos. Porém, quando alienados ou afastados dos propósitos maiores de Deus, os desejos nos cegam quanto ao destino final para onde os relacionamentos podem nos levar. A sabedoria nos chama aos relacionamentos, embora reconhecendo que eles não são um fim em si mesmos. Na realidade, são meios que nos conduzem a fins — de vida ou de morte.

O que temos visto até aqui é ilustrado de maneira mais clara nos primeiros nove capítulos de Provérbios, onde somos apresentados às personificações metafóricas da sabedoria e da tolice. A "Senhora Sabedoria" é a primeira a ser retratada. Provérbios 3.13-18 a descreve como mais proveitosa do que a prata e mais rendosa do que o ouro. É mais preciosa do que rubis; nada do que você possa desejar se compara a ela. Na mão direita, a sabedoria lhe garante vida longa; na mão esquerda, riquezas e honra. Os caminhos da sabedoria são caminhos agradáveis e todas as suas veredas são de paz. A sabedoria é árvore que dá vida a quem a abraça; quem a ela se apega será abençoado. Aí está uma mulher atraente e maravilhosa, "Senhora Sabedoria". Mais adiante, em 4.6-9 lemos: "Não desampares a sabedoria, e ela te guardará; ama-a, e ela te protegerá. O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquire o entendimento. Estima-a, e ela te exaltará; se a abraçares, ela te honrará; dará à tua cabeça um diadema de graça e uma coroa de glória te entregará". Basicamente, o livro de Provérbios diz que há uma linda mulher com a qual você tem que manter relacionamento. Essa mulher lhe oferece tudo o que você realmente precisa na vida. Cultive o relacionamento com a "Senhora Sabedoria". Ouça o que ela ensina.

Há, porém, outra mulher que não é uma senhora respeitável. Você poderia

identificá-la como "Madame Insensatez". Provérbios 9.13-18 assim a descreve: "A loucura é mulher apaixonada, é ignorante e não sabe coisa alguma. Assenta-se à porta de sua casa, nas alturas da cidade, toma uma cadeira, para dizer aos que passam e seguem direito o seu caminho: Quem é simples, volte-se para aqui. E aos faltos de senso diz: As águas roubadas são doces, e o pão comido às ocultas é agradável. Eles, porém, não sabem que ali estão os mortos, que os seus convidados estão nas profundezas do inferno".

Considere as personificações da sabedoria e da insensatez. Por que o livro de Provérbios as representa como mulheres? Na leitura, observe que as exortações, com freqüência, são dirigidas aos homens. Falando sobre o casamento, a advertência diz respeito a não se casar com uma esposa rixosa. As qualidades de uma esposa desejável são descritas em Provérbios 31. Há exortações para se manter afastado das mulheres imorais. Provérbios menciona a adúltera e não o adúltero. Quer gostemos ou não, naquela sociedade eram os homens que estudavam e se preparavam para o trabalho; a sabedoria era necessária em especial para o rei. Os provérbios, portanto, foram escritos para ajudar os jovens rapazes a se tornarem sábios. Talvez isso explique porque a Sabedoria e a Insensatez foram retratadas como mulheres.

O livro de Provérbios reconhece que os homens têm a tendência de olhar para as mulheres com uma visão limitada. Os rapazes são mais propensos a considerar apenas a beleza exterior. Provérbios veste a sabedoria e a insensatez com linguagem e trajes femininos para sugerir que necessitamos de um tipo de relacionamento diferente, algo além da nossa visão limitada sobre os relacionamentos, especialmente com o sexo oposto. Você precisa reconhecer que o seu relacionamento com o sexo oposto o leva a um caminho crítico. Não pense em mulheres como meras mulheres (ou em homens como meros homens), mas entenda que o seu relacionamento com o sexo oposto conduz, inevitavelmente, a alguma direção.

A sabedoria não está restrita aos livros do Antigo Testamento. É impossível compreendermos a verdadeira sabedoria à parte de Cristo. Ele é a sabedoria de Deus, a própria imagem de Deus, a encarnação de Deus. Toda a sabedoria vem do Senhor para suscitar filhos e filhas do Altíssimo, reis e rainhas.

O livro de Colossenses faz uma conexão clara entre Cristo e a sabedoria. Paulo trata de uma heresia chamada gnosticismo. Resumidamente, o gnosticismo crê que é necessário um tipo especial de sabedoria, alheio ao entendimento comum e à fé em Cristo. É a teologia "Jesus-mais-alguma-coisa": "É bom ter Jesus, mas se você realmente quer vencer na vida cristã, precisa de uma sabedoria especial, secreta". Obviamente, Paulo não aceita a teologia "Jesus-mais-alguma-coisa". Ele argumenta que Jesus é a plenitude de Deus; nada é necessário além de Jesus. Isso é muito relevante quando falamos em relacionamentos, pois embora sejamos cristãos, temos a tendência de encarar os relacionamentos como se fôssemos gnósticos. Supomos necessitar de algo além de Cristo. Queremos saber o "segredo" dos relacionamentos. Uma tradução livre da resposta de Paulo aos Colossenses seria: "Vocês querem saber o que é a sabedoria secreta? Eu lhes contarei". Em Colossenses 1.26, Paulo diz: "...o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos; aos quais

Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória". Qual é o mistério supremo do universo? Qual é o propósito supremo da vida? Qual é a sabedoria secreta que você precisa para entender os relacionamentos? É Cristo em você. Nos relacionamentos, posso servir a mim mesmo (como um tolo) ou estar em relacionamento com Cristo, transformando e sendo transformado por outros.

A sabedoria nos diz que os relacionamentos envolvem mais do que o imediato. Sábio ou tolo? Em Cristo ou em minha própria vontade? Contexto para um propósito maior ou um fim em si mesmo? Devemos escolher a sabedoria e a vida como destino final e compreender que, dependendo do nosso relacionamento com Cristo, os demais relacionamentos nos levam a um entre dois caminhos. Provérbios 4.18 descreve esta verdade da seguinte maneira: "Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito". Como cristãos, temos um caminho traçado. Em Cristo, caminhamos nessa vereda junto com Ele e em companhia dos sábios; de outra forma, os relacionamentos nos levam por caminhos escuros que terminam em destruição.

A sabedoria revela quem as pessoas realmente são

Como a sabedoria nos ajuda a permanecer no caminho da santificação e longe do caminho da destruição? Em que caminho estão os nossos relacionamentos atuais? A sabedoria nos diz coisas muito importantes sobre as pessoas com as quais nos relacionamos. Uma das primeiras coisas que Provérbios nos ensina sobre as pessoas é que todos são pecadores. Para alguns, isso é uma verdade bem conhecida. Algumas vezes, porém, nossa grande familiaridade com determinada verdade acaba sendo o problema. Em certo sentido, tornamo-nos cegos a ela. Teoricamente, podemos concordar que todos somos pecadores, mas costumamos não reconhecer o papel que o pecado desempenha nos relacionamentos.

Certa vez, aconselhei um homem que havia passado por dois casamentos horríveis, nos quais foi explorado e terrivelmente maltratado. Ele também tinha sido traído e maltratado por vários amigos. Quando o encontrei pela primeira vez, ele estava profundamente deprimido e com tendências suicidas. À medida que o conheci melhor, percebi algo importante sobre sua perspectiva quanto aos relacionamentos. Ele presumia que se fosse bonzinho com as pessoas, dando-lhes o que elas desejavam, elas também seriam gentis com ele. Quando compartilhei essa observação com ele, eu a comparei à vida em um parque de diversões. Todos estão lá pela mesma razão: aproveitar a companhia uns dos outros, os brinquedos, os jogos, a lanchonete, o entretenimento e tudo mais. Não há preocupações. Você precisa apenas se divertir e curtir o momento. Ele concordou comigo.

Enquanto explorávamos suas razões para pensar daquela maneira, ele compartilhou comigo que havia sido criado em um lar que praticava a Ciência Cristã. Não sou um entendido em Ciência Cristã, mas sei que um de seus princípios é que o pecado e o mal são uma ilusão, algo criado pela mente e que não existe objetivamente fora dela. Se você ensinar essa teologia a alguém que gosta de agradar as pessoas, o resultado será uma pessoa que não

reconhece o pecado nem consegue entender como viver entre pecadores. Aquele homem não tinha como diferenciar entre pessoas sábias e tolas -– nem mesmo conseguia ver a própria tolice. Uma das primeiras tarefas que lhe dei foi ler o livro de Provérbios, dividir em categorias todas as pessoas que ele encontrasse lá e fazer a seguinte pergunta: "O que devo esperar e como devo interagir com essa categoria de pessoas?". Ele começou a ver as pessoas com maior precisão.

Observe como o livro de Provérbios procura ajudá-lo a identificar os pecadores por meio de sua fala. Provérbios 1.10-13 ensina sobre pecadores que querem seduzi-lo e tentar convencê-lo a fazer coisas más. Eles apelam à sua vaidade e dizem: "Vem conosco, embosquemo-nos para derramar sangue, espreitemos, ainda que sem motivo, os inocentes...". Há pecadores ao seu redor fazendo-lhe promessas. Eles o incitam ao mal.

Em Provérbios 7.4-27, somos apresentados a uma esposa leviana. Provérbios a descreve como espalhafatosa e provocadora. Lemos muitos detalhes sobre como ela se dirige a nós em conversa. Ela diz coisas como: "Vem, embriaguemo-nos com as delícias do amor, até pela manhã; gozemos amores. Porque o meu marido não está em casa, saiu de viagem para longe. Levou consigo um saquitel de dinheiro; só por volta da lua cheia ele tornará para casa. Seduziu-o com as suas muitas palavras, com as lisonjas dos seus lábios o arrastou" (v.18). Por que eu precisaria conhecer esses detalhes? Por que encontro em Provérbios esse diálogo descritivo, 'palavra por palavra', do que as sedutoras me dirão? Em parte, ser sábio significa conhecer a aparência e a fala dos pecadores. Quando eu os ouvir, um alarme deve soar. Eu deveria ser capaz de dizer "Já ouvi isso antes" e, então, evitar essas pessoas.

Outros provérbios nos ensinam mais a respeito dos pecadores. Veja Provérbios 12.17: "O que diz a verdade manifesta a justiça, mas a testemunha falsa, a fraude". Isso não soa um tanto estranho? Não parece óbvio e evidente? Por definição, uma testemunha fiel dá testemunho honesto. Também por definição, uma testemunha falsa conta mentiras. Por que Provérbios supõe que eu precise ouvir algo que é óbvio? Precisamos ouvir porque, com muita freqüência, vivemos como se não soubéssemos o óbvio. Estabelecemos relacionamentos querendo acreditar em coisas que não são verdadeiras. Provérbios nos dá uma lição simples quando estabelece uma ligação entre o que as pessoas dizem e o que elas são em seus corações: "Alguém acabou de mentir para você? Entenda que ele é mentiroso. Você conhece alguém que lhe diz a verdade? Entenda que é uma pessoa fiel". Isto nos diz que precisamos ser capazes de associar o que as pessoas fazem com o que elas são em seus corações. Às vezes somos cegados pelo desejo de que as pessoas sejam como nós as imaginamos.

Provérbios 11.13 diz: "O mexeriqueiro descobre o segredo, mas o fiel de espírito o encobre". Basicamente, a sabedoria está nos dizendo que se alguém é conhecido como mexeriqueiro, você deve esperar que ele traia a sua confidência. Se você conhece alguém digno de confiança, é provável que ele guarde o que você lhe confidenciar. Provérbios oferece-nos sabedoria para nos ajudar a identificar as pessoas. Evidentemente, seria tolice levar em conta um único aspecto do caráter de alguém, mas quando você tem evidência

do pecado na vida de uma pessoa, isso lhe diz do que ela é capaz e como você deve se relacionar com ela.

Provérbios não somente me ajuda a identificar as outras pessoas como pecadoras, mas também me ajuda a retratar a mim mesmo como um pecador, com base em como me relaciono com os outros. Provérbios 3.5-6 é um texto bem conhecido: "Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas". Há algo em mim que não merece plena confiança. Afinal, sou um pecador. Visto que tenho a tendência de viver a vida debaixo do sol, considerando minha pessoa e meus desejos como referência primária, não devo depender do meu próprio entendimento. Se quero andar no caminho certo com as pessoas, preciso do Senhor.

Provérbios 14.12 diz: "Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte". Em outras palavras, algumas vezes eu poderia pensar que estou no caminho certo quando, na verdade, estou andando pelo caminho da destruição. Se pretendo ser sábio nos meus relacionamentos, preciso ser cauteloso com meu coração e minhas motivações.

Provérbios também nos fala sobre a profundidade do problema do nosso pecado. No versículo 29.15 lemos: "A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe". O que a sabedoria nos diz a respeito das pessoas, incluindo as crianças? Se ficarmos entregues aos nossos próprios planos, acabaremos no caminho errado. Por quê? Porque, desde os tempos mais remotos, somos pecadores inclinados a seguir o caminho da morte e da destruição e não o caminho da vida.

O mundo não compartilha essa visão sobre as pessoas. Ele afirma veementemente o contrário: as pessoas são basicamente boas e devem gostar de si mesmas. Na verdade, seguir o próprio coração e os instintos é considerado uma grande virtude. Tenho três filhos com idades entre um e cinco anos. Com isso, acabo assistindo mais programas infantis na televisão do que eu realmente gostaria. Muitas vezes, as mensagens que alguns desses programas promovem são interessantes até mesmo na música de abertura. Um programa que meus filhos apreciam muito é um desenho animado chamado "Arthur". Parte da letra do tema musical diz: "Eu lhe digo 'Oi', que dia maravilhoso. Podemos aprender a rir, a brincar e a nos relacionarmos um com o outro. [Até aqui, tudo bem.] Você tem que ouvir o seu coração, escutar suas batidas. Ouça o ritmo, o simples ritmo. É uma mensagem singela e vem do coração. Acredite em você mesmo, pois esse é o lugar por onde começar". Se as crianças absorverem essa mensagem, será fácil entender porque muitas delas, aos oito anos, já acharão que os pais devem ser ignorados. O ensino que recebem diz que elas possuem todas as respostas e não precisam ouvir ninguém mais. Sempre que assistimos "Arthur", meus filhos costumam se virar para mim e dizer em uníssono: "Isso não é verdade, papai. Nós não devemos confiar em nós mesmos, devemos confiar em Deus". Não quero ver meus filhos andando pelo caminho da destruição, tendo absoluta confiança em seus próprios desejos e na sua maneira de pensar. Quero que eles tenham confiança em Cristo. Ele endireitará os caminhos dos meus filhos.

Não apenas seus filhos são pecadores, mas, se você é casado, está casado com

uma pessoa pecadora. É importante entender plenamente isso. Costumo aconselhar casais que ignoram esse fato. Deixando de reconhecer que casaram com um pecador, castigam o cônjuge por conta dos desapontamentos e expectativas frustradas. Eles deixam de reconhecer a natureza egoísta de suas expectativas ou de perceber que, por vezes, o cônjuge falha pelo simples fato de ser um pecador. É importante entender que se os cônjuges não estão dispostos a reconhecer que são pecadores, se não se sentem seguros em admitir seus erros um diante do outro porque ficam mutuamente desapontados, então não podem ser alcançados pelo Evangelho. Eles comunicam um ao outro que precisam ser perfeitos. O casamento, no entanto, deve ser um relacionamento onde é possível ter a liberdade de confessar os pecados e admitir os erros para que os cônjuges possam ir juntos a Cristo em busca de perdão e crescimento.

Deixar de reconhecer que nos relacionamos com pecadores também significa que podemos colocar algumas pessoas em situação de perigo. Com certa freqüência, aconselho homens viciados em pornografia na Internet. O que mais me impressiona quando lido com tais situações é como as demais pessoas que fazem parte de suas vidas ficam surpresas ao saberem que eles têm esse problema. Trata-se de homens que passam horas e horas sozinhos navegando na Internet e, no entanto, ninguém lhes faz nenhuma pergunta. Não há prestação de contas. Não é compreensível que um pecador possa ceder à tentação estando sozinho em uma sala e com a possibilidade de ver pornografia no anonimato pelo clique de um botão? Esse é um problema que cresce também dentro da Igreja. Nem mesmo os pastores estão imunes a essa tentação. As igrejas sentem a necessidade de ter acesso à Internet, mas ninguém supervisiona o seu uso. É como se deixássemos uma armadilha sem cercas, arames farpados nem avisos de alerta ao redor.

Provérbios informa-nos sobre o poder de sedução que a adúltera exerce. Os homens viajam a negócios e ficam em quartos de hotéis onde, com alguns toques no controle remoto, podem ver pornografia sem deixar rastros. Não podemos nos dar o luxo de nos deixar surpreender pela nossa pecaminosidade. Precisamos amar o suficiente o nosso próximo para não o colocar em situações onde seria fortemente tentado. As esposas precisam ter a permissão de dizer amorosa e respeitosamente: "Você está passando muito tempo no computador. Isso é uma tentação para você? Como você lida com o problema?" Um marido precisa ser capaz de confessar o quanto se sente tentado, ter a sua atividade monitorada de alguma forma, contar com as orações de sua esposa e manter algum tipo de prestação de contas com outros homens. Entender que todos são pecadores faz parte de sermos sábios nos relacionamentos.

Ser sábio significa entender também a complexidade do coração. Provérbios 20.5 afirma: "Como águas profundas, são os propósitos do coração do homem, mas o homem de inteligência sabe descobri-los". Cresci nas vizinhanças de um lago. Nadar naquele lago era uma das atividades preferidas minha e do meu irmão, além de ouvir os Beatles. Gostávamos de jogar objetos no lago e depois mergulhar para encontrá-los. Como ainda éramos crianças ingênuas quando mudamos para perto daquele lago, achávamos que poderíamos jogar umas moedas e, facilmente, mergulhar para encontrá-las. Não importa

o quão brilhante seja uma moeda, se você a jogar a mais de três metros de distância, você não a achará no fundo de um lago. Todo tipo de coisa acontece em águas profundas. A água fica escura à medida que você se aproxima do fundo, a lama se movimenta e as coisas não parecem como realmente são. A Bíblia nos diz que assim é o coração do homem. Não é somente pecaminoso, mas também é profundo e escuro. É um lugar de mistério.

Para não corrermos o perigo de reconhecer que as pessoas são "pecadoras", mas ainda termos um entendimento simplista sobre elas, precisamos estar cientes de que é difícil ter uma compreensão completa do que se passa com cada um. Saber que alguém é pecador não significa que conhecemos tudo a seu respeito e, portanto, podemos deduzir o pior sobre as suas motivações. Quando alguém já foi ferido em um relacionamento, sua tendência pode ser a de se proteger, deduzindo o pior sobre a outra pessoa para se prevenir e não ser machucado novamente. Conforme vimos, alguns dos provérbios nos advertem que aquele que mente é um mentiroso ou quem faz mexerico é um mexeriqueiro. Porém, a sabedoria também nos alerta para sermos cuidadosos em nosso entendimento sobre as pessoas. Tenho visto muitas pessoas cometerem esse tipo de erro: em um momento de dor, e com o desejo de não serem feridas novamente, elas se recusam a voltar a enxergar favoravelmente a outra pessoa. Todas as atitudes daquela pessoa, dali para frente, são consideradas suspeitas –- uma espécie de caixa da qual ela não pode escapar. Logicamente, isso destrói o relacionamento, pois nenhum relacionamento pode sobreviver se não houver confiança. Devemos manter em mente a segunda parte do versículo 5: "o homem de inteligência sabe descobri-los". O coração humano é misterioso e enganoso, mas não é impenetrável. Com sabedoria, podemos começar a compreender coisas importantes sobre o coração e ter estratégias razoáveis para ministrarmos uns aos outros. Não devemos viver ingenuamente uns com os outros, nem tampouco ser simplistas em nosso entendimento.

A sabedoria ensina a amar

Se a sabedoria me diz que sou um pecador (assim como todas as pessoas com quem eu me relaciono), é razoável pensar que parte da tarefa de amar outras pessoas e de ser amado por elas envolve a correção. A sabedoria é zelosa em nos comunicar uma atitude positiva no que diz respeito à correção. Provérbios 13.1 afirma que "o filho sábio ouve a instrução do pai, mas o escarnecedor não atende à repreensão". Semelhantemente, Provérbios 13.18 ensina: "Pobreza e afronta sobrevêm ao que rejeita a instrução, mas o que guarda a repreensão será honrado". Considere ainda Provérbios 17.10: "Mais fundo entra a repreensão no prudente do que cem açoites no insensato".

A correção é algo bom, mas nossa tendência é detestá-la especialmente quando vem do cônjuge ou de alguém íntimo. Quem de nós gosta quando um amigo diz "Isso realmente me magoou" ou "Você cometeu um pecado"? Mas a sabedoria me diz que eu preciso convidar e dar boas-vindas à correção se é que reconheço os propósitos maiores de Deus nos relacionamentos.

Pode ser difícil de aceitar, mas é proveitoso ouvir Provérbios repetir várias vezes a mesma verdade. Provérbios 13.10 traz o assunto da seguinte forma: "Da

soberba só resulta a contenda, mas com os que se aconselham se acha a sabedoria". Há uma ligação interessante entre as contendas nas quais me envolvo, meu próprio orgulho e minha falta de disposição para aceitar a correção. Em lugar de aceitar a correção, resisto a ela. Não estou disposto a ouvir comentários negativos a meu respeito. O orgulho provoca disputas, mas a sabedoria me permite aceitar a correção.

Esse entendimento deveria nortear a maneira de desempenharmos nossos papéis conjugais de liderança e de submissão. Não é sábio que os maridos se coloquem em uma posição tal que não possam ser corrigidos. Se uma esposa deve ser uma auxiliadora verdadeira, de que maneira, afinal, uma pessoa precisa de auxílio? Como pecadores, todos nós precisamos de auxílio para lidar com nosso pecado. A esposa está comprometida em ajudar e abençoar seu marido. Faria sentido, então, colocá-la em uma posição onde ela não pudesse dizer palavras de correção? Isso seria jogar fora o recurso mais precioso que um marido possui. Ninguém conhece tão bem o marido como a sua esposa. A posição de liderança não tem como propósito enaltecer o ego do marido.

Para que amem mais a sabedoria e percebam que os relacionamentos existem em uma esfera maior, os maridos precisam estar mais dispostos a receberem "feedback" e crítica. Essa é uma área crucial no casamento, que costuma ser negligenciada. No aconselhamento matrimonial, encontro pessoas defensivas e comprometidas em estarem sempre certas, mas que não estão tão comprometidas assim em serem santas. Elas não estão comprometidas com crescimento em seus casamentos. Brigam pelo *status quo*, pelo próprio conforto e por todos aqueles desejos que existem debaixo do sol. Elas querem servir esses desejos a qualquer preço. Não entendem que o relacionamento as conduz a algum lugar.

É interessante perceber que Provérbios não apenas diz que necessitamos de correção, mas também nos ensina que um dos elementos chave na definição do amor é a nossa disposição para corrigir uns aos outros. Provérbios 27.5-6 diz: "Melhor é a repreensão franca do que o amor encoberto. Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos". Observe bem: "Melhor é a repreensão franca do que o amor encoberto". Se eu amo você, mas não estou disposto a repreendê-lo, estou ocultando o meu amor. Não é amor manifesto, que possa ser visto como amor. "Melhor é a repreensão franca do que o amor encoberto" e "leais são as feridas de quem ama".

O que significa ser um amigo? Ser um verdadeiro amigo significa que, ocasionalmente, eu vou ferir você. Por amor, direi coisas que você não deseja ouvir. Se eu as falar com amor, buscando o seu bem, esta é uma ferida que você deve estar disposto a suportar. De acordo com o verso 6, qual é a característica peculiar de um inimigo? Ele multiplica beijos. Se eu for o tipo de pessoa que vive somente para lhe dizer o que você quer ouvir, então estarei vivendo como seu inimigo. Os inimigos o adulam. Provérbios 29.5 diz: "O homem que lisonjeia a seu próximo arma-lhe uma rede aos passos". A lisonja arma uma rede para os seus pés. Se você busca relacionamentos em que escuta somente aquilo que deseja ouvir, você está armando uma armadilha para si

mesmo e uma rede para seus pés. Às vezes, quando dou aulas de aconselhamento matrimonial, ouço as pessoas dizerem: "Sou alguém de sorte. Minha esposa e eu nunca temos um desentendimento". Não estou bem certo de que sejam pessoas de sorte. Como é que dois pecadores moram juntos e nunca se desentendem? Talvez eles queiram dizer: "Nós não gritamos um com outro", mas espero que haja muito espaço para correção mútua. Se vocês cultivam um pelo outro um amor sábio, ele resultará ocasionalmente em um conflito construtivo. Isso não significa que vocês tenham que pecar quando discordarem um com do outro, mas haverá momentos em que terão discussões sérias e intensas.

Sei o quanto pode parecer desconfortável cultivar amizades em que as pessoas lhe digam palavras com potencial para ferir. Mas quem disse que se tornar sábio é algo fácil? Não é nada fácil. Às vezes, exige trabalho duro. Todos devemos nos empenhar para desenvolver relacionamentos onde a correção não é nossa inimiga, mas sim a bajulação e o silêncio. Precisamos ser sábios o suficiente para reconhecermos que os nossos amigos nos conduzem a um caminho de vida quando nos ajudam a enxergar o pecado.

A necessidade de encorajamento é grande; ninguém consegue viver sentindo-se continuamente cobrado. O contexto do livro de Provérbios ajuda-nos a entender a importância do encorajamento. Não somos chamados a desempenhar o papel do Espírito Santo na vida uns dos outros, mas o encorajamento mútuo tem parte importante nas amizades e no casamento -– um papel sobre o qual não se costuma falar com muita freqüência. "Como o óleo e o perfume alegram o coração, assim, o amigo encontra doçura no conselho cordial" (Pv 27.9).

À medida que amamos uns aos outros e nos comprometemos em corrigir uns aos outros, precisamos reconhecer nossa tendência a sermos defensivos. Provérbios 18.19 diz: "O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza; suas contendas são ferrolhos de um castelo". Às vezes, dizemos que as pessoas "erguem muros" ao redor de si. Esse é o retrato que Provérbios 18.19 faz de algumas pessoas. Quando alguém está ofendido, ele se torna semelhante a uma cidade fortificada, cercada de muros. Uma vez que esses muros foram erguidos, é difícil entrar. Como conquistar uma cidade murada? Muitas vezes, você tem que trabalhar com afinco ou esperar que os muros cedam. Isso pode levar muito tempo. Precisamos entender que quando ofendemos desnecessariamente uma pessoa, os muros se levantam e o relacionamento torna-se muito mais difícil. Essa é a natureza dos pecadores.

Em Gênesis 3, tomamos conhecimento da primeira reação de Adão e Eva ao fato de serem pecadores: eles se esconderam de Deus. Quando foram pegos, qual foi a primeira alegação de Adão? "Eu não fiz isto. Foi ela quem fez, foi a mulher que o Senhor colocou aqui." Os dedos apontados dirigem-se automaticamente para fora e não para dentro. Os pecadores gostam de acusar uns aos outros. Eles querem se defender e estão comprometidos com glorificar a si mesmos. Eu sou cristão, regenerado, uma nova criatura, mas o pecado ainda está em mim, como parte do velho homem, e ele me faz suscetível a me colocar na defensiva. Preciso estar atento a essa tendência e ao fato de que vivo com pessoas com tendências

semelhantes. Minha maneira de comunicar a verdade e ajudar as pessoas a trilharem o caminho da sabedoria e da vida precisa ser sábia, e também devo reconhecer o perigo de ofender outras pessoas.

Provérbios nos ensina a nos tornarmos habilidosos na correção uns dos outros. Provérbios 15.23 diz: "O homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é!" Aqui estão duas características da sabedoria nos relacionamentos: dar uma resposta apropriada e pensar em quando seria adequado responder. Não se trata apenas de encontrar as palavras certas, mas de pronunciá-las na hora certa. De fato, há momentos em que eu preciso esperar.

Recentemente, aconselhei um casal que costumava ficar acordado até às quatro horas da manhã discutindo. Por experiência pessoal, já descobri que depois das onze e meia da noite minhas palavras não fazem mais sentido e minha mente não raciocina mais. Eu e minha esposa lutamos para não dormir zangados um com o outro, mas isso não significa que temos que concordar com tudo. É verdade que a Bíblia nos ensina a não deixar que o sol se ponha sobre a nossa ira (cf. Ef. 4.26). Não devo viver amargurado, mas isso não quer dizer que preciso necessariamente chegar a um acordo antes de dormir, pois as coisas ruins poderiam se tornar ainda piores em razão da frustração e do cansaço. É importante falar na hora certa. Há ocasiões em que o dia não é fácil e acontecem muitas coisas que podem influenciar alguém a assumir uma posição defensiva. Preciso, então, esperar a hora certa para falar as palavras apropriadas.

Preciso mostrar amor ao meu cônjuge e aos outros usando palavras gentis e agradáveis. Provérbios 16.21 diz: "O sábio de coração é chamado prudente, e a doçura no falar aumenta o saber". Quando as pessoas brigam, costumam ter a tendência de achar que quanto mais 'altas' e zangadas ficarem, mais fácil será vencer a outra pessoa. A experiência da maioria das pessoas prova, porém, que o contrário é verdadeiro. Uma pessoa pode intimidar outra por meio do volume de voz e da raiva, e obrigá-la a se submeter. Mas se o alvo for a instrução verdadeira e o apelo ao coração, então a sabedoria está nas palavras agradáveis. Provérbios 15.1 diz: "A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira". Se quero que a pessoa fique zangada e na defensiva, devo me dirigir a ela com palavras ríspidas. Por outro lado, se quero desviar a ira, preciso dar uma resposta branda. Quando pretendemos trilhar com outros o caminho do crescimento, da sabedoria e da instrução, precisamos aprender a falar de forma que promova a instrução e minimize as atitudes defensivas.

A sabedoria ensina a depender de Deus nos relacionamentos

Provérbios 15.11 diz: "O além e o abismo estão descobertos perante o SENHOR; quanto mais o coração dos filhos dos homens!" Se Deus pode penetrar a morte e a destruição, quanto mais é capaz de entender o que se passa em nossos corações. Provérbios 17.3 afirma: "O crisol prova a prata, e o forno, o ouro; mas aos corações prova o SENHOR". Deus é quem examina o que se passa nos corações, conhece o que deles sai e os purifica como o crisol ao metal. É tarefa de Deus provar os nossos corações. Provérbios 20.27 diz: "O espírito do homem é a lâmpada do SENHOR, a qual esquadrinha todo o mais íntimo do

corpo". Deus é capaz de esquadrinhar o mais íntimo do meu ser e saber o que se passa em suas profundezas.

Provérbios 21.1 afirma: "Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina". Na época em que esses provérbios foram escritos, ninguém era mais poderoso do que o rei; contudo, Deus é ainda maior do que o monarca. Deus é capaz de atingir até mesmo o coração do rei, transformá-lo e dirigi-lo como Ele quer, à semelhança de ribeiros de água canalizados. Por que precisamos saber disso à medida que tentamos ministrar aos nossos cônjuges e aos outros? Antes de tudo, necessitamos de encorajamento. Precisamos saber que não somos únicos na convivência com pecadores cujos corações podem, freqüentemente, nos ferir. É preciso também entender que Deus sabe o que se passa nos corações e somente Ele é capaz de transformar e dirigir os corações daqueles que vivem como se fossem meus inimigos. Quando outros pecam contra mim, preciso confiar que Deus pode proteger meu coração do mal e da amargura. O que acontece quando perdemos essa perspectiva ou esperança? Sentindo-nos sozinhos, agimos como se tivéssemos que lutar por nossa conta. Facilmente nos tornamos controladores e irados, seguimos o caminho dos tolos e fazermos tolices porque esquecemos que Deus está no controle. Tenho visto muitas situações conjugais em que um dos cônjuges está de fato fazendo coisas prejudiciais e pecaminosas, mas a reação do outro é dez vezes mais destrutiva, tornando-se extremamente prevenido, irado e controlador. Em seus esforços para impedir o pecado, a pessoa passa a viver como ímpia e faz justiça com as próprias mãos, usurpando o papel de Deus. Precisamos entender que os corações estão debaixo da soberania de Deus e Ele é capaz de transformá-los.

A sabedoria ensina como falar nos relacionamentos

Não resta dúvida de que a comunicação desempenha um papel crucial no que diz respeito à sabedoria nos relacionamentos. Precisamos entender o poder das palavras nos relacionamentos porque, de certa forma, elas são os canais que nos conduzem nos caminhos da sabedoria ou da insensatez. O livro de Provérbios registra os discursos do enganador, da adúltera e do insensato. Suas palavras são descritas porque são poderosas e precisamos ser capazes de reconhecê-las para não sermos levados por elas. Também nos aponta as palavras do rei, dos nossos pais e do Senhor porque elas nos convidam a andar pelo caminho da sabedoria.

Provérbios 12:18 diz: "Alguém há cuja tagarelice é como pontas de espada, mas a língua dos sábios é medicina". Certamente você já ouviu alguém dizer: "As palavras não me atingem". É provável que a pessoa que sente a necessidade de dizer isso esteja procurando esconder suas feridas. As palavras nos atingem, sim. As palavras podem desconsertar completamente uma pessoa; no entanto, costumamos negligenciar o seu poder. Conseqüentemente, nos momentos de raiva, damo-nos permissão para atingir um ao outro e dizer as piores coisas imagináveis. Justificamos a nós mesmos dizendo: "Eu estava simplesmente zangado. Foram apenas palavras. Não significam nada". As palavras têm significado. Elas podem penetrar fundo no

coração. Provérbios 10.20-21 diz: "Prata escolhida é a língua do justo, mas o coração dos perversos vale mui pouco. Os lábios do justo apascentam a muitos, mas, por falta de senso, morrem os tolos". Devemos ter lábios que edificam e encorajam as outras pessoas.

Há muito mais a ser dito sobre a comunicação sábia do que o espaço nos permite, mas quero deixar aqui uma última pitada de sabedoria que costuma ficar no esquecimento. Devido ao poder das palavras, a sabedoria reconhece que deveríamos, em geral, falar menos. Queremos promover a boa comunicação nos relacionamentos, mas Provérbios nos adverte que uma boa comunicação não significa falar muito. Provérbios 10.19 diz: "No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente". E Provérbios 17.27 acrescenta: "Quem retém as palavras possui o conhecimento, e o sereno de espírito é homem de inteligência". A segunda parte de Provérbios 12.23 diz: "o coração dos insensatos proclama a estultícia".

Reconheça que devemos mostrar controle no uso das palavras por causa do poder que elas têm e por sermos pecadores. O fato de alguém ser meu cônjuge ou meu amigo não significa que eu posso despejar tudo sobre aquela pessoa e que as minhas palavras não causam feridas. Precisamos ser especialmente cuidadosos com as nossas palavras, lembrando sempre que elas estimulam para o caminho da sabedoria ou da insensatez. Palavras como "Você é um idiota!" ou "Você é um perdedor!" ou "Você é a pior coisa que já me aconteceu!" ou "Eu te odeio!" não levam as pessoas a Cristo. Elas desestimulam e destroem. Quando as dirigimos a irmãos em Cristo, elas são como rótulos que negam a obra redentora que Cristo está realizando em suas vidas.

Como lidar com o fracasso no aconselhamento?

Jay E. Adams[1]

O conselheiro bíblico consciencioso costuma ter a tendência de censurar a si mesmo quando falha em um aconselhamento. "Onde foi que eu errei?" Logo em seguida a essa pergunta, tem início o que passa a ser geralmente uma busca infrutífera por respostas. Com certa freqüência, e especialmente se não for o primeiro fracasso, essa busca pode terminar em um processo mórbido de introspecção. O conselheiro está bem ciente do fato de que quando um aconselhado se afasta de Cristo, o erro básico é do aconselhado. No mais, ele está igualmente ciente de que o fracasso pode ser atribuído tão prontamente a ele como ao aconselhado. Some aqui o fato de que o conselheiro bem sabe que, vez ou outra, os fracassos ocorrem mesmo por erro dele. Como resultado, você tem todo o potencial para fomentar um terrível estado de culpa e autocomiseração.

O que um conselheiro pode fazer para evitar esse processo? Como ele pode prevenir o abatimento? Como ele pode aprender a tomar um pouco do seu próprio remédio, traçar um caminho que o desvie das ciladas e dos mesmos buracos negros dos quais ele costuma tirar seus aconselhados? Em resumo, qual é o caminho para prevenir essa reação e, caso ela aconteça, qual a saída?

Com certeza, as reações erradas aos fracassos ou supostos fracassos não são inevitáveis. Sabemos bem disso no aconselhamento bíblico. O primeiro passo para evitar uma reação errada diante do fracasso (ou para se livrar dela) é aconselhar a si mesmo. Para começar, você precisa de esperança. E como conselheiro, você bem sabe que a esperança vem da Palavra de Deus: "Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15.4).

[1]Tradução e adaptação de *Handling Failure*. Publicado em *The Journal of Pastoral Practice*. v. 6, n.3, 1983, p. 3-5.

Jay Adams foi o primeiro porta-voz do movimento de aconselhamento bíblico. Foi um dos fundadores da Christian Counseling and Educational Foundation, em 1968.

O que a Palavra de Deus diz sobre o fracasso no aconselhamento? É claro que não há instruções diretas do tipo 'faça isso e depois aquilo' quando você falhar no aconselhamento. Mas existem alguns princípios gerais que podem ajudá-lo a encontrar uma forma de lidar com o fracasso, e são estes que vamos considerar aqui. Antes, porém, uma palavra de advertência.

Certifique-se de que o erro foi seu. Algumas vezes, embora o aconselhado o acuse, você pode não ter errado. Outras vezes, você pode estar acusando a si mesmo indevidamente. É preciso fazer uma avaliação, tão honesta quanto possível, da causa (ou causas) do fracasso. Talvez você descubra que é apenas parcialmente culpado ou que nem mesmo é culpado. Um sentimento de derrota ou culpa pode ser decorrente não do fracasso com o aconselhado, mas do fracasso em avaliar devidamente a situação. Quando levantar uma auto-acusação, certifique-se de que você está certo. Você deve se empenhar em uma auto-avaliação correta tanto quanto se empenha na avaliação do aconselhado. Alguns conselheiros são muito cuidadosos na avaliação que fazem dos outros (como, de fato, devem ser), mas falham terrivelmente na auto-avaliação.

Agora, presumindo que você fez uma avaliação precisa da parte que lhe cabe no fracasso do aconselhamento, e que não pôde chegar a outra conclusão senão que você falhou, o que deve fazer?

Vamos considerar as instruções bíblicas que podem ser aplicadas às situações de fracasso. Para começar, sempre que você reconhecer que cometeu um erro, não deve racionalizá-lo, acobertá-lo nem tentar sustentar que você está invariavelmente certo. Antes, você deve reconhecer o erro como tal. O orgulho e o medo querem promover o acobertamento, mas não são motivações aceitáveis diante de Deus. Você não tem nada de que se orgulhar -- tudo quanto é de valor em sua vida é resultado da graça. Você não precisa temer a homens; você teme ao Deus vivo. O temor de Deus é o único temor que lança fora todos os demais.

Se você deve reconhecer seu erro, como proceder? Primeiro, tendo admitido consigo mesmo que errou, fale com Deus sobre isso e busque o Seu perdão. "O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia" (Pv 28.13).

Deus conhece sua negligência, sua falta de sabedoria, seus preconceitos ou qualquer outra coisa que tenha sido obstáculo no processo de ajudar o aconselhado. Não há nada encoberto diante dEle. Se você quer receber a misericórdia de Deus, se deseja que o seu ministério de aconselhamento prospere, então busque a misericórdia do Senhor; Ele não irá censurá-lo quando você assim o fizer. Pelo contrário, irá perdoá-lo e fortalecê-lo. Admitir sua falta de sabedoria e pedir sabedoria a Deus é o caminho para obtê-la, diz Tiago.[2] Então peça; você não tem por que não pedir (deixar de pedir é outro erro que precisa ser confessado).

Porém, isso não é tudo. Depois de buscar e receber o perdão de Deus, é hora de admitir seu erro diante do aconselhado. Esse passo não somente acerta a situação com ele, mas também permite uma mudança imediata rumo à direção certa e demonstra na prática os princípios que você deve ensinar. É possível que agindo dessa maneira você possa salvar o processo de aconselhamento o que, certamente, você

[2] Tiago 1.5

não conseguiria tentando mascarar o seu erro.

"Mas", você diz, "mesmo que eu confesse meu erro e peça perdão ao aconselhado, se não tiver sabedoria para começar de novo e caminhar na direção certa, como vou salvar a situação?".

Há duas maneiras possíveis. Primeiro, você pode dizer ao aconselhado que uma das tarefas que ele tem a fazer para a semana seguinte é orar que Deus o guie às respostas certas enquanto você estiver estudando a situação do ponto de vista bíblico.

Ou se você está tão longe da solução do problema que nem mesmo sabe onde procurar as respostas nas Escrituras, você pode encaminhá-lo para outro conselheiro bíblico. Se fizer isso, recomendo que você o acompanhe. Presencie os encontros e observe o que o outro conselheiro faz. Não há desculpa para você continuar na ignorância por mais tempo. Na verdade, o exemplo do outro conselheiro pode ser a resposta de Deus à sua oração por sabedoria.

Você só pode livrar seu coração e sua mente do fardo do fracasso após reconhecer o erro e fazer todo o possível para repará-lo. Somente então você pode deixar a questão nas mãos de Deus, sabendo que não tem responsabilidade nenhuma por qualquer resultado negativo. Os conselheiros que se recusam a agir dessa maneira, deixando-se motivar por orgulho ou medo, carregam desnecessariamente, mês após mês, o fardo do fracasso que nenhum coração consegue suportar. De modo tolo, recusam confessar seu erro porque desejam evitar a dor do constrangimento que acompanha a confissão. Não se dão conta, porém, de que estão trocando uma pequena dor por outra bem maior. Tentam aconselhar outras pessoas, ainda carregando o peso de culpa e dúvida sobre suas habilidades pessoais para aconselhar. Naturalmente, o resultado é que se tornam menos capazes de aconselhar efetivamente. Quando erram de novo, suas dúvidas se confirmam e, em pouco tempo, à medida que o processo se desenvolve, a idéia de que nunca conseguirão aconselhar apropriadamente transforma-se em uma profecia cumprida.

Por isso, conselheiro, não se dê o luxo de pecar quando precisar lidar com seus erros. Enfrente-os e trate-os exatamente como você orientaria o seu aconselhado a fazer. Não há remédio melhor a tomar do que o próprio remédio que você tem achado tão útil para receitar a outros. "Médico, cura-te a ti mesmo!"

Limites nos Relacionamentos

Considerações sobre a série "Limites" de Henry Cloud e John Townsend

Edward Welch[1]

"Esse carro que comprei é um verdadeiro abacaxi." "As orações de irmãos têm sido asas de águia para mim." "Você é meu salva-vidas." Estes são exemplos de metáforas. No ensino básico, aprendemos que as metáforas estabelecem comparações ou relações de semelhança. Mais adiante, aprendemos que as metáforas acrescentam vivacidade à linguagem. Elas transformam palavras em figuras. Ouça ou leia com atenção e você as encontrará por toda parte. Elas fazem com que a comunicação falada e escrita seja cativante.

Não pense, porém, que as metáforas são mera linguagem decorativa. Nas Escrituras, elas revelam realidades mais profundas. Por exemplo, Jesus é o Servo, o Filho, a Luz, a Rocha. Nós somos servos, filhos de Deus, refletores da glória e, como corpo, a casa construída na Rocha. Essas imagens são muito mais do que meros esforços criativos para uma comunicação mais significativa. São afirmações literais. Jesus é o primogênito e, como criação de Deus, somos semelhantes a Ele assim como todos os filhos compartilham as características de seus pais. As imagens verbais parecem menos precisas do que uma linguagem teológica técnica como, por exemplo, união hipostática ou supralapsarianismo, mas dispensar uma atenção cuidadosa ao desenvolvimento das metáforas bíblicas é parte essencial do estudo teológico.

Assim como as metáforas revelam as verdades mais profundas das Escrituras, o uso pessoal que fazemos de metáforas revela aquilo que acreditamos. Elas orientam nossa maneira de viver. Alguns afirmam que as metáforas são a base de todo pensamento: "Nosso sistema conceitual comum, em termos daquilo que pensamos ou fazemos, é essencialmente

[1] Tradução e adaptação de *Boundaries in Relationships*.
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 22, n. 3, Spring 2004, p. 15-24.
Edward T. Welch é conselheiro professor na *Christian Counseling and Educational Foundation* e professor de Teologia Prática no Westminster Theological Seminary em Glenside, Pensilvânia.

metafórico por natureza"[2]. Portanto, ouça as metáforas de uma pessoa e você conhecerá a pessoa.

Observe como as metáforas revelam a nossa compreensão sobre os relacionamentos. Por exemplo, os *relacionamentos* podem ser entendidos em termos de uma *guerra*. Os relacionamentos morrem. As palavras ferem. As pessoas atacam, defendem, ganham, perdem, disparam, são alvejadas e armam emboscadas. A metáfora de guerra acrescenta vivacidade à linguagem e comunicação; mais do que isso, ela tanto representa como orienta nossa maneira de pensar. Para algumas pessoas, a guerra é uma metáfora dominante para orientar seus atos.

Dinheiro é outra metáfora relacional. Você investe em uma pessoa, dá mais do que ganha, ganha mais do que dá, obtém benefícios do relacionamento e "ganha na loteria" quando encontra o seu par ideal. Escolha o dinheiro como metáfora dominante para dar direção à sua vida, em contraste com uma metáfora do tipo "relacionamento é lavar os pés da outra pessoa", e essa escolha afetará significativamente sua maneira de viver. Por trás de boa parte da comunicação, está uma metáfora implícita ou explícita e essa metáfora pode ser um resumo visual de crenças profundamente arraigadas em nós. Nossa tarefa é considerar as metáforas implícitas em nosso pensar e, de forma progressiva, permitir que os conceitos bíblicos tomem lugar.

Das muitas metáforas bíblicas aplicadas aos indivíduos e aos relacionamentos, considere esta em especial: os relacionamentos consistem de limites. As pessoas impõem fronteiras. Elas são proprietárias do que lhes pertence, mas não daquilo que não lhes pertence. "Você fica do seu lado da cerca e eu ficarei do meu."

A ocasião para destacar de modo especial essa metáfora é a série *Limites*, escrita pelos psicólogos cristãos Henry Cloud e John Townsend. Depois do grande sucesso de seu livro *Limites,* eles deram continuidade com *Limites no Casamento*, *Limites no Namoro* e *Limites para Ensinar aos Filhos*. [3]

O interesse prático que os autores têm nos limites está na nossa aparente inabilidade de dizer não. Como resultado, podemos ficar excessivamente sobrecarregados, nossos filhos podem escapar do controle e se sentirem donos da situação, e nós nos tornamos capachos, embora revoltados.

Todos concordam que, certas vezes, *deveríamos* dizer "não", mas não dizemos. A questão é: quão preeminente essa metáfora deveria ser em nossos relacionamentos? Nos livros da série *Limites*, a metáfora torna-se determinante. Ela assume o papel de lente através da qual vemos todos os aspectos dos nossos relacionamentos. Por exemplo, o livro sugere a formação de quatro estilos de personalidade diferentes: aquiescente, controlador, insensível e esquivo. As dificuldades de cada um em discernir os limites causam diferentes problemas.

[2] G. Lakoff e M. Johnson, *Metaphors We Live By* (Chicago: Un. Of Chicago Press, 1980), p.3.

[3] NdT. Em português foram publicados até o momento: *Limites* (1999), *Limites no Casamento* (2001), *Limites para Ensinar aos Filhos* (2001), *Limites no Namoro* (2002) e *Limites Cara a Cara* (2004), todos pela Editora Vida, São Paulo.

A série *Limites* contém referências bíblicas ao longo do texto para ilustrar uma ênfase das Escrituras na questão de limites, porém a teoria psicológica parece ser a razão básica pela qual essa metáfora recebe atenção. Teoria e prática sempre se unem. Nesse caso, a teoria é o construto psicológico da separação e individuação. A teoria do desenvolvimento supõe que a atribuição crítica da infância é proporcionar ao indivíduo o desenvolvimento de uma identidade separada da dos outros. Apenas as crianças criadas adequadamente e seguras conseguem estabelecer uma noção clara do "eu" e "não-eu".[4] Tendo como ponto de partida a teoria do desenvolvimento, o conceito de limites torna-se naturalmente a moldura interpretativa dominante para todos os aspectos da vida.

Assim como a maioria das teorias psicológicas, o livro *Limites* traz fragmentos de observação confiável, caso contrário não colheria absolutamente nenhum interesse. As Escrituras, porém, indicam que há uma tarefa de desenvolvimento muito mais profunda. Trata-se de como podemos crescer em sabedoria, aprender a temer ao Senhor e entender como Deus pretende que vivamos. No mínimo, podemos dizer que as Escrituras oferecem um modelo de desenvolvimento mais profundo.

A popularidade da figura de limites é uma oportunidade para considerarmos sua utilidade e as limitações. Estamos diante de uma metáfora dominante nos relacionamentos ou as pessoas a têm enfatizado em detrimento de outros conceitos mais básicos? Nosso propósito não é avaliarmos cada aplicação da metáfora dos limites nem apresentar uma longa discussão sobre as falhas do modelo de individuação. Em lugar disso, o objetivo é explorar o uso dessa metáfora bíblica, considerar suas limitações enquanto tema dominante nos relacionamentos e revisar sua aplicação prática.

Limites no Antigo Testamento

Bruce Waltke, estudioso do Antigo Testamento, observa: "O limites são importantes tanto nas ordens criadas quanto nas sociais. Quando tudo se mantém no lugar designado e os limites não são transgredidos, existe a ordem e não o caos".[5] Essa observação é inegável. Deus separou a luz das trevas, a água da terra seca, os seres humanos das demais criaturas.

Dentro dos relacionamentos humanos, um tipo especial de limite distingue entre homem e mulher, e Deus manifesta, ao longo das Escrituras, o interesse em manter essa distinção. No entanto, Gênesis enfatiza tanto "uma só carne" (Gn 2.24) como a distinção entre homem e mulher. Com a entrada do pecado, os limites (distinções, separações) tornam-se uma metáfora dominante com respeito aos relacionamentos destrutivos. Deus traçou uma linha de limite no Jardim como meio de expressar a diferença entre nós criaturas e Ele, o Criador. "Não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal" (Gn 2.17). A lei de Deus é um limite. O pecado é uma violação de um limite estabelecido por Deus. É uma transgressão. É uma desobediência explícita. É falta de respeito pelos limites que Deus estabeleceu.

[4] H. Cloud e J. Townsend, *Limites*, p. 71

[5] B. Waltke com C. Fredricks, *Genesis: A Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 2001) p. 56.

Além de transgredir as barreiras divinamente determinadas, também erigimos barreiras entre Deus e nós. Erguemos um sinal de "pare" para Deus e preferimos estabelecer um reino paralelo no qual decretamos nossas leis. Deus tem uma dupla reação. Com freqüência maior, ele se introduz em nosso reino, viola os limites que estabelecemos e oferece perdão pelos limites que nós temos violado. Ele se dirige a nós com advertências ao mesmo tempo em que afirma Seu senhorio. Entretanto, por vezes, Deus nos dá o que queremos. Desejamos ter nossos reinos, separados de Deus, e Ele nos deixa experimentar tal isolamento.

Deus *criou* limites no reino natural antes da queda e, após a queda, *impôs* limites àqueles que carregam a Sua imagem. O relacionamento do homem com Deus começou com unidade e uma doce comunhão no jardim, mas o pecado causou a separação de Deus e a expulsão do Éden, até o ponto de Deus ordenar um querubim armado para guardar a entrada. Esse acontecimento estabeleceu o contexto para todo o Antigo Testamento.

Durante o Êxodo, quando Deus se aproximou e estabeleceu um povo para Si, Sua presença tinha limites bem definidos. Se alguém subisse à montanha na presença de Deus, sem ser convidado, imediatamente morreria. Semelhantemente, quando Deus habitava entre Seu povo, o Santo dos Santos estava dividido com uma seqüência de barreiras. Para um gentil, a situação era ainda pior. "Naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo." (Ef 2.12)

Visto que nosso relacionamento com Deus reflete-se nos relacionamentos com as outras pessoas, estes estão repletos de figuras de limites. Por exemplo, na situação de Gênesis, o pecado foi imediatamente seguido pelas folhas de figueira – o primeiro limite real entre homem e mulher (Gn 3.7). Em seguida, inveja, ira e, finalmente, assassinato separaram irmãos (Gn 4.8). O esforço do homem para ser um senhor feudal autônomo logo teve retorno: Caim foi basicamente barrado do companheirismo humano. Ele recebeu o que queria, mas também a miséria associada a esse curso de ação. Ele experimentou as conseqüências lógicas da inveja e das ações homicidas contra outras pessoas.

A metáfora ganhou ainda mais força depois do pecado de Caim. Deus separou – ou colocou limites entre – o justo e o ímpio (Gn 6.1-8). Abraão foi tirado de sua família e orientado a viver em uma nova terra (Gn 12.1). Os levitas foram separados dos demais israelitas (Nm 8.14). E, finalmente, os israelitas seriam lançados para fora dos limites do território dado por Deus e espalhados entre os povos (Dt 4.27).

Por ordem de Deus, os limites entre Israel e os povos ao redor estavam planejados para serem quase impenetráveis. O propósito era manter a idolatria e as práticas sincréticas fora do acampamento. O povo escolhido de Deus jamais deveria se unir em casamento ou fazer tratos com as nações ao redor. Pelo contrário, os israelitas deveriam expulsar todas as nações que ocupavam a Terra Prometida (Dt 7.2, 3). Nos tempos do Novo Testamento, o simples ato de um judeu comer com um gentio era uma séria ruptura de limites.

O mundo do pecado, de fato, é um mundo de limites, paredes e separação.

C.S. Lewis chega a propô-lo como uma metáfora para o inferno. O inferno, Lewis sugere, assemelha-se a um bairro disperso, onde todos têm cercas altas e as pessoas se distanciam cada vez mais umas das outras.[6] Mesmo que possamos escolher outras imagens bíblicas de inferno, Lewis estava certo. Satanás é um divisor e as paredes isoladoras evidenciam a sua obra.

Como metáfora bíblica, os limites dominam o Antigo Testamento. Eles surgiram na criação e passaram a ser uma metáfora dominante como resultado do pecado. Em razão de sua forte ligação com a queda, a intenção não é que eles sirvam de guia para a vida cristã. Em outras palavras, não devemos esperar que a vida cristã seja intencionalmente caracterizada por uma seqüência de barreiras. O conceito de limites *descreve* a vida em um mundo caído mais do que *prescreve*. Sendo uma descrição, os limites visualizam algo que todos nós experimentamos e nos é profundamente familiar. A figura de 'usar máscaras' – um tipo de limite – sugere que queremos erigir barreiras. O apelo por autenticidade sugere que costumamos nos sentir constrangidos pelos limites. E o desejo de estabelecer uma relação pessoal sugere que ansiamos pelo dia quando teremos fronteiras abertas, que permitem conhecer e ser conhecido.

Limites no Novo Testamento

Robert Frost cita um antigo refrão da Nova Inglaterra: "Boas cercas produzem bons vizinhos". Mas, contrário ao espírito individualista de nossos dias e sintonizado com o desejo de quebrar as barreiras nos relacionamentos, ele contrapõe: "Há algo aqui que não ama um muro".[7] Com estas palavras, ele ecoa timidamente o Evangelho. Separação é uma característica básica da ordem caída; união é uma característica básica do Evangelho.

Jesus quebra uma barreira após a outra para que possamos viver sem os muros claustrofóbicos que cercam nossas prisões solitárias. Ele quebrou o muro entre criatura e Criador, tornando-Se como nós. Chamou os discípulos para estarem com Ele. Convidou pessoas a se aproximarem. Vários, pela fé, entenderam Seu convite até mesmo para tocá-lo (Lc 7.25-38, 8.43-48). Ele violou as barreiras culturais da época aproximando-Se das mulheres, dos pobres, dos oprimidos, dos doentes, daqueles que morriam e dos endemoninhados. Ele nos convida a vivermos nEle, como um galho na videira (Jo 15). Ele nos garante Sua presença constante pelo Espírito (João 16). À medida que Sua morte estava próxima, Ele orou para que nós – a Igreja – permanecêssemos unidos tanto com Ele, como também uns com os outros, de tal forma que esse amor unificador fosse o testemunho do próprio Deus perante o mundo.

> Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como

[6] C. S. Lewis, *The Great Divorce* (New York: MacMillan, 1946).

[7] *Mending Wall*" em *Robert Frost's Poems* (New York: Washington Square Press, 1969, p. 94, 95.

> nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim. (Jo 17.20-23)

O livro de Efésios fala acerca desse tema com intensidade. A carta é, basicamente, um sermão sobre João 17.

> Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um [judeus e gentis]; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio... para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem. (Ef 2.14-15)

O apóstolo Paulo, após fundamentar seu ensino na oração sacerdotal de Jesus, examina as aplicações práticas da nossa unidade — respeitar os dons de cada um, pronunciar palavras edificantes e proveitosas, deixar as divisões e mostrar-se benigno, compassivo e disposto a perdoar. Tal unidade não acontece facilmente, mas como fruto do Espírito. Paulo confia que a Igreja crescerá em unidade até que se torne conhecida até mesmo dos poderes e autoridades que a observam nas regiões celestiais (Ef 3.10). A Igreja será uma cidade sem muros.

O evangelho de João e a carta aos Efésios apresentam uma nova época, em que as barreiras são quebradas. Seu foco, no entanto, é a Igreja. A unidade e o amor podem superar o conceito de limites dentro da Igreja, mas o que dizer do relacionamento da Igreja com o mundo? Os limites devem ser metáforas orientadoras para esses relacionamentos?

Visto que tudo mudou com a vinda de Cristo, não deve causar surpresa que os limites protetores do Antigo Testamento dêem lugar, no Novo Testamento, a uma infiltração missionária extensa. Jesus apresentou-se como o Messias primeiramente a uma estrangeira, uma mulher samaritana (João 4). Ele curou o criado de um centurião romano e elogiou sua fé (Mt 8.10). E Ele ordenou a Pedro que violasse o tabu judaico, fosse à casa de Cornélio, comesse com os gentios e anunciasse o reino aos gentios.

Embora ir ao encontro do mundo fosse uma maldição para o judeu do Antigo Testamento, para o cristão do Novo Testamento tratava-se de uma ordem (Mt 28.19). O povo de Deus constitui-se de pessoas enviadas – sal e luz para o mundo (Mt 5.13) – e fermento que permeia todo o pão (Lc 13.20). Os limites, antes planejados para proteger o povo da idolatria ao seu redor, foram destruídos. Agora, em vez de nos protegermos, convidamos os vizinhos e os de fora para conhecerem Aquele que destrói as barreiras. O povo de Deus, que um dia foi libertado do Egito, é chamado agora para voltar e proclamar a libertação aos seus antigos opressores que nem mesmo sabem que estão separados de Deus por muros de prisão. A razão pela qual os limites ruíram é que Jesus agora reina, Ele deu autoridade ao Seu povo e o Espírito está conosco.

Quebrar os limites mais do que erguê-los

Os limites, pelo que vimos até aqui, não devem ser uma metáfora orientadora da vida cristã e dominante nos relacionamentos. Ao contrário, *quebrar* as barreiras relacionais é fundamental para a vida em Cristo. Os cristãos pensam em como dirigir-se aos outros e os surpreender com amor. Nós nos reconciliamos, perdoamos, cobrimos ofensas.

Arrependemo-nos das barreiras pessoais que, instintivamente, erguemos e oramos por uma visão mais profunda da nossa unidade, visto que somos um corpo com Cristo por cabeça. O zelo pela unidade e o rompimento das barreiras interpessoais são marcas distintivas da igreja.

Se o conceito de limites orientar a vida, então nossa atenção se voltará para nós mesmos, como bumerangues. Os livros da série *Limites* falam de amor e respeito pelos outros, mas eles não resistem a dedicar atenção e enfatizar nossos desejos pessoais e o interesse na autoproteção. Resumindo, estabelecemos limites porque *nós* nos sentimos violados. Não importa a matiz que damos à metáfora, ela não capta o caráter do Novo Testamento, que se preocupa pouco com a violação pessoal e tem maior interesse na perseverança com que suportamos as dificuldades em prol do Evangelho. Na melhor das hipóteses, podemos dizer que *limites* é uma metáfora entre tantas e, devido à falta de destaque no Novo Testamento, usá-la como conceito primário é exigir demais dela. Se fôssemos cair de amores por uma metáfora, deveríamos escolher imagens como o reino de Deus, viver na videira, sermos um ou vivermos como servos humildes – imagens mais centrais aos conceitos do Novo Testamento.

Como reformular as perguntas comumente respondidas pela série *Limites*

Como lidamos, então, com as muitas perguntas que a metáfora dos limites parece tão competente em responder? Por exemplo, de que outra maneira podemos orientar um pessoa cuja vida parece dominada por pessoas intrometidas e centradas em si mesmas? E o que dizer daqueles de quem outros estão sempre tirando vantagem? Existem dificuldades relacionais para as quais a metáfora de limites parece oferecer uma sabedoria útil e, à primeira vista, os conceitos de doar-se, de unidade, de um só corpo, parecem impraticáveis.

Cloud e Townsend dão início ao livro *Limites* com um estudo de caso que se aplica à maioria das mulheres atarefadas de classe média e a muitos homens. Sherrie é uma mulher de trinta e cinco anos, extremamente exausta, esposa de um marido distante, mãe de duas crianças ativas em idade escolar, tem uma mãe intrometida, trabalha em tempo integral e seu chefe delega tarefas para ela e fica com o crédito pelo trabalho bem feito, é ativa na igreja de que é membro (e poderíamos acrescentar também que se encontra um pouco acima do peso). Na tentativa de negar-se a si mesma e amar aos outros, ela perdeu sua alegria, a esperança e os sentimentos de amor. Paradoxalmente, ela passou a se sentir isolada e solitária. Cloud e Townsend mostram que "Sherrie sente grande dificuldade em saber o que é de sua responsabilidade e o que não é. Com a intenção de fazer o melhor, ou de evitar um conflito, ela acaba assumindo problemas que Deus jamais desejou para ela".[8] Seu dever é estabelecer limites claros em cada um desses relacionamentos.

Por que eu sempre digo "sim"? Há algo de Sherrie na maioria de nós. Por que dizemos "sim" mesmo quando preferiríamos dizer "não"?

As pessoas excessivamente comprometidas são o sangue vital da igreja. Aqueles que dizem "sim" para uma coisa são solicitados a fazer outras cinco, até

[8] *Limites*, p. 24

que a vida começa a parecer uma corrida que vai de uma obrigação para a seguinte. Uma forma de lidar com isso é estabelecer limites pessoais dizendo "não" e assumindo o controle da própria vida. Porém, visto que as Escrituras não recomendam *limites* como a primeira metáfora bíblica a considerar, devemos buscar possíveis alternativas bíblicas.

O conceito de limites sugere que o problema vem de fora de nós. De fato, os problemas, as expectativas e as exigências podem chegar até nós. Mas a Bíblia enfatiza os problemas que saem de nós. Sendo assim, comece com considerar a motivação que há por trás do "sim".

- *Não nos ensinaram a respeito das prioridades bíblicas.* Uma semana biblicamente planejada inclui oração, oportunidades para meditar nas Escrituras, trabalho, serviço, relacionamentos e descanso. Se um desses tem sido continuamente negligenciado, é provável que existam áreas em que deveríamos dizer 'não'. A realidade é que Deus tanto ordenou os componentes essenciais de nossas vidas como também criou o dia de vinte e quatro horas dentro do qual podemos incorporar esses componentes.
- *Não estamos buscando conselho.* As pessoas sábias, quando enfrentam lutas e estão desorientadas, buscam conselho. Outras pessoas podem nos reorientar naquilo que é mais importante e oferecer idéias de como aplicar o mandamento de amar. Por exemplo, amor nem sempre significa sacrifício pessoal. Chamar uma babá, quando seus filhos estão pedindo para você ficar em casa em vez de sair com seu cônjuge, também pode ser uma expressão de amor. Amor pode significar não dar dinheiro a alguém que pede. Amor e sabedoria podem significar dizer "não" a oportunidades de serviço.
- *Não queremos desapontar os outros*. Muitos têm o desejo de agradar os outros e não desapontá-los. Isso é bom e normal. Contudo, esse desejo pode facilmente perder o foco e se tornar um desejo idólatra com o objetivo de nunca desapontar. Quando meu coração o focaliza, o mandamento de amar, inicialmente centrado no próximo, é modificado de modo a se tornar um objetivo egocêntrico de nunca desapontar, sempre fazer com que as pessoas estejam satisfeitas comigo e nunca ter um conflito. O que é aparentemente um desejo bom de não desapontar os outros, pode mascarar o anseio idólatra de ter todas as pessoas satisfeitas comigo. A ênfase deve estar em "amar outra pessoa" ou em "ser amado por outra pessoa"? Trata-se de um equilíbrio delicado, mas o objetivo dos seguidores de Cristo é amar os outros mais do que necessitar do amor dos outros. Naturalmente, isso nos move à questão mais profunda do nosso relacionamento com Deus: ser amado por alguém torna-se o centro da vida, substituindo o amor do próprio Deus?
- *Adoramos nossa reputação*. O primeiro passo para sair desse dilema é arrependimento.
- *Superestimamos nossa importância e subestimamos o cuidado de Deus por Seu povo e Sua igreja*. Vivemos como se somente nós existíssemos, querendo tampar buracos um após o outro. No fundo, não cremos que Deus ama os Seus

e, certamente, realizará Seus bons propósitos.

– *Superestimamos a nós mesmos e subestimamos os dons que Deus deu a outros.* Deus determinou que Ele cumpriria Seus propósitos por meio do corpo. Em outras palavras, uma expressão de fé é pedir ajuda, reconhecendo que somos criaturas limitadas e nos deleitando no fato de que Deus deu muitos dons à Igreja, com liberalidade.

A pessoa que sempre diz "sim", e se sobrecarrega, é forte candidata a adotar a metáfora de limites, mas há ensinamentos bíblicos mais óbvios que se aplicam ao seu caso. O conhecimento de Deus revelado em Cristo, o arrependimen-to e a fé, que se expressam em amor, são os fundamentos da vida cristã. Nos momentos de dúvida, é à luz desses princípios que queremos considerar nossas lutas. E no caso de já ter dito "sim" em demasia, esses ensinamentos básicos têm uma aplicação extensa.

Amor e discernimento são os componentes elementares da sabedoria. Juntos, eles respondem à maioria das perguntas que a série *Limites* levanta e nos mantêm muito mais perto do Evangelho e dos dois grandes mandamentos — amar a Deus e amar ao próximo.

O que devo fazer quando alguém me telefona de madrugada, no mínimo semanalmente? Se você está ministrando às pessoas, é provável que já tenha recebido chamadas tarde da noite. Você poderia deixar a secretária eletrônica atender cada chamada, mas o que fazer se for uma emergência de família? O identificador de chamadas poderia ser considerado para revelar alguém com quem você preferiria não falar, mas o que aconteceria se a pessoa estivesse em uma emergência real? E quando você pega o telefone, descobre que se trata daquela pessoa que está passando por algumas lutas, freqüenta sua igreja ocasionalmente e, semanalmente, telefona para sua casa tarde da noite. É a oportunidade perfeita para invocar os limites.

"Estou tentando dormir. Volte a ligar no sábado pela manhã. Até..."

Mas, em vez de pensar "Como posso erguer limites nesse relacionamento?, pense "Como eu deveria, sabiamente, amar essa pessoa? e "Qual é o meu chamado? Quais são as minhas prioridades?"

O desafio evidente do amor é que ele tem muitas facetas. O amor vai de um extremo a outro, desde morrer por alguém até expulsá-lo de sua casa. Às vezes, você carrega o fardo de alguém e, outras vezes, você o encoraja enquanto ele carrega o próprio fardo. Portanto, ao enfatizarmos mais o amor do que os limites, não simplificamos a nossa decisão, apenas mudamos o foco. Algumas decisões talvez precisem ser adiadas até buscarmos o conselho de outros. Mas, enquanto isso, há uma pessoa que continua do outro lado da linha.

Quando o amor e o discernimento se unem, há várias opções:

– Na madrugada, é possível que não consigamos pensar com clareza sobre nenhum assunto. Portanto, poderíamos pedir para a pessoa ligar novamente durante o dia. Somos criaturas limitada, que precisam de sono, e poderíamos estar incapacitados de servir efetivamente nesses horários.

– Poderíamos determinar que a situação da pessoa é tão terrível que amar significa atender a ligação na madrugada e suportar o cansaço que

sobrevirá pela manhã. Porém, se é uma prática habitual, buscaremos o conselho de outros.

– Para ensinar a pessoa a crescer em Cristo diante das lutas que enfrenta, poderíamos pedir para ela orar, ler a Palavra e escrever suas perguntas. Seria uma forma de aprender a clamar ao Senhor em lugar de depender instintivamente de outros em primeiro lugar. Depois poderíamos considerar as suas perguntas entre 8 e 22 horas.
– Visto que amar significa conhecer as pessoas, você poderia perguntar o que ela realmente quer e por que ela liga em horários tão impróprios. Servir aos outros pode significar ajudá-los a enxergar suas próprias motivações.
– Se a pessoa não está em perigo, você poderia pedir que, no futuro, ela deixe um recado na secretária eletrônica. A orientação bíblica não diz tanto respeito aos limites, mas à sabedoria e ao discernimento das prioridades de Deus. Em outras palavras, você sabe que uma ligação no meio da noite interrompe seu sono e o deixa grogue no dia seguinte. Considerando o que Deus espera de você, não seria uma mordomia sábia atender esse telefonema.
– Há lugar para confrontar a pessoa sobre seu egoísmo? Com certeza. Os amigos que amam estão dispostos a dizer aquelas coisas duras que os outros não dizem. Porém, junte boas evidências antes de falar, e faça pelo bem da pessoa mais do que pelo seu próprio bem.

Alguém poderia dizer que você acaba de erguer limites pessoais sábios? Talvez. Mas a fonte de orientação foi o chamado a amar com sabedoria e não a metáfora dos limites. Direcionados pelo chamado ao amor, somos impelidos naturalmente a nos espelhar em como Cristo nos amou e a identificar como nós, em retorno, podemos amar aos outros.

Minha vida está cheia de relacionamentos que não são saudáveis. O que devo fazer? Os relacionamentos não saudáveis são uma outra categoria onde o conceito de limites prevalece. Considere um relacionamento em que alguém quer ser seu amigo, mas você não quer estabelecer uma reciprocidade.

Mostrar-se ocupado é uma maneira de evitar o relacionamento. Mentiras descaradas são outra maneira. São limites, porém desonestos. No lugar dessas reações prontas, poderíamos começar por sondar nossos corações. “Por que não amo esta pessoa?” “Será que esta pessoa está sendo usada por Deus para evidenciar o meu egoísmo?” Quando há problemas em um relacionamento, o amor dispõe-nos para olharmos primeiramente para nossos corações.

Se a pessoa tem um histórico de cansar os outros, podemos considerar o que de fato ela faz e se existe algo que a afasta das demais pessoas. Por exemplo, algumas pessoas desgastam os amigos com seu constante hábito de murmurar e reclamar, seus discursos freqüentes sobre os seus problemas enquanto se mostram pouco dispostas a ouvir conselhos, suas críticas freqüentes aos outros por não serem amigos mais dedicados ou suas exigências por quantidades enormes de tempo dedicado a elas. Questões como essas não podem ser tratadas com descuido. Na verdade, não é possível fazê-lo sem ter um relacionamento com a pessoa.

“Pouco saudável”, às vezes, significa inconveniente. E ainda que seja verdade que há espaço apenas para um número

limitado de amigos íntimos em nossas vidas, e um convite à amizade não nos obriga a respondermos com a reciprocidade que a pessoa espera, um relacionamento inconveniente é uma oportunidade para examinarmos nossos corações e buscarmos o que Deus quer que façamos.

Os relacionamentos pouco saudáveis podem, às vezes, significar relacionamentos que nos induzem a pecar. Logicamente, quando confrontados com o pecado, os limites são sempre uma das metáforas operacionais. Quando achamos que nossa fé é fraca e a tentação é forte, a sabedoria indica que devemos, após dar alguma explicação, evitar o relacionamento e buscar ajuda com outros a fim de crescermos nas áreas nas quais estamos vulneráveis.

E se meu cônjuge for abusivo? O abuso cria outra situação apropriada para a metáfora de limites. Visto que a palavra abuso tem um significado variado no uso popular, considere três aspectos: violência física, agressão emocional e manipulação.

Se abuso quer dizer violência física, então limites é a metáfora operacional. Chamamos a polícia, providenciamos um lugar seguro para a mulher, sugerimos que ela solicite uma proteção de ordem legal e fazemos o que for necessário para protegê-la. Deus abomina a violência dos opressores e nós devemos fazer o mesmo. É triste ter que estabelecer tal limite, pois ele é erguido como resultado do pecado, mas também é uma atitude de honra ao Deus que valoriza a vida e nos exorta a mostrar respeito por todos.

O amor, todavia, permanece como a metáfora preponderante. Ele é a razão pela qual se estabelece uma barreira. O amor diz "não" ao mal. Quando possível, ele estabelece limites ao redor do pecado e suas conseqüências. Contudo, o alvo é abençoar os inimigos e levá-los ao arrependimento (Rm 12.14-21).

O abuso pode também querer dizer maus-tratos que ferem emocionalmente mais do que fisicamente: um cônjuge irado, situações de manipulação ou pala-vras agressivas e ofensivas. Nessas situações, o amor assume a prioridade novamente.

"Não aborrecerás teu irmão no teu íntimo; mas repreenderás o teu próximo e, por causa dele, não levarás sobre ti pecado" (Lv 19.17). Isso é amor. *Como* repreender e quem deveria estar presente com você no momento da repreensão são decisões que exigem sabedoria.

Algumas vezes, descrevemos como abuso qualquer tentativa de manipulação por parte de outra pessoa. Nessas situações, amar significa mais uma vez que examinaremos nossos corações antes de examinar o dos outros (Mt 7.3-5). Em quê os nossos corações diferem dos corações daqueles a quem acusamos? De que forma também estamos ávidos por ter as nossas expectativas preenchidas por outras pessoas?

A ilustração clássica é a mãe ou a sogra intrometida, que usa a culpa para conseguir o que quer. A criança mimada é outro exemplo. Após considerarmos a nós mesmos, observe como o amor e o discernimento convertem a manipulação em inofensiva. Somos facilmente manipulados quando estamos mais preocupados em ganhar algo – sua opinião favorável, sua ajuda, seu amor – do que em amar a outra pessoa. Quando nossas perguntas são "Qual a melhor maneira de amar essa pessoa? e "O que é amorosamente sábio nessa situação?" as tentativas de manipulação fracassam.

Posso falar sobre minhas necessidades em um relacionamento? E se um marido tem um hábito que incomoda sua

esposa? E se uma esposa sente-se negligenciada e pouco amada? Uma reação possível seria enfatizar a submissão e perseverança silenciosa em oração; outra seria repreender o marido, enfatizando os limites e tomando um posicionamento claro e firme. A unidade e o amor, no entanto, oferecem outro caminho. É um caminho que enfatiza o "nós".

"Bill, tenho um assunto sobre o qual eu gostaria que conversássemos. Não é uma grande coisa, mas às vezes sinto-me incomodada com sua maneira de comer. Não sei bem o que podemos fazer a respeito, mas, pelo menos, gostaria de conversar com você ao invés de ficar remoendo o assunto."

"Bill, estou preocupada com o nosso relacionamento nos últimos meses. Você parece distante. Quando falo com você, você parece estar em outro lugar. Eu fiz alguma coisa que tenha ofendido você? Poderíamos conversar sobre como continuarmos a crescer juntos?"

A esta altura, a metáfora de limites tropeça. Ela consegue pensar em termos de "seu" e "meu", mas tem muita dificuldade para chegar em "nós".

Essas são apenas algumas ilustrações para as quais costuma-se recorrer ao conceito de limites. Os livros sobre limites mencionam muitas outras.

- Posso dizer não ao meu marido quando ele quiser um relacionamento sexual em dado momento?
- Posso expressar minhas expectativas nos relacionamentos cristãos?
- E se um colega de trabalho estiver fazendo avanços sexuais óbvios?
- O que eu deveria fazer quando meu filho adolescente volta para casa bêbado?

À primeira vista, o chamado para amar parece inadequado para essas perguntas, pois a nossa versão do amor diz que ele é passivo, relativamente calado e sacrifica os desejos pessoais em favor dos desejos das outras pessoas. Ele cobre ofensas e suporta pacientemente as fraquezas e pecados dos outros. Tudo isso, de fato, caracteriza o amor, mas não em sua totalidade. O amor também repreende, adverte e nem sempre livra a pessoa das conseqüências do erro, mesmo que isso possa doer muito mais do que pagar o preço em seu lugar. Amar significa compartilhar suas preferências, quando se trata de um relacionamento íntimo. Isto é, queremos relacionamentos com pessoas autênticas, que não são iguais a nós mesmos. Mesmo que brinquemos sobre querer casar com nossos clones, o bom plano de Deus é que nos relacionemos profundamente com alguém que não é como nós.

Os relacionamentos dos amigos íntimos e dos cônjuges orientam-se pelo relacionamento que o Deus vivo estabelece conosco, conhecendo-nos e deixando-Se conhecer por nós. Ele nos convida a compartilhar nossos desejos com Ele. Evitar tal riqueza nos relacionamentos, privando-nos de nos conhecermos e sermos conhecidos, é uma conseqüência típica da ênfase em limites. Contudo, ela revela mais acerca do pensamento do homem do que do pensamento das Escrituras. Se o nosso foco é a passividade, é provável que estejamos revelando nosso desdém pela sinceridade e nossa falta de amor pela outra pessoa.

Andar em sabedoria e não erguer limites

Há um provérbio popular que diz assim: "Para toda questão complexa, há uma resposta simples, porém errada". É claro que existe verdade nesse ditado. Temos a

tendência de oferecer respostas simplistas, especialmente quando não compreendemos a complexidade da vida de outra pessoa. Mas aqui está o desafio para os conselheiros bíblicos: tentarmos oferecer verdades simples para problemas complexos, mas com sabedoria crescente.

A necessidade de sabedoria pressupõe que enfrentaremos questões difíceis e a aplicação específica de respostas simples requer uma reflexão cuidadosa em oração. Por exemplo, algumas vezes você deve responder ao tolo, outras vezes não (Pv 26.4,5). Algumas vezes você cobre uma ofensa, outras vezes você fala abertamente (Pv 17.9, 27.5). O que você deve fazer? A resposta, logicamente, é "depende".

Você começa pelo temor do Senhor, aprende de situações similares, busca conselho com outros, sonda o próprio coração e suas motivações, lembra suas limitações, pratica a lei do amor, reconhece que contentar a todos é impossível, porém há maneiras de falar que encorajam a conciliação, o entendimento mútuo, a unidade e assim por diante. Essas são apenas algumas características da sabedoria.

O caso de Sherrie, citado no início do livro *Limites*, pode encontrar respostas em diretrizes básicas das Escrituras como fé em Cristo, arrependimento e amor. O desafio pastoral é orientar Sherrie de forma a ajudá-la para que ela enxergue onde precisa se arrepender, entenda como pode conhecer a Cristo para que sua fé dê fruto e analise o que é amor em sua vida agitada e solitária. Prescrever precipitadamente arrependimento, fé e amor, sem encaixá-los cuidadosamente em sua vida, faria com que ela se sentisse incompreendida e desorientada.

Sherrie levanta questões difíceis. Essa dificuldade não significa que devemos colocar em ação as metáforas menos preeminentes das Escrituras. Significa que devemos trabalhar para aplicarmos de modo significativo os temas bíblicos básicos, que aparecem na maioria dos sermões aos domingos. Também significa que algumas vezes nossa resposta será "Eu não sei". Mas essa falta de insight não nos leva ao desespero. Em vez disso, ela nos leva à oração, à reflexão cuidadosa, a trabalharmos juntos e aprendermos uns com os outros.

A metáfora de limites tem um sentido tanto positivo quanto negativo. A Bíblia oferece uma metáfora positiva – erguemos barreiras entre nós mesmos e as áreas de tentação, e mantemos barreiras quando a questão envolve segurança física. Em situações extremas, a Bíblia diz: "não atirem suas pérolas aos porcos" (Mt 7.6 NVI) e "expulsem esse perverso do meio de vocês" (1Co 5.13 NVI). Encontramos essas palavras nas Escrituras, mas devemos ter muito cuidado com quando usá-las. Elas não são as metáforas dominantes, mas podem ser utilizadas em situações específicas. Devemos buscar conselho quando estivermos considerando usá-las como metáforas operacionais.

Existe, porém, um sentido negativo nos limites, que os proscreve em lugar de prescrever. Quando colocar limites torna-se um estilo de vida, pensamos mais em autoproteção do que em amor. A imagem bíblica preponderante é que devemos quebrar as barreiras entre nós e os outros, em lugar de erguê-las.